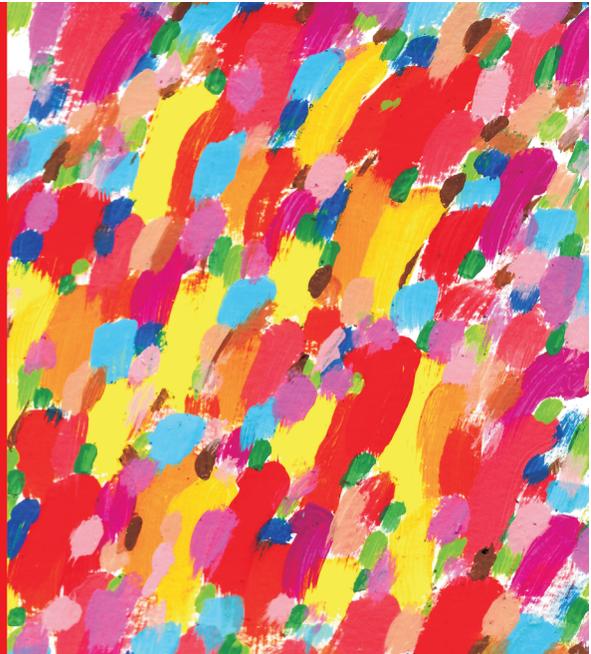




D

*Série*

**DIVERSIDADES**



*C*artas

**Bordados e Tramas de Ideias**

**Memórias e Projetos sobre a Temática Afro-Brasileira**

Patrícia Fernandes Lazzaron

Rita de Cássia Camisolão

Véra Neusa Lopes

Organizadoras



**UFRGS**  
EDITORA

Cartas

**Bordados e Tramas de Ideias**



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO RIO  
GRANDE DO SUL

---

Reitor

**Carlos Alexandre Netto**

Vice-Reitor e Pró-Reitor  
de Coordenação Acadêmica  
**Rui Vicente Oppermann**

---

**EDITORA DA UFRGS**

Diretora

**Sara Viola Rodrigues**

Conselho Editorial

**Alexandre Ricardo dos Santos**

**Carlos Alberto Steil**

**Lavinia Schüler Faccini**

**Mara Cristina de Matos Rodrigues**

**Maria do Rocio Fontoura Teixeira**

**Rejane Maria Ribeiro Teixeira**

**Rosa Nívea Pedroso**

**Sergio Antonio Carlos**

**Sergio Schneider**

**Susana Cardoso**

**Valéria N. Oliveira Monaretto**

**Sara Viola Rodrigues, presidente**

**C**artas

# **Bordados e Tramas de Ideias**

**Memórias e Projetos sobre a Temática Afro-Brasileira**

Patrícia Fernandes Lazzaron

Rita de Cássia Camisolão

Véra Neusa Lopes

Organizadoras

  
**UFRGS**  
EDITORA

© dos autores  
1ª edição: 2012

Direitos reservados desta edição  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Revisão: Flávia Maria de Magalhães Rosa e Nora Cecília Bocaccio Cinel  
Capa: Ivan Vieira  
Editoração Eletrônica: Rafael Marczal de Lima

---

C322      Cartas: Bordados e Tramas de Ideias – Memórias e projetos sobre a temática afro-brasileira / organizadoras Patrícia Fernandes Lazzaron, Rita de Cássia Camisolão [e] Véra Neusa Lopes. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012. 376 p. : il. ; 14x21cm

(Série Diversidades. Linha Editorial Etnicidade, Identidade e Territorialidade).

Inclui figuras.

1. Educação. 2. Educação das relações étnico-raciais. 3. Educação antirracista. 4. História – Ensino – Cultura Africana – Cultura Afro-brasileira. I. Lazzaron, Patrícia Fernandes. II. Camisolão, Rita de Cássia. III. Lopes, Véra Neusa. III. Série.

CDU 37:323.118  
96

---

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.  
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)

ISBN 978-85-386-0177-7

# PREFÁCIO

Porto Alegre, outono de 2012

Queridos leitores

Escrevo esta carta para partilhar um desejo: o de que a escrita, pessoal e vigorosa que se anuncia nestas páginas, frutifique. Mais que frutos, que ela dê “vontades” (assim, no plural...).

Escrever cartas é um hábito meio esquecido na contemporaneidade, mas que aqui, ressurge ressignificado.

Não são quaisquer cartas as que aqui se anunciam: são cartas de homens e mulheres, educadores, que falam... das surpresas, das agruras, das venturas de, desafiados, terem aceito zarpar rumo ao desconhecido.

Sim, pois como os primeiros navegadores, que zarpavam nas incertezas da “terrae incognitae”, aqui também estes corajosos educadores mergulharam no desafio de, despidos do medo e dos preconceitos, aprenderem a ressignificar a África: ao participarem do curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, aceitaram abandonar o conforto de seus saberes cristalizados pela formação e pela atuação profissional e passaram a construir um olhar renovado.

Mas isto diz pouco: que interesse poderia haver em cartas produzidas por pessoas que participaram de um curso?

Bem, muitos poderiam ser listados: pensar as exigências postas pela Lei 10.639/2003 e os modos como estas vêm sendo atendidas; saber como este curso se configurou em uma oportunidade de aprendizagem e aprofundamento; saber dos entraves e das dificuldades de uma ação de formação com essa envergadura (um curso que atendeu a vários municípios, à distância)...

Mas, e há sempre um “*mas*” oculto nas linhas de uma carta, o maior trunfo que elas guardam não reside nestes aspectos: elas ganham vida, saltam do lugar comum da escrita confessional deste gênero discursivo pela sua singularidade.

Na simplicidade dos depoimentos, página após página, vemos surgir o resgate de uma raça, não por imposição, mas por conquista: o peso da descoberta de que há, para além da história narrada sobre a presença da herança negra na cultura brasileira e na construção de nossa nacionalidade, muito mais para desvendar se faz sentir nos dizeres destes homens e mulheres que, tocados pelos questionamentos e pelos desafios, saíram desta experiência transformados...

Oxalá possamos nós, leitores, sentir os ventos que estas emoções incitam, isto é, que tomemos como nossa a tarefa de, mais do que cumprir a Lei 10.639/2003, aprender acerca de nossa africanidade para dar a ela, e a nós mesmos, o espaço mais do que merecido, devido.

Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Professora da Faculdade de Educação da UFRGS.

# Sumário

PREFÁCIO / 5

Parte 1

CARTA AOS LEITORES / 9

Parte 2

CARTAS DE CURSISTAS / 15

2.1 AOS FAMILIARES / 17

2.2 A AUTORIDADES EDUCACIONAIS / 27

2.3 AOS GESTORES DO CURSO / 59

2.4 AOS PROFESSORES E TUTORES / 77

2.5 AOS COLEGAS / 185

2.6 AOS ALUNOS / 253

2.7 AOS AMIGOS / 265

2.8 CARTAS ABERTAS / 299

Parte 3

CARTAS DE TUTORES / 323

Parte 4

CARTA AOS CURSISTAS / 365



Parte 1

## CARTA AOS LEITORES



## Prezados Leitores

Escrevemos esta carta para apresentar a vocês o produto de um de nossos trabalhos mais recentes, o livro *Cartas: Bordados e Tramas de Ideias* – uma coletânea de textos sobre a implementação da Lei 10.639/03, que traz escritos de várias pessoas que participaram do curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, em 2010.

Este curso foi uma das iniciativas mais ousadas do programa de extensão *Educação Anti-Racista no Cotidiano Escolar e Acadêmico*, coordenado pelo Departamento de Educação e Desenvolvimento Social da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, desde sua criação no ano de 2004.

Nestes oito anos, o programa realizou inúmeras atividades de formação continuada de professores com foco na implementação da Lei 10.639/03, responsáveis por uma significativa transformação que vem ocorrendo nas redes de ensino, no que diz respeito à implementação dos artigos 26-A e 79-B da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Estes resultados nos motivaram a elaborar uma proposta de formação para o Edital Uniafro 2009, que ultrapassasse a discussão teórica, entrasse na escola na prática cotidiana dos professores e avançasse no debate, elaborando metodologias adequadas para trabalhar com o aluno e incorporar a história e a cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares.

Foi com este desafio que o Grupo de Trabalho do Programa, composto por representações de oito redes municipais de ensino da região metropolitana de Porto Alegre e da UFRGS, trabalhou para aprovar o curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* no Edital do MEC/Secad. O curso de 200 horas, baseado no tripé ensino/pesquisa/extensão, na modalidade Ensino a Distância, foi oferecido a 500 educadores de Alvorada, Cachoeirinha, Esteio, Gramado, Novo Hamburgo, Porto Alegre, São Leopoldo e Sapucaia do Sul.

Nos oito meses de realização, de abril a dezembro de 2010, período de intensa aprendizagem, não apenas para os cursistas, mas também para toda a equipe de coordenação e colaboradores, o curso buscou responder ao desafio de abordar o enfoque procedimental, através de uma metodologia de trabalho que garantisse permanentemente ao cursista olhar para si mesmo, como cidadão e educador, para seus alunos, para a escola e seu entorno. Nesta perspectiva, buscou proporcionar a reflexão e a discussão sobre a constituição da sociedade brasileira, questionando a realidade dos afro-brasileiros, reconhecendo e valorizando a contribuição dos mesmos nos diferentes campos do saber; a compreensão e a valorização da temática História e Cultura Afro-Brasileira como indutora na construção da cidadania dos brasileiros; a contribuição para a tomada de decisões coletivas referentes à ressignificação do currículo, a partir da inclusão da temática nos documentos normativos, administrativos e pedagógicos da escola; a construção de um programa que contemplasse conteúdos e práticas didático-pedagógicas, que privilegiasse a educação na diversidade e contribuisse para o combate ao racismo e às discriminações de gênero, étnico-raciais e culturais, introduzindo e desenvolvendo a temática nas diferentes áreas do conhecimento escolar, ao longo da Educação Básica.

Queridos leitores, percorrer este caminho não foi uma tarefa simples! As primeiras dificuldades com as quais nos deparamos foram a falta de domínio da tecnologia necessária para um curso a distância; os diferentes níveis de conhecimento com relação às temáticas apontadas pelas Leis 10.639/03 e 11.645/08 e as dificuldades municipais para que os cursistas levassem a cabo uma formação de 200 horas. Não imaginávamos, no início da jornada, que levar a cabo esta iniciativa exigiria esforço diário tão grande no acompanhamento de cada aluno, quer na plataforma, quer nos espaços escolares nos quais ele estivesse inserido. Assim, coube a cada integrante da estrutura de projeto (coordenação geral, pedagógica, administrativa e local), em articulação com os demais, buscar respostas às questões que foram surgindo no decorrer da execução do curso. Por um lado, foi fundamental a responsabilização político-pedagógica das administrações das redes de ensino e das gestões escolares para solução dos problemas. Por outro, foram importantes as parcerias da Secretaria de Educação a Distância

e do Centro de Processamento de Dados da UFRGS, que auxiliaram nas alternativas para lidar numa ação de extensão a distância com um público tão expressivo e diverso – experiência pioneira em nossa caminhada.

Com o trabalho intensivo de professores, tutores, coordenações da Universidade e das Secretarias de Educação conseguimos cumprir, através da plataforma Moodle, os seis módulos planejados, organizados de forma sequencial a partir do conhecimento e da aplicabilidade do Moodle, passando pela abordagem de questões de diversidade e de direitos humanos, dentre os quais o direito à cultura; pela revisão dos atos legais que tornam obrigatória a inclusão da temática no currículo escolar; pela atenção que deve ser dispensada aos atos internos da escola para que ela seja contemplada, chegando às considerações pertinentes ao tema em sala de aula e às questões de avaliação da mesma no contexto escolar. Vários recursos foram utilizados para abordagem destes tópicos, provocando constantemente o cursista a observar o contexto da escola, a interrogar-se quanto à realidade encontrada, a procurar respostas para todas as questões que lhe parecessem importantes de serem respondidas, a partir das provocações que a formação desencadeava. As reflexões produzidas desde o curso e postadas na plataforma como resultado deste pensar sobre seu fazer diário em sala de aula transformaram-se num rico e vasto material pedagógico para a continuidade do trabalho interinstitucional em prol da implementação da Lei 10.639/03.

É exatamente no módulo final do curso que a Coordenação Pedagógica optou por sugerir aos cursistas a realização destas cartas pedagógicas que hoje apresentamos. Seus registros ultrapassaram os limites formais de uma avaliação conceitual e revelaram os sentimentos e as emoções tão necessários para a prática de uma educação que transforma realidades porque muda consciências.

A leitura das cartas escritas pelos cursistas, endereçadas a diferentes destinatários, desde ancestrais até autoridades políticas, expressando sentimentos, compromissos, aprendizagem, expectativas, descobertas identitárias, nos permitiu ampliar critérios e formas de avaliação de nossa ação coletiva.

Diante disto, resolvemos partilhar com vocês este material, acrescentando às cartas dos alunos, um pouquinho de nosso olhar, ao

incorporar também textos dos tutores e da coordenação pedagógica do curso que, de corpo e alma, representam cada um dos tantos que, de uma forma ou de outra, participaram desta importante construção.

Rita de Cássia Camisolão<sup>2</sup>  
Sandra de Deus<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Diretora do Departamento de Educação e Desenvolvimento Social da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS e Coordenadora Geral Adjunta do Curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*.

<sup>3</sup> Pró-Reitora de Extensão da UFRGS e Coordenadora Geral do Curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*.

Parte 2

## CARTAS DE CURSISTAS



## 2.1 AOS FAMILIARES

Novo Hamburgo, 9 de dezembro de 2010

Aos meus antepassados:

Queridos avós e bisavós

É com imensa alegria que hoje escrevo esta carta a todos vocês. Estou concluindo um curso que trata sobre a história e a cultura da África e desta maneira pude me aproximar mais deste lado ancestral que muito me orgulha.

O curso diz respeito aos procedimentos didático-pedagógicos da história e da cultura afro-brasileira; desta forma fomos sendo desafiados a pensar como trabalhar sobre esta temática na sala de aula com todos os nossos alunos, explorando as riquezas deste povo negro que tanto contribuiu para tornar o que é hoje a Nação Brasileira.

Benção, sinhá Conceição, minha bisa querida! Não tive o privilégio de te conhecer, mas trago em mim toda a tua fibra. Quem diria, uma bisneta de uma filha de escravos estudando numa universidade sobre a riqueza de sua história, de sua cultura e se tornando uma multiplicadora destes conhecimentos.

Hoje, bisa, nós temos o direito de estudar sobre a nossa história, resgatando toda a sua luta e a de seus pais que foram desgarrados de suas vidas para desbravar terras, garimpar ouro, cultivar lavouras, em lugares tão distantes da Mãe África. Bisa, quando eu era pequena, muitas vezes fui discriminada, me colocavam apelidos por ser a única criança negra da turma, mas hoje, como professora e diretora eleita em minha escola, não permito este tipo de conduta e nem me calo frente a qualquer tipo de preconceito. Atualmente, bisa, continuamos lutando pelo reconhecimento do nosso trabalho e estamos cada dia mais ocupando o nosso espaço na sociedade.

Muito obrigada, avós, pelo exemplo de luta e resistência. Hoje sou o resultado de cada gota de pranto derramado por todos vocês. Venci e continuarei vencendo! Que a lua, o luar continue sempre a me cuidar!

Ana Beatriz Corrêa Bezerra Parker.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Professora da Rede Municipal de Novo Hamburgo.

Sapucaia do Sul, 21 de novembro de 2010

À minha mãe e colega de profissão: Elis Regina.

Mais uma etapa concluída com êxito!

Quando fiz a inscrição para o curso sobre História e Cultura Afro-Brasileira, esperava aprofundar conhecimentos sobre o tema, mas fomos muito além, trocamos ideias com colegas, debatemos vários assuntos, compartilhamos dúvidas e anseios. O material disponibilizado foi enriquecedor.

No princípio, tive um pouco de insegurança, nunca tinha participado de um curso a distância. O contato visual com um professor me parecia indispensável. Mas todos os envolvidos – tutores e coordenadores – sempre estiveram presentes ao longo da caminhada, auxiliando sempre que necessário.

Foram meses de estudo, reflexão e discussão, tanto na plataforma da UFRGS quanto na própria Escola. O curso permeou meu trabalho neste ano letivo, proporcionou maior embasamento teórico e novas alternativas de abordagem das questões afro. Além disso, uma enriquecedora troca de experiências com colegas da rede.

Percebemos que os afrodescendentes estão cada vez mais engajados na luta por seus direitos e a escola tem papel fundamental nessa batalha, resgatando a identidade e a história de vida de cada um, valorizando as diferenças, as peculiaridades de cada cultura, de cada família, de cada indivíduo.

A história tem muitas facetas, muitos fatos desconhecidos que precisam vir à tona. Como mencionou a escritora Chimamanda Adichie, *a história pode recuperar a dignidade perdida*. Por isso, a importância da implementação e da aplicação das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08 que incluem no currículo escolar a História e a Cultura Afro e Indígena. É preciso mostrar as perdas e conquistas dos diferentes povos, sua história, sua cultura. Sendo assim, a literatura deve estar acessível a todos.

Acreditando nisso, nós, da Escola Auriálícia, estamos engajados em continuar o trabalho iniciado neste ano, oportunizando momentos de discussão e reflexão entre todos os segmentos, traçando alternativas para combater cada vez mais todo e qualquer tipo de preconceito.

Caso queiras juntar-te a nós, tenho um vasto material teórico que posso compartilhar contigo e disponibilizar para a tua escola.

Um abraço,

Caroline Thiesen da Rosa<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Professora da Rede Municipal de Sapucaia do Sul.

Porto Alegre, 29 de novembro de 2010

DENISE DA SILVA,

Oi, prima, como estás? Por aqui tudo bem!

Estou te escrevendo, pois faz algum tempo que não nos falamos e sinto vontade de *conversar* contigo. Lembra-te daquele curso sobre africanidades em que me inscrevi no final do ano passado? Pois então, estou concluindo o curso e foi uma pena não teres te inscrito. Espero que façam uma ou outras edições, e vê se te liga e faz!

O curso acompanhou o ano letivo, o que para mim foi bem puxado. Como sabes, trabalho quarenta horas e tive que fazer um *baião* sem muito *ninar* para dar conta de tudo. Sabes a professora Véra Neusa, aquela que, como havia te contado, anos atrás foi na minha escola fazer uma palestra sobre a Lei 10.639/03, quando introduzimos a temática? Ela era uma das professoras e organizadoras, então imagina o nível do curso; foi todo organizado pelo pessoal da UFRGS e tinha vários colaboradores de renome, *chic*, não!? Ainda bem que a minha secretaria/SMED estava envolvida, assim pude ir nas aulas presenciais. Sim, é um curso a distância mas tinha aulas presenciais e palestras. E eu pensei que seria moleza, que nada! Tinha textos e mais textos para ler, tarefas e mais tarefas para fazer. Foi bom, assim ficamos bem afiados quanto à temática das africanidades, pois era tudo muito interligado,sabes!

Vou te contar um pouquinho como foi: começamos aprendendo a usar uma tal de plataforma Moodle, não me pergunta o que o nome quer dizer, não sei, mas, através desta, a gente se comunicava com os professores, recebia e enviava as tarefas, participava de fóruns, enviava mensagens para os professores e colegas, foi muito legal. Tinha tutores a distância e locais para ajudar nas tarefas, a gente não estava sozinho! E como sabes, eu não sou muito boa nesse negócio de usar estas modernidades de computador e internet, mas se até eu consegui usar, acho que vais conseguir também. Claro que tinha um

telefone para as emergências, que eu não me fiz de rogada e dei um trabalhão para a coordenadora, pois no começo não tinha jeito de eu conseguir fazer a coisa andar, mas ela pacientemente me mostrou o caminho! Foi um desafio, já dali!

Nós, cursistas (assim que éramos chamados), fizemos algumas tarefas preparatórias e logo entramos no tema. Minha maior expectativa estava em saber usar os recursos do computador e da plataforma Moodle para conseguir desempenhar as tarefas, pois o conteúdo do curso eu sabia que seria uma importante colaboração para aprimorar a minha formação como educadora nas questões afro-brasileiras. Estudamos sobre a geografia do continente africano, mapas, a cultura e a contribuição destes antepassados em nossas vidas e a cultura hoje, políticas afirmativas – um tema da moda e na mídia, como costumes dizer, mas é um assunto sério e importante – a representação do negro nos livros didáticos, na mídia e em fotografia. Esta parte eu gostei muito e lembrei de ti, pois tem tudo a ver conosco. Como professora, te digo que o que foi trabalhado foi muito significativo, pois possibilitou aprofundar algumas reflexões que eu havia feito no meu *pós*, nesta mesma temática. A parte que eu gostei, mesmo, foi a que tratou de questões bem pontuais da escola, como o PPP. A gente estava em função de PPP para cá e PPP para lá... Tive que meter meus palpites, e terminou que vamos colocar mais sobre a temática no Plano Político-Pedagógico da Escola. Só citava a lei, pode?!... Não resisti e montei uns *slides*, e fizemos, eu e uma colega, uma pequena formação para os professores da escola, eu fiquei com a parte que mostrava que todos da escola eram responsáveis em aplicar a lei. E com o material do curso, apontei alguns caminhos para o pessoal, que achou muito interessante e tranquilizador, pois todos falavam que sentiam falta de algo assim, bem específico, já que usar o livro e as matérias, quando a porta da sala está fechada, cada um faz como consegue, mas ter uma postura mais homogênea, com metas a desconstruir o que já possuímos há anos na cabeça, não é fácil, porém, com algumas dicas, ficou mais fácil, pois apontava caminhos. É mais um ponto de partida e foi um sucesso! Ali mesmo, já saímos discutindo outros conteúdos do curso, como combate à discriminação, as lutas e os movimentos dos negros ao longo dos tempos, a necessidade e as dificuldades dos negros construir a sua identidade como negro/negra, (falamos e

lembramos algumas situações de alunos da escola) e as dificuldades frente a estar em uma sociedade que os exclui, formação do professor... O curso discutiu assuntos que teremos que ainda trabalhar na escola, como alguns conceitos básicos sobre raça, etnia, racismo, preconceito e coisas assim; deu para ver que o pessoal ainda se confunde. Tu vais ter que colocar uma internet rápida neste teu computador, pois o curso possibilitou ver alguns vídeos, curtos, como tu gostas, bem legais. Tinha depoimento de professor, africanos, sul-americanos, jogadores de futebol (é, de futebol!!!), quilombolas...relatando suas realidades, contribuindo para que entendêssemos a importância e a dimensão deste tema.

A parte que tratou da questão dos territórios negros eu acho que ias adorar, pois é bem a nossa cara. Fala dos espaços de luta e construção destes espaços pelos negros deste país, desde sempre, lá nas senzalas, nos quilombos e, hoje, nas esquinas, nas favelas, e em todos os lugares onde o negro está com seus iguais. Nossa casa é um território negro, prima, rssss!!! Não podemos negar! Não te falei nem a metade do que fizemos ao longo de todo este ano no curso, mas acho que vai perder a graça se eu te contar tudo. Tu tens que fazer o curso e descobrir, assim como eu a cada texto lido, os diversos caminhos a serem percorridos dentro da temática que inclui o afro-brasileiro no currículo, como algo normal, sim, normal e importante, como matemática, ciências e tudo mais. De nada adianta ter leis e resoluções se ninguém sabe como transpor a barreira do papel para a realidade da nossa rotina. Precisamos de referências para a nossa prática (falando nisso, tenho agora em mãos uma ampla bibliografia... não, não vou te passar não). Quando vieres aqui em casa, que estás me devendo uma visita, vou te mostrar um pouco do material, vais gostar e acredito que não vais perder a chance de fazer o curso assim que pudeses.

Para concluir, vou te dizer que o curso foi provocativo, e, por conta disso, dei uma sacudida no pessoal lá da escola e até reativei um Grupo Cultural que estava parado faz alguns anos e que trabalhava a temática. Fizemos uma mostra fotográfica valorizando a diferença (destacando a beleza dos alunos negros e indígenas), em que fui muito elogiada, uma formação com os professores(que te falei antes) e as mudanças no PPP. Bem, e isso é só o começo. Já estou agitando os

professores para ficarem a postos no monitoramento, implementação e avaliação do PPP quanto a esta temática e outras mais; o Grupo Cultural vai seguir ativo e agora já pensando em garantir sua atuação de forma mais efetiva, na forma de um projeto que será defendido na SMED, de maneira a movimentar toda a comunidade escolar; já contamos com o apoio da direção...ufa!! Com minhas turminhas, eu sempre trabalhava a temática, mas depois eu te conto o que eu quis dizer com o *baião* sem *ninar*... que escrevi lá no início! Com o término do curso e chegando as férias, quero retomar alguns textos do curso, pois são tão ricos, vale a pena ler tudo de novo, várias vezes... usar como material de pesquisa, sabes! Até já encaminhei para alguns colegas, supervisora e direção da escola.

Fico por aqui, pois tenho alguns materiais dos alunos para olhar, pois preciso me preparar para o conselho de classe.

Vou te mandar alguns endereços eletrônicos onde poderás acessar da tua escola mesmo, alguns vídeos do curso. Assim, vê se sai desta inércia e faz alguma coisa, por ti e pela nova caminhada da Escola, que é valorizar a cultura dos negros, índios e brancos, com o mesmo peso, mas isso só acontece com o conhecimento e a audácia em mudar e compartilhar!

Fico por aqui...

Um abraço!

Manda notícias do teu pessoal.

Edianie Bardoni<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Professora da Rede Municipal de Porto Alegre.

Esteio, 30 de novembro de 2010

À minha esposa, amiga e colega Priscila Spindler Corrêa Nunes.

Oi, tudo bem?!

Estou te enviando esta carta para, mais uma vez, dizer-te o quanto tu és importante na minha caminhada acadêmica. Digo isso, pois nos conhecemos em um ambiente acadêmico, ou seja, na Universidade. Desde os nossos primeiros contatos, ainda tímidos, busco sempre fazer minhas tarefas, escrever meus textos, realizar minhas análises, fichamentos e relatórios da melhor maneira possível. Desde então tenho me dedicado ao máximo nas minhas atividades intelectuais.

Gostaria de te lembrar sobre quando te falei de um curso que a prefeitura de Esteio ia proporcionar aos professores do município. No início, apesar de termos nos entusiasmado com a ideia, achamos que não seria possível nos inscrevermos pelo fato de sermos professores contratados. No entanto, decidimos arriscar. Afinal de contas, um curso gratuito, de uma temática muito interessante, feito em parceria com a UFRGS, merecia a tentativa.

No momento da inscrição, tomei conhecimento do Grupo de Estudos sobre a temática africana e afro-brasileira, no qual fiquei muito interessado, e recebi uma promessa de ser avisado quando as reuniões começassem. Porém, esse aviso não chegou até mim e não pude fazer parte do Grupo.

No entanto, ao mesmo tempo em que percebi que não faria parte do Grupo de Estudos, recebi a confirmação da minha participação no curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*. Nesse instante já comecei a imaginar os conteúdos, as atividades, as leituras, as dificuldades em fazer um curso a distância, algo a que eu não estava acostumado.

No que se refere aos conteúdos, do início para o meio do curso, me surpreendi com os materiais disponibilizados pela plataforma. Uma surpresa positiva, já que eram de uma qualidade imensa, trazendo uma série de novos conhecimentos.

Na segunda metade do curso, a princípio, achei que os materiais estavam deixando a desejar, se repetindo. Porém, fazendo uma reflexão sobre os principais objetivos do curso, percebi que a parte final do curso foi a que mais auxiliou os cursistas em suas práticas diárias de sala de aula. Eu, particularmente, já utilizei materiais e conhecimentos adquiridos ao longo do curso. Também já distribuí materiais didáticos aos colegas das diferentes escolas. Afinal de contas, acredito que devemos ser multiplicadores desses conhecimentos, principalmente por sabermos ser uma tarefa muito difícil, para não dizer impossível, fazer uma mudança significativa sem contar com o trabalho dos colegas de escola.

Desde que iniciei o curso, essa prática de trocar informações com os colegas sobre a temática africana e afro-brasileira se intensificou. Digo isso porque sempre fui um professor que se preocupou com questões de discriminação, preconceitos e estereótipos. Contudo, ao realizar o curso, minhas intervenções, ou melhor, sugestões ficaram mais específicas, mais práticas, melhores, mais aplicáveis no dia a dia.

Por tudo isso, acredito que fazendo esse curso, além de melhorar meu currículo, obviamente, melhorará também a minha prática enquanto professor. Por esse motivo, já estabeleci, como meta para o próximo ano letivo, colocar em prática o máximo possível de ideias disponibilizadas pelo curso e, também, pelos cursistas nas trocas dos fóruns.

Bem, já que também estás concluindo esse curso, acredito que juntos podemos continuar debatendo os assuntos levantados pelo *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*. E sabemos que a troca de ideias e conhecimentos é fundamental para, cada vez mais, colocarmos em prática o combate a práticas racistas no ambiente escolar.

Desde já te agradeço pela ajuda ao longo do curso, fazendo a revisão e uma crítica sincera aos textos e PowerPoints que tínhamos de enviar como avaliação do nosso desempenho no curso.

Abraços bem apertados.

Fernando de Lima Nunes<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Professor da Rede Municipal de Esteio.

## 2.2 A AUTORIDADES EDUCACIONAIS

Novo Hamburgo, 30 de novembro de 2010

Sr. Alberto Carabajal

Prezado Secretário de Educação de Novo Hamburgo,

Com satisfação, venho saudar V.S.<sup>a</sup> pelo mérito de, juntamente com seu grupo administrativo, ter contemplado a nós, professores da rede pública municipal de Novo Hamburgo, com a oportunidade de realizar o curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, para o que a Secretaria Municipal de Educação, representada por sua pessoa, permitiu-nos a disponibilidade de horários nas aulas presenciais, além do acompanhamento de profissionais da rede.

Ao término deste curso, ressalto que houve muitas aprendizagens significativas e posso afirmar que o mesmo superou positivamente minhas expectativas. Inicialmente, me inscrevi no curso principalmente porque sentia uma lacuna em minha formação na questão da história da África e dos afro-brasileiros, além desta procura ser resposta a uma preocupação por parte da Secretaria de Educação e de minha escola pelo cumprimento da Lei 10.639/03.

Ao longo da extensão, entretanto, nós, cursistas, conhecemos tantos outros elementos que justificam e ressaltam a importância do ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira que a lei tornou-se apenas um elemento legitimador deste enfoque em nossa prática pedagógica.

Outro aspecto a ser ressaltado neste relato é a eficiência e a organização com as quais a UFRGS apresentou os temas a serem estudados, propôs as atividades e conduziu as discussões. Pudemos adquirir conhecimentos, desmistificar antigos padrões e até crescermos como profissionais da educação, através de recursos atrativos, textos

agradáveis e uma multiplicidade enriquecedora de olhares, sob todos os ângulos, para a história e a cultura africana e afro-brasileira.

Enfim, espero que a proposta deste curso, tão bem conduzida, possa promover muitas mudanças e progressos no nosso campo de atuação, nas salas de aula, e que ela possa seguir multiplicando resultados e de minha parte isto ocorrerá certamente.

Sugiro, por fim, que V.S.<sup>a</sup>, por meio da Secretaria de Educação, possa mediar oportunidades em que os cursistas e os outros professores da rede possam estar dividindo experiências e trocando aprendizagens que o curso nos trouxe ou até, quem sabe, promover uma nova edição do mesmo, considerando sua extrema relevância e a importância de todos estarem engajados numa proposta de educação democrática, pluriétnica e multirracial.

Cordialmente,

Professora Adriana Brum Bitencourt<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Professora da Rede Municipal de Novo Hamburgo.

São Leopoldo, 30 de novembro de 2010

Ao Setor Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de São Leopoldo.

Através destas linhas venho destacar a importância de ter sido matriculada através desta secretaria no curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* onde pude não só ampliar meus conhecimentos a respeito do tema como também aprender sobre a grande contextualização que este pode vir a empreender dentro da escola pelo fato de destacar as diferentes formas, estratégias, recursos que se pode tratar a partir da valorização histórica que se deve atribuir à cultura afro-brasileira.

Com esta oportunidade pude compreender o quanto este povo contribuiu e contribui na formação histórico-social do nosso país. Ao trabalharmos diferentes etnias nos conteúdos escolares, falamos de suas origens, de suas transições pelo passado histórico, de transformações no presente por consequência de legados deixados por antepassados, falamos dos marcos que essas heranças étnico-raciais deixaram em nosso país, das características pessoais e físicas desses povos, do orgulho, das lutas, das conquistas, enfim, damos visibilidade ao nosso aluno de como essas etnias estão inseridas em nossa cultura, mas em que momentos falamos dos povos africanos e dos afrodescendentes?

Minhas expectativas antes de começar este curso estavam voltadas principalmente à preocupação de lidar com este tema e dar sentido ao cumprimento da Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003, que determina a obrigatoriedade do estudo da temática História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial da rede de ensino fundamental e médio, nas escolas públicas e particulares do Brasil, mas eu estava pouco preparada para lidar com essa temática.

Hoje minha visão segue uma releitura bastante significativa, pois, ao concluir o curso, entendo que negar essa

contribuição cultural é negar a formação de uma nação que tem a maior população de origem africana fora da África. Entendo que nós, profissionais da educação, devemos estar cientes de que a história e a cultura dos povos africanos são, efetivamente, partes da história do Brasil e que estas heranças culturais estão inseridas em nosso cotidiano e mescladas com heranças de outras procedências.

A partir deste entendimento, quero poder levar aos meus alunos o conhecimento dessa cultura milenar que tem como base o berço das civilizações e assim proporcionar um real entendimento do que foi a migração forçada dos africanos para o mundo.

Ao realizar este curso, inúmeras perspectivas acirraram-se diante do meu fazer pedagógico, pois quero prover diferentes possibilidades que me façam provocar questionamentos em relação à cultura negra e sua inserção no ambiente escolar, visualizando diferentes formas de demonstração cultural que tenham raízes africanas. trazendo para a realidade escolar o cumprimento da Lei 10.639, promovendo o repúdio ao preconceito, visando a inserir uma proposta de cidadania consciente e democrática que valorize as diversidades e promova a igualdade social.

Assim sendo, me despeço agradecendo a esta Secretaria pela brilhante iniciativa de propor um curso de qualidade que com certeza trará transformações positivas e significativas, promovendo cada vez mais um ensino democrático e igualitário.

Adriana dos Santos Pereira<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Professora da Rede Municipal de São Leopoldo.

Porto Alegre, 26 de novembro de 2010.

À Direção da Escola Paulo Couto  
Prezados Senhores

No período de abril a dezembro de 2010 tive a oportunidade de realizar o curso de extensão *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, realizado a distância, empregando a plataforma Moodle *Institucional* da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O foco do curso foi a dimensão procedimental do saber docente, tão importante quanto as dimensões conceitual e ética, considerada fundamental para assegurar a implementação da Educação das Relações Étnico-Raciais e do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em todos os ambientes de aprendizagem das escolas de Educação Básica das Redes de Ensino parceiras do Programa de Educação Anti-Racista no Cotidiano Escolar e Acadêmico.

O curso foi dividido em 6 módulos:

1. Uso da tecnologia
2. Educação na Diversidade e Direitos Humanos
3. Atos legais e atos normativos
4. A temática na estrutura e no funcionamento da escola
5. A temática na sala de aula e nos demais espaços e tempos escolares
6. Avaliação na temática

### **1 – Uso da tecnologia**

Foram apresentados o conceito de EAD – Educação a Distância –, as ferramentas tecnológicas (ferramenta Moodle) utilizadas para a comunicação e houve interação entre os cursistas, tutores, coordenadores, etc.

A modalidade EAD é uma modalidade moderna e permite a formação continuada, imprescindível para que o profissional se

mantenha atualizado na sua área e no que há de novo na educação e, principalmente, permite o desenvolvimento das atividades em horários alternativos. Aspecto negativo dessa modalidade, a meu juízo, é a falta de interação presencial e exige que o educando/cursista tenha muita perseverança e seja metódico com os estudos.

## **2 – Educação na Diversidade e Direitos Humanos**

Neste módulo as discussões perpassaram o tema direito à educação na diversidade – com ênfase em diversidade étnico-racial, cultural e de gênero –, abordando cultura, diversidade cultural, direito a bens culturais; educação como bem cultural; direito à identidade, à cidadania e ao exercício da autonomia.

Neste módulo, refletimos e discutimos sobre educação na diversidade e direitos humanos, considerando questões de diversidade cultural, relações étnico-raciais, construção e valorização de identidades, multiculturalismo e interculturalidade, reivindicação de direitos de igualdade e diferença.

O tema diversidade foi objeto de debate em todos os módulos, haja vista se constituir a essência do curso. Nos módulos subsequentes, com o objetivo de fazer acontecer a implementação da temática História e Cultura Afro-Brasileira no âmbito nas escolas de Educação Básica, houve a abordagem do tema diversidade de forma bastante abrangente, perpassando pelas diversidades étnico-raciais, culturais e de gênero, as diversidades de conteúdos, procedimentos e técnicas didático-pedagógicas.

## **3 – Atos legais e atos normativos**

Buscamos entender e procurar alternativas para a efetiva aplicação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, além de examinar as suas consequências na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

O que ficou patente foi que, no caso específico dessas duas leis, é fundamental que todos tenhamos presente que elas não resultaram de decisões tomadas pelo Governo, por reconhecer os direitos da população negra brasileira a uma educação de qualidade. Essas leis foram aprovadas pelo Congresso e promulgadas pelo Presidente da República, por pressão dos movimentos sociais, especialmente do movimento negro, ao longo de décadas de lutas pela valorização e pelo reconhecimento das comunidades negra e indígena enquanto cidadãos brasileiros.

#### **4 – A temática na estrutura e no funcionamento da escola**

A inclusão da temática afro-brasileira no currículo escolar está balizada nas Leis 10.639/03 e 11.645/08, e nos artigos 26-A e 79-B da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

E, para tornar realidade essas leis, urge a realização de mudanças na estrutura e no funcionamento de todas as instituições escolares da Educação Básica, de modo que a temática esteja presente em todos os ambientes de aprendizagem. Assim, faz-se necessária, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a *inclusão, em documentos normativos e de planejamento dos estabelecimentos de ensino de todos os níveis – estatutos, regimentos, planos pedagógicos, planos de ensino – de objetivos explícitos, assim como de procedimentos para sua consecução, visando ao combate do racismo, a discriminações, ao reconhecimento, valorização e respeito das histórias e culturas afro-brasileira e africana.* (DCN).

#### **5 – A temática na sala de aula e nos demais espaços e tempos escolares**

Na minha avaliação, este módulo foi o cerne, haja vista termos debatido os *saberes necessários ao professor* para implementar de forma positiva a temática.

O princípio das Ações Educativas de Combate ao Racismo e a Discriminações, definido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana destaca o quanto a conexão de objetivos, estratégias de ensino e atividades com experiências de vida, tanto dos alunos como dos professores, é relevante para a educação das pessoas e para a construção da cidadania brasileira.

Para garantir que o princípio acima seja cumprido e que a temática, em toda sua dinâmica, perpassasse o currículo das escolas de Educação Básica, é preciso ter presente dois focos de abordagem pedagógica obrigatórios, convergentes e complementares, uma vez que não se implementa a inclusão da temática, se esses dois focos não forem trabalhados de modo integrado:

a) Educação das Relações Étnico-Raciais – conteúdos antirracistas devem ser abordados e, sobretudo, vivenciados no processo de construção da identidade, na percepção do outro e de si próprio,

em práticas de desconstrução do racismo e no enfrentamento de preconceitos e discriminações;

b) Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – este foco volta-se para as aprendizagens de conteúdos (conceituais, procedimentais e atitudinais) em todas as áreas de conhecimento que devem ser definidos a partir dos eixos nos quais a temática pode se desdobrar.

### **6 – Avaliação na temática:**

Neste módulo foi debatida a avaliação do processo ensino-aprendizagem, enfocando formas, indicadores de qualidade, critérios e padrões, registros e avaliação do professor e do aluno.

O que ficou sedimentado é que o ponto de partida, para tratarmos da avaliação na (e da) temática afro-brasileira no currículo escolar da Educação Básica, é os educadores voltarem suas atenções, em especial, para dois pontos essenciais contidos nas DCNs, a saber:

1) Educação das relações humanas, com ênfase nos aspectos étnico-raciais, culturais e de gênero (apontando para atitudes, posturas, valores);

2) Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (mostrando que esse ensino e, portanto, as aprendizagens se façam levando em consideração a história e a cultura africanas, a história e a cultura afro-brasileiras).

A partir do exposto, fica patente que a avaliação deva estar centrada também nesses dois aspectos.

Finalmente, apresento esta carta para que V. S.<sup>as</sup> avaliem a possibilidade de adequar o processo avaliativo da nossa escola de maneira que fique aderente à proposta da temática afro-brasileira, para o qual me coloco à disposição para contribuir com os conhecimentos adquiridos no curso.

Cordialmente

Angel Enrique Massironi Sanchez<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Professor da Rede Municipal de São Leopoldo.

Novo Hamburgo, 30 de novembro de 2010

Ilmo. Sr.  
Secretário Municipal de Educação

Bom dia,

Sou Daiana Spessatto, secretária de escola municipal em Novo Hamburgo e escrevo para V. Senhoria a fim de colocá-lo a par da oportunidade que tive de participar do curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*.

Minhas expectativas anteriores ao início do curso eram as melhores possíveis. Esperava aprender sobre a África e seus habitantes, sobre as influências da cultura negra, sua religião, culinária, dança e costumes e em que medida afetaram o Brasil com a chegada dos primeiros povos à nossa pátria. Em maio deste ano iniciou o curso. O primeiro módulo foi desapontador, pois, devido ao uso de plataforma virtual, os organizadores do curso tiveram que oportunizar aos colegas uma espécie de test-drive para que se ambientassem com a plataforma de educação à distância, o Moodle. A partir desse tipo de situação é que pudemos nos deparar com a limitação do outro, o que chamamos de exclusão digital. Não nego que já estive nessa condição antes de usar a plataforma há três anos atrás e agora me permito falar em dificuldade dos outros, mas sei que foi um passo importante para que todos aproveitassem as ferramentas disponíveis nessa modalidade de ensino tão nova e tão abrangente e, porque não dizer, acessível, já que estudamos de qualquer lugar do mundo onde se tenha acesso à internet. Em dezenove de maio viajei para a França e de lá acompanhei o módulo 1 do curso.

Enfim, eu estava já de volta ao Brasil, chegou o módulo 2 e começou o curso para valer. Sob o tema Educação na Diversidade e Direitos Humanos iniciaram as discussões acerca do que se deve ensinar e do que os alunos têm direito de aprender sobre assuntos que afetam seu cotidiano e que são, algumas vezes, polêmicos.

O módulo 3, para mim, foi o mais enfadonho porque tratava de legislação e o material de leitura foi preparado para quem gosta de leis e tem vocação de entender o assunto. Admito que tenho dificuldade. Apesar de achar o conteúdo consistente e de que havia grande quantidade de leituras, parecia que o módulo não chegaria ao fim.

Em agosto começaram minhas aulas na graduação da UFRGS, entrei para o curso Odontologia Noturno e manter os prazos foi um desafio. Agregado a isso, o trabalho marcado para o final do módulo deveria levar em conta as aulas na escola e estávamos em período de recesso escolar, sem os alunos. Também teve seu grau de complexidade avaliar o que caberia à direção, à coordenação pedagógica, à orientação educacional e aos professores abordarem e responsabilizarem-se sobre a aplicação da temática História e Cultura Afro-Brasileira na escola. Nunca se sabe até onde é possível opinar, afinal sou apenas a secretária da escola e não me sinto à vontade em versar sobre o que os outros devem fazer. Prefiro avaliar o que eu devo e posso fazer para ajudar a educação.

Em setembro falou-se especificamente da temática e de sua aplicação em sala de aula. Então, precisei muito da ajuda de minha colega de curso, a Prof.<sup>a</sup> Andrea, com quem fiz o projeto de conclusão.

Aqui, gostaria de fazer um parêntese porque o projeto de aplicação da temática que fizemos focou muito a sala de aula e eu gostaria de ter direcionado para a administração escolar. Na função de secretária, mais do que os professores, sou eu que tenho contato com todos os setores da escola. Um professor acessa a sua sala de aula e a secretaria, a cozinheira acessa a cozinha e a secretaria, o tio do almoxarifado acessa o depósito de mantimentos e a secretaria, o aluno utiliza os espaços a ele destinados e a secretaria, os pais, geralmente e necessariamente, acessam a secretaria da escola. O ponto de convergência da escola é a secretaria; nela chega e dela sai toda a documentação de todos os segmentos escolares. Então, penso que, para um projeto ser difundido, ele depende da secretaria que faz com que isso seja mais rápido e mais eficaz. Acho engraçado quando algum professor com laudo médico para não ter contato com aluno é realocado a trabalhar na secretaria da escola. É o local com maior volume de trabalho de uma Secretaria de Educação. Uma secretaria

não pode fechar e não pode parar durante o ano todo. O secretário de escola não tem hora-atividade e não tem lanche de 15 minutos para usufruir diariamente. Então, todos aqueles que sonham em trabalhar na administração de uma escola, cuidado! Trabalha-se muito e sem parar nesses locais calmos e relaxantes. Muito melhor é a sala de aula com seus horários para tudo (brincadeira).

Enfim, ainda não elaborei o meu Plano de Ação para aplicar o tema História e Cultura Afro-Brasileira na secretaria, mas devo começar pontuando as datas importantes da contribuição negra no crescimento e fortalecimento do País como nação e, a partir disso, divulgar, também, através de imagens e textos um pouco dessa cultura rica e alegre que é a africana.

O curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* habilitou-me a poder falar desse assunto aos colegas que trabalham com educação. Sinto-me capaz de transmitir e auxiliar na busca de informações sobre o assunto. A direção da escola já solicitou que minha colega e eu falássemos em reunião pedagógica, e penso que para o próximo ano letivo devemos colocar como prioridade esta temática na escola. Esse tempo de estudos a distância e presencial foi muito produtivo, provocou em mim entusiasmo para difundir esse ideal de que todos somos iguais em nossas diferenças.

Antes de escrever essa carta educativa, lembrei de um comercial, se não me engano, do governo federal em que a atriz fotografada era mulher, obesa e negra. Na época fiquei impressionada porque sempre se veem modelos brancas e magras nesse tipo de publicidade e a escolha por uma pessoa tão fora dos padrões foi chocante. Depois fiquei envergonhada de ter pensado daquele jeito tão preconceituoso. E, com esse curso, mudei de ideia de novo. Não era questão de preconceito, mas de constatação. É verdade que esse estereótipo foi proposital. A intenção era impressionar. Um dos vídeos propostos em aula era de uma ONG de um país latino-americano e uma das mulheres dessa organização de luta pelos direitos do povo de cor negra dizia dessa interpretação errada quando se diz aqui não tem preconceito, quando na verdade não se considera que existe gente de outra etnia sendo discriminada em todas as instâncias sociais. Não há emprego, não há acesso aos poderes políticos, não há representatividade de uma

grande parcela da população que vive à mercê dos caprichos de quem as ignora.

Despeço-me aqui deixando essa reflexão:

É muito mais grave o preconceito quando fingimos que ele não existe.

Atenciosamente,

Daiana Spessatto Bourscheid<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Secretária de Escola de Novo Hamburgo.

Portão, 11 de dezembro de 2010

A Fabiano dos Santos

M.D. Diretor da Escola Técnica Estadual Portão.

Prezado Fabiano, é com muita satisfação que a seguir apresento um relato referente ao curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, que concluí com sucesso. E gostaria que o mesmo possa ser utilizado em nossa Instituição.

Relato:

Creio que foi muito importante ter participado desse curso, não só pelo cumprimento legal do estudo das relações afro-brasileiras, mas também por todo o contexto da negritude no Brasil. Minha expectativa ao iniciar o curso era poder aprofundar o conhecimento do tema proposto, haja vista que eu, enquanto filósofo que sou, devo ter uma percepção do quanto a filosofia é também a responsável pela situação atual do negro no Brasil.

Encerro o curso muito satisfeito, pois os textos apresentados, bem como as matérias disponíveis, muito me auxiliarão no desempenho de minhas atividades pedagógicas.

Portanto, recomendo a todos que tiverem a oportunidade de fazer este curso que o façam, pois terão seus conhecimentos ampliados e poderão fazer uma nova leitura da realidade dos negros e negras no Brasil.

Eduardo de Melo Renero<sup>12</sup>

Professor de Filosofia

---

<sup>12</sup> Professor da Rede Municipal de Sapucaia do Sul.

Novo Hamburgo, 1 de dezembro de 2010

Senhora Diretora Maria Gorétil

Vimos, por meio desta, informar-lhe sobre a minha alegria por ter participado do curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, oferecido pela UFRGS em parceria com algumas prefeituras, inclusive a nossa de Novo Hamburgo.

Quando a assessoria da SMED ofereceu o curso, por meio da agenda, confesso que me empolguei por saber que seria gratuito, mas em nenhum momento pensei sobre o que ele iria oferecer para minha vida profissional. Na verdade, eu imaginei: *mais um destes que não nos acrescentam nada, apenas horas para meu currículo.*

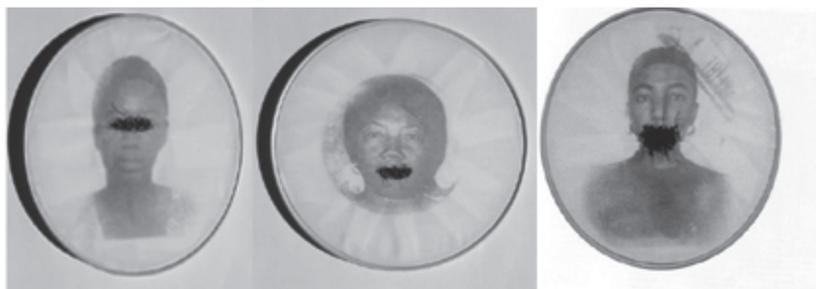
No início do curso, queria apenas realizar as atividades para estar em dia na plataforma, mas quando comecei a ler os textos, olhar os vídeos, fiquei surpresa com a qualidade do material, bem como com as exigências dos professores.

Com o passar do tempo e das atividades que eram propostas, percebi que não se tratava de apenas colocar uma lei em prática, e sim de uma grande mudança na História que vínhamos transmitindo para nossos alunos.

Aprendi muito com este curso; sei que é possível trabalhar o ano todo com este tema, o que antes fazíamos somente na Semana da Consciência Negra, e de várias maneiras, não simplesmente apresentar o que consta nos livros didáticos, onde consta uma história equivocada sobre os povos negros e indígena.

Lamento um fato: que pena que não seja possível que todos os professores da rede participassem de um curso assim! Foi muito produtivo.

Fabiana Terezinha Winck da Silva<sup>13</sup>



Imagens de Rosana Paulino  
Série Bastidores, 1997

---

<sup>13</sup> Professora da Rede Municipal de Novo Hamburgo.

São Leopoldo, 30 de novembro de 2010

Ao Setor Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de São Leopoldo

Este caminho, o de enfatizar a importância da minha participação no curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* parece ser o mais simples nesta carta educativa, mas não é. No decorrer dela, fui buscando no meu armazém de memórias as expectativas em relação ao curso e a minha participação nesta construção. Agora, ao lembrá-las diante do teclado e da tela em branco, também é difícil e doído transcrever a importância de cada um dos módulos de maneira imparcial. Como demonstrar o apreço na medida exata pra cada um?

Diferente de um risco de bordado, onde tudo parece definido e de fácil visualização, o caminho proposto foi riscado pelas ideias, demandas e ações que surgiram antes, durante e depois do curso.

Este curso ofereceu-me a oportunidade de criar situações em que pude construir e reconstruir, significar e ressignificar meu espaço, meu tempo, minhas relações, minha história. Compartilhando o aprender, o fazer, o ser, o sentir liberou-me para perceber-me como parte de um processo de transformação. Estando em contato com essa concepção, pude atualizar-me em relação ao tema proposto.

Durante as diferentes etapas deste curso o desafio parecia muito maior que a minha capacidade para enfrentá-lo. Sentia-me insegura, pois mesmo ancorada na proposta de uma atuação compartilhada, não podia perder de vista a confluência contínua entre metodologias: de investigação e de ensino. Mas foi se tornando cada vez mais estranho, distante, despedaçado, principalmente em decorrência das muitas conversas com a supervisora, cerrando batalha com alguns dilemas e me fazendo ver que somos todos aprendizes no mundo.

A influência ou o impacto dessa experiência na minha vida pessoal deixou registros que enriqueceram minha visão de mundo, minhas concepções sobre o meu trabalho pedagógico.

Há muito a se discutir, refletir e pesquisar para que se consiga concretizar de maneira efetiva, nas salas de aula, esta proposta. Para isso, se faz necessário uma mudança na postura dos educadores e também da consciência de que será exigida a quebra de alguns paradigmas no processo educativo.

Abordar conteúdos que trazem para a sala de aula a História da África e do Brasil Africano é fazer cumprir nossos grandes objetivos de educadores: levar à reflexão sobre a discriminação racial, valorizar a diversidade étnica, gerar debate, estimular valores e comportamentos de respeito, solidariedade e tolerância. E é também a oportunidade de levantar a bandeira de combate ao racismo e à discriminação que atinge em particular as populações negras, afro-brasileiras ou afrodescendentes.

Apoiando-me na Lei 10.639/03, que vislumbra a entrada destes conteúdos nos currículos oficiais, busquei ampliar meus estudos sobre a inclusão da história da cultura negra nos currículos escolares e incluí-las na dinâmica das minhas aulas. Neste período, algumas indagações, questionamentos e dúvidas foram surgindo ao pensar como se daria a implementação da lei e como poderia ser inserida no currículo, de forma que não fosse vista apenas como um projeto que se encerra em poucos dias. Ao mesmo tempo em que as dúvidas iniciais faziam parte dos meus questionamentos, eram elas as principais motivadoras para que eu fosse em busca de novos caminhos a serem trilhados.

Percebi que o grande desafio deste estudo seria a problematização destes olhares, ou melhor, que outros olhares serão possíveis nessa relação da diversidade dentro da escola?

Havia a minha inquietação diante da efetivação da Lei 10.639 e com uma ideia de que pouco se havia feito para a promoção da inserção desta cultura, assim como pouco investimento para a formação de profissionais. Os questionamentos sobre a efetivação da lei vinham da dúvida de não ter conhecimento suficiente para ministrar o conteúdo. Assim que comecei a levantar as ações que o governo havia feito para orientar tais profissionais, pude perceber que em cinco anos o governo brasileiro procurou estar atento às demandas sociais que atendem a população negra. Apesar do empenho por parte do governo federal pela efetivação, através das ações afirmativas, da inserção e do envolvimento da população negra no cenário nacional, é bom lembrar

que estas ações são frutos das reivindicações dos movimentos sociais que vêm sendo construídos aproximadamente há 50 anos. Estas ações não se restringiram apenas ao âmbito educacional, mas também ao social e ao cultural. Sem dúvida, a Lei 10.639 traz uma contribuição de fundamental importância nas relações sociais.

O debate sobre ela já trouxe um grande benefício à sociedade ao colocar o tema na pauta das discussões nacionais, na tentativa de que todos reconheçam que é preciso realizar algo para diminuir a desigualdade na educação de negros e brancos.

Embora não tenha realizado uma investigação sobre a formação de professor de artes visuais, esta questão me acompanhou durante todo o processo do curso e sobre a qual vislumbro possibilidades de futuras pesquisas.

Ao observar alguns materiais didáticos utilizados nas escolas, verifiquei uma forte tendência à formação sob o ponto de vista histórico-geográfico (ênfase na história, nos aspectos geográficos da África e nas manifestações culturais) sem reforço nas manifestações artísticas e bem menos nas produções de artistas negros que abordam a temática desta cultura e suas matrizes.

Outro aspecto observado por mim em relação à formação do professor está na ausência de disciplinas que contemplem a História e a Cultura Africana nos cursos de licenciaturas em artes visuais que indicarão caminhos para a preparação de docentes críticos e solidários. Estas discussões estão ainda no campo das ideias, posto que boa parte das instituições de ensino superior ainda está discutindo medidas e ações que entrem em consonância com as determinações do governo federal ao sancionar a Lei 10.639/03.

Os cursos de graduação para o ensino de arte, na sua grande maioria, não contemplam, em seus currículos, os conteúdos da História e Cultura Africana e dos Afro-Brasileiros, embora esse assunto já venha sendo abordado nos exames de vestibulares das universidades e nos concursos públicos para professores de Ensino Fundamental.

A lei determina e valida a inclusão da cultura negra nos currículos escolares por meio do conteúdo da história e da cultura africana. A este respeito, essa mantenedora de ensino está promovendo a formação de professores, se adequando às novas realidades através de materiais acessíveis, reestruturação curricular, dentre outras ações.

Finalizando estas considerações, lembro do bordado que propus fazer no início desta carta e vislumbro muitos caminhos a serem percorridos, muitos bordados a serem riscados e pontos a serem preenchidos. Penso que este é um bordado que conta histórias de vida, de costumes. Sendo assim, tudo se configura, se realinha, se constrói e reconstrói, pois esta é a dinâmica e o fluido da vida que se recomeça a cada instante. Neste sentido, a autoavaliação é um traço peculiar e inerente a este processo. Vejo nisso um dado positivo para meu crescimento.

Diante destas narrativas escritas e de novos questionamentos que parecem não chegar a nenhum ponto final nem a uma zona de conforto, me vejo em meio a novas configurações, e novos bordados vão colorindo a trama do tecido, simbolizando novos conhecimentos.

Espero dar continuidade a estes bordados através da monografia para a obtenção do grau de Pós-Graduação em Arte, Educação e Linguagens Contemporâneas, onde certamente novos desafios/tramas serão postos no meu caminho enquanto professora/pesquisadora que se reconstrói ao caminhar.

Assim sendo, me despeço agradecendo a esta Secretaria pela brilhante iniciativa de propor um curso de qualidade que trará transformações positivas e significativas, promovendo cada vez mais um ensino democrático e igualitário.

Atenciosamente,

Guadalupe da Silva Vieira<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Professora da Rede Municipal de São Leopoldo.

Porto Alegre, 30 de novembro de 2010

À COORDENADORA PEDAGÓGICA DAS EMEIs DE  
POA

Participar deste curso representou uma experiência bastante rica de conhecimentos, de interação, de trocas de saberes e vivências pedagógicas. Assim que recebi a ficha para inscrição do curso em que dizia *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, logo pensei que o mesmo ficasse restrito a *sugestões* didáticas de se trabalhar a temática. Muito mais do que isto, o curso possibilitou que pudéssemos ter conhecimento das Leis 10.639/03 e 11.645/08 e entender que ambas representam a base para o trabalho das relações étnico-raciais no ambiente escolar. Nos apropriamos de termos fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, como por exemplo, Diversidade Cultural, Etnocentrismo, Multiculturalismo. Foi possível entender e diferenciar gênero, raça, etnia e sexualidade e perceber o quanto tais questões influenciam diretamente nas relações de poder onde há uma hierarquização histórica e estrutural de que *o homem branco* estaria em vantagem social. Este foi um fato que o curso abordou, fato que já existe e encontra-se no interior dos ambientes escolares e foi se constituindo e se materializando. Entretanto, o curso fez com que eu pudesse criar situações na tentativa de desconstruir estas relações assimétricas de poder no ambiente escolar em que atuo, no caso, a Educação Infantil. Os livros didáticos e revistas têm, em sua maioria, imagens de personagens brancos. Antes, trabalhava com esta realidade sem ter, entretanto, um olhar crítico. Hoje já tenho informações para entender que este fato perpassa por questões de branquitude e que eu, como educadora consciente de que meu aluno em fase de estruturar sua personalidade e autoestima necessita *se ver* e sentir sua identidade valorizada, não posso continuar reproduzindo esta prática sem propor uma ação pedagógica direta.

Tive conhecimento de como se organizaram os primeiros movimentos de mobilização negra no Brasil e o significado de políticas de ações afirmativas, dos quais não havia ouvido falar. E confesso que, após ter estudado um pouquinho sobre a história dos negros pós-abolição e saber que os mesmos foram postos à margem da sociedade sem condições de igualdade para competir em um mercado de trabalho, e que este histórico perdura até a contemporaneidade, defendo e levanto a bandeira para as políticas de ações afirmativas, sendo um exemplo delas as cotas nas universidades.

Os textos e materiais didático-teóricos disponibilizados no curso nos deram todo um aporte de subsídios para estruturarmos um projeto pedagógico voltado para a temática étnico-racial. Foi possível voltarmos nosso olhar para a reescritura de nosso Projeto Político-Pedagógico, analisarmos qual era a nossa comunidade, para que estávamos pretendendo implantar a Lei 10.639/03, que tipo de cidadão a escola pretendia formar. Isto fora realizado nos grupos de estudos de professoras. Selecionamos textos referentes à temática para direcionar às formações pedagógicas. Enviamos um bilhete aos pais informando que seria desenvolvido este projeto na escola, tendo em vista a obrigatoriedade das leis, e fizemos perguntas sobre a religião deles, etnia, qual o conhecimento que tinham sobre a África e se haviam sofrido algum tipo de discriminação. Revisamos a nossa biblioteca para verificarmos os materiais que pudessem contemplar a temática. A primeira medida foi a reorganização dos mesmos e a providência para compra de outros livros referentes às relações étnicas.

O currículo da escola foi sendo reorganizado de modo que cada professor fosse trabalhando dentro da faixa etária de seus alunos. Convidamos a assessora das relações étnicas da SMED para participar de uma de nossas formações. Em outra formação, recebemos a visita (a convite) do professor Paulo Sérgio e da Professora Rita Camisolão, que puderam fazer várias colocações e nos orientaram quanto ao desenvolvimento do projeto. A visita destas pessoas em nossa escola reforçou a responsabilidade que cada segmento tem de contribuir para o desenvolvimento da temática dentro da escola.

Estamos trabalhando com a questão das relações étnicas desde o início do segundo semestre e programando a festa africana,

que representou a atividade de culminância de nosso projeto que ocorreu dia 27/11, onde as turmas puderam apresentar os trabalhos desenvolvidos e realizar atividades com a comunidade, referendando a cultura negra. A escola ofereceu comidas e bebidas africanas e em cada sala realizou-se uma atividade temática.

O que tenho a dizer sobre tudo isto? Que o curso fez com que eu abraçasse esta causa. Com o trabalho que desenvolvi em minha sala de aula sobre a diversidade, onde explorei as diferenças de cor de pele, de cabelo (cor, textura), percebi que as crianças negras, em sua maioria, não deixavam tocar em seus cabelos sentindo-se envergonhadas. E apontavam sempre o desejo de ter cabelos lisos e loiros quando perguntadas. Fiquei muito chocada com esta informação. Precisamos trabalhar estas questões. E foi a minha ação imediata. Assim, trabalhei com o livro *As Tranças de Bintou*. As crianças fizeram birotos, tranças e puderam se enxergar na literatura. Esta atividade contemplou todas as crianças.

Depois vimos por que cada criança tinha aquelas características fenotípicas para, finalmente, entrar no estudo da África, a forma como se deu a vinda dos africanos para o Brasil e ainda aspectos da cultura trazidos com os mesmos. A partir daí, passamos a criar alguns *artefatos*, trabalhando as diferentes linguagens, que se constituíram nos trabalhos expostos na festa africana.

Penso que durante este ano trabalhamos muito no desenvolvimento da temática. Tivemos ressignificada a nossa postura enquanto educadores e nos tornamos mais críticos e politizados. Defendo hoje, sim, um número maior de políticas de ações afirmativas.

Tenho a certeza de que, daqui por diante, a nossa tarefa é nos tornarmos multiplicadores desta proposta, de modo que o conteúdo afro-brasileiro seja uma temática transdisciplinar de todos os ambientes escolares e que todos os segmentos sejam agentes e estejam comprometidos com a causa, para que nossas crianças negras possam sentir orgulho de sua identidade étnica.

Joyce Elise Silva e Silva<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Professora da Rede Municipal de Porto Alegre.

Novo Hamburgo, 06 de dezembro de 2010

Querida Diretora!

Estou te escrevendo essa carta para relatar a importância de alguns fatos que vivenciei neste ano e que condizem com a nossa prática pedagógica.

Tu bem sabes que estou realizando o curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*. Sabes também da importância desse curso para a nossa escola e também para nossa vida. Há tempos já discutíamos sobre essas questões e esse curso veio ao encontro dos nossos anseios. Sou muito grata aos seus idealizadores e também a nossa Secretaria Municipal de Educação por ter aderido e oportunizado essa vaga para mim e outros colegas.

No início, tive um pouco de dificuldades com a plataforma Moodle, apesar de estar me formando no curso de Pedagogia da UFRGS, pois durante o mesmo utilizamos a plataforma Rooda, que é bem diferente. Porém, com as atividades propostas de adaptação no módulo 1 do curso, superei as dificuldades. Estava com muitas expectativas, pois era um tema de meu interesse e sabia da responsabilidade de aprender mais e passar os conhecimentos adiante, tanto na aplicação com os alunos, como através de sugestões para os colegas. Era como se eu tivesse a semente, agora teria de espalhá-la para que no futuro gerasse bons frutos.

Infelizmente, ao longo do curso, me atrapalhei com algumas datas, entreguei algumas tarefas fora do prazo, pois, como sabes, também estou me formando neste final de ano e ainda tinha estágio no primeiro semestre e TCC no segundo, sem contar com aquele curso Ensinando e Aprendendo com as TIC'S que era de 100 horas. Enfim, estava superatarefada, mas mesmo atrasada consegui acompanhar todos os módulos.

Cada módulo apresentava um material riquíssimo, com textos, vídeos e sugestões, foi um curso muito intenso. Aprendi desde a parte histórica, a cultural e a prática. Já faz alguns anos que trabalhamos essas questões na escola, acho até que é um diferencial entre algumas colegas de curso que foram buscar o conhecimento para depois aplicar. Aqui na escola essas questões são debatidas há anos em diversos momentos ao longo do ano, já fazem parte do currículo, apesar de não termos nada documentado. Então, para mim, o curso serviu para certificar algumas questões e nortear outras, bem como aperfeiçoar e qualificar meu trabalho.

Como temos outras colegas que também realizaram o curso, acho que está na hora de nos reunirmos com todos os professores, funcionários e pais e modificarmos o nosso Projeto Político-Pedagógico (PPP), acrescentando essas questões étnico- culturais.

O curso me ofereceu um bom embasamento teórico que vai ao encontro de minha prática, me mostrando que estou no caminho certo e que nunca devo desistir.

Me despeço por aqui com uma poema da linha da poesia marginal de Sérgio Vaz e, também, na certeza de que as nossas ações não pararão por aqui: estão apenas começando.

### **Consciência e atitude**

Que a pele escura  
não seja escudo para os covardes  
que habitam a senzala do esquecimento.  
Por que nascer negro  
é consequência.  
Ser,  
é consciência.

Sérgio Vaz

Um grande abraço da amiga e colega que muito a estima

Madebe Schmidt<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Professora da Rede Municipal de Novo Hamburgo.

Canela, 28 de novembro de 2010

Prezada Coordenadora Pedagógica da Escola Luiza Correa,  
Canela

Vou relatar a emocionante experiência que foi o curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* para, a seguir, apresentar as expectativas para o ano que vem.

São muitas expectativas para o seguinte ano em relação à temática. Também foi muito gratificante participar, porque o curso foi destinado às escolas municipais de Gramado.

O ensino/aprendizagem modalidade EAD com plataforma estilo Moodle ou outra, inicialmente causa estranheza. Após os primeiros ensaios nos tornamos mestres no uso do Moodle. Foi o que aconteceu quando experimentei as primeiras imagens e textos. As descobertas sobre a realidade e a construção da sociedade brasileira, sobretudo com a população negra, que até então estavam escondidas, me trouxeram uma visão dessa realidade com uma força muito grande.

O curso foi maravilhoso. O trabalho para cumprir as tarefas tomou bastante tempo. Havia textos enormes, vídeos que demoravam a *baixar*, mas a sensação de produzir algo também foi grande. Não participei de vários encontros presenciais, pois aos sábados também sou aluno.

Contei com a companhia de outras três professoras de nossa escola que foram incansáveis na realização do curso. Esperamos trabalhar melhor no ano que vem.

Creio que seria necessário criar uma disciplina específica para história afro, onde os valores estudados no curso possam ter uma melhor expressão didática e social. Talvez possamos decidir sobre o assunto.

Em relação ao envolvimento da escola, sinto que poderia ser dada maior atenção, pois nossa população de alunos é formada por grande número de descendentes negros e por miscigenação. A população

de nossa cidade é caracteristicamente negra. Sinto não haver uma coordenação de projetos em nossa escola e por esse motivo acho que deixamos de fazer algo melhor. Não adianta nada uma pequena manifestação anual para cumprir a Semana da Consciência Negra. Faltam bons projetos para todo o ano, principalmente aqueles que estimulam a autoestima.

É uma pena que o curso tenha chegado ao fim. Valeu ter me dedicado esse ano no estudo da realidade afrodescendente e na história da África. Também foi muito emocionante ter conhecido pessoas de um continente que para a maioria das pessoas não passa de um território com animais selvagens ou povoado por habitantes que vivem no estilo de algumas sociedades mais primitivas. Vi imagens de uma África moderna e progressista, bem desenvolvida. Como disse no começo, um continente escondido de nós.

Amiga Coordenadora, espero que para o próximo ano possamos estender os conhecimentos desse curso para uma aplicação mais prática.

Com especial atenção

Prof. Ricardo Alves Rolim<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Professor da Rede Municipal de Canela.

Porto Alegre, 28 de novembro de 2010

Querido Fernando Haddad, o nosso Ministro da Educação!

Tudo bem?! Espero que sim, pois estou muito feliz em ter um Ministro de Educação como você, que impulsiona e operacionaliza a qualificação profissional, promovendo possibilidades de estudos aos professores.

Atuo profissionalmente como professora na Emef Chapéu do Sol (manhã e tarde – Porto Alegre); e como Supervisora Educacional na Emef Nova Conquista (noite – Gravataí). Estudei, no Ensino Médio, Magistério; na Graduação, Orientação e Supervisão Educacional; na Pós-Graduação, Especialização, Educação Psicomotora, Educação de Jovens e Adultos e Projetos Sociais, Culturais e Políticas Sociais/ Escola Aberta. Atualmente, trancada, a Graduação de Ciências Jurídicas e Sociais. Trinta e oito anos de existência e dezesseis atuando na área educacional.

Acredito no pensamento de Albert Einstein: *O homem erudito é um descobridor de fatos que já existem – mas o homem sábio é um criador de valores que não existem e que ele faz existir.*

Escrevo esta carta educativa para relatar como o curso de extensão *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, oferecido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, contribuiu para ampliação do meu conhecimento pedagógico de forma criativa e crítica por esclarecedor, significativo e desafiador.

Em 30 de abril de 2010, iniciou o curso a distância com a instrumentalização do cursista no ambiente virtual. Participei dos encontros presenciais organizados pelos coordenadores e tutores, como: aula inaugural, em 7 de maio de 2010, sobre *História da África na Educação Básica*; e regional, em 11 de agosto de 2010; os dois seminários sobre *Saberes Afro-Brasileiros como ferramentas pedagógicas*, nos dias 21 e 28 de agosto, e *O Pós-Abolição no ensino de História*, 12 de

novembro. Foram espaços e tempos bem organizados e riquíssimos de elaboração do saber.

Os conhecimentos foram trabalhados a distância, em seis módulos de estudo importantes de aprimoramento da ação docente em sala de aula, problematizando as Leis nº 11.645/08 e 10.639/03 na contemporaneidade. Abordaram com propriedade a diversidade na Educação e suas implicações, interna e/ou externa, no ambiente escolar. Trabalharam os Direitos Humanos, Espaços e Tempos Escolares, Estrutura e Funcionamento Escolar, Legislação, Responsabilidades de cada segmento escolar na garantia da dignidade humana, Construção do Currículo e Possibilidades Avaliativas, favorecendo a reconstituição da história com base no respeito e no amor com fundamentação. As estratégias de ensino a distância foram organizadas de forma criativa e atendendo à necessidade de compreensão do conhecimento.

A Tutora Talita Teixeira esteve sempre presente e os encontros contribuíram muito para a apropriação dos conceitos trabalhados no curso. A assessora da SMED/PMPA, Clarice Moraes Freitas, foi muito prestativa e atenciosa nos contatos e na divulgação dos momentos de estudos, apresentando ações de acolhimento nas dinâmicas grupais. Os Coordenadores e Professores se mostraram dispostos em atender as solicitações, clareando as dúvidas.

Elaborei o Plano de Implementação do Projeto *Conheço e acredito, logo compartilho*, demonstrando e aplicando os conhecimentos adquiridos, neste curso, com o intuito de problematizar os pensamentos e atitudes dos estudantes ao refletirem a responsabilidade humana em garantir o exercício da cidadania em promoção dos Direitos Humanos. Todos têm direito de criar e criticar o contexto vivido, construindo seu conhecimento sem prejudicar o bem comum – a Vida; e o dever de estabelecer sua felicidade individual, compartilhando-a. Neste sentido, o tempo e o espaço escolar necessitam ser analisados em sua diversidade e demandas, potencializando os talentos de todos os envolvidos sem julgamentos inadequados.

Estou muito feliz em ter participado deste curso com a certeza de sua continuidade. Meu avô materno é negro; minha avó, nativa americana; e meus avós paternos, italianos. E, eu, afro-brasileira. Apaixonada por nossa cultura e sua diversidade, darei sequência,

divulgando a sabedoria construída neste curso.

Agradeço a grande oportunidade de estudar com profissionais tão competentes e dedicados. Desejo sucesso em suas ações educacionais que potencializam os educadores como protagonistas da História Brasileira na defesa da emancipação humana.

Beijos

Rosa Maria de Carvalho Menin<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> Professora da Rede Municipal de Porto Alegre.

São Leopoldo, 1 de dezembro de 2010

À EQUIPE DIRETIVA DA E. E. E. M. EMÍLIO SANDER!

Quero compartilhar hoje com vocês o que aprendi com meus colegas e professores ao realizar o curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* pela UFRGS. Foram duzentas horas de curso, na modalidade Educação a Distância. O foco principal do curso é a dimensão procedimental do saber docente, tão importante quanto as dimensões conceitual e ética, considerada fundamental para assegurar a implantação da Educação das Relações Étnico Raciais e do Ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira em todos os ambientes de aprendizagem das escolas de Educação Básica.

Participar deste curso, ler, conhecer e debater a temática Afro-Brasileira com os demais colegas, através dos fóruns ou na própria escola em que trabalho, propiciaram-me olhar com outros olhos o assunto em questão. Uma oportunidade única e imperdível de aprender mais sobre a cultura afro-brasileira; conhecer, respeitar e estudar a cultura de um povo que durante tantos anos foi esquecida, camuflada, desprestigiada e omitida, devido ao preconceito e à discriminação existentes em nossa sociedade.

Posso dizer a vocês que ao começar o curso não imaginava que aprenderíamos tanto sobre História e Cultura Afro-Brasileira, nem que seria exigido de nós, alunos, tantos trabalhos, leituras, estudos e análise. Imaginava, sim, aprender muitas coisas diferentes, mas posso garantir a vocês que me surpreendi com a qualidade das informações e o ótimo trabalho realizado pelos professores e tutores.

Hoje, ao concluir este curso, constato que preciso estudar ainda mais, pois quanto mais lemos, estudamos e aprendemos, mais desejamos saber. Digo isto, pois pude perceber através de conversas informais (com alguns colegas de trabalho) o quanto a História e a Cultura Afro-Brasileira são pouco conhecidas e divulgadas entre nós, educadores.

Pensamos e dizemos que racismo é coisa do passado, mas, ao analisar falas, programas de televisão, filmes e o nosso cotidiano, verificamos que precisamos continuar lutando, a fim de desmistificar verdades preconcebidas através dos tempos, pois o preconceito e a discriminação continuam presentes em nossa sociedade. Há muito ainda a ser feito e nós, professores, educadores, cidadãos, não podemos nos calar frente às injustiças cometidas por alguns que se julgam superiores devido à cor de sua pele.

Penso que ao trabalhar com crianças, jovens e adultos sobre a História da Cultura Afro-Brasileira estamos abrindo espaço para problematizar muitos outros assuntos que raramente são trazidos à escola.

Espero que estas palavras despertem em você, leitor, o desejo de conhecer, estudar e trabalhar sobre a História e a Cultura Afro-Brasileira.

Um forte abraço!!!

Tatiane da Silva<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Professora da Rede Municipal de São Leopoldo.



## 2.3 AOS GESTORES DO CURSO

Gramado, 16 de dezembro de 2010

Gostaria de destinar esta carta à UFRGS.

Primeiramente foi um privilégio cursar nesta Instituição de renome.

A temática afro sempre despertou meu interesse desde minha adolescência, e eu pensava que logo estivesse morando num país africano e viveria aquilo que eu lia em meus livros de cabeceira.

Trabalho numa escola municipal de Gramado com História e Geografia, 8<sup>as</sup> séries, e ali desenvolvo temas sobre colonização, neocolonização, contribuição cultural de cada continente em nosso país e cidade. Sempre gostei de mostrar como elementos de várias culturas estão presentes em nosso cotidiano.

Ao realizar este curso que aborda cultura afro-brasileira, pude enriquecer minhas aulas, descobrir muitas coisas, mas, antes de tudo, pude adquirir novos conhecimentos e com isso pude avaliar o meu procedimento em sala de aula.

As leituras, filmes, fóruns mexeram com nossos conceitos e preconceitos. Discutimos, discordamos e concordamos em muitas coisas. Realizamos tarefas práticas que com certeza mudaram a perspectiva da escola e dos alunos em relação ao tema, mas o que temos aqui é só o começo de uma longa e interminável jornada: derrubar preconceitos que caem, mas se erguem outros no lugar.

Que nossa visão sobre currículo oculto seja a melhor possível. Que possamos mostrar em nosso olhar, andar, falar que amamos todos sem distinção e não tratamos com diferença nenhum ser humano. Que isso não seja utopia, mas realidade.

Obrigada aos professores, coordenadores, tutores, na seleção de material, participação nos fóruns, paciência nos prazos, tempo que colocaram à disposição. Com certeza sairei do curso com um diferente olhar, excelente material e muito trabalho.

Alda Cristina Franke Gondim<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> Professora da Rede Municipal de Gramado.

Alvorada, 23 de novembro de 2010

Aos gestores do curso,

Através desta manifesto minha satisfação em ter participado do curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*. Este foi o primeiro curso que fiz em EAD e, portanto, uma nova experiência na minha formação profissional. Conteí com o auxílio do colega de trabalho, o tutor Bruno Zarzana, que contribuiu para que obtivesse êxito, não somente nos momentos de realizar as leituras e tarefas, mas também no sentido de compartilhar nos grupos as discussões que proporcionaram reflexões enriquecedoras do tema proposto neste curso.

Neste momento, como forma de ressaltar minha indignação em relação ao preconceito racial deixo aqui meu protesto: não podemos continuar com essa inverdade de que somos um povo libertador e desenvolvido, sem preconceitos e sem discriminação, sem nos preocuparmos com uma educação que reconhece cada cidadão com os mesmos direitos. Vivemos há tanto tempo tentando convencer-nos de que somos um povo sem discriminação, preconceito e racismo. Falamos o tempo todo que é uma falta de vergonha o nosso país, sendo um país multirracial, rejeitar as pessoas por sua condição social, política, sexual e de raça.

É preciso, sim, trabalhar com as diversidades nas escolas, promovendo uma maior reflexão sobre o multiculturalismo e as desigualdades raciais. O desenvolvimento de projetos interdisciplinares envolvendo o tema é fundamental para a construção de um alunocidadão mais consciente e menos discriminativo.

Desta forma, parablenizo a instituição, os coordenadores, ou melhor, todos os envolvidos que de certa forma fizeram a diferença no resgate da cidadania, oferecendo esta oportunidade aos professores da rede, envolvendo a comunidade escolar para que todos tenham o conhecimento da lei que favorece, ou melhor, que torna todos os

cidadãos com igualdade social, fazendo desta uma sociedade justa e democrática.

Cleusa Machado Resende Balbueno<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Professora da Rede Municipal de Alvorada.

Canela, 29 de novembro de 2010

Ao Programa de Educação Anti-racista no Cotidiano Escolar e Acadêmico.

Meu nome é Damaris Canineo e gostaria de contar um pouco sobre minha experiência positiva com relação ao curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*.

Sou pedagoga e aprecio muito história de modo geral, a cultura dos povos e as artes, a política, a história genuína de cada povo nas diferentes regiões de origem, etc.

Quando surgiu a oportunidade de iniciar os estudos nessa temática, fiquei muito interessada por se tratar de um assunto tão importante, vi a oportunidade de realização profissional, pois, além de ser importante em termos de conhecimento, também apresenta um tema bastante polêmico na área social e da educação, abrangendo o preconceito étnico-racial.

No decorrer deste ano, procurei trazer para dentro da escola onde trabalho e para as pessoas que conheço as informações de diversas formas como fui recebendo ao longo do curso; na escola, em especial, ofereci os meios didáticos e conhecimentos a serem desenvolvidos pelos professores para com seus alunos.

Materiais didáticos foram adquiridos após uma análise do conteúdo dos mesmos, vídeos e projetos englobando as diferentes áreas de estudo. Houve momentos de debate entre os professores, um acompanhamento junto aos alunos, palestras na escola abrangendo a temática, realizada por pessoas pertencentes à cultura afro, onde alcançamos alunos desde o pré, através de brincadeiras e jogos africanos. E todas as crianças participaram com muito interesse!

A temática vem sendo trabalhada em diferentes aspectos e mostrando trabalhos realizados pelos alunos, através da arte, da escrita, do relacionamento social.

Consegui elaborar um projeto escolar referente à história das

culturas africana e afro-brasileira para o Projeto Político-Pedagógico da escola, e isso só foi possível através deste curso que estou participando, pois me proporcionou o embasamento e o conhecimento necessários. Além dos parâmetros e normas que também devem ser seguidos, existe a possibilidade de uma contínua busca e descoberta.

Para mim, esse curso atendeu muito bem minha expectativa, e ele não termina aqui, pois vou sempre buscar mais conhecimento e continuar passando adiante, pois é uma temática para ser vivida sempre.....

Obrigada à UFRGS, aos organizadores do curso, tutores, por fim, a todos que estão comprometidos com a História da Cultura Africana e Afro- Brasileira na sua efetivação dentro e fora das escolas, levando este país a reorganizar seus conceitos para que existam, na prática, os direitos de igualdade e respeito às diferenças.

Damaris Canineo<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> Professora da Rede Municipal de Gramado.

Gramado, 26 de novembro de 2010

Professor Paulo Sérgio.

Ao inscrever-me no Curso, tive algumas expectativas que ao longo do mesmo se ampliaram. A abertura oficial em abril já mostrou de impacto a que o curso se propunha. Neste dia um dos objetivos já ficou estabelecido: implantar nas escolas práticas que respeitem, sem hierarquizar, os diversos saberes e fazeres das diferentes matrizes culturais e étnicas que constituem nossa brasilidade. Uma escola democrática é aquela que aposta na diversidade étnica, cultural e de crenças. Tinha, enquanto professora da rede estadual, constantes rixas nas escolas, que por ocasião de dias como mães e pais realizavam missas, elegendo sempre um único credo, excluindo os demais. A temática apresenta valores africanos e afro-brasileiros para serem aplicados em espaços educativos, no meu caso, escolas. Lançou o desafio de em nossas práticas não reproduzirmos preconceitos e estereótipos, que foram transmitidos por ensinamentos racistas, elitistas, durante a nossa formação acadêmica. Como não fiz História, muitos temas foram novidade. Desconhecia as comunidades quilombolas urbanas, como temos aqui no sul a *família Silva*. Meus estudos se restringiam a língua, pratos típicos, danças, arte africana e literatura.

Os módulos não se debruçaram apenas sobre as atrocidades cometidas no período da escravidão e pós-abolição, mas também no resgate dos direitos sociais dos afrodescendentes, da luta atual de comunidades quilombolas(rurais e urbanas) para conseguirem a posse das terras. Os vídeos mostraram políticas afirmativas na busca de minimizar as injustiças impostas ao povo negro por regimes capitalistas e minorias privilegiadas, que detêm o poder por séculos.

Encerrados os seis módulos, percebo como o curso alterou minha visão de mundo. As aulas sobre cartografia postadas na plataforma foram esclarecedoras. Hoje entendo como historiadores famosos manipularam fatos históricos e contaram uma história única, a partir de matrizes europeias.

O curso, através dos professores e tutores, trouxe excelente embasamento teórico, mas, principalmente, em nenhum momento censurou a opinião dos cursistas. Apenas conduziu as afirmativas para a elucidação da temática; exemplo disto foram os fóruns, onde prevaleceu a liberdade de expressão e a democracia social.

Além de novos conhecimentos e novas práticas de atuação em classe, a participação ativa me proporcionou novas amizades, como as parceiras de curso Ivanilda, colega na escola e incentivadora, e a cursista Marli B. Farias, com quem me comuniquei online por meses e, ao encontrá-la em 12/11, na aula presencial em Porto Alegre, me emocionei. Doce e meiga como mostrava a foto do perfil do cursista.

Meu projeto inicial era a contação de histórias africanas e brasileiras para alunos menores das séries iniciais do Ensino Fundamental, porém, com a parceria na escola, acabamos vestindo literalmente a camiseta e fomos além. Realizamos a pesquisa etnográfica e, a partir dela, elaboramos um projeto multidisciplinar para 2011 para séries finais. No projeto de séries iniciais, tivemos surpresas como a confecção de estampas africanas, máscaras e colares, como culminância de histórias encenadas e dramatizadas com fantoches.

A participação na Semana Afro de Gramado foi uma experiência gratificante para nós, cursistas. Percebeu-se nos demais colegas um entusiasmo em resgatar os valores das diferentes etnias, trazendo a música afro, danças e arte africana e brasileira para a escola.

Para finalizar este relato, parablenizo a universidade e, em especial, a tutora Aline e o Paulo Leandro, pela dedicação e carinho a todos os cursistas, sem distinção.

Lara Maria Lohmann<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> Professora da Rede Municipal de Gramado.

Gramado, 23 de novembro de 2010

Para a UFRGS

Gostei muito do curso. Aprendi bastante, passei em Porto Alegre, em Alvorada, em Cachoeirinha e na Feira do Livro. Tive contato com pessoas diferentes e bem legais. Aprendi sobre leis, cultura, culinária, provérbios, contos, histórias, heróis.

Minha principal expectativa era aprender mais sobre informática e história. Minha maior dificuldade foi ter ficado vários anos sem estudar e ter falta de prática no uso do computador.

A partir do curso, trabalhei essa temática na escola. A partir deste ano, terá sempre na escola o conteúdo da cultura afro.

O curso foi ótimo. Havia muitos conteúdos na plataforma.

Desejo fazer mais cursos em educação pela UFRGS.

Até a próxima. Foi bom estar com vocês.

Mari Cleia dos Santos Klipel<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> Professora da Rede Municipal de Gramado.

São Leopoldo, 6 de dezembro de 2010

À Extensão

Eu, Maritane Blodorn Moura, apresento minha gratidão e orgulho de ter participado de um curso importante para a mudança da sociedade, que se julga superior e orgulhosa, não admitindo os preconceitos e, automaticamente, os problemas que vem causando a todos os cidadãos.

No início do curso, senti-me honrada em poder participar, mas observei que não era tão simples quanto eu imaginava. As complicações vieram quando colegas não quiseram se envolver nas atividades referentes ao curso, pois diziam que os alunos sentiam-se instigados e ao mesmo tempo acuados, em relação ao racismo ou preconceito. Observei que ainda temos professores que remetem este assunto somente para a família, pois sabemos que esta proposta exige conhecimento e compreensão para desenvolver um bom trabalho.

Joguei-me em práticas e precisei ir com cautela para não intimidar meus alunos e colegas, mas consegui fazer leituras de obras consagradas de forma harmoniosa, sendo que, às vezes, era melhor só ler e não discutir, deixar a reflexão de cada um viajar sozinha. Muita contação de histórias foi oportunizada, como *A menina bonita do laço de fita*, contos africanos, outros contos africanos, lendas gaúchas e brasileiras, congo, capoeira, enfim, mantive um ambiente rotineiro de práticas de textos, muitos deles sobre a literatura africana.

Alguns alunos como a Tascie, o Gabriel Prestes, negros, do 6º ano, mostraram aumento de sua autoestima e também melhoria, participação e desempenho nas atividades, aumentando suas notas.

Fiquei feliz com o resultado referente ao costume de leituras da cultura africana e observei diminuição do *bullying* na sala, pois os afrodescendentes sentiram-se valorizados.

Já em junho estávamos produzindo os bonecos de São João e uma das meninas fez o casal de caipiras negros; foi um dos mais

bonitos trabalhos, pois nós havíamos feito atividades de pesquisa sobre os negros de sucesso, no jornal, e com o reaproveitamento do jornal elaboramos os bonecos.

Inclusive todos os bonecos fizeram sucesso na festa junina, eles estiveram em todas as bancas.

Manifesto meu agradecimento por terem dado a mim esta oportunidade e quero manter ativa esta pesquisa que promove a inserção do conhecimento da cultura afro nas escolas.

Com o exercício frequente de abordar este tema, sinto-me mais tranquila e segura para planejar e ministrar uma aula sobre a cultura africana, assim como outras culturas que sofrem algum tipo de preconceito, pois é com o hábito de abordar este tema, promovendo espaços, momentos, dinâmicas, que vamos criando forças para envolver mais colegas na luta contra o racismo, o preconceito em todas as instâncias.

Além dos responsáveis pelo curso da UFRGS, dedico meu estudo à Escola Hugo Gerdau, especificamente à diretora Kênia, descendente afro.

Maritane Blodorn Moura<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> Professora da Rede Municipal de São Leopoldo.

Cachoeirinha, 30 de novembro de 2010

Coordenadores do curso:

Atendendo a um dos critérios citados, minha Carta Educativa irá endereçada para os colegas da UFRGS, equipe que coordenou todo este período de aprendizagens, buscas e rompimento de preconceitos. Hoje, ao escrever esta reflexão sobre todos os textos, informações, vídeos e outros, tenho a certeza de que vocês foram muito felizes ao optarem por este foco para estudo, num curso de extensão.

Quando realizei a inscrição junto à SMED, em 2009, não imaginava que teria um ano com tantas informações, leituras e busca pelo tempo que não existia. Percebi que, a partir do mês de abril, me organizei para criar um horário destinado ao curso, já que os temas abordados eram muito interessantes. À medida que fazia leituras, me apropriava das situações e fazia questão de expô-las para os colegas da escola na qual trabalho. Nas primeiras semanas, tive dificuldades para acompanhar os calendários propostos para a postagem das atividades, mas as realizei. Logo após o nosso encontro presencial, que aconteceu na SMED de Cachoeirinha, ficou muito claro, conversando com a equipe organizadora, que o objetivo do curso de extensão era transmitir conhecimentos sobre a História e a Cultura Afro-Brasileira, com intenção de atingir um número máximo de participantes e não de deixá-los durante o percurso. A partir deste encontro, fiquei mais tranquila, porque a minha angústia era a mesma das outras colegas: prazos curtos e muitos textos para leitura. Ao entrarmos num consenso de grupo, tomamos a decisão de estipular prazos de duas semanas para a realização das tarefas e algumas poderiam ser realizadas em grupo. Com esta nova alternativa, passei a respirar e conseguir realizar as tarefas com precisão e muitas leituras.

Um fato que me chamou a atenção foi a desistência de três colegas que estavam inscritos (tentei resgatá-los). Sentiram-se incapazes, durante o primeiro mês, de desenvolver as atividades propostas pelo curso e dar conta do seu dia a dia como educadores. Me refiro a

estes, porque convivem comigo, mas sei de outros que não tiveram a persistência e a vontade de concluir esta formação maravilhosa que estamos concluindo.

Hoje, ao sentar para escrever este relato sobre o curso, tenho a certeza de que foram muito valiosos os sábados, domingos e outros dias, nos quais fui dormir de madrugada para conseguir ler e assistir os materiais disponíveis, os quais já tenho todos impressos, porque já os utilizei bastante. Com este aprofundamento na história dos povos afrodescendentes, embora já trabalhássemos na escola, pude ampliá-los, enriquecendo as reuniões pedagógicas e desenvolvendo atividades junto aos educadores e educandos. Esta riqueza não acrescentou somente na minha formação, mas, sim, no desempenho das outras colegas da rede, enquanto educadoras, que apresentaram trabalhos diferentes na *Mostra de Trabalhos 2010*, que aconteceu no CTG Rancho da Saudade. Óbvio que o município de Cachoeirinha já desenvolve as Leis 10.639/03 e 11.645/08, há alguns anos, através dos GTs.

Quanto às minhas expectativas com o curso concluído, já tenho definidas algumas tarefas para o ano de 2011: permanecer com o grupo de dança que formamos neste ano, organizar oficina para utilização dos materiais de percussão e permanecer enriquecendo as reuniões pedagógicas com assuntos referentes à *Cultura Afrodescendente*.

Quero parabenizar pelas referências bibliográficas que nos ofereceram, acervo que ficará registrado para futuras consultas. Também adquiri vários exemplares sobre o assunto em estudo.

Felizmente, junto a este ano especial de acontecimentos, aprendizagens e realizações pessoais, também recebemos vários exemplares do FNDE pertinentes ao tema em estudo.

Ao concluir o curso e este relato, posso afirmar que iniciei esta caminhada com uma maleta de mão e, hoje, está muito carregada, necessitando transpor os conhecimentos para uma imensa mala.

Parabenizo toda a equipe responsável pela formação e agradeço pela oportunidade oferecida aos educadores da região metropolitana e municípios vizinhos.

Nara Santos Bueno<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> Professora das Redes Municipal e Estadual de Cachoeirinha.

Porto Alegre, 27 de novembro de 2010

A/C da Prof<sup>a</sup>. Véra Neusa Lopes

Olá,

Esperando que esteja tudo bem com você, lhe escrevo esta carta para partilhar algumas das impressões, comentários e opiniões sobre o curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* que estou concluindo.

Fiquei sabendo sobre este curso através de um ofício da SMED/PA que foi encaminhado para a escola onde trabalho. Desde o início fiquei muito interessado em realizá-lo; o título do curso me chamou muito a atenção, principalmente a palavra *aplicáveis*, que me remeteu à ideia de ação concreta, práticas efetivas para a sala de aula. Outra coisa que me chamou muito a atenção foi a possibilidade de realizar o curso a distância, oportunidade rara de formação continuada para quem como eu tem 60 horas semanais de docência.

Já estudo a temática há algum tempo como forma de tentar sanar as lacunas que ficaram do tempo de graduação, uma vez que especificamente estes conteúdos não foram abordados.

Iniciei o curso com muitas expectativas de que o mesmo poderia enriquecer significativamente o acervo de recursos pedagógicos, metodologias e estratégias para abordar a questão em sala de aula.

Acredito que cursos como estes são mais do que necessários no contexto educacional contemporâneo, são atualmente fundamentais para repensar a prática docente diante da diversidade crescente e complexa de nossas escolas.

No entanto, agora que a jornada deste curso está chegando ao fim, devo confessar que fiquei tanto com aquele gostinho de quero mais quanto um pouco decepcionado com o desenrolar do mesmo. Sei que é uma situação paradoxal, mas é assim que me sinto.

Obviamente acresci novos conhecimentos a minha formação, atualizando e conhecendo novos conceitos e conteúdos ligados

à temática, mas acredito que poderia ter sido mais enfático o aprofundamento nos conteúdos relacionados aos conhecimentos afro-brasileiros. Por ser professor de História, e como já disse, autodidata na questão, esperava mais densidade, tanto horizontal quanto verticalmente, nos estudos realizados. Claro que sei que isto é complicado de efetivar, uma vez que o curso se dirigia a um universo amplo de docentes com formações diversas.

Outra questão que me preocupou durante a realização do curso foi a falta de retorno das atividades realizadas. Fizemos uma série de tarefas, com dedicação e afinho e, no entanto, não tivemos comentários e observações sobre as mesmas. No início do curso foram divulgados alguns conceitos, mas comentários efetivos de forma a analisar os trabalhos realizados não foram partilhados entre alunos, tutores e professores, o que acredito foi um fator de desmobilização.

Acreditava também que o curso oportunizaria a construção coletiva de práticas pedagógicas efetivas para aplicação em sala de aula. Acredito que muitas foram construídas, mas, no entanto, não partilhadas sistematicamente entre os discentes do curso.

Apesar destas críticas, as quais realizo de forma construtiva, a avaliação geral do curso em minha opinião é bastante satisfatória. A simples oferta, efetivação e conclusão do mesmo, atendendo diversas redes educacionais, bem como um amplo universo de professores, deve ser considerada uma vitória e um marco nas discussões acerca dos conhecimentos e valores civilizatórios afro-brasileiros em nossas escolas.

Particularmente, o curso me ofereceu diversas possibilidades: primeiramente, a experiência de um curso a distância que demanda disciplina, dedicação e empenho por parte do participante; em segundo lugar a construção de novos conhecimentos e experiências a serem utilizados no cotidiano escolar. Ainda foi a oportunidade de trocar vivências com educadores de diversas redes, com particularidades e idiossincrasias próprias.

Em minhas salas de aulas sempre procurei apresentar aos alunos a riqueza das concepções ligadas à diversidade cultural dos seres humanos. Tenho a certeza de que o curso contribuiu para aprimorar ainda mais esta perspectiva e ainda ampliá-la para uma abordagem institucional de projeto de escola.

Como eu disse, fica o gostinho de quero mais, mais debates, mais conhecimentos, mais experiências, mais práticas, mais encontros, etc. Por agora, me despeço, mas com a certeza de que, na circularidade do mundo, voltaremos a nos encontrar em outros espaços para uma vez mais partilharmos a maior aventura que se pode imaginar: conhecer e respeitar a diversidade da humanidade.

Paulo César Estaitt Garcia<sup>27</sup>

Observação: esta carta foi escrita na *pracinha* do meu prédio, olhando meu filho brincar com crianças de todas as raças/etnias. Que bom seria se todos tivessem o olhar acolhedor de uma criança.

---

<sup>27</sup> Professor da Rede Municipal de Porto Alegre.

Porto Alegre, 30 de novembro de 2010

Às pessoas que viabilizaram o Curso

Como começar essa carta? Pensei muito e não consigo expressar o que sinto. Talvez não racionalizar tanto e deixar acontecer as palavras.

Vou contar um pouco de mim, o que pode trazer uma maior compreensão do quanto esse curso me envolveu e apaixonou, mesmo tendo feito aos trancos e barrancos devido a vários imprevistos, além de não participar da comunidade escolar.

Sou paulista, tenho uma filha negra e conheço bem o que é o racismo. Alguns episódios não esqueceremos jamais, como quando a primeira vez que a levei ao dentista e ele perguntou-me se ela era adotada; quando ela atendeu a porta e pediram para chamar sua patroa; quando o zelador novo do prédio não a deixou entrar pela porta social; quando eu estava grávida ao lado do pai de minha filha e um garoto no ônibus cedeu-me seu lugar e sua mãe o repreendeu, dizendo: *Olha com quem ela está!*; quando esperamos ser atendidos em restaurantes por muito mais tempo antes dos casais brancos. São tantas as situações que poderíamos escrever um livro. Tudo isso gerou em mim um grande medo quando vim para o Rio Grande do Sul; afinal aprendi que aqui é a Europa brasileira. Não havia negros, o que me fazia pensar o que mais eu teria que enfrentar.

Quanta ignorância! Foi aqui que me constituí como sujeito, fiz uma faculdade, uma pós, encontrei amigos, iniciei meus estudos sobre as questões raciais e conheci uma comunidade negra consciente e engajada.

No início do curso, acreditei que iria acrescentar um pouco mais a tudo o que eu já havia lido. Outro engano! Foram mostrados novos olhares, novas formas de estudo, perspectivas que não havia pensado e uma imensa troca entre as pessoas, o que considero o ponto mais positivo.

Ter a certeza de não estar só e perceber que tem muita gente trabalhando e tentando mudanças trazem um ânimo e esperança redobrada. O curso criou uma rede, uma união entre pessoas com um objetivo bem definido. O que posso dizer? Agradecer? É pouco, pois acredito que é uma vitória de todos nós que estivemos envolvidos nesse processo. Nossa responsabilidade é imensurável, fazemos parte de algo grandioso que só está começando. Sinto-me forte, sinto-me capaz de promover mudanças, sinto pertencimento.

Estou feliz.

Obrigada.

Telma Almeida da Silva<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> Educadora e oficinaira.

## 2.4 AOS PROFESSORES E TUTORES

Cachoeirinha, 29 de novembro de 2010

Aos organizadores, professores, coordenadores, palestrantes e tutores do curso.

Participar do curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* foi um grande desafio que trouxe uma grande satisfação pessoal. Considero que foi um grande desafio porque, quando estamos há algum tempo sem estudar, perdemos um pouco a prática. A falta de tempo, o ritmo de vida corrido que a maioria dos professores leva fazem com que deixemos um pouco a atualização, a formação de lado, em segundo plano. Mas o desafio de participar de um curso tão rico e tão *provocador* (acho que este termo define bem o curso, pois fomos constantemente instigados e provocados a repensar nosso fazer pedagógico, nosso modo de pensar e de agir) deu o gás necessário para seguirmos em frente e nos dedicarmos o máximo possível à realização das tarefas. Através deste curso, pude repensar várias atitudes diárias que tomava em sala de aula, ao mesmo tempo em que me dava conta de que muitas das ações pedagógicas que já realizava são significativas para a aplicação da temática História e Cultura Afro-Brasileira. O tipo de avaliação que sempre privilegiei, a forma como sempre busquei tratar o tema vão ao encontro da proposta do curso. Ele me ajudou a enriquecer mais o meu fazer pedagógico e me fez ver que estou no caminho certo no que diz respeito a uma educação antirracista.

Uma das grandes dificuldades de se trabalhar a Lei 10.639 é a escassez de material sobre a temática. Ao nos oferecer um material riquíssimo, incluindo vídeos, sugestões de filmes e livros e os excelentes textos preparados especialmente para nós, o curso nos possibilitou ter

material de ótima qualidade tanto para utilizar em sala de aula quanto para que o socializemos com nossos colegas. A qualidade dos textos e das discussões e os trabalhos propostos, muitas vezes bastante exigentes, possibilitaram o alto nível do curso.

Muito mais do que o saber teórico, porém, o curso me proporcionou vivências que eu nunca tinha imaginado, como a aproximação etnográfica, por exemplo. A visita que fiz junto com minhas colegas de curso e de escola a uma comunidade quilombola (Quilombo Chácara das Rosas, em Canoas) foi uma pesquisa de campo interessantíssima, onde pudemos conhecer a realidade desta comunidade, com suas dificuldades e suas vitórias, e onde pudemos conhecer de perto um pedaço da nossa própria história. A participação nas aulas presenciais também foi muito significativa, pois, além da aprendizagem propriamente dita, pude conhecer pessoas que estão preocupadas com a temática, pesquisando-a e divulgando-a no meio acadêmico.

Além de todo o conhecimento adquirido e todas as experiências vividas graças ao curso, também quero ressaltar que esta foi minha experiência em um curso a distância. E posso dizer que não me decepcionei; ao contrário, me surpreendi com sua organização e seu nível de exigência. Ainda há certo preconceito contra cursos a distância, de que estes são fracos e desestimulam os alunos, mas o curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* mostrou o contrário, seja pela forma de abordagem do assunto, seja pelo incentivo dos tutores, seja pela própria temática. E as aulas presenciais colaboraram também para manter o interesse no curso.

O mais difícil, porém, está por vir agora: aplicar no cotidiano escolar todo o conhecimento adquirido. E a dificuldade não está somente na sala de aula, mas na sala dos professores, no refeitório, na biblioteca, em todos os ambientes de aprendizagem. Acredito que cada um dos cursistas tem uma longa missão pela frente, um trabalho árduo de tentar mudar uma realidade já enraizada de preconceito e discriminação e *fazer acontecer*, de fato, a implementação da temática. O curso não só nos ofereceu o conhecimento, mas nos tornou multiplicadores desta temática tão importante, mas muitas vezes relegada a segundo plano nas instituições de ensino.

Quero finalizar agradecendo a todos os que possibilitaram a realização deste curso e desejando que a UFRGS continue nos proporcionando mais projetos como estes.

Ana Paula Andrioli Taday<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> Professora da Rede Municipal de Cachoeirinha.

São Leopoldo, 30 de novembro de 2010

À Tutora Lisandra Machado

Acredito que estamos num processo de mudança de paradigmas na educação e na sociedade, onde é necessário verificarmos as falhas históricas no processo de inclusão da História e da Cultura Africana, bem como as questões de reconhecimento formal da participação do negro na formação cultural do País. Para isso, faz-se necessária uma mudança de visão dos professores, uma atualização dos conhecimentos e uma reciclagem de conceitos e valores que muitos ainda possuem em relação às questões afro-brasileiras. Para que isso ocorra, não depende apenas dos professores, mas de uma ação mais efetiva das secretarias de educação, promovendo cursos, não apenas para quem tem interesse, mas para todo o corpo docente de seus municípios. Conhecer o assunto, apoderar-se do conhecimento sobre a história e a cultura afro-brasileira, isto é que fará a diferença para que todos possam compreender e querer retransmitir o conhecimento adquirido, impedindo que mais distorções continuem acontecendo.

Devemos entender a importância da contribuição do negro para o desenvolvimento da nação brasileira, assim como foi importante a contribuição dos europeus e asiáticos. É preciso que conheçamos as diferentes histórias e a importância de cada uma dessas contribuições, evitando assim a hegemonia.

Considero também importante lembrarmos os erros ocorridos para evitarmos que novos erros sejam cometidos, lembrando que não há a supremacia de uma raça ou nação sobre a outra, mas, sim, lembrar que cada uma dentro da sua composição cultural, social, política e religiosa é igualmente importante.

O curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* ofereceu subsídios importantíssimos para alavancar uma implementação da Lei 10.639/03 nas escolas.

Analisando o curso em EAD – *Procedimentos Didático-Pedagógicos*

*Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* primeiramente considero que ofereceu-nos um vasto material pedagógico, mas que, de certa forma, em um curto espaço de tempo não foi assimilado como deveria. Constituiu-se de um material muito rico e que estará disponível para ser utilizado ao longo do processo de implantação do tema nas escolas. Outro ponto a citar, e que considero importante, é a questão do curso ser a distância. Será que o curso em EAD não prejudicou as relações étnico-raciais e o convívio que poderia ter sido desenvolvido se fosse menor, mas presencial? Não teria sido mais eficaz e rico? Considero que tal tema teria tido muito mais resultado se, por exemplo, ao invés de assistirmos aos documentários sobre os Quilombos, a organização do curso tivesse montado uma saída de campo para que tivéssemos de fato contato e troca de experiência, para podermos fazer o mesmo com nossos alunos, tornando este fato uma vivência real e não imaginária.

Apesar de todas as considerações acima, a possibilidade de ter acesso a todo o material, aos estudos, fóruns de discussão e encontros presenciais, o curso fez com que eu mudasse a minha visão em relação às questões de discriminação. O que antes eu acreditava não mais existir, posso agora, a partir de análises das situações, verificar como em alguns lugares ainda é muito forte.

Com o suporte teórico, passei a compreender melhor a história das relações étnico-raciais e as situações de discriminação de forma a intervir com mais conhecimento. Percebo, também, que a minha prática em sala de aula já está se modificando. Como minha disciplina é muito rica e abrangente, é a disciplina de Arte, tenho condições de realizar trabalhos muito ricos baseados na cultura africana, onde os alunos aos poucos vão descobrindo a riqueza deste continente e o legado que nos foi trazido.

Gostei muito do material com sugestões de atividades e registros. Muitas vezes realizamos projetos que nos parecem sem importância, então passam despercebidos. No momento que começamos a registrá-los, a montar um portfólio de atividades, percebemos nossa trajetória e a riqueza do que foi desenvolvido, podendo assim ser transmitido e aplicado de forma mais concreta e abrangente. É a valorização das experiências cotidianas no ambiente escolar e que podem, sim, ser divulgadas, não só dentro da escola, mas na comunidade.

Com o curso, passei a observar também que na nossa comunidade existe uma grande representação da cultura afro-brasileira, como no Terreiro de Umbanda, no Grupo de Pagode (muitos dos nossos alunos fazem parte) e a Escola de Samba Império do Sol. Enfim, meu olhar mudou, está mais voltado para a temática.

Embora minha expectativa no início do curso fosse diferente, pois acreditava que ele fosse mais simples por se tratar de um curso de extensão, e não de especialização, considero que foi muito rico para a transformação de consciência e também disponibilizou um material didático muito forte em conteúdo. Porém, devo deixar registrada minha reclamação em termos de acompanhamento. Diversas vezes me senti desorientada, solicitei auxílio e não obtive o retorno desejado. Quem muitas vezes deu retorno foi o tutor local e colegas com quem eu entrava em contato para trocar informações. A plataforma também deixou a desejar: por vezes dizia ter disponibilizado material, mas o material não estava acessível ou, então, apresentava as propostas muito em cima do prazo, o que dificultava a realização das tarefas.

Considero o curso muito importante pelo seu tema e espero que possa ser oferecido para toda a rede de ensino, de modo a dar subsídios a todos os professores. Porém acredito que deva ser reestruturado, de forma que fique mais acessível e menos pesado, para evitar o abandono ao longo do período.

Anelise Scherer de Souza Nunes<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> Professora da Rede Municipal de São Leopoldo.

Esteio, 22 de novembro de 2010

Distintos Tutores!

Foi com grande expectativa que participei do curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* – UFRGS; foi relevante para mim, pois ao longo deste curso ampliei meus conhecimentos sobre a cultura afro-brasileira e africana, baseando-me em autores que estudam sobre a temática e convivendo com os tutores e colegas do curso, estabelecendo trocas enriquecedoras. Além disso, acontecia a prática pedagógica na escola que muito contribuiu para que de fato meu aprendizado se consolidasse de maneira mais objetiva.

Toda educadora necessita buscar renovar suas ideias e qualificar sua prática docente e eu, como professora, procurei aproveitar ao máximo os ensinamentos que foram desenvolvidos. Os conhecimentos adquiridos tentarei compartilhar com meus alunos, mostrando a importância dessa nova realidade que se coloca diante de nós.

Este curso representou para mim o começo de uma nova caminhada, ou seja, o marco inicial para outra perspectiva sobre as africanidades, a diversidade cultural e a igualdade de direitos que todos almejam e devem ter.

O curso foi muito interessante e prazeroso, embora tenha exigido um esforço enorme para superar os desafios, devido à exiguidade do tempo que eu dispunha. Contudo, superando esses limites, o resultado foi plenamente satisfatório. No entanto, fica a expectativa de ter alguns artigos publicados e, quem sabe, a oportunidade de fazer um mestrado na temática.

Diante de tudo antes mencionado, quero concluir parabenizando a todos que de uma maneira ou de outra colaboraram na implantação e na aplicação exitosa deste curso, e, diga-se de passagem, foram competentes na multiplicação desse conhecimento.

Um grande abraço.

Audrei Lehdermann Silveira<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> Professora da Rede Municipal de Esteio.

Novo Hamburgo, 20 de dezembro de 2010

Caríssimos professores de curso,

É com imenso prazer que quero cumprimentá-los e também parabenizá-los pelo sucesso do curso oferecido por esta instituição de ensino. É, como disse o professor Paulo Sérgio, chegamos ao fim e com certeza estamos saindo deste curso muito diferentes, mexidos com tudo o que ouvimos, vivenciamos e estudamos. Nas escolas, lugar onde precisamos implementar a Lei 10.639, é como disse o professor Paulo, não somos impedidos, mas, por outro lado, também não se tem o apoio necessário. Contudo, encaremos os obstáculos como desafios a serem vencidos e que cada pedra no caminho seja um estímulo para seguirmos em frente.

Obrigada pela oportunidade de estar em contato com pessoas de outras realidades e assistir a pessoas maravilhosas que enriqueceram o trabalho desenvolvido por este corpo docente, compartilhando seu conhecimento, suas experiências.

Muito obrigada!

Carla Rosane C. Bezerra<sup>32</sup>

---

<sup>32</sup> Professora da Rede Municipal de Novo Hamburgo.

Novo Hamburgo, 28 de novembro de 2010

Prezado professor Paulo Sérgio da Silva,

É com grande prazer que lhe escrevo esta carta para deixá-lo ciente de minha satisfação ao concluir o curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*. Sou professor do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos, em uma escola municipal de Novo Hamburgo. Ao ingressar nesse curso, tive a expectativa de perceber como se daria de forma efetiva o cumprimento das Leis 10.639/03 e 11.645/08, já que estudo a literatura de países africanos, principalmente Angola. Minha pesquisa, desenvolvida no PPG de Letras da UFRGS, teve início durante o Mestrado e tem continuidade agora no Doutorado. Por isso, ter conhecimento das questões relacionadas à aplicabilidade dessas leis no cotidiano do ensino no Brasil vem ao encontro do que estudo. Vivenciar o contexto da história africana, não somente baseado no regime escravocrata, mas numa visão mais aprofundada da beleza que há na história dos povos desse continente foi o que, desde que comecei minha pesquisa, sempre percebi faltar dentro do currículo escolar. Há sempre uma prevalência da história baseada no olhar europeu, que vê somente a eterna relação da África com a escravidão e nada mais, como se não houvesse um contexto histórico anterior a esse evento. Então, quando me foi ofertado participar desse curso, através da escola, nem tive dúvidas de que deveria participar e ver como seria tratada a questão da história e dos valores africanos. Nesse sentido, fiquei bem feliz ao perceber um curso que se voltava para dar visibilidade a uma história rasurada pelo olhar do europeu. A valorização desse passado, de impérios e conquistas, demonstra que é preciso que os negros tenham orgulho de sua etnia que, ao contrário do que foi apregoado durante anos, não nasce calcada na servidão e na submissão. Ao contrário disso, há uma história de glórias e de grandes conquistas da qual devem se orgulhar.

Portanto, o meu parecer sobre o curso se dá de forma positiva, apesar de muitas vezes ter achado que eram solicitados trabalhos em excesso e muitas leituras, sem levar em conta toda uma carga de trabalho e de estudo dos participantes do curso. Mas, apesar da sobrecarga (Doutorado e trabalho na escola), consegui me dedicar ao curso e extrair ensinamentos que me vão acompanhar, tanto na minha vida profissional quanto na pessoal. Ter estado em contato com variados objetos de aprendizagem proporcionou-me uma ampla visão da forma de ensinar. Acrescente-se a isso as problematizações a respeito da avaliação, que sempre se torna um fardo para o professor, mas que, após as leituras, percebo que depende muito de como se concebe esse momento avaliativo e dos critérios que se elegem para avaliar.

Assim, ao concluir esse curso, sinto-me melhor preparado para trabalhar pedagogicamente a história e a cultura afro-brasileira, não só no que se refere ao embasamento da história, mas também na questão de como avaliar, de como propor trabalhos, de como incluir a temática no cotidiano das aulas de Língua Portuguesa, sem cair nos equívocos do senso comum. Além disso, agora tenho um conhecimento mais aprofundado para discutir tais questões com meus pares e com a direção da escola, problematizando a inserção da temática no fazer cotidiano de toda a instituição escolar, não somente nas aulas de Língua Portuguesa e de História. Enfim, posso dizer que concluo o curso tendo a certeza de que dele extraí o melhor e de que essa aprendizagem vai aprimorar a minha pesquisa, o meu fazer pedagógico e o meu cotidiano.

Um abraço.

Carlos Batista Bach<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> Professor da Rede Municipal de Novo Hamburgo.

Alvorada, 24 de novembro de 2010

Ao Bruno Zarzana Lopes,

Através desta carta educativa, manifesto minha satisfação em ter participado do curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*. Este foi o primeiro curso que fiz em EAD e, portanto, uma nova experiência na minha formação profissional, por sinal com uma grande dificuldade inicial. Contei com o auxílio do colega da SMED e tutor local, Bruno Zarzana Lopes, que contribuiu para que obtivesse êxito, nos momentos de realizar as leituras, tarefas e postagens, mas também no sentido de compartilhar nos grupos as discussões que eventualmente a tutoria local promovia nos intervalos de turno ou no polo, no Florestan Fernandes.

O curso proporcionou-me um subsídio muito grande, para que nós, educadores, nos posicionemos cada vez mais em relação ao combate ao preconceito racial e outras formas de discriminação que se manifestam ainda no cotidiano escolar. Graças ao curso, reforcei mais ainda que não posso continuar com essa inverdade de que somos um povo sem preconceitos e sem discriminação, uma verdadeira democracia racial com uma educação que reconhece cada cidadão com os mesmos direitos. Infelizmente isto ainda é uma inverdade em nosso país. Vivemos há tanto tempo tentando convencer-nos de que somos um povo sem discriminação, preconceito, racismo, com democracia racial, um país multirracial e plural, mas que na prática ainda rejeita as pessoas por sua condição social, política, sexual e de raça. Além do mais, se não tivéssemos este problema, por que fazer uma Lei, a 10.639/03, para ensinar uma história que é, sem dúvida, parte do Brasil?

O curso proporcionou condições para que eu como educadora percebesse a importância, ainda mais, do desenvolvimento de projetos interdisciplinares envolvendo a temática e que estes são fundamentais para a construção de um aluno-cidadão mais consciente e menos preconceituoso.

Percebo que, graças ao curso, houve um avanço substancial da nossa rede municipal em relação à temática, com uma grande gama de trabalhos produzidos pelos educadores, desenvolvidos no cotidiano escolar. Outro fator importante foi o apoio que o Espaço da Diversidade da SMED deu ao curso e à temática, já que os responsáveis desenvolveram, em diversos momentos deste ano letivo, seminários, fóruns e outros tipos de atividades desencadeadoras.

Cito, para exemplificar, o II Seminário Alvorada em Africanidades, onde dobrou este ano o número e a qualidade de trabalhos apresentados pelos educadores. Também, em consequência do curso, destacamos que o nosso município apresentou trabalhos na Casa de Angola/Bahia, atividades desenvolvidas por educadores da rede no cotidiano escolar. Saliento também que no mês da Consciência Negra tivemos inúmeras atividades culturais, destacando, entre outras, a África Nação, que mostrou, através da música de percussão da Nação Periférica e Afro Reggae, a resistência e cultura do afro-brasileiro.

No meu caso, me senti realizada, já que estou no momento trabalhando no PIM (Primeira Infância Melhor), onde a temática veio somente a acrescentar, pois é na mais tenra idade que podemos desfazer os diversos tipos de preconceitos e por, também, com o projeto, atingirmos diretamente as famílias, já que trabalhamos com uma faixa etária de 3 a 5 anos – crianças que ainda não estão na escola formal.

Desta forma, parablenizo a UFRGS/DEDS, seus coordenadores e demais envolvidos, que, de certa forma, fizeram a diferença, oferecendo esta oportunidade aos professores da rede, envolvendo a comunidade escolar, para que todos tenham o conhecimento da lei que favorece a valorização de História e Cultura Afro-Brasileira no cotidiano escolar.

Christine Pacheco<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> Professora da Rede Municipal de Alvorada.

Sapucaia do Sul, 30 de novembro de 2010

Prezada Tutora Rute Sena

Hoje, não tenho palavras para demonstrar o que representou pra mim fazer parte do processo de adaptação de minha escola ao incluir a temática étnico-racial nos planos de estudos e documentos oficiais da instituição.

Todas as minhas expectativas foram alcançadas, pois absorvi dos encontros e do material impresso muitas coisas que hoje podemos usar no dia a dia, fazendo-me multiplicadora de saberes e conhecimentos para os colegas que, infelizmente, não puderam participar dessa formação.

A partir da conclusão do curso, estou preparada para orientá-los numa construção de metodologias que propiciem pôr em prática a Lei 10.639.

Acho que no desenrolar do curso fui boa aluna e meu conceito em relação a este deve ser A, pois a minha aplicação pela busca de conhecimentos, em determinados momentos, foi exaustiva, porém sempre encontrei na plataforma e nos materiais tudo o que precisei para o meu sucesso nessa formação.

Gostaria de participar de outras formações, tão interessantes, importantes e produtivas quanto essa.

Cristina de Souza Cápela<sup>35</sup>

---

<sup>35</sup> Professora da Rede Municipal de Sapucaia do Sul.

Porto Alegre, 21 de novembro de 2010

Professor Márcio Malavolta

Olá, professor Márcio, como vai? Eu estou bem, aliviada por estar concluindo este curso que tomou boa parte do meu tempo este ano, mas que, por outro lado, me fez crescer como gente e profissional.

Através desta carta, gostaria de lhe agradecer pela atenção dispensada. Tive raríssimas oportunidades de contato pessoal com os colegas e você foi meu elo com o curso e meu apoio nos momentos de dúvida.

Participar deste curso significou descobrir-se sempre em desenvolvimento, reconhecer-se inacabada. Considero esse reconhecimento de extrema importância para qualquer profissional da educação. Também significou muito estudo. Antes de iniciá-lo não sabia muito bem do que se tratava, já que obtive a oportunidade de participar através de um sorteio. E olha que nunca ganho nada. Confesso que ao *ganhá-lo* não dei valor para meu *prêmio*, mas que ao longo do curso fiquei feliz pelos aprendizados que fiz, embora, por vezes, tenha reclamado da demanda de leituras e trabalhos. Consegui postar tudo na data, exceto um trabalho que estava pronto e só esqueci de postar no dia, enviando-o no dia seguinte.

Agora, mais para o final, já estava cansada e ainda faço um pós paralelamente, o que contribuiu para minha exaustão. Mas como sempre gostei de estudar, passei pelo processo de empolgação. Li, refleti e aprendi muito. Na medida do possível, compartilhei com colegas interessadas ou nem tanto, já que às vezes falo demais. Até na minha casa, com o meu marido, os estudos do curso foram assunto de longas conversas.

Uma das coisas que me deixaram satisfeita foi ter aprendido um pouco da verdadeira história dos negros e da África, algo que não tive no tempo de escola. Aprendi conceitos e passei a ver algumas coisas com outros olhos: nossa formação inicial e continuada, nossa formação na escola, na sociedade.

Neste ano trabalhei com uma turma de Maternal I e, portanto, tinha uma colega de sala, muito interessada em aprender sempre mais. Conversávamos muito e surtiu efeito, tanto no trabalho com a cultura afro quanto com a cultura indígena, visto que os assuntos, em alguns momentos, se entrecruzam. Nossos alunos, mesmo que pequenos, se envolveram nas atividades, e nós fizemos questão de ensinar às crianças a se aceitarem e se valorizarem, independentemente da cultura à qual pertencem.

Eu sou de origem alemã e minha colega de origem afro e utilizamos nossa diferença para enriquecer nosso trabalho cotidiano em sala de aula, ainda que este trabalho, muitas vezes, não fosse visível aos olhos de todos. Nessa última semana até me emocionei. Montamos um projeto de valores civilizatórios afro-brasileiros e indígenas, confeccionamos instrumentos musicais e trabalhamos a percussão corporal. Alguns alunos, sem que pudéssemos esperar, começaram a tocar música com seus pequenos corpos, inclusive uma aluna que necessita ser bastante estimulada para progredir. Nota-se nela principalmente maior confiança e alegria em relação a si própria.

Também realizamos uma hora do conto com as mães, em que contei a história *Bruna e a Galinha d'Angola*, solicitando que quem pudesse confeccionasse um boneco ou boneca com as características da criança. Uma mãe fez com a ajuda da criança uma boneca e também a galinha. Ao perguntarmos o nome da boneca, a criança respondeu: – É a Bruna. Ué! Ou seja, a história, antes abstrata, tornou-se real e talvez inesquecível para ela.

Também conversei com a equipe diretiva a respeito do curso, dando algumas ideias sempre ouvidas com atenção. Pretendo passar boa parte do material para apoio e estudo na escola para quem se interessar.

Sobre o curso, a única coisa que posso dizer de ruim é que foi trabalhoso em alguns momentos. Mas acho que ficou bem organizado, a plataforma de fácil acesso e com caminhos simples. Os conteúdos foram riquíssimos e de fácil compreensão. Inclusive os textos transformados em lâminas ajudaram bastante, principalmente quando o tempo estava curto e a lista de textos para ler estava grande. Também gostei dos vídeos. O vídeo do escritor Kabengele Munanga e aqueles sobre o Censo em países como o Brasil, a Argentina, o

Equador e o Panamá. Algumas falas foram muito interessantes e subsidiaram em vários momentos minhas reflexões.

Além de agradecer, peço-lhe desculpas. Tenho consciência de que os últimos trabalhos poderiam ter sido melhores, mas não consegui mais. Com o término do curso, é hora de descansar e comemorar pelo fim, mas também por ter utilizado o tempo em algo verdadeiramente útil. A partir de agora, mãos à obra para pôr em prática o que aprendemos e passar adiante nossas aprendizagens.

Como já estamos perto do fim de ano, desejo-lhe um excelente fim de ano, um Feliz Natal e sucesso na vida e no trabalho.

Atenciosamente,

Daiane Breitenbach<sup>36</sup>

---

<sup>36</sup> Professora da Rede Municipal de Cachoeirinha.

São Leopoldo, 7 de dezembro de 2010

À tutora Lisandra

Realmente foi uma grande oportunidade poder fazer este curso. Acho que todos os professores precisam fazer uma formação sobre este assunto, pois o conhecimento que adquirimos, as vivências e a troca de experiências foram muito significativas. Acredito que quando temos maior domínio sobre determinado tema seja com certeza mais fácil de trabalhar em sala de aula.

Minhas expectativas ao iniciar o curso eram de curiosidade e de que eu aprenderia como trabalhar a temática em sala de aula. Com o curso concluído e o conhecimento que adquiri, pude preparar aulas utilizando ideias e conhecimentos que tive aqui. Na minha vida pessoal sinto-me mais preparada para discutir o assunto, principalmente com pessoas que têm preconceito, tanto em relação à história e à cultura africana e afro-brasileira quanto em relação ao negro. Profissionalmente tenho mais conhecimento e, dentro das minhas escolas, estou permanentemente levantando o assunto, incentivando professores que ainda estão travados e cobrando da direção que cumpra seu papel, oportunizando formações para os professores e ajudando no que é preciso para termos dentro da escola uma situação em que a temática seja uma constante em todos os espaços escolares.

Meu parecer em relação ao curso é que tivemos muito material disponibilizado, aulas práticas e professores sempre à disposição, pois recorri mais de uma vez a meus tutores, tanto presencial quanto a distância, e fui ajudada.

Daniela Defferrari<sup>37</sup>

---

<sup>37</sup> Professora da Rede Municipal de São Leopoldo.

Canela, 30 de novembro de 2010

A Professores e Tutores,

*O saber é uma luz que existe no homem. É herança de tudo aquilo que nossos ancestrais puderam conhecer e que se encontrara latente em tudo que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua mente.*

Amadou Hampâte

Esse pensamento tem muito a ver comigo. Quando criança me perguntava: Por que será que tenho cabelos diferentes???? Por que o sol queima tanto a minha pele? Por que na escola sou a única diferente? E, ainda por que fico triste quando vejo as outras crianças chamarem umas às outras por apelidos? *Negra preta* me doía tanto. Hoje percebo que desde minha tenra idade já me preocupava com as pessoas mais humildes e, em especial, com os descendentes afros. Já estava no meu sangue; sem saber me vestia e me penteava como uma criança africana, mesmo vivendo no meio de alemães e italianos. O tempo foi passando, chegou a adolescência, fui me descobrindo como mulher negra. Sempre observava que nos lugares que frequentava não havia outras moças negras, se muito alguém amarela. Terminei o ensino médio, agora sou professora do Ensino Fundamental, a única formada na escola naquele ano e nos demais que não de se seguir. Sempre tive queda para ciências humanas em especial Geografia e História. Por força do destino, lendo um jornal, me deparo com o curso de Geografia em franca expansão na cidade de Caxias do Sul e, nesse meio tempo, uma colega me pede para ir com ela fazer a sua inscrição para o vestibular nessa distante cidade. Novamente acontece algo inusitado: inscrevo-me e passo no vestibular e minha colega não. Quando ouço meu nome pelo pequeno radinho de pilha, ligado na cozinha, fico emocionada e inicio minha caminhada acadêmica em 1º de março de 1990 na UCS. Me sinto tão nervosa que chego a não

ter mais saliva na boca, procuro minha sala, entro. Somos uns 80 na mesma sala, o professor entra, se apresenta, fala de sua disciplina, seu método de avaliar. Toca o sinal – intervalo. Alguns saem, outros ficam, eu fico sentada inerte, paralisada, faço minha primeira amizade, uma italiana de cabelos pretos magrinha conversa comigo, respondo rápido. Essa seria minha grande amiga de todo meu curso, apesar de eu ser da Educação e ela do Direito. Renata era seu nome. Descendente de italianos, ela morava num bairro tradicional e numa casa tradicional, de telhado bem alto e porão, com uma grande família: ela era a caçula. Renata me ensinou a pegar os ônibus para a universidade, os pontos, os horários, e até a sentar atrás e a sair sem pagar para economizar o dinheiro para fazer um lanche no barzinho e assim poder participar das animadas conversas dos garotos do DCE. Fizemos amizade com eles, todas as gurias desejavam ser amigas deles, mas como minha amiga tinha um irmão que fazia Medicina e era amigo deles fomos aceitas na turma sem interrogações, e é nesse momento que conheço uma colega que participa do Movimento Negro do Rio Grande do Sul, ou algo parecido. Ela me falou sobre discriminação, racismo e me fez ver como acontecia através do trabalho e da educação. Poucos eram os negros que frequentavam a universidade e dentre esses poucos se formavam, muitos ficavam pelo caminho. Eram tantas as dificuldades que eles acabavam sucumbindo. Minha mãe em Canela era só felicidade, pois eu havia conseguido chegar onde ela sempre sonhou: primeiro, ser professora, depois, me qualificar no meu sonho – Geografia – e, como ela sempre me dizia, não precisaria sentar no colo do patrão para ganhar aumento, pois seria funcionária pública; seu sonho tornou-se concreto, obtive o crédito educativo, pude estudar e trabalhar, morando com meus avós até o final do curso em Caxias do Sul. Passei por momentos muito difíceis e um deles, me lembro bem, fazia um calor, era novembro, e eu tinha apenas dinheiro para fazer um lanche mínimo. Olhando um picolé pensei: se eu comprar uma água e o picolé, sobra dinheiro para o ônibus e fiz. Eis que passa uma colega e me diz: – Que sede que me deu vendo você comer esse picolé e tomar essa água, vou fazer o mesmo. Não sabia ela que eu só tinha dinheiro para o mínimo. Em 1994 termino a UCS, estou construindo minha monografia, sou aprovada e faço algo que jamais pensei: vou com minha paraninfa e mais sete colegas passar uma

semana em Buenos Aires de avião. Para alguém que nunca tinha saído de Canela, a capital argentina era um sonho; pois bem realizei um sonho que eu nunca havia sonhado. Agora é preciso trabalhar, volto a Canela e faço concurso público para professor, passo e começo a lecionar; novamente me sinto no céu, continuo lendo muito e começo a participar do Conselho Municipal de Saúde como conselheira. Na época o meio ambiente e a saúde eram um só; novamente me vejo frente a frente com as dificuldades dos menos favorecidos e, em especial, as populações afrodescendentes; começo a visitar os postos de saúde e a ver as longas filas para atendimento e quem está lá? Meus irmãos de cor; eles são a maioria, pobres e doentes. Nesse período, tenho a oportunidade de participar do Fórum Social Mundial em Porto Alegre e novamente me deparo com a mesma realidade: negros pobres e marginalizados começam a furtar e a matar. Começo a buscar mais informações sobre as origens do povo negro e assim, em 2000, faço uma pós-graduação novamente em Caxias do Sul, voltada para a colonização do Brasil e começo a encontrar minhas raízes, através dos livros do Prof. Mario Maestri e das colocações de uma professora fabulosa, a senhora Loraine Giron, doutora em História. Quando concluí minha especialização, criei o projeto na escola estadual na qual eu já trabalhava havia 5 anos, sobre a Lei 10.639/03. Nesse ano recebo de presente de minha diretora do noturno essa lei; entusiasmada por haver uma lei que me ampara a contar e a estudar a História da África e do Brasil, me lanço ao projeto mais audacioso de minha carreira. Juntamente com meus alunos adultos (EJA), montamos pequenas comissões de trabalho, temos o apoio de uma professora já falecida, Sra. Nina Rosa, uma militante política, e assim realiza-se o primeiro debate sobre africanidade nas dependências da Câmara de Vereadores de Canela: está criada a Semana da Consciência Negra da E. E. M. Danton Corrêa da Silva.

Para mim esse curso foi voltar ao passado, foi uma viagem no tempo onde eu pude descobrir e desvendar uma parte da história da minha própria família e me conhecer melhor; me fez ver que todo meu trabalho de formiguinha na cidade de Canela, esclarecendo meus alunos sobre seus direitos independentemente de raça ou cor estavam corretos. Ser forte, não me deixar abater pela inveja e os olhares de desprezo me fizeram ter força para construir a minha identidade; hoje

sou uma descendente negra com muito orgulho e faço questão de ser lembrada dessa forma. Todos já sabem na cidade que faço esse trabalho de valorização do povo negro, de resgate de sua autoestima; a cada nova turma que começa na escola no curso da EJA, no início do ano, já sou questionada se haverá, naquele ano, o projeto onde podemos falar de nos mesmos, de nossas famílias e de nossas origens; respondo sempre: –Enquanto eu lecionar História e Geografia nessa escola haverá comemoração da Semana da Cultura Negra, visando a oportunizar igualdade de direitos para todos, sempre valorizando as origens e a cultura de cada um.

Quando comecei o curso, desejava apenas adquirir informação que pudesse melhorar minha atuação na sala de aula; recebi isso e muito mais do que eu imaginava; fiz uma nova especialização, só que dessa vez em História e Cultura da África e do Brasil; aprendi e ganhei nesse curso meu resgate étnico e cultural. Pude compartilhar com minha família o que fui descobrindo, conheci até uns parentes de meu tio *Telmo Borges*, quilombolas, que eu nem sabia que existiam, depois de ter iniciado o curso. Hoje tenho muito material que posso utilizar, graças aos professores maravilhosos que tive a oportunidade de conhecer.

Concluído o curso de vocês, vou me dedicar a continuar estudando sobre a herança africana no Brasil e sua relação com a construção de nossa sociedade. Agora mais do que nunca quero me tornar a melhor professora de História e Cultura Africana da serra. Já estou fazendo um resgate de fotos antigas de pessoas negras que viveram na cidade de Canela, bem como das histórias que rondam sua passagem por essas terras.

Vocês, nobres professores, estão de parabéns pela riqueza de informações que disponibilizaram nos módulos de atividades. Os encontros presenciais foram maravilhosos, pois possibilitaram a socialização dos cursistas e a troca de experiências. Desejaria que houvesse um módulo onde nos pudéssemos construir um livro contando sobre as nossas descobertas durante o curso; um exemplo disso foi nosso trabalho de entrevista com uma personalidade negra da cidade, quando descobri a origem do apelido de *Telefone* do taxista conhecido. Devido à falta de transporte no bairro pobre onde ele morava, ele fazia as vezes de telefone: corria a pé do Canelinha até

o ponto de táxi mais perto para buscá-lo para a pessoa que estava necessitada desse meio de transporte e, dessa forma, ele ganhava a vida correndo, a pé de lá para cá. Hoje, adulto, é dono de seu próprio ponto de táxi e de seu táxi, mesmo tendo cursado somente até a 4ª série.

Deisi Maria Moraes Ferreira<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> Professora das redes municipais de Canela e de Gramado.

Gramado, 30 de novembro de 2010

Ao Paulo Leandro,

Gostaria de endereçar esta carta ao meu tutor Paulo Leandro, que esteve presente em todos os momentos importantes com seu grupo, em Gramado e nas demais aulas presenciais, sempre sério e compenetrado, respirando o tema e, inclusive, poetando sobre o mesmo.

Ao iniciar o curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, eu sabia menos do que sei agora sobre a África e não variava muito do lugar-comum: animais correndo pelas savanas, tribos de costumes diferentes com suas roupas típicas, enfim, imagens mostradas pelo cinema, muitas belas e outras muito trágicas. Alguns autores africanos que li mostravam uma diversidade cultural imensa no continente, mas também muito sofrimento e miséria de uma parte grande do povo. Claro que sei que em outros lugares existe miséria humana, incluindo o Brasil.

Podemos citar a África do Sul, como exemplo deste enorme continente, país rico e escondido para o resto do mundo durante muito tempo por conta do *apartheid*, que discriminou 75 % da população negra até meados dos anos 90, que começou a mudar com a eleição de Nelson Mandela. Johannesburg e a Cidade do Cabo são cidades ricas e lindas e vizinhas de outras paupérrimas. De qualquer maneira, hoje consigo ter um olhar mais aguçado para a África, o Berço da Humanidade.

Sempre senti necessidade/curiosidade de saber sobre a escravidão, os descendentes de africanos que vivem no nosso Estado, visto que, sobre eles aprendi menos do que sobre o povo indígena e muito menos do que sobre os alemães e italianos. Este curso me trouxe a oportunidade e eu com certeza tentei aproveitá-la para me aprofundar um pouco sobre temática tão rica.

Estudei um pouco mais sobre os africanos no Rio Grande do

Sul e soube que temos registro do povo negro vindo para cá como escravo desde 1725. Negros de vários lugares ficaram espalhados pelo território brasileiro. Alguns dos que chegaram aqui para trabalhar nos campos, nas cidades e nas charqueadas, conforme registro, tinham *cultura superior à Greco-Romana*, porém, ao serem espalhados, ficou impossível reconstruir a história que transformou nossa cultura profunda e permanentemente.

As guerras no Rio Grande do Sul são muito presentes na nossa história e os escravos tiveram participações muito importantes nelas. Contam os livros que muitos estancieiros, para impedirem o recrutamento de seus filhos, sobrinhos ou genros, mandavam até dez escravos para a guerra. Alguns ficaram famosos como os Lanceiros Negros, Marcílio Dias e João Cândido.

Após a guerra, muitos dos bravos negros sabiam que ao regressarem continuariam escravos, então se refugiaram em Corrientes, na Argentina, e até hoje seu legado cultural é conhecido, tendo como exemplo o famoso *candombe* celebrado no Dia de Reis.

Falamos no Rio Grande do Sul alguns termos de origem africana, como girau, cacimba, mondongo, matungo, sanga, etc. e ainda temos nas nossas comunidades, irmandades que cultivam suas festas e autos folclóricos como Moçambiques, Congadas e Quicumbis, coroando reis e rainhas como seus ascendentes faziam na África.

Em Porto Alegre existia um famoso terreiro de batuque onde hoje é o Parque da Redenção. Em Pelotas, onde os escravos sofreram tantos maus tratos, tem o carnaval tão popular, e foi onde nasceu o maior tambor carnavalesco do Brasil o – *sopapo* – forte e resistente, respondendo às pancadas produzindo ritmo, dança e alegria.

Nossa cultura gaúcha tem também lendas geradas pela escravidão que são a do Negrinho do Pastoreio, do Rio Cambaí, a lenda de Santa Josefa e a das Torres Malditas. Temos escritores como Simões Lopes Neto e Oliveira Silveira, músicos, atletas, políticos e outros produtores da arte e cultura gaúcha que são afrodescendentes respeitados no País todo.

Minhas expectativas a respeito do que seria o curso foram superadas pela ferramenta disponível, pela qualidade e profundidade das apresentações, sugestões de bibliografia, dos professores, das aulas presenciais, dos tutores e colegas envolvidos ao longo deste ano.

O curso gerou uma amplitude de conhecimentos e fontes de pesquisas sobre história, arte, cultura, educação e sociedade que me trouxeram os argumentos necessários para defender a implementação da Lei 10.639/03 em todas as escolas em que eu trabalhar.

Os desafios que teremos pela frente na educação, as implicações curriculares sobre o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, as políticas sociais preconceituosas, os problemas no mercado de trabalho para os afrodescendentes, os valores civilizatórios enraizados permanentemente na nossa cultura são alguns dos tópicos mais importantes que já me foram proporcionados estudar.

Termino o curso e este relato com plena convicção de que este movimento muda o meu olhar e o da maioria dos colegas sobre a importância dos ancestrais negros na construção e no crescimento do Brasil.

Dirce Verônica Bergamo e Silva<sup>39</sup>

---

<sup>39</sup> Professora da Rede Municipal de Gramado.

Alvorada, 30 de novembro de 2010

Educar para transformar!

Ao longo do curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* pude confirmar o entendimento que tenho a respeito da educação. Só a Educação tem o poder de transformar.

O curso representa um importante constituinte dentro do processo educacional. Leva-nos a refletir sobre a formação de nosso povo, nossas origens, quem somos; pensar sobre a sociedade atual, o que fizemos até aqui; qual o entendimento de sociedade que se tem e aonde se quer chegar.

Buscar uma sociedade justa e igualitária, livre de preconceitos é dever de toda a sociedade, principalmente dos órgãos públicos; não basta criar leis, é necessário políticas públicas que vão ao encontro de todos os cidadãos.

Considero participar deste curso uma oportunidade única. Buscar através da literatura o conhecimento e ter condições de discutir a cultura afro-brasileira com os segmentos escolares certamente é fundamental para que a mudança se inicie.

Há a necessidade de *mudar*. Segundo o dicionário, mudar significa: remover, deslocar, transferir, alterar, trocar, variar, transformar, converter, tornar-se diferente do que era.

Observando a trajetória de nossa formação, vemos que os negros foram removidos, deslocados da Pátria, da família, do meio, obrigados a se converter religiosamente, trocar seus hábitos e costumes. Enfim, tornar-se diferente do que eram.

Hoje temos condições de transformar essa situação através da educação.

Seria desonesto comigo e com a sociedade permitir que o comodismo tome conta. É o momento de planejar, inserir essa discussão nos diferentes segmentos da escola.

Como educadora que sou, acredito na capacidade que temos de lutar, de crescer, de nos reinventarmos.

A luta contra o preconceito é longa, mas, aprendi o quão importante é se fazer presente, acreditar em um bom planejamento, inserir o tema nas atividades anuais da escola. Ir contra uma sociedade autoritária, consumista, onde a mídia serve à classe dominante, certamente não é fácil, mas é nosso dever, cabe a nós este trabalho. O professor bem preparado, instrumentalizado tem condições de encarar qualquer luta.

As escolas devem oportunizar momentos de discussão, de leitura, de aprendizagem aos docentes. É preciso ler, se apropriar do conhecimento, não estagnar ou parar no tempo para desenvolver um trabalho consciente que leve em consideração a trajetória do aluno, sua bagagem, para que se sinta como mais uma peça deste processo de formação social, de cidadania.

O que aprendi pude dividir, partilhar com meus colegas. Discutimos os textos da plataforma, assistimos aos vídeos, às aulas. Formamos uma parceria que nos levou ao crescimento.

Quero neste momento agradecer a oportunidade de participar e crescer.

Agradeço à tutora Prof<sup>a</sup> Rosa Maris pela atenção via e-mail e na plataforma, ao tutor local Bruno Zarzana, que foi um grande auxílio tirando dúvidas. Fico realmente grata pela oportunidade e pela atenção recebida. Me sinto honrada por ter participado deste curso.

Elaine López Fonte Pais<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> Professora da Rede Municipal de Alvorada.

São Leopoldo, 30 de novembro de 2010

Aos professores da UFGRS  
Prezados Professores,

A minha participação neste curso foi de extrema valia, tanto no aspecto pessoal quanto no profissional. Quando o convite chegou à Escola, oferecendo duas vagas, estávamos realizando a última reunião administrativo/pedagógica do ano de 2009. Então, eu me candidatei a uma das vagas e a colega Liadiane à outra. No momento da inscrição não me dei conta que o curso era a *Distância* e que eu não tinha domínio da informática. Ao iniciar, me deparei com a dificuldade, e tinha de superá-la, não poderia desistir. Afinal, havia dado a minha palavra à Secretaria de Educação e à Diretora da Escola que participaria do curso. Então, corri atrás do prejuízo, e aqui estou escrevendo esta carta e concluindo o curso.

Sei que ainda tenho muito a aprender, mas percebi que sou capaz e que lidar com a tecnologia não é algo tão difícil. Com relação ao conteúdo desenvolvido, também constatei que pouco sabia e que passamos anos de nossas vidas ouvindo uma *História de poucos*, enquanto outros permaneceram por longos anos na invisibilidade social e que a luta dos negros e índios por reconhecimento continua.

Não será de um dia para o outro que os negros e os indígenas terão seus direitos reconhecidos. Faz-se necessário ser desenvolvido um trabalho de resgate, buscando o orgulho de seu pertencimento étnico-racial, visando à garantia de seus direitos e à valorização de sua identidade, a partir da conscientização e da criação de políticas públicas reparatórias para melhorar as condições de vida, garantindo o direito e o desenvolvimento destes e de seus descendentes, rompendo com o preconceito, com a discriminação e com a pobreza.

Percebi o quanto é importante ressignificar a formação dos professores para atender os alunos, trabalhando a diversidade numa perspectiva mais ampla, articulando políticas de igualdade com

políticas públicas de identidade, inserindo no currículo as culturas afro e indígena e suas histórias, buscando o reconhecimento histórico considerando suas raízes e a revisão da história do Brasil, pois o nosso país apresenta um multiculturalismo que merece ser valorizado.

Durante a nossa formação enquanto professores não recebemos elementos suficientes para lidarmos com a questão da diversidade e com as manifestações discriminatórias, o que vem a comprometer o trabalho educativo. Então, a Lei vem para preencher esta lacuna, abordando a contribuição dos povos negro e indígena no Brasil nas áreas cultural, social e econômica. Portanto, se faz necessário conhecer a legislação para poder colocá-la em prática, pois a falta de conhecimento por parte de *alguns* professores dificulta o desenvolvimento de um trabalho de enfrentamento da questão.

Precisamos ter um novo olhar sobre a diversidade e as relações interculturais no contexto brasileiro. Diariamente, nos deparamos com pessoas de diferentes características físicas, habilidades, qualidades, classes sociais e preferências sexuais, sendo fundamental promover, em sala de aula, a valorização e o respeito às diferenças. Para isto, atividades simples se tornam extremamente eficazes: contação de histórias, desenhos, confecção de jogos, confecção de bonecas, confecção de instrumentos musicais, cantigas, trabalho com argila, conversação, visitas a aldeias indígenas e a comunidades quilombolas, entre outros. Como vemos, vários eixos temáticos podem ser abordados, motivando os alunos para uma aprendizagem significativa, o que enriquece o nosso fazer pedagógico.

Muitos foram os convidados, poucos aceitaram o desafio! O ideal seria que mais professores realizassem cursos como este, no qual nos foi disponibilizado um riquíssimo material didático e que nos fez refletir sobre nossas práticas pedagógicas, mas como isto não acontece cabe a nós que participamos levar o debate para a escola e outros espaços, mas não de forma impositiva: é preciso realizar um trabalho de convencimento com vistas a uma efetiva participação.

Neste momento gostaria de externar meus agradecimentos a todas as pessoas que de alguma forma se envolveram para que este curso acontecesse, em especial aos professores, pelo material que nos foi disponibilizado, que, acredito, sacudiu a cabeça de todos os cursistas, até mesmo daqueles que acabaram desistindo. Afinal é um

desafio romper com nossos preconceitos, pois estamos carregados deles.

**Por anos me declarei branca, agora enxergo/vejo que sou uma mistura de várias tonalidades, sou marrom!!!**

Atenciosamente,

Elani da Silva Dias<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> Professora da Rede Municipal de São Leopoldo.

Sapucaia do Sul, 30 de novembro de 2010

Caros professores, tutora Rute Sena e colegas de curso,

Expressar o que foi pra mim compartilhar com vocês tantos conhecimentos, tantas experiências é reviver todo o conhecimento que adquiri nessa jornada que, muitas vezes, foi pesada pelo excesso de trabalho a que um professor é submetido. Porém, com todos os obstáculos, todos nós fomos vencedores dessa jornada que está se encerrando.

Minha expectativa era a de simplesmente aprender mais sobre esse tema, e hoje sei que consegui alcançá-la. Espero, agora, juntamente com meus colegas, conseguir continuar pondo em prática os nossos ensinamentos.

O curso foi ótimo e foi gratificante fazer parte dessa *família* que se propôs a fazer a diferença.

Espero que esse não seja um Adeus, e quero agradecer a todos que fizeram parte dessa minha vitória.

Eleandra de Aguiar<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> Professora da Rede Municipal Sapucaia do Sul.

Alvorada, 21 de novembro de 2010

Endereçada para tutora Mônica

Realizar o curso de *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* foi de grande valia, pois pude ampliar e solidificar os meus conhecimentos, adquiridos em cursos anteriores. Foi possível constatar a eficiência e a grande qualidade que há nos cursos realizados em EAD que ainda se encontram estigmatizados por serem em modalidade não presencial. Confesso que, ao iniciar o curso, minhas expectativas não eram positivas em relação ao mesmo, pois como a grande maioria da população eu não acreditava que um curso na modalidade a distância poderia ser satisfatório, devido à falta da presença física do professor e dos alunos.

Contudo vejo que minha visão estava completamente errônea, pois o curso foi melhor que muitos outros realizados presencialmente; o mesmo proporciona ao aluno seu comprometimento com a atividade e possibilita que participem aqueles que realmente estão interessados. Ao contrário de outros cursos que realizei relacionados à História e à Cultura Afro, o referente curso que tenho o privilégio de concluir mostrou o negro como agente presente na formação do nosso país, valorizando as suas contribuições, possibilitando a reflexão da sua história e dos preconceitos ainda direcionados a ele, diferente das demais formações que colocam o negro somente como um ser frágil, vitimizado e ridicularizado.

Sendo assim, tenho certeza que mudanças ocorreram, não somente na minha vida pessoal, mas principalmente na profissional, e o que aprendi será multiplicado para diversas pessoas.

Eliete da Silva Barbosa<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> Professora da Rede Municipal de Alvorada e de Sapucaia do Sul.

Gramado, 29 de novembro de 2010

Professor Paulo Sérgio

Quando li a reportagem de que haveria um curso sobre Cultura Afro no jornal Integração, e era oferecido principalmente aos professores da rede Municipal de Gramado, me animei e fui correndo fazer a minha inscrição.

Tinha uma grande curiosidade sobre o assunto, porque até então só conhecia um lado da história, mas, ao decorrer das semanas, a cada novo módulo as minhas dúvidas eram esclarecidas, ficava cada vez mais fascinada com a nova versão da história. O estudo da Lei 10.639/03 e da Conferência de Durban me proporcionaram uma nova visão dos direitos dos afrodescendentes no Brasil.

Me entusiasmei ao conhecer um pouco mais sobre a cultura dos afrodescendentes; até então não conhecia a existência de sociedades quilombolas no Brasil, muito menos aqui no Sul, bem pertinho de nós.

Este curso deu uma excelente oportunidade. Um exemplo disso foram as situações onde todos puderam esclarecer as suas dúvidas através das novas práticas de atuação em conjunto, em que a democracia se fez presente, nos mostrando uma busca de desafios, alterando a visão do assunto no mundo.

Para finalizar minha carta educativa, quero colocar o relato da minha pesquisa etnográfica, pois achei superinteressante:

Claudiomiro Mathias dos Santos

40 anos – 3 filhos, casado com Silvia Pacheco de Paula

Aposentado por invalidez, morador no Bairro Canelinha

Parou de estudar na 4ª série porque o ambiente escolar era altamente discriminatório. Anos mais tarde passou a frequentar a modalidade de Jovens e Adultos, onde concluiu o Ensino Fundamental.

Deu seguimento aos estudos e em 2009 concluiu o Ensino Médio. Claudiomiro tem consciência de que a sua inserção na sociedade deu-se através da educação formal e, posteriormente, através do movimento que reivindica melhores condições e menos discriminação para os portadores de doenças mentais. Ele relata também que pretende fazer um curso superior na área de Serviço Social, no qual ainda não começou por condições financeiras.

Atualmente Claudiomiro é presidente da Associação da Saúde Mental de Canela, entidade ligada ao CAPS, Centro de Atendimento Psico Social.

Seu maior sonho é de um dia poder se formar em uma faculdade onde tenha especialização suficiente para ajudar pessoas que enfrentam os mesmos preconceitos que ele e sua família no passado, onde seu irmão era considerado *vagabundo* e ele já tinha uma visão mais apurada, que mais tarde os médicos confirmaram que seu irmão possui esquizofrenia.

#### Um sonho realizado

*Em 22 de Julho de 2008, meu irmão Airton está mais feliz porque eu lutei junto a previdência social para conseguir o benefício que a um fator que vai ajudar muito ele, e a sua filha Jéssica, que precisa de apoio por estar estudando e em outubro vai se formar. (Trecho retirado do seu caderno de anotações que ele pretende publicar em livro.)*

E para que este estudo se torne satisfatório pra mim, eu, como professora e educadora, gostaria que Claudiomiro conseguisse realizar esse sonho através de uma bolsa de estudo na UFRGS, quando estaríamos corrigindo uma injustiça sofrida por ele no passado, porque percebi que ele tem um grande potencial a ser desenvolvido e no futuro poderá beneficiar muitas pessoas se derem a ele a chance que no passado foi negada por ser negro e pobre.

Desde já agradeço pela oportunidade que me foi concedida e espero que Claudiomiro também tenha a sua.

Eloiza Viccari<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup> Professora da Rede Municipal de Canela e de Gramado.

São Leopoldo, 29 de novembro de 2010

Luciane da Silva,

O curso para mim foi ótimo em todos os aspectos, tanto para minha vida profissional como pessoal, pois aprendi a encontrar o valor que existe dentro de mim mesma e que quem determina tal valor sou eu! No geral o curso foi muito bom, não tenho nenhuma reclamação a fazer, muito pelo contrário, quero parabenizar a competência dos profissionais que desempenharam muito bem este curso, mostrando muito mais do que eu esperava. Agradeço a preocupação e dedicação de todos e peço desculpas por qualquer transtorno.

Admito que imaginava que este curso seria *apenas mais um*, mas se tornou muito mais que apenas um curso. Pude aprender e analisar criticamente a relação do negro não só no Brasil, mas como em todos os cantos do mundo.

Os tutores se mostraram sempre interessados e preocupados com os alunos, tornando prazeroso e gratificante fazer as tarefas.

Os encontros presenciais foram de extrema importância, fazendo com que o discutido nos fóruns fosse mais intenso.

Gisele Carolina Flores<sup>45</sup>

---

<sup>45</sup> Estagiária na SMED de São Leopoldo

Sapucaia do Sul, 23 de novembro de 2010

Ao Professor Paulo Sérgio da Silva

Quando surgiu a oportunidade de participar deste curso, não tinha ideia do quanto seria importante para a minha formação profissional e também pessoal.

No começo o que me assustou e ao mesmo tempo despertou minha curiosidade foi o nome: *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*. Quando vi esse nome, pensei – Jóia! Um curso que vai ajudar a trabalhar com essas questões tão complicadas que são o racismo e o preconceito. Ou seja, não tinha a dimensão de quanto aprenderia sobre cultura, movimento negro, história, e sobre minha própria prática pedagógica.

Durante este tempo de estudo, por vários momentos refleti sobre aspectos que antes não faziam diferença, e pude, em muitas ocasiões, compartilhar o que estava aprendendo com pessoas próximas e também com os alunos. Vivi muitos momentos de contradição e de autoavaliação como pessoa e como professora, e também observei pessoas que convivem comigo.

Percebi que o caminho para a mudança é muito longo. Minha maior frustração é a resistência ao tema por parte de colegas e principalmente não ter conseguido iniciar um movimento de mudança no espaço onde atuo. Mas, ao mesmo tempo estou feliz, porque a semente está plantada em mim, e eu vou fazer de tudo para que ela brote, cresça e dê muitos frutos. O primeiro passo é multiplicar o que aprendi entre meus pares e, àqueles que agirem com indiferença, mostrarei o quanto é importante uma mudança de postura e uma transformação de ideais.

Este curso, sob a supervisão e colaboração de seus professores, ofereceu muitos subsídios para estudo. Fiz muitas leituras que realmente farão diferença na organização e no planejamento do meu trabalho a partir de agora. Infelizmente, em muitos momentos, senti

a necessidade deste curso ser presencial, pois existem muitas questões para serem debatidas e melhor esclarecidas pelos professores que estão inseridos na temática há muito mais tempo.

Apesar de existirem os fóruns, fica a sensação da necessidade de um retorno, um *feedback*, mas tenho a consciência da dificuldade que seria fazer este curso na modalidade presencial, para mim e meus colegas.

Este momento de conclusão do curso encerra apenas a primeira etapa. Aqueles que tiveram a oportunidade de participar, assim como eu, têm o dever de iniciar uma nova etapa, no seu trabalho e no seu espaço de atuação, multiplicando saberes, compartilhando experiências, incentivando mudanças profundas no PPP, enfim, promovendo os conhecimentos adquiridos em todos os espaços escolares e na vida pessoal também.

Gláucia Siqueira<sup>46</sup>

---

<sup>46</sup> Professora da Rede Municipal de Sapucaia do Sul.

Guaíba, 1 de dezembro de 2010

Aos dedicados professores e tutores deste curso,

A primeira vez que ouvi falar da Lei 10.639 pensei ser esta uma excelente iniciativa, porém ao mesmo tempo pensei que os professores (e nisto me incluo) não estavam ainda preparados para se adequar ao que exige a lei. Pensei que uma imposição dessa forma, de cima para baixo, poderia não resultar em nada, já que uma simples resolução não teria o poder de colocar conhecimento da temática na cabeça dos profissionais que efetivamente seriam os responsáveis por efetivar essa lei, os professores.

Além disso, não só o conhecimento do assunto seria um entrave; percebo que mesmo estudando em uma boa instituição de ensino superior e cursando História, fui educado dentro de uma concepção eurocêntrica da sociedade, e mesmo quando fiz cadeiras sobre a história da África, tive esse conteúdo como algo à parte, parecendo um pouco deslocado da linha de tempo que costumamos seguir quando estudamos a disciplina de História.

Reestruturar toda a lógica da história, todo o encadeamento de fatos e passagens mais significativos da história da humanidade e inserir neste contexto a história da África e dos afrodescendentes no Brasil sempre me pareceu uma tarefa bastante complexa de ser executada.

Este curso surgiu então como uma possibilidade para me adequar a este novo momento e, para minha surpresa e satisfação, não ficou restrito a um acréscimo de conhecimentos sobre a história da África e dos afrodescendentes. Muito mais do que isso, o curso proporcionou um debate teórico sobre o papel da educação e do professor, de forma muito interessante, trazendo para nós perspectivas de educação que muitas vezes acabam não sendo levadas à discussão nas escolas por conta de uma certa inércia que atinge as instituições por uma série de motivos.

Com certeza sairemos mudados deste curso. Por mais que muitas vezes não possa ter me dedicado como deveria e gostaria de realizar as atividades propostas e participar mais ativamente dos fóruns, creio que aprendi muito e certamente aproveitarei estes ensinamentos para transmitir para o maior número de pessoas possível essa discussão.

Avalio de forma muito positiva o curso, toda a equipe de ensino e muitos colegas que contribuíram nas discussões e ajudaram a compor um conhecimento coletivo muito rico, democrático e plural.

Espero poder participar de outras iniciativas como esta, e ter sempre a oportunidade de me qualificar para exercer da melhor forma possível meu ofício de professor.

Grande abraço!

Até breve,

Guilherme de Oliveira Pokorski<sup>47</sup>

---

<sup>47</sup> Professor da rede municipal de Novo Hamburgo

Porto Alegre, 30 de dezembro de 2010

À Professora Adiles Lima

Foi muito importante ter tido a oportunidade de participar de um curso nas dimensões de um EAD e coordenado pelo DEDS da UFRGS com professores e tutores capacitados.

Através deste curso foi possível adquirir novos conhecimentos, compartilhar novas amizades, rever colegas do tempo da Faculdade, trocar ideias, vivências, experiências, sonhar com colegas de profissão das mais diversificadas áreas do conhecimento.

Ah, como poderia esquecer dos almoços em grupo, roda de chimarrão e dos lanches compartilhados. Nossa!

Em meio a todas estas vivências incríveis, adquiri experiências e conhecimentos que auxiliaram na desconstrução de algumas *certezas* que, muitas vezes de modo silencioso e inconsciente, nos alienam rumo ao fosso do saber comum.

Sempre gostei de estudar e aprender sempre mais sobre diferentes áreas de conhecimento, transcendendo a minha própria especialidade, vislumbrando novas formas de pensar e fazer uma educação de qualidade que favoreça a inclusão e, durante o curso, isto foi vivenciado com muita intensidade.

No decorrer do curso foram muitos os momentos que suscitaram em mim novas possibilidades de pensar a relação ensino-aprendizagem e toda a complexa sensibilidade que este processo envolve.

Os conhecimentos adquiridos sobre História e Cultura Afro-Brasileira enriqueceram não somente meu currículo profissional, cresci como pessoa, aprendendo novas maneiras de perceber e compreender o outro em sua complexa diversidade.

Foram muitos os momentos em que pude compartilhar tudo que aprendi com outros colegas de profissão e por certo continuarei a fazê-lo, pois o conhecimento não compartilhado perde o seu valor.

Profissionalmente, penso poder levar para outros espaços educacionais as práticas metodológicas sobre História e Cultura Afro-Brasileira aprendidas no curso.

### **Agora vou contar a nossa história, Mestra Adiles...**

Tudo começou quando, em uma certa ocasião, aparece na Escola Antonio de Godoy uma professora muito alegre, disposta e cheia de Axé, que obviamente contaminou a todos com toda a sua energia, assustou alguns, claro, o diferente assusta, pois se impõe e solapa certezas.

E eu, diante de tamanha grandeza de alma, senti novamente aquele brilho no olhar, que só pessoas muito especiais conseguem manter, e não deu outra, corri para abraçá-la e dar as boas-vindas, e como foi bem-vinda. Aqui estou a falar de você, querida colega e Mestra Adiles.

Você não faz ideia do quanto aprendi com você. Abriram meus horizontes as suas oficinas, o seu trabalho e o seu conhecimento sobre História e Cultura Afro-Brasileira, que é imenso e sólido, o qual emana de você com incrível naturalidade, algo inexplicável. E para acrescentar, pude com você exercitar com profundidade um olhar crítico-reflexivo sobre o mundo.

Inevitável, desde a sua chegada a escola nunca mais foi a mesma, pois debates e conversas sobre diversidade, relações étnico-raciais, preconceito, diversidade e muito mais... começaram a fluir intensamente no dia a dia na sala dos professores. E, rapidamente você vem a se tornar a nossa grande Mestra, não só por todo conhecimento que possui, que é vasto, mas pelo modo como você o divide sem a menor cerimônia com todos que se permitem com você compartilhá-lo.

Você é Mestra pela sua grandeza de alma, pelo ser humano que comunica.

Lembro quando você, em sua determinação de estar realizando um trabalho no qual está a contribuir com as gerações futuras para uma educação antirracista, se propôs a fazer uma oficina com meus alunos da escola privada sem nada receber em troca.

Querida Adiles, meus alunos se apaixonaram por você mesmo antes de conhecê-la, só pela pronúncia do seu nome. Crianças sabem e sentem de forma diferente, pois ainda carregam a pureza dentro dos seus corações. Marcam nossas vidas para sempre. Até hoje perguntam por você.

Você é uma profissional, uma mulher de grande valor, sensível, meiga, ativa, de personalidade forte e autêntica.

Só posso dizer que foi uma dádiva, um prazer ter tido a oportunidade de conviver e aprender com você.

Você é como o Sol que ilumina a todos que de você se aproximam, merece um espaço maior, onde todo o conhecimento que possui possa ser valorizado.

Querida e inesquecível Mestra Adiles,  
Jamais perca este brilho!  
Com carinho especial, deixo aqui um doce beijo para você.  
Obrigada por tudo.  
Até breve.  
Da tua aluna que muito te admira.

Ilza Tavares<sup>48</sup>

---

<sup>48</sup> Professora da Rede Municipal de Alvorada e de Porto Alegre.

Porto Alegre, 30 de novembro de 2010

À professora Véra Neusa Lopes

Irei fazer, nessa carta, uma avaliação sobre minha participação no curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* da UFRGS.

Um colega de escola, prof. Márcio, soube do curso por meio do Manoel, assessor da SMED de POA, comentou comigo e nos inscrevemos por e-mail. Essa temática já vinha sendo pautada em minhas vivências desde a época da juventude, quando participava da Anai (Associação Nacional de Apoio ao Índio), uma entidade de militância das causas indígenas gestada na época da ditadura militar. Sobre a cultura afro-brasileira tive algumas formações a partir de 1992, quando comecei a trabalhar como professora municipal em escolas de Porto Alegre e tinha uma assessoria que propunha essa discussão. Lembro de seminários, de debates que traziam reflexões sobre a prática pedagógica pensando nesse tema. Procurava em meus fazeres inserir as discussões sobre racismo e superações.

No entanto, esse curso possibilitou pensar de uma forma mais sistêmica e com maior profundidade, mostrando a necessidade de um trabalho envolvendo a Escola e a comunidade. Foram-nos dado subsídios, materiais para trabalhar com nossos colegas professores, com os pais, além dos alunos. A proposta de conhecer os valores afro-brasileiros da comunidade na qual trabalhamos, um trabalho de pesquisa, traz um currículo vivo e a possibilidade da construção do conhecimento: conhecer os personagens afrodescendentes importantes para a comunidade, assim como conhecer os da História do Brasil, geralmente sonogada a sua descendência afro. O curso salientou a importância do conhecimento dos valores civilizatórios afro-brasileiros, ou seja, deu visibilidade pelo lado da cultura, do conhecimento desses povos e não pelo lado da escravidão, da miséria, do negativo. Para resgatar a autoestima, é necessário valorizar,

conhecer a cultura trazida por esses povos e não apenas a exploração a que foram submetidos.

Foi-nos fornecida uma bibliografia ampla para a desconstrução de nosso imaginário tão impregnado pela visão eurocêntrica. Hoje percebo que a forma com que abordei esse tema muitas vezes não foi adequada porque trazia um mal-estar aos alunos afrodescendentes. Minha postura foi sempre de não deixar passar os comentários racistas, os deboches dos alunos, mas foi sempre muito mais pelo apelo moral e não por meio do resgate dos valores dessa civilização. O estudo da escravidão como o momento em que o negro tem sua visibilidade chega a ser maldoso e isso ficou bastante claro com os conhecimentos passados durante o curso.

Um dos pontos marcantes para mim foi a palestra do professor da Universidade de São Carlos, quando expressou os interesses envolvidos nas disputas por recursos, o interesse das editoras, visto que o poder público brasileiro é o que mais compra material didático se comparado proporcionalmente a outros países, a luta do movimento negro para que essa lei fosse promulgada e para que possa ser cumprida e a luta pelo destino de recursos para a formação de professores; a possibilidade de acesso ao estudo feito sobre a História da África pela maioria de intelectuais africanos que será disponibilizado pelo MEC para os professores em 2011.

Durante todo esse ano, orientado pelos estudos do curso, trabalhei com os alunos alguns materiais que suscitaram essas discussões de respeito à diversidade como o áudio *Vista minha pele*, o livro *Tramas da cor*, biografias de personagens negros importantes, as políticas públicas afirmativas no Brasil.

Um momento marcante, tarefa do curso, foi a saída ao entorno da comunidade para ter contato com os territórios negros e o fato de não conseguirmos a entrevista para obter dados sobre a religião de matriz afro por ser *sagrado*, no dizer do nosso entrevistado. Como alternativa, foi o contato com um ex-coordenador de grupos de *rap* do local. Ficamos com vontade de conhecer essa comunidade em seus territórios negros e ter parcerias no trabalho pedagógico, dicas do curso em vários momentos. Para isso, é necessário fazer a discussão com o coletivo da escola, envolver a todos nesse trabalho. Começamos essa sensibilização em uma reunião pedagógica preparada junto com a

orientadora da escola, que teve boa acolhida por parte dos professores, mas ainda há muitos desafios a serem percorridos para que isso não se torne apenas algo pontual, sem a necessária continuidade de estudos, conhecimentos e propostas articuladas. Para o ano de 2011, fica o desafio de usar o material disponibilizado no curso para estudo com os professores e em alguns momentos com os funcionários e os pais, para que possamos construir uma proposta pedagógica coletiva que contemple o respeito às diferenças e a valorização da cultura afro-brasileira e indígena.

Tinha interesse e necessidade de trabalhar com a ferramenta do computador e tive avanços graças à plataforma que possibilitou o uso de recursos e a internalização dos processos, visto que se repetiam ao realizar as tarefas propostas.

Por fim, penso que esse curso me possibilitou maiores conhecimentos para aguçar a sensibilidade e visualizar caminhos na luta pela superação do racismo e pela construção de uma pedagogia comprometida com a superação desse problema. Colocou o desafio de mediar para que a comunidade escolar faça essa discussão pedagógica, a fim de intervir na construção de uma sociedade mais democrática, além do desafio de continuar os estudos e os aprofundamentos, a partir da vasta bibliografia fornecida no curso. Creio que podemos manter contato com o grupo, pelo menos o de Porto Alegre, para a troca de experiências. Os mentores do curso estão de parabéns, penso que estão ajudando a construir uma sociedade melhor!

Inês Maria Vicentini<sup>49</sup>

---

<sup>49</sup> Professora da Rede Municipal de Porto Alegre.

Alvorada, 30 de novembro de 2010

Querida Mônica,

Resolvi te escrever para te contar como foi participar do curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, ufa, este nome impressiona. Tudo começou quando o curso foi divulgado na escola em que trabalho, fiquei muito interessada e fiz minha inscrição na mesma hora, pois as vagas eram limitadas. A partir daí, fiquei imaginando como seria tratado este tema e estava muito empolgada por fazer um curso pela UFRGS. Sabes, Mônica, confesso que sempre achei muito delicado abordar essa temática com meus alunos, e essa dificuldade não era só minha, mas também de muitas colegas que só trabalhavam o assunto nas datas comemorativas. Isso porque essa temática nunca fez parte do que aprendemos, não está nos conteúdos da faculdade, e o que nos apresentam é de forma superficial e muitas vezes depreciativa.

Mônica, fiquei encantada com a organização da plataforma, com a riqueza dos materiais disponíveis nas aulas, nos textos e vídeos selecionados para o nosso estudo, imagens claras da cultura africana e afro-brasileira estiveram a nossa disposição para observação e análise.

Hoje, Mônica, ao chegar ao final do curso, sinto-me realizada por estudar a cultura africana e afro-brasileira, podendo entender com clareza a cultura dos negros, valorizando sua participação enquanto construtores da sociedade brasileira, podendo acompanhar suas lutas e suas conquistas no campo social, cultural e político. Com certeza hoje, Mônica, sou uma profissional que entende a importância de tratar a diversidade cultural com respeito a todas as culturas, oportunizando aos meus alunos conhecê-las, identificando-se como pertencentes às mesmas, com orgulho de suas raízes.

Mônica, a ti só tenho a agradecer pela atenção e o carinho que me dispensaste.

Um grande abraço de sua pupila

Isabel Cristina dos Santos Passos<sup>50</sup>

---

<sup>50</sup> Professora da Rede Municipal de Alvorada.

Gramado, 30 de novembro de 2010

À tutora local Denise Foss,

Recebi no início deste ano um convite para participar de um curso de formação continuada em história e cultura afro-brasileira, oferecido pela Secretaria Municipal de Educação da cidade de Gramado em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Aceitei de imediato, pois o tema era extremamente atraente, apresentando a cultura afro-brasileira de modo a ser aplicada nas escolas.

Criei muitas expectativas, ao longo do curso, com desfechos distintos; muitos temas foram novidades, porém ao abordar o tema Arte Africana, no meu ponto de vista, não foi bem explorado no módulo 5. O material disponibilizado foi *insuficiente para abranger as diversas manifestações artísticas dentro de um continente tão vasto quanto a África* (Prof<sup>a</sup> Elizabeth M. Aguiar); um continente com 52 países abriga características diferentes em cada região devido à influência que o continente recebeu durante sua evolução, apresentando uma enorme diversidade e complexidade na sua manifestação artística.

Além de novos conhecimentos, o curso oportunizou-me a criação de uma parceria maravilhosa com a colega Lara Lohmann. Embora com tutores diferentes, conseguimos realizar estudos, discussões e atividades importantes na escola, tanto na criação como no desenvolvimento prático de projetos referentes ao tema.

Ao iniciar o curso, buscava referenciais para aprimorar meu conhecimento sobre o assunto e poder contribuir para aperfeiçoar minhas atividades em sala de aula, além de contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária.

Buscava formas de contribuir para que uma verdadeira educação antirracista aconteça, reconhecendo que fazemos parte de uma estrutura ideológica profundamente arraigada no nosso imaginário coletivo que, por diversos interesses econômicos e de dominação social, procura legitimar e justificar a existência da desigualdade racial,

a tal ponto que a internalizamos como natural. E para mudar isso, não é fácil.

Ao concluir o curso, percebo de forma mais nítida que a cor é apenas o sinal mais evidente da diferença, porque o racismo, na verdade, é contra aquele que é diferente de nós e nasce do nosso medo do desconhecido. E a única forma verdadeira de vencê-lo é conhecendo este desconhecido, é dando a chance de perceber que as diferenças servem para sermos seres humanos melhores, considerando a importância da diversidade e das diferentes culturas.

Levo como fundamento importante para minha vida que muito ainda precisa ser feito para dissipar as dificuldades enfrentadas por aquelas pessoas consideradas diferentes. Isso acontecerá enquanto persistir a ignorância das pessoas na diferenciação dos seres humanos quanto às questões fúteis como raça, cor da pele, credo e religião.

Hoje posso afirmar a tamanha importância do apoio que nos é dado pela Prefeitura de Gramado, Secretaria de Educação e Subsecretaria de Cultura, no nosso preparo como educadores, fazendo a diferença na área da educação.

Quero aqui fazer um agradecimento especial à Tutora Denise Foss, por essa iniciativa que é muito importante para que a cultura afro seja transmitida a toda a comunidade gramadense e que muitos outros cursos venham para enriquecer o nosso trabalho, repercutindo na formação cultural da nossa cidade.

Ivanilda Simiano da Rosa<sup>51</sup>

---

<sup>51</sup> Professora da Rede Municipal de Gramado.

Viamão, 30 de novembro de 2010

Aos Professores Coordenadores Paulo Sérgio da Silva e Véra Neusa Lopes

A experiência de ser aluna do curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* foi enriquecedora e o curso superou em muito as minhas expectativas; a qualidade e a quantidade dos recursos disponibilizados foram de um nível bem superior ao esperado de um curso de aperfeiçoamento. Esse fato se justifica pela capacitação dos professores e pelo envolvimento e interesse de todos pela temática afro-brasileira.

Registro especial apreciação pelos momentos presenciais que considero que complementaram muito o já discutido no ambiente digital, e a presença de palestrantes tão qualificados quanto a equipe do curso.

Ao iniciar o curso eu já esperava uma grande atividade, porque já acompanho o trabalho desenvolvido pelo DEDES há alguns anos, bem como o trabalho do meu tutor Arilson e de muitos tantos outros responsáveis pela organização do curso e eu me senti insegura por não ser professora, sendo o curso de procedimentos didático-pedagógicos, mas felizmente eu não desisti.

Considero que fizemos um curso de especialização e sairemos com o título de curso de aperfeiçoamento. Independente da titulação que receberemos, ela acrescentará com certeza muito em nosso currículo.

Esses meses juntos nos fizeram refletir em muitas de nossas próprias ações e fizeram com que eu corrigisse meu vocabulário, porque também identifiquei que eu poderia melhorar. Chamava o meu próprio cabelo de duro, mas, como disse uma palestrante no Seminário de Ações Afirmativas, ele é afro e o meu penteado dura mais e acabo economizando no salão de beleza.

Embora eu não seja professora, eu presenciei em toda a minha formação em escola pública a experiência de aluna negra e revivi muitas memórias nas atividades e no material didático. Então me senti muito à vontade em poder ser um agente de transformação dessa nova fase de reparação e reconhecimento de nossa história e cultura.

A atividade etnográfica também foi enriquecedora. Acabei conhecendo uma faceta da entidade que visitei (que fica na mesma rua onde resido) que eu desconhecia e a entrevista acabou nos aproximando e já estamos pensando em articular algo que eles consigam um espaço com a Prefeitura.

Com o curso concluído, pretendo continuar acompanhando a escola em que elaborei a Projeto Civilizatório como bibliotecária voluntária. No ano de 2011, a escola irá oferecer o *Mais Educação* no turno inverso e as atividades poderão ser desenvolvidas com o enfoque da educação multicultural. Um dos oficinairos é professor de artes e também envolvido com a temática afro-brasileira, então vislumbro que as nossas atividades serão muito profícuas.

Minha vida profissional com certeza será expoente, pois o tema faz parte de minha história e cultura; além disso, aguardo nomeação para a Prefeitura de Porto Alegre, onde acredito que serei a única bibliotecária com essa formação, já que conforme tenho observado na área da Ciência da Informação, pouco se tem pesquisado e escrito sobre a Lei 10.693/2003.

Esse deslocamento e indiferença quanto a uma temática que faz parte obrigatória do currículo escolar é lamentável, uma vez que a biblioteca escolar é o local onde se encontram os materiais bibliográficos e mídias que serviram de fundamentação teórica para a implantação da maior parte das atividades curriculares e extracurriculares que podem ser desenvolvidas na escola.

Mas, como em tudo na nossa vida, a identificação e a busca de informação é o que nos motiva para nos aperfeiçoarmos mais, e eu considero esse um dos fatores para que ainda haja tanta desinformação e principalmente porque muitas escolas ainda não estão desenvolvendo a temática com toda a amplitude que o tema compreende.

Preconceito e discriminação só quem sente é que sabe. Precisamos mostrar às pessoas que nos cercam que infelizmente eles ainda existem e somente a informação e a discussão entre todos

os envolvidos poderá nos levar a uma nova realidade, mais justa e igualitária.

Concluindo a minha carta, o meu parecer sobre o curso, conforme já relatei acima, é excelente; entretanto, como sou negra, meu processo de aprendizagem usa a oralidade e a corporalidade, razão pela qual senti falta de mais aulas presenciais, as quais exalto, e principalmente de vídeo-aulas com nossos professores que são maravilhosos, sendo que a plataforma Moodle possibilita esses recursos. Também senti falta de algum vídeo ou texto sobre os *griots* que são muito importantes na cultura e na oralidade africanas, mas, como bem sabemos, estamos tratando de uma cultura continental, sendo impossível, em um primeiro momento, contemplar com plenitude e justiça toda a temática.

Finalmente, como bibliotecária, sugiro que seja desenvolvida uma base de dados de referência afro-brasileira, uma vez que o material disponibilizado no curso é completíssimo e pode auxiliar outros profissionais que também possuem interesse em implantar efetivamente a Lei 10.693/2003 e precisam de um marco teórico.

Como sugestão, precisamos de um Curso de Mestrado na área. Aliás os cursos de Mestrado não possuem tamanho referencial teórico como o nosso; estamos todos de parabéns.

Jacqueline de Oliveira Mative<sup>52</sup>

---

<sup>52</sup> Bibliotecária, de Viamão.

Gramado, 29 de novembro de 2010

Professor Paulo Leandro!

Bom-dia, professor!

Eu sou Educadora Infantil e Professora de História e tenho como graduação Licenciatura Plena em História, porém durante minha formação não tive nenhum conteúdo e nem uma cadeira referente à Cultura Afro-Brasileira (concluí em 2003), conseqüentemente sabia que não estava trabalhando a temática como realmente deveria.

Quando fiquei sabendo do curso através de uma colega de trabalho, resolvi buscar mais informações sobre ele e, após analisar a proposta, considerei que seria uma oportunidade única para sanar estas lacunas da minha graduação.

Fiquei muito ansiosa ao iniciar as atividades, por este ser o meu primeiro curso a distância. Achava que não conseguiria realizar as tarefas propostas e também analisava se realmente valeria a pena fazer esta formação. No decorrer das atividades estas incertezas foram sumindo, o que realmente foi difícil para mim foi conciliar as atividades do curso com o meu trabalho (trabalho 60h/a).

Estamos chegando ao final com estas barreiras superadas e, ao analisar tudo, considero que foi de extrema importância este curso. Com os textos lidos, as atividades realizadas e as aulas presenciais eu tive um crescimento não só profissional (alguns alunos comentaram o quanto gostaram das novas atividades propostas e das análises feitas), mas também pessoal – muitas coisas que eu criticava, analisando-as agora considero que eu estava equivocada.

Considero que às vezes as leituras foram difíceis de conciliar com as minhas atividades diárias, porém eram textos esclarecedores e ricos, tive muitas sugestões de atividades que me auxiliaram profissionalmente, mas as aulas presenciais foram as mais importantes para mim, pelas palestras, pelas trocas de experiências e por encontrar os colegas e os tutores.

Professor Paulo, espero que possamos nos encontrar em outros cursos. Seus incentivos, auxílios e esclarecimentos foram importantes para não desistir das atividades e, de certa forma, criamos uma amizade.

Obrigada por tudo!

Janaina<sup>53</sup>

---

<sup>53</sup> Professora da Rede Municipal de Gramado.

Alvorada, 29 de Novembro de 2010

Prezada Jaqueline Félix,

Quando do surgimento do curso e a possibilidade de participação no mesmo, criou-se em mim uma expectativa de aprendizado que eu não poderia deixar de aproveitar. Uma vez integrante do curso, senti-me contemplada com uma oportunidade ímpar, pois a UFRGS tem um conceito de excelência em seu ensino.

Desde o início do curso, nos foram fornecidos vídeos, textos, bibliografias que nos serão de grande valia, para que posamos repassar conhecimentos.

Jaqueline, foi muito bom também trabalhar em grupo, trocar ideias, montar nossos trabalhos, aprender juntas a respeitar as diferenças e poder enxergar como são importantes estas diferenças culturais, raciais, entender o preconceito, socializar nossas ideias, pedir ajuda a nossos coordenadores e ao tutor local Bruno Zarzana Lopes, que realmente teve muita paciência e competência conosco, cursistas, e tendo sempre deles o incentivo a continuar estudando e aprendendo e não desistir nunca.

Confesso-te que aprendi neste curso muito mais sobre o continente africano do que tinha conhecimento em uma vida inteira, me debrucei sobre mapas, línguas, países, costumes, religiosidade, textos de autores que desconhecia e foi extremamente gratificante.

Participar do curso me deu a possibilidade de ser melhor como pessoa, socializar o aprendizado, em nosso dia a dia, com colegas, alunos e em nossas relações interpessoais, discutir e defender ideias com propriedade e um maior embasamento.

Os conhecimentos que aprendi no curso me permitiram, como já disse, melhorar a socialização com os meus colegas no meu ambiente de trabalho e também na comunidade em que resido. Graças ao curso, hoje tenho um olhar diferenciado sobre o que contempla a temática afro-brasileira, através da Lei 10.639/03, no cotidiano escolar, percebendo que existem muitos avanços, porém, também,

uma falta de possibilidades da população negra quanto à saúde, à regulamentação de terras remanescentes de quilombos e às condições de acesso aos bens econômicos e sociais desta população.

Hoje, consigo claramente vislumbrar, ao olhar na grande mídia, a certa invisibilidade ou papel secundário a que os negros ainda estão submetidos.

Infelizmente, consigo perceber, em detalhes, a necessidade de termos, enquanto Estado Brasileiro, de propiciar uma série de ações do governo para promover políticas públicas de igualdade de oportunidades, já que é uma Lei que, além de resgatar o seu comprometimento histórico com os negros que fizeram o Brasil, é uma Lei, portanto, que iguala o Brasil.

Em minha opinião, o Brasil vive um momento especial. Cito, para exemplificar a respeito da temática, a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial, em vigor há um mês. Esta Lei, que tramitou por mais de dez anos no Congresso, prevê uma série de ações do governo para, através de políticas públicas, dar visibilidade aos negros, para no futuro termos um crescimento profissional da população negra, tanto no setor público como no privado, para os negros se enxergarem em seus pares, como médicos, engenheiros, professores, etc...

Destaco que este curso, aliás, único até então no nosso Estado, através da UFRGS/DEDS, tornou-se um referencial em relação à temática no Estado. Notamos que a participação de vários municípios parceiros no curso (8), no caso de Alvorada, levou a aumentar consideravelmente a temática afro, no cotidiano escolar, através da SMED/ Espaço da Diversidade, já que desde 2005, quando o espaço se constituiu, na pessoa da Prof.<sup>a</sup> Maria de Lourdes Santos da Silva, batalha para melhorar a autoestima dos negros e dar sua visibilidade em todos os espaços da sociedade.

Neste ano, em consequência do curso, citamos, por exemplo, algumas ações que foram desenvolvidas pelo Espaço da Diversidade e que tiveram ampla repercussão na cidade como: I Fórum Municipal da Diversidade; II Seminário Alvorada em Africanidades; África Nação; Encontros Intermunicipais de Alvorada/Cachoeirinha, 4<sup>a</sup> Kizomba, entre outros, que deram uma visibilidade ao negro em nossa cidade, já que agora percebo que não existe mais vergonha em se assumir como de religião de matriz africana, bem como afrodescendente.

Então, só realmente tenho que agradecer ao curso, pois mesmo não tendo minha formação profissional como educadora da rede municipal de Alvorada, conforme meu posicionamento desde o início, existe a convicção para a necessária construção de uma política pública de qualidade que contribua para o desenvolvimento de ações afirmativas, dentro do meu setor e no meu dia a dia, na implementação da temática, sem, contudo, um olhar raivoso, mas crítico. Digo que é o início de uma caminhada, que no futuro muitos frutos ainda vamos colher, já que podemos dizer, com certeza, que Alvorada é referência quando se fala na temática.

Atenciosamente,

Lena Oliveira<sup>54</sup>

---

<sup>54</sup> Assessora no Espaço da Diversidade da Secretaria Municipal de Educação de Alvorada.

Novo Hamburgo, 29 de novembro de 2010

Estimada Coordenadora Pedagógica Denize,

É com muita satisfação que venho, através dessa carta, contar o quanto foi importante a oportunidade que a escola me ofereceu para fazer o curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro- Brasileira*. Através desse curso pude entender melhor a trajetória do povo negro na história brasileira e a importância do mesmo para o desenvolvimento do nosso país, sem esquecer que é um povo que ainda sofre, depois de tantos anos da abolição, com o preconceito e o racismo.

Muitos dos conhecimentos eram obtidos através de livros, os quais omitem as verdades mais cruéis. Foram séculos de sofrimento e que infelizmente os afrodescendentes ainda hoje sentem. Através das leituras, trabalhos e aulas presenciais, pude entender e refletir mais profundamente sobre o assunto e também modificar o meu fazer pedagógico com os meus alunos. Hoje, tenho, com mais propriedade, condições de falar, esclarecer e expor minhas ideias, opiniões e conhecimentos sobre o tema. Através desse meu conhecimento adquirido posso, com mais clareza, instigar meus alunos e promover, assim, mudanças de comportamento.

As expectativas quanto ao curso foram muitas, a começar pela Universidade que o ofereceu. Sabemos da qualidade de ensino da UFRGS. O curso exigiu dos cursistas muita leitura, dedicação e trabalhos bastante complexos. Tudo isso fez com que perdêssemos horas de sono, nos apavorássemos a cada módulo apresentado, pensando que não iríamos conseguir. O que me frustrou, em relação ao curso, foram as orientações confusas para a realização dos trabalhos. Penso que muitas vezes nem os professores conseguiam entender o que estavam redigindo. Era necessário recorrer à tutora ou a colegas para decifrar o enigma das orientações. Penso que isso foi um dos motivos para tantas desistências ao longo do curso.

Apesar das confusões nas orientações, consegui realizar todas as atividades e dentro do prazo previsto. Outra coisa que me deixou um pouco decepcionada foi não ter recebido nenhum comentário sobre os trabalhos postados. Não sei até que ponto meus trabalhos estavam de acordo com o que foi pedido.

Mesmo assim, recomendo que mais professores tenham a oportunidade de se apropriar desse conhecimento, a fim de inserir nas escolas ações e atividades que conscientizem os alunos e a comunidade de que todos nós somos iguais, que precisamos nos respeitar independente de raça, cor, religião, sexo ou qualquer diferença existente.

Agradeço muito essa oportunidade de fazer o curso e espero que, quando surgirem outros cursos, novamente eu seja uma das contempladas.

Assim, encerro minha carta, desejando que o legado deixado pelos africanos seja realmente valorizado, não esquecendo que o berço da humanidade é a África e, portanto, todos nós temos sangue africano. Agradeço novamente a oportunidade a mim conferida e me colocando à disposição para divulgar e propagar os conhecimentos adquiridos.

Atenciosamente,

Liria Maria Fuhr Pasini<sup>55</sup>

---

<sup>55</sup> Professora da Rede Municipal de Novo Hamburgo.

Novo Hamburgo, 30 de novembro de 2010

Prezada Cátia,

Após meses de frequentes contatos, nosso curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* está chegando ao fim. Para mim foi muito importante fazer parte deste grupo e ter a oportunidade de aprofundar-me neste tema, adquirir novos conhecimentos e participar de debates enriquecedores através dos fóruns.

A cada módulo, obtive novas e importantes informações que me levaram a reavaliar constantemente minha prática pedagógica.

Ao iniciar o curso, não fazia ideia do quanto ainda tinha para aprender. As leituras mostraram-me que eu estava precisando realmente de uma atualização. Confesso que, algumas vezes achei as leituras muito extensas e, por falta de tempo, *passei os olhos sobre elas* para depois retomá-las, pois percebi que elas eram indispensáveis para que eu tivesse compreensão do conteúdo disponibilizado na plataforma.

Durante o curso, pude perceber que ainda há muito a aprender. Agora somos apenas um pequeno grupo que tem o conhecimento das leis que devem ser aplicadas nas escolas e também de como podemos trabalhar a questão étnico-racial com a comunidade escolar.

O curso superou minhas expectativas. Apesar das dificuldades que tive algumas vezes para a realização das tarefas (principalmente em razão do tempo), aprendi muito. A tua contribuição como tutora também foi essencial para que eu chegasse até o fim. O esclarecimento das dúvidas, a troca de informações através das mensagens, a busca de solução para problemas de postagens e o frequente incentivo para que eu não desistisse foram essenciais para que eu chegasse até o fim.

Os professores de cada módulo foram excelentes. Além disto, o material disponibilizado em cada módulo, como as sugestões bibliográficas, os vídeos, os fóruns, *chats* e também as tarefas, fez

com que eu organizasse um acervo bastante rico para minhas futuras pesquisas e uso em sala de aula.

Sei que há um longo caminho a percorrer. Espero que com o conhecimento adquirido eu possa auxiliar minha escola na reestruturação de seu projeto político-pedagógico, um projeto onde a diversidade étnico-racial seja realmente contemplada. Também espero contar com o apoio da equipe diretiva e da coordenação pedagógica para que os projetos (que já povoam meus pensamentos) possam ser efetivados.

Despeço-me com a certeza do dever cumprido. Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul por fazer esta parceria com a Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, parceria esta que disponibilizou a nós, professores da rede municipal, um curso de tamanha qualidade e grande importância pedagógica.

Um abraço, tutora Cátia. Tenha certeza de que o conhecimento adquirido será muito bem aplicado em minhas aulas e que guardarei com carinho todo o material produzido ao longo deste curso, pois ele será instrumento de trabalho para meu cotidiano.

Margarida Marília da Silva<sup>56</sup>

---

<sup>56</sup> Professora da Rede Municipal de Novo Hamburgo.

Gramado, 6 de dezembro de 2010

Denise Foss,

O curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, idealizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, está de parabéns, pois me deu uma nova visão com relação à cultura afro. Foi graças à insistência da professora Denise Foss que entrei no curso, mas já nas primeiras aulas as perspectivas foram crescendo e cada dia tendo novas visões e me apaixonando cada vez mais pela temática, sendo que eu, como integrante da Subsecretaria de Cultura de Gramado, aprendi muito e com certeza já pude contribuir um pouco mais durante a organização da 4ª Semana Afro Cultural de Gramado sob a Coordenação da Professora Denise Foss, que é uma grande incentivadora e batalhadora pela causa.

Espero que, no ano 2011, muitas portas se abram e todos nós, cursistas, coloquemos em prática tudo o que nos foi mostrado no curso e que possamos trabalhar os 365 dias do ano em cima dessa temática e não somente durante a Semana da Consciência Negra. Com certeza muitas pessoas começaram o curso, mas desistiram no caminho, nos mostrando o quanto são fracos e principalmente nos incentivando a continuar e batalhar pelo reconhecimento da temática e nos qualificando pra podermos atender a todas as necessidades das nossas escolas e em especial da nossa população, onde possamos conscientizar cada um que tenha uma opinião errada com relação à temática afro e cada um tenha orgulho de si próprio sem distinção de credo, cor, etc..

Pra mim o curso não pode ser avaliado com nota dez, mas nota mil, pois foi uma grande oportunidade de conhecimento e crescimento tanto pessoal como profissional.

Quero deixar aqui o meu agradecimento e parabenizar todos que se engajaram nessa causa, principalmente a nossa tutora local, Denise Foss, aos tutores a distância, principalmente o Paulo Leandro que foi

nota mil, nossos professores que não se tem como citar cada um, e dizer que antes mesmo do final já está deixando um gostinho de saudade.

Maria Celoi P. De Moura<sup>57</sup>

---

<sup>57</sup> Funcionária da Subsecretaria de Cultura de Gramado.

Cachoeirinha, 30 de novembro de 2010

Simone Majerkovski Custodio,

O curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* foi um curso que significou muito para mim. Com ele, tive a oportunidade de aprender muito sobre a cultura afro-brasileira e africana. Sendo assim, aprendi sobre a minha história, que pouco foi comentada na época em que estudei. Neste tempo, falava-se apenas do negro como escravo, que, com o fim da escravidão, se marginalizou, se prostituiu, não mostrando nada de que pudéssemos nos orgulhar. Graças a Deus, fui educada por um pai analfabeto, que, mesmo com seu jeito simples, me ensinou a ter orgulho de ser negra, não permitindo em hipótese alguma que alguém nos desvalorizasse. É claro, não foi nada fácil, pois dizem que não existe mais racismo, mas nós, negros e não negros que fazemos parte do movimento antirracista, sabemos que ele ainda existe, não como antes, mas existe.

Minhas expectativas em relação ao curso eram aprender sobre a cultura do povo africano, ou seja, a cultura dos meus antecedentes, saber como ensinar esta lição para meus alunos, porque ouvi muitas colegas falarem que *para que mexer neste assunto, pois as crianças não selecionam seus colegas pela cor que eles possuem*. Mas eu vejo diferente, acho que depende muito de como a família lida com o preconceito racial, porque, neste ano de 2010, em uma turma de 15 alunos da Educação Infantil, mais precisamente num Maternal 2, com alunos de idade entre três anos e meio e quatro anos e meio, me deparei com um aluno que não queria dar a mão para seu colega que é negro, e na hora do descanso não queria deitar-se ao lado deste colega. E eu que já trabalhava a temática afro-brasileira, dei mais ênfase ao assunto. Busquei ressaltar que todos nós somos importantes, independentemente da cor que temos, mostrando também o sofrimento que o negro passou até conquistar a sua liberdade que lhe foi tirada no passado. Construí junto com a turma um boneco negro, o qual hoje todos gostam muito, trabalhei

diversas histórias e contos africanos, enfim, fiquei muito satisfeita com a mudança deste aluno, como também a mudança de outros alunos.

Para muitas pessoas as crianças começam a ter este tipo de atitude no Ensino Fundamental, mas desde a Educação Infantil devemos intervir, para que as crianças cheguem ao Ensino Fundamental com uma visão de igualdade.

Agora, com o curso concluído, estou mais preparada para poder falar sobre as culturas afro-brasileira e africana, pois aprendi muito. Conheci a verdadeira história do povo africano, a importância que a África teve para a formação da humanidade e o quanto o negro contribuiu para o desenvolvimento do nosso Brasil, através do seu trabalho, sem nenhuma remuneração, muitas vezes até com castigos.

Penso que, com o curso, o que mudou na minha vida profissional foi que estou apta para questionar sobre a implementação da Lei 10.639/03 no PPP da minha escola que está sendo formulado, verificar se esta lei realmente está sendo cumprida, porque é um direito que todos tenham conhecimento da mesma e um dever de nós, educadores e demais segmentos da escola, trabalhar a temática afro-brasileira, não só nas datas significativas, como 13 de maio e 20 de novembro, mas, sim, colocá-la nos nossos planejamentos diários, sem datas específicas.

Sobre o curso, tive muitas dificuldades em realizar as tarefas, porque iniciei no módulo 3, e não estava conseguindo acessar o Moodle institucional; também estava aprendendo a usar o computador e, muitas vezes, fazia muitas coisas erradas. Os textos eram grandes, mas muito claros, o que facilitou meu entendimento. Outro item que me ajudou muito foram os momentos em que havia fotos, vídeos e lâminas, mas o que eu mais gostei foram as aulas presenciais. Com elas eu aprendi muito (mesmo não podendo participar de todas, por motivo de saúde), as que eu participei me esclareceram várias dúvidas, e ainda me ensinaram um pouco mais da história afro-brasileira, como a Revolta da Chibata. Foi muito importante também o tutor que ficou à nossa disposição, no meu caso, a Simone Majerkovski Custodio, que teve muita paciência e carinho comigo. A Simone foi a minha luz no final do túnel, sempre que eu precisei, ela estava lá para me orientar, estando sempre disposta a me ajudar, incentivando-me a não desistir, a seguir em frente, mostrando-me a grande importância do curso

para a formação de cidadãos conscientes capazes de transformarem um país que infelizmente ainda tem discriminação racial. Enfim, foi ótimo eu ter participado deste curso.

Maria Cristina Espindola de Souza e Silva<sup>58</sup>

---

<sup>58</sup> Professora da Rede Municipal de Cachoeirinha.

Cachoeirinha, 28 de novembro de 2010

Prof.<sup>a</sup> Helena Cunha

O tema que define esta formação em cultura afro é de extremo fascínio e importância, não sendo apenas um conhecimento a mais que será guardado, mas, sim, que nos fez movimentar as estruturas escolares.

Penetrando na vida além da academia, o curso trouxe informações históricas para conhecermos e entendermos como é ser brasileiro e afro-brasileiro. A cultura negra se faz presente em minha vida através dos sons e seus ritmos, som dos atabaques. Também aprendi a importância da oralidade como um valor afro-brasileiro presente em minha vida e formação.

Após minha formação em Educação Física morei em Salvador. Com o Ms. de capoeira Nô aprendi na prática a importância e a valorização da cultura afro. Isso me levou a ver a vida sobre outro aspecto. A Bahia não é um estado, é uma mistura de ritmos e sons.

Quando voltei ao Estado fiz 2 formações na UFRGS com a Rita e percebi o olhar gaúcho sobre a cultura negra. A academia em ação foi um marco, um rompimento ligando o que aprendi na prática com o saber douto.

Acredito que o curso sobre procedimentos veio mais uma vez sacudir as estruturas, tornando óbvio o que era ocultado. Trouxe também o suporte das tecnologias que para mim eram e ainda são coisas que devo buscar aprimorar. Devo dizer que foi de suma importância a tutoria local, pois sem a mesma seria inviável a realização das atividades.

Parabenizo assim toda a equipe envolvida por ter proporcionado a nós, mestres sem tempo e na correria, uma formação a distância; ainda parabenizo os vários municípios envolvidos, principalmente Alvorada, parceiro incansável nesta caminhada, através de Bruno Zarzana, Maria de Lurdes, e aqui em Cachoeirinha, a ponte móvel

e itinerante tutora Simone Majerkovski Custodio, pacienciosa e tolerante conosco, professoras.

Um abraço amigo a todos!!!!

Maria Helena Saraiva Cunha <sup>59</sup>

---

<sup>59</sup> Professora da Rede Municipal de Cachoeirinha.

Alvorada, 26 de novembro de 2010

Rosa Maris,

O curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* constitui um componente fundamental no processo educativo nas suas diversas dimensões, sendo simultaneamente instrumento de fomento da equidade e qualidade de vida do aluno-cidadão.

A oportunidade de participar deste curso foi um desafio. Lançar um novo olhar sobre a escola e sua influência na formação de uma sociedade mais consciente e cidadã, em especial na temática afro-brasileira, requer compromisso com um amplo contexto formativo e informativo, visando a um avanço nas relações sociais e relações de hierarquia.

Transformar o que já está há muito tempo *organizado, estagnado*, é uma tarefa árdua. Nem sempre os segmentos escolares estão abertos para a mudança: mantém-se, ainda, uma base conservadora, discriminatória e preconceituosa.

Mas a conquista de novos rumos na educação e na sociedade sempre me impulsionou. Sou uma educadora que acredita que a mudança para uma nova era será através da educação e da estrutura familiar. Por isso, vejo a escola como a principal ferramenta para este *conserto*. Apesar dos meios de comunicação exercerem um poder sobre as pessoas, acredito ainda que a escola concentra um poder afetivo e reflexivo capaz de auxiliar o educando na escolha de alternativas de convivência solidária e consciente, onde as diferenças permitam um convívio harmônico.

O que me deixa apreensiva neste processo é a falta de formação e de compromisso de alguns dirigentes da educação que ainda não assumiram sua posição enquanto instituição educacional.

O estudo realizado no curso através de textos, vídeos, trabalhos, fóruns e outros foi fundamental para o meu crescimento pessoal

e profissional. Refletir e criar novas alternativas me fez crescer e acrescentar entre o grupo em que atuo. Ao término deste curso, me considero satisfeita com o que construí neste período.

Aprendi muito e energizei um dos objetivos que foi constante até agora na minha caminhada: *valorizar a história do aluno, visando à cidadania e à inclusão social*. O aluno tem que sentir prazer em construir, em fazer parte da história de sua escola, de sua família, da sua cidade, enfim do seu cotidiano; saber que todos nós devemos respeitar o outro, saber nossos direitos e deveres e buscar o saber para um futuro pessoal, profissional e social comprometido e responsável.

Agradeço à tutora Rosa Maris e ao tutor local Bruno Zarzana por estarem sempre incentivando, informando e orientando neste processo educativo, e às colegas que expressaram várias ideias nos fóruns, que contribuíram para refletirmos sobre nossa atuação como educadora e cidadã.

Neusa Bersagui Abruzzi<sup>60</sup>

---

<sup>60</sup> Professora da Rede Municipal de Alvorada.

Alvorada, 22 de novembro de 2010

Prezado Bruno, é com imensa satisfação que lhe escrevo para relatar que aprendi muito sobre os temas diversidade cultural, multiculturalismo, pluralidade cultural, discriminação e preconceito racial, entre outros que fazem parte do currículo escolar.

Aprendi também que para todo e qualquer trabalho existe a necessidade de construir e reconstruir nossos saberes com o outro. Por mais que a gente queira fazer tudo individualmente, sempre haverá um momento em que iremos pedir ajuda a alguém, alguém que também tenha não apenas o interesse em nos ajudar, mas que está aberto e disposto para aprender com o coletivo. Isso para mim é fundamental nas nossas relações de educador-educador, educando-educador. Não somos melhores que o outro e não sabemos mais que o outro, somos, sim, uma rede de interações colaborativas.

No início do curso, Bruno, não tinha nenhuma expectativa sobre a aquisição de novas aprendizagens. Isso eu confesso para você, pois não gostava do ensino a distância, não me sentia motivada. Achava tudo muito complexo, abrir aquelas janelas, postar foto,... Meu Deus, aquilo era muito estranho. Cheguei a postar meus comentários em lugar errado e todos leram. Porém, com o seu empenho e cooperação, me ensinou com calma a acessar a plataforma do curso. Para mim, isso foi sensacional, pois aprendi a realizar as atividades que eram propostas. Mas, meu amigo, quando nos deparamos com as inovações tecnológicas, e não sabemos como usá-las, causa-nos um medo! Isso é verdadeiro, pois tudo que é novo nos desafia para adquirir novas aprendizagens. Claro que se a gente estiver disposto para aprender! Isso é ótimo!!

Quanto a minha participação no curso posso lhe falar que consegui compreender os conceitos sobre o que realmente significa diversidade e pluralidade cultural, discriminação e preconceito racial, entre outros tão importantes para a nossa prática pessoal e profissional. Isso, na verdade, comprova que somos seres inacabados e que aprendemos

com o Outro numa teia de relações através de interação, integração, cooperação e socialização dos saberes.

Também aprendi, Bruno, que nós somos plurais, pois a sociedade onde estamos inseridos nos chama para refletir constantemente sobre as mais diversas problemáticas. Faz sentido então, como educadora, lhe falar que diante das tantas adversidades temos que (re)aprender a nos organizar, planejar estratégias e ações com objetivos claros para que nossos educandos sejam respeitados em todos os aspectos e para que consigam fazer valer na prática o seu direito: direitos a uma vida digna, na qual possam narrar suas histórias de vida, enfim, serem os verdadeiros roteiristas e protagonistas das suas vivências e experiências em épocas anteriores e atuais, projetando-se para um futuro cheio de incertezas.

Bruno, agora, após a conclusão do curso, posso lhe dizer que posso desenvolver minhas aulas com mais tranquilidade, pois adquiri muitos conhecimentos novos e o mais importante: o material adequado contendo diversas sugestões de atividades didático-pedagógicas coerentes com as temáticas estudadas durante o curso. Minha indignação sempre foi a mesma durante os oito anos em que atuo no município quando ofereciam cursos, palestras: *A teoria é importante, porém quero algo mais que é aprender a fazer na prática atividades concretas e dinâmicas* e isso já está sendo, no momento, superado.

Até aprendi a construir proposta de conteúdos de História, Geografia, Arte, Ensino Religioso. Como você avalia essas aprendizagens, Bruno? Eu consegui evoluir muito e me sinto feliz por essa conquista. Sempre falo para os meus amigos, familiares que sou uma pessoa que acredita que a educação com seus ensinamentos me faz uma pessoa alegre e feliz, porque acredito que posso contribuir na formação não somente dos educandos, mas também na formação dos meus filhos, netos, sobrinhos e demais pessoas que necessitam de orientações. Ouvir o Outro para mim é fundamental, pois também estaremos ao mesmo tempo ensinando e aprendendo.

Portanto, Bruno, essa foi apenas uma das tantas oportunidades que teremos para participar, estudar, compartilhar e interagir em outros cursos. Confesso-lhe que gostei de trabalhar junto com você, das manhãs, tardes e noites em que ficávamos lendo, discutindo ideias, escrevendo, e eu sempre contrariando, mas no final sempre havia um

consenso. Foram ótimos e prazerosos os momentos de estudo, pena que já concluímos. Desculpe, Bruno, pelas minhas exigências. Às vezes, torrava sua paciência, eu sei disso! É que sou muito exigente e perfeccionista, você entende, pois sou fruto da educação que recebi dos meus pais, da escola e da sociedade. Mas, pode ter certeza, vou sentir saudades!!!!

Um abraço, da sua amiga e colega de profissão que o admira muito,

Otília Beatriz Gomes Freires <sup>61</sup>

---

<sup>61</sup> Coordenadora de Programas e Projetos da SMED de Alvorada.

Alvorada, 1 de dezembro de 2010

Tutor Bruno Zarzana,

Ao iniciar este curso, senti-me insegura, pois nunca havia feito um curso em EAD ainda. Admito até dizer que tinha uma certa aversão, mas, à medida que o tempo foi passando, acostumei-me. Confesso que não sou muito boa para trabalhar com prazos e acabo deixando tudo para a última hora, como exemplo, para postar esta carta.

Ao ser apresentada ao curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, não sabia exatamente como seria, pensei até mesmo que ficaríamos remoendo o tempo da escravidão, porém, foi muito além, com grata surpresa. Vimos, sim, os tempos de aflição e opressão, mas transcendemos e posso afirmar que aprendi muito mais sobre os nossos antepassados e apurar a minha percepção para muito do que hoje está posto, a hipocrisia, o racismo e preconceitos ocultos e velados.

Este curso representou para mim um avanço, pois creio que não basta fazer leis e obrigar-nos a cumpri-las, mas discuti-las e até mesmo trocar experiências, o que fará a diferença necessária para as aplicarmos em nosso cotidiano.

Agora que o curso chegou ao final, posso afirmar categoricamente que é preciso trabalhar, sim, as questões de diversidade no âmbito escolar e fora dele, mas antes é necessário fazermos uma autoavaliação profunda para ver se, mesmo sem percebermos, não temos algum tipo de preconceito ou aversão, o que pode influenciar em nossas falas e forma de trabalho. Verificarmos se, em determinado assunto, não estamos reproduzindo apenas uma história única, contando e mostrando apenas uma parte dele.

Enfim, este curso me proporcionou ampliar meus conhecimentos, conhecer pessoas e novas formas de trabalhar e reforçou minha convicção quanto a trabalho realizado interdisciplinarmente, levando os colegas e alunos a uma reflexão aprofundada destas questões.

Os idealizadores deste curso estão de parabéns pela iniciativa, persistência e empenho. Ao curso, aos idealizadores e colaboradores dou nota  $A$ . Em especial, quero agradecer o apoio e auxílio do tutor local Bruno Zarzana, que nos orientou e até mesmo em muitos momentos nos ajudou, discutindo vários dos assuntos abordados ao longo do curso e sempre nos fazia lembrar dos prazos. Ao tutor local atribuo nota  $A+$ .

Patrícia Guterer<sup>62</sup>

---

<sup>62</sup> Professora da Rede Municipal de Alvorada.

Cachoeirinha, 30 de novembro de 2010

Para a tutora Simone Custodio

Me chamo Paula Bica, sou professora e pedagoga, tenho 40 anos e estou atualmente trabalhando na SMED de Cachoeirinha como coordenadora pedagógica.

É um trabalho muito desafiador e dinâmico. Cansa muito, mas estou adorando. Apesar do acúmulo de tarefas não quis deixar de participar do curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-brasileira*. Tive a felicidade de participar do grupo que estruturou e idealizou este curso em EAD, porém minha maior felicidade foi poder sentir na prática o que foi idealizado por esse grupo de pessoas excelentes, das quais sinto muitas saudades.

Também devo dizer da importância da tutora Simone Custodio nos auxiliando nas temáticas e também da coordenadora local Rosane Sbardelotto.

Enfim, para mim está sendo muito gratificante ter a oportunidade de poder fazer esta formação, estou encantada com o nível e a qualidade do material apresentado.

Todas as minhas expectativas foram concretizadas, pois iniciei a trabalhar a temática de outras formas, de forma integradora e interdisciplinar, e não excludente. Tudo isso me foi ofertado durante o curso.

Todas as atividades que realizei, os textos e os vídeos que tive que ler e assistir me fizeram muito bem, me fizeram amar ainda mais minha negritude e me orgulhar dos meus antepassados e acrescentou muito na minha vida profissional, pois utilizarei e multiplicarei todo o material em nossa rede municipal de ensino.

Para mim, o meu parecer sobre o curso é a nota máxima, pois bem planejado e muito organizado, me enriqueceu em conhecimentos.

Com certeza, para quem tinha ou não algum conhecimento da temática serviu muito a todos aprenderem e adquirirem conhecimento. Mil abraços!!!

Paula Débora Bica<sup>63</sup>

---

<sup>63</sup> Professora da Coordenação Pedagógica da SMED de Cachoeirinha.

Gramado, 30 de novembro de 2010

Caro Tutor Paulo Leandro,

Eu estava finalizando minha licenciatura em História quando tomei conhecimento através de uma colega de que estavam ocorrendo inscrições para um curso pela UFRGS sobre a cultura afro para professores. *Que pena, tô fora, não sou professor da rede pública, ainda, pensei.*

No entanto, dois motivos não me fizeram esquecer o assunto: primeiro foi o fato de meu curso de História ter abordado o assunto muito superficialmente e esta era uma oportunidade de conhecer mais a fundo a riqueza cultural da população afrodescendente e segundo, e que eu achava mais importante, era a discriminação étnica arraigada na população brasileira em geral e, em consequência, ocorrendo também no atendimento dos órgãos públicos, no meu caso, no policiamento das ruas, principalmente no momento de determinar a quem devemos abordar e revistar.

Assim, fui em busca de informações sobre o curso, conheci a tutora em Gramado, professora Denise Foss, que, após solicitar à coordenação do curso, me matriculou.

Minhas expectativas eram de que conheceria um pouco da cultura e da religião afro-brasileira e que o curso citasse fatos ligados à discriminação existente, mas foi muito mais do que isto, iniciou-se uma nova compreensão de toda a história da humanidade.

A humanidade, antiga e moderna, desenvolveu-se primeiro na África e logo, progressivamente e por etapas sucessivas, foi povoando o planeta inteiro, portanto, as atuais diferenças morfo-fenotípicas entre populações humanas – as chamadas *raças* – são um fenômeno recente na história da humanidade, segundo Wedderburn.

Este conhecimento trazido à tona por Wedderburn, em sua pesquisa *Novas bases para o ensino de História da África no Brasil*, contida no livro *Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº.*

10.639/03, já poderia derrubar qualquer sentimento de superioridade que a etnia branca poderia nutrir sobre as outras, porém..., mas o autor acrescenta mais:

Grupos humanos anatomicamente modernos deixaram o continente africano pela primeira vez há aproximadamente 1.000.000 de anos. Essa população humana ancestral, que tinha apenas *dois mil indivíduos*, migrou progressivamente para os outros continentes, atingindo a Ásia e a Austrália há 40 mil anos, a Europa há 30-35 mil anos, e, finalmente, chegando ao continente americano há pelo menos 18 mil anos.

Mas como nem tudo é perfeito e o homem não é um caso à parte e contém em si um germe de superioridade sobre tudo o que é diferente, não basta somente mostrar-lhe, tem que ensiná-lo desde o nascimento, pois do contrário prossegue no círculo vicioso já existente.

Lamentavelmente o racismo no Brasil se dá de forma muito especial: ele se afirma através da sua própria negação.

Também Gomes nos ensina que o racismo no Brasil é alicerçado em uma constante contradição. A sociedade sempre negou insistentemente a existência do racismo e do preconceito racial, mas, no entanto, as pesquisas atestam que, no cotidiano, nas relações de gênero, no mercado de trabalho, na educação básica e nas universidades os negros ainda são discriminados e vivem uma profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do país.

Essa visão mais abrangente do que ocorre em nosso dia a dia, recebida no curso, sem sombra de dúvida, abrirá horizontes no ensinamento de nosso alunado. O professorado de posse destas informações estará inserindo em suas aulas uma nova perspectiva que, a médio e longo prazo, surtirão os efeitos desejados.

No meu caso especificamente, faço parte do grupo de Oficiais que ministram as matérias formativas e de treinamento dos policiais militares do 1º Batalhão de Policiamento em Áreas Turísticas. Especializado no atendimento do turista, percebo que o policial no seu cotidiano depara-se com toda sorte de problemas apresentados pela população para serem encaminhados à justiça para uma solução.

Estes problemas vão desde socorrer uma criança indefesa que

foi seveciada por seu padrasto até a perseguição pela mata adentro, por dias seguidos, atrás de marginais que roubaram um banco.

Segundo Ledur, a Brigada Militar possui sistemas de ensino e de treinamento; aquele destina-se à formação dos profissionais, de diversos níveis, este à manutenção e atualização dos conteúdos necessários ao desempenho do mister inerente à polícia ostensiva. Tais atividades, tanto de ensino quanto de treinamento, estão previstas, atualmente, na Diretriz Geral de Ensino e Treinamento da Brigada Militar – DGET .

Analisando-se o currículo do Curso Básico de Formação Policial Militar - CBFPM, percebe-se que o assunto *Abordagem de Pessoas* está disseminado em diversas disciplinas. Há noções na matéria de Legislação Aplicada, Direitos Humanos e Cidadania e na matéria de Polícia Ostensiva. Todavia, não há, explicitamente, referência ao assunto relativo a critérios para determinar quem deve ser abordado. Ensina-se a realizar a abordagem propriamente dita, isto é, após eleita a pessoa a ser abordada. No entanto, não existe conteúdo programático acerca dos critérios a serem utilizados para determinar quem deve ser abordado, de acordo com o mesmo autor.

Em que pese toda a estrutura de formação e de instrução voltada para obter o máximo de eficiência por parte dos executores do policiamento ostensivo, constata-se, através da observação diária, que a experiência dos policiais agrega valores ao trabalho, mas, por outro lado, conduz a uma distorção do comportamento desejado. A esta distorção, alguns autores denominam de currículo informal.

Assim, uma pergunta deve ser feita: – De onde vêm nossos policiais militares?

Resposta: – Da nossa sociedade.

Ainda conforme Ledur, o preconceito racial está impregnado em toda a nossa sociedade. Desde tenra idade aprende-se a fazer piada e chacota relativa à diferença racial. Dentre as vítimas destacam-se os negros, duplamente discriminados: pela cor e pela condição social.

Para concluir, gostaria de dizer que a oportunidade deste curso agrega a minha carreira de policial muito mais do que conhecimento, mas uma grande empatia pela população afro-brasileira.

Difundir, exemplificar o que foi visto é obrigação do aprendiz e estarei diante de meus policiais repassando os conhecimentos

adquiridos, não só nos momentos de sala de aula, mas também diretamente no policiamento.

Cabe lembrar que a todo o momento me depararei com os defensores do mito da democracia racial, tanto no âmbito organizacional como na vida particular.

Paulo Roberto Pimentel<sup>64</sup>

---

<sup>64</sup> Tenente da Brigada Militar, de Gramado. Licenciado em História.

Esteio, 30 de novembro de 2010

À professora e amiga Íris Graciela Germano

Olá, professora! Quanto tempo? Venho por meio desta carta te agradecer por tudo que fizeste por mim durante minha graduação. Talvez tu nem tenhas te dado conta do quanto mudou a minha vida e a minha forma de pensar, mas, te digo, mudou muito. Sempre fui uma pessoa muito ativa em relação a projetos sociais, combativa contra qualquer tipo de preconceito e discriminação. Todavia, conhecimento da história dos povos negros e do movimento negro só obtive nas suas aulas. Foram essas aulas na graduação e, além das aulas, as muitas conversas que tivemos nos intervalos que me despertaram a paixão sobre esse assunto e o desejo de saber cada vez mais sobre a História da África e da História Afro-Brasileira.

Tudo começou com Brasil I (2006/2), onde começamos a ver um pouco da História dos negros africanos arrancados de suas terras e trazidos como mão de obra escrava para o Brasil. Vimos todas as suas formas de resistência e a maneira de preservar as suas culturas. Depois veio História Afro-Brasileira I, vendo as teorias raciais, os mitos de democracia racial, a discriminação, o preconceito sofrido por estes povos, entre outros assuntos relacionados. Dessa mesma maneira, veio a luta junto à coordenação do curso para que fosse introduzida a disciplina Afro-Brasileira II, onde discutiríamos maneiras de abordar a História Afro-Brasileira em sala de aula. Foi nessa cadeira que tive os primeiros contatos com livros que traziam instruções didático-pedagógicas para trabalhar com a temática. Acredito que essa foi uma das cadeiras mais importantes que fiz durante a minha graduação, pois foi muito mais debates e discussões do que fazer do que uma receita pronta. Ora, tínhamos que colocar a cabeça para funcionar, utilizar toda a nossa criatividade para conseguir abranger a riquíssima história e cultura da África e afro-brasileira. Além das cadeiras, veio o estágio, onde nós escolheríamos o tema a ser tratado e o projeto

*Africanidades: resistências negras.* No meu estágio, decidi que trataria sobre alguns Reinos Africanos e sobre a diversidade africana, no qual tu foste fundamental para explicações, dúvidas, empréstimos de material. Foi a partir dessa aula do estágio que comecei a trabalhar com esse tema e venho assim fazendo até os dias de hoje, claro que sempre o aprimorando. Já fui palestrante em formação de professores sobre o tema, palestrante em Semana de Consciência Negra em algumas escolas, contudo, a primeira palestra a gente nunca esquece. Foste tu, Íris, que me deste a primeira oportunidade, quando me incluístes na palestra para a formação de alunos da Pedagogia e alguns professores do município de Gravataí. Ainda fazia essa palestra com lâminas, hoje já a faço no PowerPoint.

Comecei, então, a dar aula no município de Esteio na disciplina de Religião. Assim, iniciei o meu trabalho efetivo em sala de aula com a temática afro-brasileira, trabalhando preconceitos, discriminações, construção de estereótipos e etc. Inclusive, alguns alunos apresentaram-se em um seminário que a escola promove tratando da temática; fiquei muito orgulhosa. No final do ano de 2009 chegou pela correspondência da escola uma oportunidade maravilhosa, um curso a distância promovido por alguns municípios em parceria com a UFRGS: *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*. Como era professora contratada, não sabia direito se podia me inscrever ou não, mas era a grande oportunidade de dar continuidade aos meus estudos sobre a temática africana e afro-brasileira. Fiz a inscrição no último dia, morrendo de medo que não fosse escolhida por conta do contrato. Felizmente, deu tudo certo, fui selecionada e comecei a fazer o curso.

No início, quando fiz a inscrição, achei que era importante fazer o curso porque a certificação era de 200 horas e isso seria um acréscimo no meu currículo como estudante e futura pesquisadora da temática africana e afro-brasileira. Confesso que não acreditei muito que um curso a distância fosse capaz de ensinar muita coisa e também achei que por ser a distância seria mais fácil para eu acompanhar, porque estava meio sem tempo. Engano meu, aprendi muito ao longo desse ano. Foi um curso muito difícil, cheio de leituras, trabalhos, participações em fóruns, enfim, uma quantidade imensa de trabalhos quase todas as semanas. Posso dizer que esse foi um ano, por conta do curso,

riquíssimo em debates, diálogos, discussões, auxílios dos colegas e também participantes do curso, e principalmente um ano de intenso aprendizado. Digo-te que valeu muito à pena ter dado continuidade aos meus estudos da temática através do curso a distância. Foram muitos textos de professores especializados no assunto que trouxeram uma grande quantidade de conhecimentos a minha pequena, mas agora, grande bagagem, iniciando com conceitos, como discriminação, preconceito, racismo, etc. que costumamos colocar em lugar comum, depois textos de sensibilização com a temática, tendo vídeos, músicas, literatura e muito mais como instrumentos didáticos. Essa carta não seria suficiente para te dizer o quanto enriqueci meus conhecimentos através desse curso.

Nesse momento, além das tuas aulas, tenho muito mais recursos e ideias novas para trabalhar com os educandos sobre o tema. Aprendi que não é apenas com os textos e filmes que se pode ensinar a História africana e afro-brasileira; é andando no bairro, pesquisando as origens de cada aluno, com vídeos pesquisados na Internet, enfim podemos aprender sobre o tema no cotidiano, no dia a dia. Fizemos muitos trabalhos e leituras que pretendo utilizar com meus alunos a partir de 2011 e, claro, oferecer também aos meus colegas de profissão algumas dessas aprendizagens, para que possamos trabalhar coletivamente e elaborar um projeto combativo contra a discriminação e o preconceito na escola, assim como um projeto que venha valorizar os negros na sociedade e no ambiente escolar. Para isso vou ter que deixar de guardar na gaveta virtual os projetos elaborados durante o curso e oferecê-los na escola efetivamente, deixando os medos de lado.

Sabe, Íris, que apesar do curso ter sido uma fonte imensa de conhecimento e aprendizado, muitas vezes senti falta daquele tapinha nas costas de um professor dizendo: *não é bem por aí* ou *está indo pelo caminho certo*. Talvez porque o curso a distância seja algo novo para mim, que sempre valorizei tanto o contato pessoal. As vezes em que aconteceram alguns encontros presenciais eram em horários e dias que eu não tinha como ir. Acredito que faltou um pouco aquele retorno do professor para verificarmos se estávamos fazendo as leituras conforme a perspectiva, pois sem o retorno ficamos na dúvida se estávamos indo pelo caminho certo ou adequado. Entendo que a demanda de um curso a distância é bem maior do que em

aulas presenciais, mas gostaria que tivesse tido um pouco mais de retorno.

Íris, na verdade te mandei essa carta para dizer o quanto tu foste importante na minha graduação e por despertar em minha vida o interesse pelo estudo da História africana e afro-brasileira. Mas também para te dizer que não parei de estudar o assunto, que continuo procurando obter cada vez mais conhecimento. Esse curso que fiz é uma prova de que quero continuar o trabalho iniciado ainda no começo da minha graduação, mas ainda quero mais. Apesar de querer continuar estudando, acredito que, depois desse curso, o momento seja para colocar em prática tudo que foi aprendido, construindo muito mais conhecimento com os educandos para que, através do ensino da temática, possamos transformar a sociedade em que vivemos em uma sociedade menos preconceituosa e discriminatória.

Obrigada por tudo, um grande e forte abraço de tua ex-aluna,

Priscila Spindler Correa<sup>65</sup>

---

<sup>65</sup> Professora da Rede Municipal de Esteio.

Cachoeirinha, 30 de novembro de 2010

Paulo,

Eu estou te escrevendo porque admiro o teu trabalho e vou tentar explicar o porquê.

Antes de iniciar este curso eu acreditava que fazia um bom trabalho e que este curso seria mais um para minha lista de como trabalhar com a diversidade. Na realidade, quando peço uma avaliação sobre a minha metodologia e as aulas, a resposta é de que eles gostam muito de mim e adoram minhas aulas. Sei que eu tenho muito carisma com os alunos e que não sou parada no tempo, mas existem muitas coisas que preciso mudar e de certa forma acabaste me incentivando.

Quando comecei o curso ele já estava em andamento e tive que fazer algumas leituras rapidamente só para cumprir tarefas e cumprir tarefas é fácil. Faço o que o curso pede e pronto. Percebi que não era nada fácil. As tarefas exigiam envolvimento, o que para mim era novidade em um curso.

Os vídeos me despertaram muita a atenção, pois consegui ver que existem pessoas que fazem acontecer, como tu, por exemplo, e não estão desgastadas, cansadas; ao contrário, resistem.

Os encontros presenciais e os fóruns foram importantes para eu ver que existem pessoas que comungam das mesmas ideias que eu; que possuem mais dificuldades, mais facilidades, resistências e alegrias também.

Eu me envolvi tanto com o curso que estes dias me peguei falando com uma colega sobre o que estava lendo como se nós estivéssemos fazendo o mesmo curso. Também notei meu envolvimento quando minha família, marido e filhos disseram que não saio mais da frente do computador ou então quando passava em frente a uma escola no horário da saída, ao ver um grupo de meninos brigando, eu parei o carro e fui falar com eles, sem conhecê-los, e consegui acabar com a discussão. Acho que eles ficaram mais surpresos que eu. Percebi uma mudança pessoal, não só profissional.

Em suma, estou te dizendo que minha expectativa com o curso é de que ele seria só mais um, mas não foi; e fizeste parte deste meu pensar, que vou tentar explicar agora.

Na escola eu sempre falei que nós deveríamos ser mais humildes e conhecer nossos alunos, nossa comunidade e trabalhar com a realidade *real*, não a que está no papel. Como resposta sempre ouvi da maioria que eu estava sonhando e que isto não era currículo, pois os alunos precisam ser preparados para o mundo, precisam ser alguém. Pois bem, discuti, argumentei até que me calei e me isolei. Faço o trabalho com algumas parcerias e muito com meus alunos e pais.

Quando eu vi o trabalho de campo que fazes com os quilombolas e que envolve toda a comunidade, eu pensei: – *É isto que precisamos fazer, nossos alunos precisam saber disto. É deste mundo que devemos falar, é neste mundo que vivemos.*

Eu não posso me dar ao luxo de calar, me isolar, não reagir. Sei que não está sendo fácil, mas quem disse que seria! Tenho que continuar agindo e falando até que as pessoas cansem de escutar ou se unam aos projetos diferenciados.

Com o curso me reanimei, não sei se é possível dizer isto a esta altura do ano. Não foi um curso de como trabalhar a diversidade, mas de perceber que existe a diversidade e nosso trabalho está pautado nela. Nossas origens precisam ser resgatadas e valorizadas. Não podemos negar isto aos nossos jovens.

Não podemos mais ficar só fazendo trabalhos para a Semana da Consciência Negra, mesmo que eles sejam bons. Temos que agir diariamente. Não podemos mais assistir aos Billys dando depoimentos que desistiram da escola ou que a escola desistiu deles. Precisamos estar conscientes disto fora do ambiente escolar também. Mas, bem, quero te agradecer por me oportunizar este curso e espero que vocês continuem levando educação de qualidade, provocativa a outros como eu.

Eu fazendo minha parte daqui e tu fazendo daí talvez nós possamos nos encontrar e trazer junto conosco outros mais, pois afinal nosso mundo é redondo.

Até qualquer dia, abraço,

Raquel Moreira dos Santos<sup>66</sup>

---

<sup>66</sup> Professora da Rede Municipal de Cachoeirinha e de Porto Alegre.

Porto Alegre, 25 de novembro de 2010

Senhora Rosa Maris,

Venho por meio desta expor minha profunda satisfação de haver feito esse curso que representou para mim um espaço de esclarecimentos a respeito da obrigatoriedade do ensino da cultura africana para o ensino básico devido à aprovação da lei da africanidade. O curso também foi importante, pois propiciou um espaço de reflexão crítica a respeito da prática pedagógica do ensino em relação ao ensino da cultura africana. Vejo que rever as práticas pedagógicas incluindo novas perspectivas sociais de ensino e aprendizagem que propiciem educação inclusão social de diversas realidades sociais afro-brasileiras foram algumas de minhas expectativas ao me inscrever nesse curso em EAD.

Acredito que, após concluído esse curso, terei aprofundado um pouco mais a minha percepção crítica a respeito das características que são necessárias para o desenvolvimento de um ensino efetivo que consiga envolver comunidades escolares com diferentes culturas sejam elas afro-brasileiras ou não num processo de ensino e aprendizado que contribua para a construção de uma sociedade mais justa e culturalmente desenvolvida. Além disso, entendo que, pessoalmente, esse curso proporcionou uma renovação de minha sensibilização social para a importância e necessidade de se haver uma educação, que só será de qualidade, se levar em conta a contribuição sociocultural da construção da cultura brasileira.

Entendo que o curso foi satisfatório, pois não ofereceu respostas prontas, além disso, discutiu-se, baseado no texto da lei que obriga o estudo da cultura africana no ensino básico, a respeito de possíveis procedimentos didático-pedagógicos aplicáveis que pudessem auxiliar o docente no trabalho de tópicos da cultura africana nas escolas. Enfim, em relação ao terceiro tópico (formas de instrumentos de avaliação), percebe-se que pensar a respeito da importância

da avaliação para o processo de ensino-aprendizagem significa valorizar o processo educativo como um todo, destacando, portanto, a educação como um processo muito antes de ser um produto, ou seja, o processo do ensino-aprendizagem deve ser levado tão ou mais a sério que o resultado, pois é no processo que se percebem os aspectos positivos, negativos (falhas do discente e do docente), elementos necessários para a reflexão e o avanço da educação. Por isso, essa atividade é tão importante, pois a partir dos comentários feitos por cada aluno a respeito das expectativas alcançadas ou não é que o docente consegue perceber suas falhas e melhorar cada vez mais suas aulas. Por fim, gostaria de dizer que as discussões ocorridas nesse curso a respeito desse assunto ainda precisam evoluir, novas práticas didático-pedagógicas precisam ser criadas, esse tema por mais que tenha sido discutido não deve ser entendido como um assunto concluído. O processo de valorização dos afrodescendentes é um processo cultural e como tal é lento, requer tempo, paciência e debate integrado com outros setores e inclusive com o restante da sociedade que está envolvida indiretamente com a educação.

Att.

Rejane Teresinha Cavalheiro<sup>67</sup>

---

<sup>67</sup> Professora da Rede Municipal de Alvorada e de Porto Alegre.

Alvorada, 30 de novembro de 2010

Tutora Rosa Maris,

Meu nome é Rita Woida. Estou escrevendo esta carta para contar minha experiência e trajetória no decorrer deste curso de que tive o privilégio de participar.

Primeiramente gostaria de agradecer aos Tutores, em especial a Rosa Maris, que deve ter tido muita paciência comigo, sempre me auxiliando quando desesperada pedia socorro. Foi minha primeira experiência com curso a distância e tudo que aprendi guardarei para o resto de minha vida, pois este curso me mostrou o quanto sou capaz de enfrentar desafios, antes nunca imaginados.

Minha maior dificuldade foi a de enfrentar o computador. Sei que tenho muito que aprender, mas foi por causa deste curso que me encorajei e superei minhas expectativas; gostei tanto que procurarei participar de todos em que houver oportunidade.

Quanto ao curso, aprendi a conhecer a temática afro-brasileira, no contexto histórico, situando no tempo, no espaço e as consequências que ela causou, conscientizando os cidadãos da necessidade destas intervenções na formação do povo brasileiro, reafirmando a implementação da Lei 10.639/03, sendo obrigatória no currículo escolar.

Na minha escola já aconteciam algumas atividades sobre a temática, mas faltavam maiores esclarecimentos quanto à forma correta de trabalhar e desenvolvê-la em sala de aula, bem como durante o ano letivo. Ao mesmo tempo ficou claro como trabalhar com a temática de modo interdisciplinar, unindo as áreas do conhecimento em um mesmo trabalho.

Acredito que o curso atingiu minhas expectativas, pois, em uma das minhas últimas atividades, como o Projeto de implementação da temática, consegui, além de unir várias áreas do conhecimento, construir conceitos trabalhados em sala de aula tanto da minha

disciplina como das outras, associados à temática. Este projeto participou da *Mostra da Diversidade* em Alvorada e na nossa escola ficou em primeiro lugar como um dos melhores trabalhos. Tenho certeza de que com este conhecimento e por trabalhar em uma escola que possui a proposta de Ciclos de Formação, no próximo ano acontecerão trabalhos bem engajados na temática, divulgando e socializando as pessoas para refletirem a respeito da discriminação racial, hoje ainda presente e muito forte em nossa sociedade.

Enfim, de acordo com o objetivo proposto pelo curso em mostrar a dimensão procedimental do saber docente, tão importante quanto as dimensões conceitual e ética, considerada fundamental para assegurar a implementação da Educação das Relações Étnico-Raciais e do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em todos os ambientes de aprendizagem das escolas de Educação Básica das Redes de Ensino, o curso cumpriu seu papel com excelente qualidade, fornecendo material rico, disposto na plataforma com acesso aos cursistas, inclusive com bibliografias para pesquisas futuras com o objetivo de ampliar nossos conhecimentos e buscar matérias alternativas com filmes, apresentações em PowerPoint, vídeos diversos e outros.

Hoje aprendi mais um pouco sobre esta temática tão polêmica em nosso cotidiano, mas que com certeza não irá parar por aqui, pois estarei sempre à disposição de novos cursos como este que acabei de participar. Obrigada pelas informações e parabéns a todos que organizaram este curso.

Rita Woida<sup>68</sup>

---

<sup>68</sup> Professora da Rede Municipal de Alvorada.

Novo Hamburgo, 30 de novembro de 2010

Professor Wagner Chagas,

Venho, por meio desta, historiar minha trajetória acadêmica neste curso. Muitas certezas iniciais, muitas incertezas ao finalizar o curso, sendo que as certezas iniciais nada mais eram do que falta de conhecimento, ou seja, como levantar hipóteses sobre algo desconhecido?

Quando recebi o convite da Andrea, minha amiga pessoal, para fazer o curso, logo demonstrei interesse, primeiro por ser gratuito, segundo por não estar na universidade, algo que sempre sinto falta, terceiro por ser da UFRGS, ou seja, sinônimo de qualidade.

Em relação à temática fiquei um pouco curiosa, já que não compreendi a abrangência do tema, sendo minha fala inicial: *o que iremos estudar afinal, pois o trabalho voltado para a não discriminação é algo comumente e incessantemente realizado por mim, então, o que saber mais?* Quanta surpresa...

Já no segundo módulo, com a riqueza do material apresentado, fui capturada pelo tema e logo compreendi a proposta, ou seja, passei a ser uma disseminadora de tudo o que me era apresentado pelo curso, chamei direção, coordenação, falei com as professoras da área de História, Português, da Informática, da Biblioteca, enfim mobilizei muitos, não todos, mas muitos.

Neste período entra a sua presença, professor Wagner, que, após um convite, veio em minha escola e encheu, literalmente, a mente dos meus colegas com uma gama de informações que resultou em duas semanas, no mínimo, de conversas paralelas sobre o assunto. Parecia quase impossível falar de outra coisa, muitas informações, desconhecidas anteriormente, fizeram com que as pessoas reavaliassem, tanto a sua prática quanto as suas concepções sobre o tema, resultando num completo alcance do objetivo inicial do Seminário, assim como do curso: instigar os professores a colocarem

em pauta, tanto no PPP quanto em sua prática, as questões relativas ao tema, levando em consideração a história do continente africano, assim como a visibilidade dos afrodescendentes no contexto escolar e em sua comunidade.

Minhas certezas iniciais transformaram-se em muitas dúvidas, já que, quanto mais conhecimento sobre o assunto eu adquiria, mais momentos de reflexão sobre a forma de colocá-lo em prática e mais, como trazer o grupo de professores a se engajarem na proposta de forma verdadeira e não imposta. Concluo que muito se faz necessário fazer, tendo sempre a clareza de que, sozinha, não se faz nada e que toda mudança exige um tempo para acontecer de fato. Assim, muito trabalho teremos pela frente e tendo como **inspiração** esta pessoa simples, inteligente, verdadeira, intensa, alegre e amiga, ou seja, capaz de entregar-se ao desconhecido com a alma, algo raro nos dias de hoje.

Para você, professor Wagner, o meu muito obrigada pela oportunidade de tê-lo conhecido, de ter usufruído tanto da sua companhia quanto dos seus conhecimentos.

Um grande abraço, da sua aluna

Rosangela Ester da Silva<sup>69</sup>

---

<sup>69</sup> Professora da Rede Municipal de Novo Hamburgo.

Alvorada, 29 de novembro de 2010

Cara Rosa Maris,

Estamos na reta final do curso e muitas são as reflexões e considerações que faço desde a decisão de fazê-lo até este momento.

A motivação para ingressar foi principalmente por estar em uma escola onde discussões eram feitas a respeito da temática e desta estar engajada na aplicação das Leis 10.639/03 e 11.645/08. Portanto, senti necessidade de me apropriar de conhecimentos que com certeza não tinha.

Apesar de ser simpatizante com a causa, percebi que pouco sabia a respeito; o meu olhar mudou muito em minha caminhada na escola em que trabalho, mas com certeza a participação no curso apurou o meu olhar ainda mais e me fez ver a condição dos afrodescendentes de maneira diferenciada e me colocando na pele, literalmente. Digo isso porque mudar paradigmas requer a mudança de velhos conceitos tão impregnados que nos cegam. Precisou, em meu ambiente de trabalho, perceber na fala de uma colega negra a carga de sua cor, o quanto a todo dia precisava mostrar o seu orgulho, para me dar conta de que se dizer não racista requer realmente perceber como o outro se sente, e o quanto podemos, sem perceber, atingir este outro no que lhe é mais caro que é sua identidade, sua visão de si, visão essa que se constrói muito em cima de como o outro nos vê.

Acredito, Rosa, que para que seja possível transformar o cotidiano escolar e uma sociedade deve haver uma transformação interior de cada agente transformador que é o educador, e para isso as discussões, as formações são ações imprescindíveis. Precisamos conhecer para valorizar e reconhecer no nosso cotidiano as contribuições do povo africano na construção da cultura brasileira.

Rosa, minhas expectativas ao começar o curso não eram muito claras, confesso, pois eu só pensava que eu queria poder saber mais de como trabalhar com meus alunos a temática sem ficar no campo da

constatação de uma situação, mas, sim, com ações afirmativas capazes de promover mudança tanto neles como em mim como educadora, tendo mais instrumentos para minha prática. Não posso deixar de te dizer que fico muito feliz de pensar que trabalho em um local que está com uma caminhada muito boa, que tem em seu PPP a aplicabilidade das leis contempladas, que estão nos planejamentos não como ações isoladas, mas fazendo parte do currículo. Isso por grande influência da gestão, que promove a reflexão constante das práticas, fazendo-a em todas as instâncias do cotidiano escolar, proporcionando a mudança de atitudes e de olhar sobre este prisma. Claro que ainda temos muito a crescer e a melhorar em nossa caminhada, até por que, como são questões culturalmente enraizadas, ainda o que difere é a caminhada individual de cada um dos componentes deste grupo de trabalho.

Participar desse curso foi fundamental para promover reflexões e contribuir no meu local de trabalho com os conhecimentos adquiridos. Daqui para frente, estando na equipe diretiva desempenhando o papel de apoio pedagógico, penso que o curso me ajuda e ajudará muito para que eu possa contribuir sendo uma agente propagadora, alicerçando o trabalho, levando inclusive como material de apoio os sugeridos pelo curso, que foram ótimos.

Encerro agradecendo a ti pelas ajudas e aos organizadores que me proporcionaram momentos de estudos valiosos.

Abraços,

Samira B. Gil<sup>70</sup>

---

<sup>70</sup> Professora da Rede Municipal de Alvorada.

Gramado, 2 de dezembro de 2010

Aline de Abreu,

A oportunidade de participar do curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, através do apoio da Prefeitura de Gramado, foi muito importante para o aprimoramento das minhas atividades em sala de aula, para o meu aperfeiçoamento enquanto profissional que busca capacitação para melhor atender as novas perspectivas do nosso mundo globalizado.

Na verdade, todo o curso foi além das minhas expectativas, porque apresentou um embasamento teórico-metodológico que vai além de um único posicionamento sobre a cultura afro-brasileira, mas foi um aprendizado didático que pode ser aplicado em qualquer disciplina, pois colocou que os alunos são o centro da aprendizagem e devem, a partir das oportunidades que a escola proporciona, tornar-se descobridores de significações, ter oportunidades práticas para usar suas habilidades e competências, socializar-se, auto-motivar-se e estimular-se no grupo e com o grupo; eleger e utilizar suas próprias estratégias de ação e/ou investigação; exercitar o poder de opção e de decisão; assumir responsabilidades; tomar iniciativas; eleger membros da equipe para representações e exercer a cidadania em sua plenitude devem estar sempre presentes no nosso cotidiano pedagógico.

E para que isto ocorra, o professor deverá ser o mediador responsável para trazer a realidade para dentro da sala e do conteúdo, fazendo com que o aluno se transforme em um narrador de si e de sua história e em um fazedor de perguntas problematizadoras da realidade social, orientando-o na decodificação de símbolos, através da interpretação de textos escritos, falados e sugeridos pelo corpo, imagens e interações, por meio da análise de gráficos, mapas, documentos e outros; colocando material pedagógico à disposição dos alunos compatíveis com as diferentes temáticas abordadas em sala de aula; utilizando, analisando, interpretando junto com os alunos múltiplas linguagens e inteligências; fazendo perguntas, levantando dúvidas,

criando enigmas, problematizando, sugerindo desafios que remetam a processos de ação-reflexão-ação sobre a realidade cotidiana.

Desta forma, todos estes procedimentos didático-pedagógicos devem estar presentes em qualquer atividade docente, por serem contextualizadores de um processo que realmente busca a aprendizagem efetiva dos seus educandos, através de uma participação atuante de um fazer história, pois todos nós diariamente também criamos a nossa história. Por isso, o professor é um agente de transformação e é o promotor, na sua escola, de uma cultura de cidadania e paz. Também ele é o mediador na construção de entendimentos que favoreçam a convivência entre os diferentes grupos étnico-raciais existentes na comunidade e, sendo assim, ele também deve ter uma formação continuada, assim como todos os profissionais que atuam na escola, de modo que todos possam participar, efetivamente e com conhecimento de causa, promovendo as mudanças necessárias no processo educativo, em razão das alterações curriculares, já efetuadas ou a serem efetuadas, para que sejam atendidas as disposições legais e normativas em vigor.

Através de tudo que aprendemos, estamos aptos a propor estratégias pedagógicas que permitam às nossas escolas caminhar da sensibilização, que envolve, para a capacitação, que está comprometida com as mudanças que se fazem obrigatórias no currículo escolar e relacionadas com as questões de diversidade cultural, étnico-racial e de gênero, exercitando a pedagogia do respeito, da autonomia, da inclusão e da emancipação, voltada para a formação do cidadão e direcionada ao combate de todas as formas de discriminação.

E, como já dizia Einstein, *A mente que se abre para uma nova ideia jamais volta ao seu tamanho original*, não tenho dúvidas de que o meu fazer pedagógico sofrerá significativas mudanças, pois, no início do curso, o que eu tinha era uma vaga ideia da cultura afro, e que ela deveria ser abordada em sala de aula, pois existia uma lei. Porém, a partir de todo o material que nos foi fornecido, pude contextualizá-la, aplicá-la em sala de aula, melhor abordar a temática nos seus diversos segmentos, proporcionar aos alunos material audiovisual fornecido pelo curso, o qual também passou a integrar minhas aulas, para que ficassem melhor entendidas.

Neste ano, fizemos a semana afro na escola bem diferente do ano passado e já tivemos a colaboração de diversos professores, uma

vez que eu sabia exatamente o que queria desenvolver com os meus alunos. No próximo ano, certamente farei meu trabalho ainda mais significativo. Permitir a reflexão sobre a África como um continente plural, marcado por uma espetacular diversidade étnica e cultural e, diante disto, eleger alguns valores que nos pareçam bases de nossa afro-brasilidade é pensarmos como esta presença está em nossa sociedade, ainda que de maneira subalternizada, de modo a darmos um novo enfoque e novo *status* a estes valores, que nos constituem como brasileiros, é nosso dever de cidadãos.

Cursos como este deveriam ser sempre disponibilizados para os professores, pois é importante estarmos sempre atualizados. Por isso, agradeço a iniciativa da Prefeitura de Gramado, das Diretoras Rozelei Rissi, da Escola Mosés Bezzi de Gramado e Marlene Colombo, da Escola Luíza Corrêa que incentivaram a minha participação neste curso. Também agradeço a disponibilidade da Coordenadora do polo em Gramado, Denise Foss, que com sua simpatia tão bem me acolheu em todas as minhas dificuldades. E em especial, um agradecimento muito afetuoso à minha tutora Aline, que sempre foi muito atenciosa comigo, estando sempre presente para a resolução de quaisquer problemas. Além disso, foi mais que uma tutora, pois sempre me impulsionava para a realização das atividades de uma forma muito eficaz, para que eu realmente pudesse concretizá-las.

Por todos estes motivos, tenho presente que a cultura afro (temática), realmente a partir de agora terá uma professora que será sua divulgadora, realizando atividades que proporcionem a educação dos jovens em direitos humanos, valorizando sua cultura, cidadania, discutindo seus direitos sociais ou coletivos no seu sistema legal e, por consequência, no âmbito escolar, para que possamos, através da cooperação de todos os segmentos de nossa sociedade, banir o racismo, construindo uma sociedade mais justa e democrática, que repudie qualquer tipo de discriminação. Estou feliz por ter tido a oportunidade de receber todas estas informações, que consequentemente contribuíram para o meu aperfeiçoamento profissional e para ser uma cidadã melhor para o meu país.

Sandra Conceição Negrelli <sup>71</sup>

---

<sup>71</sup> Professora da Rede Municipal de Gramado.

Sapucaia do Sul, 23 de novembro de 2010

Victor Hugo Antunes,

Essa oportunidade que tive, ao fazer o curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, fez meu conhecimento aumentar, pois tinha assuntos que não sabia. Os textos e vídeos apresentados foram de alta sabedoria, fiquei deslumbrada, aprendi como é importante a cultura africana, que aos poucos nos foi deixada. Minha expectativa ao começar o curso era apenas de ter aulas a distância, mas aos poucos fui entrando no assunto, comecei a gostar e hoje eu sei o quanto foi importante este curso na minha vida.

Na minha vida profissional foi importante, pois a temática afro-brasileira que será incluída nas séries iniciais onde dou aula, tive assuntos abordados, como, por exemplo, igualdade racial, diversidade cultural, identidade, raça e cidadania e vi a importância do negro, qual o seu papel diante de uma sociedade racista. Todas estas questões fizeram com que eu, professora, refletisse sobre a importância que tem o negro na sociedade. Já na minha vida pessoal, eu fiquei deslumbrada com as aulas, cada tópico colocado era uma novidade e um aprendizado riquíssimo.

Estudar as africanidades brasileiras significa estudar o mundo, o jeito de ver a vida, conhecer nossos ascendentes, participar da construção da nação negra. Através de textos, vídeos, cada tópico trabalhava desde a África milenar até os dias de hoje; apresentava, também, os africanos que trouxeram para o Brasil como escravos, mostrando sua força de trabalho, suas técnicas, suas competências, suas religiões,

Aos poucos o negro foi transformando este cenário pobre, ocupando seu espaço na sociedade e construindo sua identidade, reivindicando seus direitos de cidadãos com mesmas igualdades.

Os negros passaram pela dor de seus sentimentos e lutaram pelos seus ideais e venceram. Hoje toda esta história será passada da

seguinte forma: o professor terá responsabilidade social na formação de alunos críticos, atuando junto com seu aluno, mostrando a riqueza da raça negra e ensinando de forma livre, colocando o assunto em discussão com o grupo, transformando as atividades em questões abertas, cada um dando sua opinião e mostrando que, se fizermos as coisas certas, o mundo será um só.

Sandra Rita Pereira.<sup>72</sup>

---

<sup>72</sup> Professora da Rede Municipal de Sapucaia do Sul.

São Leopoldo, 30 de novembro de 2010

Rute Sena,

Ao final do ano letivo da 2009, na última reunião pedagógica, a equipe diretiva informou a respeito de um curso sobre antirracismo que seria promovido pela UFRGS em 2010. Como se tratava de um curso com enfoque em História e Cultura Africana/ Lei 10.639/03, não foi surpresa quando eu fui a única interessada em participar do curso no grupo de professores. Tentei fazer inscrição online no dia seguinte e não consegui. Fui então até o centro de São Leopoldo, num dos polos da UFRGS de Educação a Distância. A pessoa que me atendeu mostrou-se interessada, tanto no curso como em me ajudar, mas não conseguimos efetuar a inscrição. Ela sugeriu então que eu enviasse um e-mail à UFRGS, escrevendo que eu gostaria de participar do curso, juntamente com outros dados informativos quanto a minha formação profissional e real interesse no mesmo. Saí do polo, acreditando que a universidade logo efetuaria contato, mas não foi o que ocorreu.

Após as férias, ao retornar para a escola recebi a informação de que não havia confirmação da inscrição. Logo na primeira reunião de início de ano letivo, a direção fez o oferecimento de outro curso de formação que ocorreria numa instituição em São Leopoldo, a respeito da Cultura Africana e Indígena. Aceitei participar e fui na primeira reunião, juntamente com outros colegas da rede. A princípio chamou-me a atenção o número de professores participantes. Era bem superior ao que habitualmente se fazia presente nos encontros organizados por outra secretaria do município com carga horária inferior.

Na primeira noite do curso, uma das primeiras tarefas sugeridas pela palestrante foi a formação de grupos, a partir da origem étnica. Alguns professores afirmaram não saber a qual grupo étnico pertenciam; pelo fato de terem apenas um dos pais negros, esses profissionais manifestavam dúvida se isso os tornaria negros, já que

tinham a pele clara. Fiquei triste e desapontada ao perceber mais uma vez a dificuldade que as pessoas tem em se identificarem como negras. Este grupo é caracterizado por pessoas com formação mínima de graduação e com fácil acesso à informação. A atitude das educadoras evidencia a forte discriminação existente em relação ao negro, pois a dificuldade só existiu quando se fez necessária a identificação com esse grupo étnico. A palestrante infelizmente não conseguiu aliar clareza, informações, dados históricos que propiciassem esclarecer a professora que lhe fez o questionamento, assim como o grande grupo que ansiava por uma resposta. Quando a primeira noite do curso chegou ao final, eu tinha apenas uma certeza: aquele curso não se enquadrava dentro das minhas expectativas de aprendizagem dentro da Cultura Indígena e Africana. Não retornei para aquele curso, comentei o fato na escola, e o secretário da escola naquele período conversou com algumas pessoas que poderiam me auxiliar na matrícula para o curso e, mesmo após o prazo, conseguimos efetuar a minha matrícula.

Foquei então a minha atenção no curso que iniciava. Sempre gostei de realizar estudos a respeito da Cultura Africana, a África, etc. Eu estava sedenta por informações e este curso atendeu as minhas expectativas. O material oferecido aos cursistas foi diversificado e rico. Os referenciais teóricos sugeridos possibilitaram buscar e construir maiores informações a respeito do tema. As escolas que já inseriram no seu currículo as proposições da Lei 10.639/03, e que contam também com a participação dos demais membros que representam a comunidade escolar, obtiveram a oportunidade de discutir, nos diversos segmentos, a África, a contribuição dos negros para o desenvolvimento do Brasil, a reestruturação da escola para acompanhar as mudanças que caminham juntamente com a efetivação da Lei.

Penso que teria sido de grande valor a participação de todos os professores no curso. Me senti um pouco solitária no desenvolvimento das tarefas, sendo a única professora cursista da escola. Este sentimento também emerge do fato da temática ainda não ocupar um lugar de destaque, entre tantos estudos que são priorizados no ambiente escolar. Penso que o crescimento pessoal e profissional, do grupo de professores de todas as escolas participantes, seria considerável com a

participação dos mesmos no curso. O professor ainda nos dias atuais justifica que não trabalha a partir dos pressupostos da Lei 10.639/03 por desconhece-la, mas não se coloca à disposição para participar de cursos de formação que poderiam lhe dar subsídios para a prática pedagógica.

Minhas expectativas foram atendidas, no que diz respeito ao fato de conhecer mais um pouco a minha história, propiciando discutir, argumentar e desenvolver também com alunos, colegas e demais interessados um estudo, bem como uma conversa mais criteriosa, embasada também nos temas propostos por este curso que finda.

Este curso propiciou o avanço no meu trabalho de pesquisa em relação à cultura africana. Há muito material que necessito reler e buscar pressupostos teóricos a partir da bibliografia sugerida. O conhecimento que adquiri, principalmente neste último ano, procuro compartilhar com aqueles que manifestam interesse em conhecer as peculiaridades de outra cultura. Neste ano também, desenvolvi vários trabalhos com os meus alunos a respeito da cultura africana. Eles participam ativamente das tarefas propostas e trazem elementos e questionamentos, feitos por seus familiares, missionários ou pastores da igreja, que ainda colocam o negro em uma situação de selvageria e inferioridade. Neste momento é imprescindível que tenhamos subsídios para romper com preconceitos e desconstruir estigmas tão fortemente enraizados.

Agradeço apenas a oportunidade de aprender mais um pouco a respeito da cultura africana e coloco-me à disposição de vocês para continuar interagindo, rompendo com preconceitos.

Simone Nascimento dos Santos<sup>73</sup>

---

<sup>73</sup> Professora das Redes Estadual e Municipal de São Leopoldo.

Esteio, 21 de novembro de 2010

Caros Tutores,

Gostaria de colocar o quanto fazer parte do curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* – UFRGS foi importante para minha pessoa, pois no decorrer do curso tive a oportunidade ímpar de ampliar meus conhecimentos e vivências diante da temática apresentada. E ainda mais, afirmar que, simultaneamente, acontecia o fazer pedagógico na escola onde atuo e, sem dúvida alguma, um ano atípico, de muitas ideias efervescentes, conflitantes, a favor das atitudes mais humanizadoras.

Como professora, beber desta fonte cultural é deveras enriquecedor, a nossa profissão necessita dessa renovação de ideias e assim fugir da mesmice e progredir, juntamente com os alunos, aprender a lição e multiplicá-la no cotidiano de cada um, com isso almejando um futuro melhor, com justiça, paz e fraternidade, futuro este que deve ser cuidadosamente pensado hoje.

Um curso é para dar curso, continuidade, nunca para ser um fim em si mesmo, mas como a mesma água do rio não passa duas vezes no mesmo lugar, também a oportunidade de aprender e ensinar se dá naquela forma, única.

Fazer parte do curso implicou enormes desafios, descobertas e superações, pois a prática exige a ação, e esta é que efetivamente dá cara à teoria. Por vezes, as tarefas pareciam não condizer com as incumbências cotidianas, exigindo uma dose maior de dedicação às questões e ideias levantadas.

Com o término do curso, vem a sensação de que valeram a pena os esforços despendidos e os conhecimentos e experiências vividas. No entanto, fica a expectativa de ter alguns artigos publicados e quem sabe a oportunidade de fazer um Mestrado na temática.

Um projeto pessoal é de continuar escrevendo, sempre gostei das palavras, expressão de um mundo de ideias que fascinam escritores

e leitores. Gostaria muito que meus alunos multiétnicos e culturais compartilhassem do maravilhoso mundo das ideias e do entendimento, que nos eleva a todos ao nível da igualdade.

No entanto, quero concluir desejando, a todos vocês que colaboraram com este grandioso trabalho, meus parabéns, e dizendo ainda do quanto é louvável o bem que fazem, ao idealizar, com tanto esmero e competência, o curso, certamente uma ação multiplicadora de sabedoria.

Um grande abraço.

Suzane Lehdermann Silveira<sup>74</sup>

---

<sup>74</sup> Professora da Rede Municipal de Esteio.

Cachoeirinha, 30 de novembro de 2010

Quando fiquei sabendo no ano anterior que aconteceria este curso a distância, fiquei bem empolgada, pois estaria aprendendo um pouco mais sobre as questões da diversidade, que até então eu sabia pouco. Havia então algumas datas para esta inscrição e como eu estava com várias situações de trabalho, acabei perdendo a data de inscrição ao curso.

Após o meu retorno em março, conversando com a tutora local, professora Simone Custodio, esta possibilitou-me a inscrição. A minha expectativa foi muito grande em relação ao curso. As discussões nos fóruns e os textos, e ainda os vídeos, colaboraram e muito em minha aprendizagem. Cresci bastante como educadora, também percebi que aprendi bastante nas trocas com os colegas. A cada aula presencial que participei, a partir dos relatos dos colegas ficava sempre pensando de que forma eu, enquanto professora, adequaria um pouco melhor o meu fazer pedagógico, em relação às questões da diversidade que ainda são muito veladas nas relações sociais.

Acredito que o curso foi de grande valia, pois já estamos realizando de outra forma as relações na escola. Cresci muito em relação às discussões de situações do cotidiano que ocorrem dentro do espaço escolar, sinto-me muito mais segura e um pouco mais madura para refletir e modificar a minha prática pedagógica a partir de todas estas vivências oferecidas pelo curso.

Ainda gostaria muito de agradecer à tutora local, que foi de uma solicitude muito importante para mim, ao tutor a distância, que teve muita paciência comigo e estava sempre entrando em contato e lembrando das coisas que deveríamos realizar. E também agradecer a todos os professores deste curso que foram maravilhosos em suas sábias palavras e contextualizações de nossos trabalhos. Agradeço a oportunidade e espero que haja continuidade com brevidade!!!!

Atenciosamente,

Valéria Gil<sup>75</sup>

---

<sup>75</sup> Professora da Rede Municipal de Cachoeirinha.



## 2.5 AOS COLEGAS

Alvorada, 24 de novembro de 2010

Meus caros colegas,

Quando chegou à escola a comunicação acerca do curso sobre História e Cultura Afro-Brasileira, fiquei bastante interessada, porque o assunto é muito atual e importante para a sociedade, sendo que agora é lei trabalhá-lo na escola. Então, senti a necessidade de me atualizar. Fiquei na expectativa de ser sorteada, porque havia número limitado de vagas. Deu tudo certo e pude me inscrever.

Na aula inaugural na UFRGS pude constatar o tamanho do projeto pelo número de pessoas envolvidas e municípios contemplados. As expectativas cresceram, porque a troca de conhecimento com outras realidades através dos colegas é muito importante.

A cada aula realizada, refletia sobre os textos e atividades propostas, o que me fizeram crescer muito e ver a realidade escolar de uma forma diferente. A temática tem que estar incluída no currículo, fazer parte do cotidiano e não ser somente nas datas comemorativas.

Como é lei e o assunto somente agora é que está sendo discutido na escola, ainda encontra-se muita resistência e incompreensão, principalmente de como ser abordado e desenvolvido. Muitos professores ainda estão muito ligados a datas comemorativas e resumem os assuntos históricos e sociais nesses dias.

Comecei a conversar com os colegas, a repassar matérias, e concordamos que se nota perfeitamente em sala de aula o racismo, o preconceito, a exclusão existente no convívio social, sim, e que é necessário mudarmos alguns comportamentos padronizados pela sociedade e que podemos fazê-lo em sala de aula, todos os dias.

Na escola algumas pessoas começaram a mudar sua postura, foram atrás de informações e conhecimentos, outros são mais

resistentes e acomodados, não dando muita atenção. Mas como toda a mudança é lenta, quem acredita nela já está na luta.

Preciso relatar algo que ocorreu na biblioteca da escola após a hora do conto da história *Bruna e a Galinha D'Angola*. Estava mostrando imagens da cultura do povo angolano e de outras atividades provenientes da cultura afro-brasileira, como a capoeira. Durante a apresentação, dois alunos fizeram duas colocações que me deixaram feliz e ver o fruto do trabalho realizado por algumas pessoas na escola. Um menino do primeiro ano com características físicas claras dizer que gostaria de ser negro e um aluno do terceiro ano, afirmando: – Ainda bem que sou negro. Acho que não é preciso falar mais nada. Essas duas colocações refletem o que queremos – pessoas com auto-estima e orgulhosas de seu passado histórico-social e já está acontecendo.

Quero agradecer a todos por esses meses maravilhosos de troca de conhecimento e crescimento. Obrigada.

Alessandra Mianes<sup>76</sup>

---

<sup>76</sup> Professora da Rede Municipal de Alvorada.

Alvorada, 30 de novembro de 2010

Carta aos educadores

Venho através desta motivar os educadores a participarem de cursos os quais os qualifiquem na construção de uma pedagogia antirracista.

Tenho como modelo o curso que estou finalizando, que se intitula *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*. Neste curso pude repensar conceitos e preconceitos e entender a importância de promover direitos humanos e justiça social.

Pude ampliar minha visão quanto à Lei 10.639, reconhecendo e valorizando a diversidade. Nós, educadores, devemos alargar o nosso olhar e elaborar planos de trabalho coletivo, articulando a inserção efetiva da Lei 10.639 no cotidiano escolar; promover fundamentação teórica sobre o tema e principalmente inserir nos documentos escolares procedimentos e critérios referentes a uma educação antirracista. Enfim, é de cursos deste nível acadêmico que precisamos para difundir de vez na educação a história e a cultura africanas.

Atenciosamente,

Bibiana Hermann<sup>77</sup>

---

<sup>77</sup> Professora da Rede Municipal de Alvorada.

Alvorada, 30 de novembro de 2010

À Maria Jaqueline Rodrigues

Sou presidente de uma ONG de promoção de *igualdade racial*, no município de Alvorada denominada *ONG Cassangue*. Sou funcionária pública no município de Alvorada e trabalho no Centro de Capacitação Profissional Milton Santos e também cursista do curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*.

Participar deste curso, colega Jaqueline, contigo, foi algo muito especial, tanto em nível pessoal quanto em nível cognitivo, pois adquiri novos referenciais teóricos, que estão com certeza me ajudando no meu trabalho socioeducativo da ONG Cassangue.

No início, estava com um pouco de receio de participar do curso, pois não sou professora da rede municipal. Por isto, apesar de toda a minha experiência educativa e social que tenho na ONG, não possuo a didática pedagógica que os educadores possuem, inerente a sua formação.

Conforme te relatei várias vezes em nossos encontros para estudos e discussão dos textos dos módulos e postagens, bem como nos encontros presenciais, foi a primeira vez que fiz um curso a distância e custei um pouco a me apropriar desta nova modalidade e de todas suas ferramentas tecnológicas, mas que graças ao teu incentivo e de nosso maravilhoso e incansável tutor local, Prof. Bruno Zarzana Lopes, aprendi a fazer meus trabalhos e postá-los.

Destaco que, graças ao curso, consegui compreender o significado de diversidade, pluralidade, discriminação e preconceito racial como conceitos que devem ser entendidos na sua amplitude e combatidos no dia a dia da sociedade. Como tu sabes, Jaqueline, por minha experiência de muitos anos nos movimentos sociais, agora em especial através da ONG, consegui fazer um *link* das ferramentas do curso com a minha prática.

Também saliento do curso, além dos momentos de discussões através dos fóruns, a interação com as pessoas que fizeram parte

do grupo dos tutores a distância, pois é através da cooperação que ocorre a prática e a consequente modificação do seu pensamento, além também de fazer os indivíduos trabalharem em coletivo e com singularidade de ideias. Assim verdadeiramente se constroem na prática a diversidade e o olhar plural sobre o mundo, passando-se a conviver com o diferente, respeitá-lo, lutando para que todos tenham seus direitos garantidos por lei.

Aliás, a Lei 10.639/03 é uma lei que iguala o Brasil, nos dá uma reparação histórica para um povo que ajudou a construir a história do Brasil, que deve ser visto então como protagonista e não coadjuvante de um processo. Temos, porém, muito a construir em vários aspectos para a população afrodescendente, pois ainda temos problemas com temas como saúde, regulamentação de terras remanescentes de quilombos e condições de acesso ao ensino superior, para só assim, com estas medidas estruturadas, o negro se enxergar e ter sua visibilidade em nossa sociedade.

Aproveito a oportunidade, Jaqueline, para colocar em pauta nossas discussões a respeito da política nacional de saúde integral da população negra, já que este assunto nos interessa por estarmos ligadas diretamente aos nossos irmãos de raça. Penso que é um assunto muito importante, que afeta esta população e o reconhecimento de que as condições de vida resultam de injustos processos sociais, culturais e econômicos presentes na História do País.

Nossa história, construída sobre as bases da desigualdade, impôs à população negra o lugar das classes sociais mais pobres e de condições mais precárias. A persistência desta situação ao longo desses anos é facilmente observada na precocidade dos óbitos, nas altas taxas de mortalidade materna e infantil, na maior prevalência de doenças crônicas e infecciosas, bem como nos altos índices de violência urbana que incidem sobre a população negra.

A resistência dos movimentos sociais vem denunciando a indignidade das condições de vida da população negra, traduzindo-as em reivindicações por políticas públicas que reduzam a desigualdade e ampliem o acesso dos mesmos a bens e serviços públicos, além do fato de permitir, como foi o caso, através do curso, resgatar uma identidade e melhorar a autoestima destas populações.

Falando-se em autoestima, colega Jaqueline, como nós vimos

no último sábado, dia 27 de novembro, na 4ª Kizomba, e no domingo anterior no Africanação, um evento *show* de reunião de artistas e profissionais apoiadores do grupo Nação Periférica de Alvorada, juntamente com o grupo Afro Reggae, mostrou através da arte (percussão) uma mostra da rede de resistência cultural Afro-Brasileira.

Na 4ª KIZOMBA, com o desfile Black Fashion, promovido pela Cassangue, tivemos um lindo desfile de cabelos afro, onde a beleza da raça e a conseqüente valorização de sua autoestima foram mostradas na passarela.

Usei somente estes dois exemplos, entre tantos, para provar que é possível desenvolver ações de pertencimento e valorização, mesmo não sendo educadora em ambiente escolar, e que, com isto, também estamos certamente implementando, conforme o objetivo do curso, a Lei 10.639/03 além dos muros escolares.

Para concluir, colega Jaqueline, não posso também deixar de citar o maravilhoso trabalho desenvolvido pelo Espaço da Diversidade SMED que, na pessoa da Prof.<sup>a</sup> Maria de Lourdes Santos da Silva e de toda a sua equipe, e graças às ações que desenvolvem desde 2005 em relação à temática, agregada este ano com o curso, fizeram de Alvorada uma referência dentro da temática, criando condições para que, hoje, a nossa cidade não tenha vergonha de se enxergar afrodescendente, de religião de matriz africana, pois aqui, hoje, o negro está se impondo cada vez mais e assumindo os seus espaços de direito.

Para finalizar esta carta, Jaqueline, quero dizer-te que gostei de estudar junto contigo, com os tutores da plataforma, conhecer e me engajar no espaço da Diversidade/SMED, em especial ao Bruno, pois foi graças a ele que consegui concluir mais uma etapa da minha formação e qualificação profissional.

Carla Rosana Araújo Cavalleiro<sup>78</sup>

---

<sup>78</sup> Funcionária do Centro de Capacitação Profissional Milton Santos, em Alvorada, e Presidente da ONG Cassangue.

Alvorada, 30 de novembro de 2010

Caro Educador,

Venho, através desta, alertá-lo para a grande tarefa da educação que é o combate a todas as formas de preconceito, especialmente o racismo, que apesar de algumas políticas específicas ainda é muito presente. É reproduzido no nosso cotidiano através de práticas e de conceitos.

Portanto, lhe escrevo convidando a participar da construção de uma proposta pedagógica inovadora que me foi oportunizada no decorrer de 2010.

Muitos foram os debates, muito fui sensibilizada sobre a questão racial, refleti sobre a exploração e a sociedade, construí conceitos, definições de racismo, discriminação e preconceito, contextualizei histórica e socioeconomicamente a luta do negro no Brasil.

Apreendi sobre valores civilizatórios Afro-Brasileiros, dentre o que há de mais importante na sua cultura e que orientam as suas vivências através de circularidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, cooperativismo, comunitarismo, ancestralidade, memória, ludicidade, energia vital (Axé) e oralidade. Estes são valores que estão presentes no nosso cotidiano e que herdamos de nossos antepassados e que muitas vezes não reconhecemos suas origens.

A educação e todo o processo educacional devem ser entendidos enquanto alvos de uma análise aprofundada e seu aspecto de manutenção da ordem discriminatória. Entender o papel educativo da luta negra inserido no papel social da educação é contribuir no processo de erradicação da discriminação racial.

Enfim, caros colegas, o curso de extensão proporcionado pela UFRGS, mediado pela Secretaria de Educação do Município de Alvorada, é uma oportunidade de trilhar o caminho do conhecimento sobre a temática, é essencial para se perceber a possibilidade da mudança de postura racista que cabe a nós, educadores, provocar

dentro das escolas, espaço onde a sociedade discute e procura soluções para os seus problemas coletivos.

Um abraço

Catiane Sierote do Amaral<sup>79</sup>

---

<sup>79</sup> Professora da Rede Municipal de Alvorada.

Porto Alegre, 20 de novembro de 2010.

Caros Colegas!

Para aqueles e aquelas que me conhecem ou, de um outro modo participaram de minha caminhada junto às escolas, na profissão de professor, e sabem o quanto é trabalhoso tentar manter-se atualizado ou inserido num contexto tão dinâmico que é a escola. Vemos diariamente pessoas sobrevivendo em contextos penosos, expropriadas de uma vida social, econômica e profissional digna. Estas pessoas, os alunos e as alunas, estão sob nossos cuidados durante parte do dia e, por que não dizer, durante grande parte de suas vidas. Mesmo que criemos oportunidades, nos infinitos momentos do processo ensino-aprendizagem, não damos conta da necessária instrumentalização para que transformem seus contextos de exclusão, sofrimento e abandono. Esta tarefa pertence a toda a sociedade.

Estar na escola já é um grande passo para a maioria de nossos alunos. Mas não é o bastante! Há muito para ser feito ainda no espaço escolar. Queremos um espaço social que ensine e desenvolva nos alunos um sentimento de pertencimento, de valorização e de autoestima elevado. Muitos dizem que todo o espaço social é educativo, até o é, mas nenhum outro espaço social ensina ou possibilita a construção de vivências como a escola, em torno da aquisição e do aperfeiçoamento da língua escrita e falada, por exemplo. É na escola onde vamos nos instrumentalizar com os recursos culturais, aprendendo a ler e a escrever! Abrimos, desta forma, portas e janelas para a aquisição e a construção de redes de conhecimento. Sabemos do valor das tradições orais existentes em certas culturas; ao mesmo tempo, lembramos dos conhecimentos e saberes que se perderam pelo fato de certas civilizações terem sido extintas pelo furor conquistador dos povos europeus. Assim, ao valorizarmos e potencializarmos o trabalho formador e educativo nas escolas, socializando e disseminando a importância de dominarmos as tecnologias culturais ao nosso dispor,

teríamos uma ação político-pedagógica caracterizada por *uma visão mais generosa da educação* (Texto do Prof. Paulo S. da Silva). Há muito a oferecer aos sujeitos que chegam às escolas e às pessoas que acreditam em um mundo melhor para todos e todas.

Neste momento, estamos concluindo um curso oferecido pela UFRGS chamado *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*. Neste ano tivemos a oportunidade de ter acesso a conteúdos criteriosamente planejados para aperfeiçoarmos o nosso fazer pedagógico junto às escolas. Este conjunto de saberes buscou nos instrumentalizar para efetivarmos os pressupostos constantes nas Leis 10.639/03 e 11.645/08 (LDB da Educação Nacional nº 9.394/06). Além de excelentes textos sobre a temática, o curso foi nos sensibilizando com outros elementos, como entrevistas, quadro de conceitos, vídeos, ações junto às escolas, fóruns de discussões entre os cursistas, encontros entre professores e alunos, atividades de produção textual e exercícios para aplicação nas escolas. Esta capacitação trouxe a sensibilização e a formação inicial necessária para, numa ação mais comprometida, construirmos um currículo, uma prática político-pedagógica e uma avaliação mais coerente e engajada à realidade de exclusão étnico-social vivida pela sociedade brasileira.

A nossa escola construiu, através de uma equipe diretiva comprometida com a inclusão de todos os sujeitos da comunidade escolar, um Projeto Político-Pedagógico pautado em princípios que contemplam práticas contrárias ao racismo e ao preconceito de gênero, entre outros tópicos igualmente relevantes. Este PPP coloca diretrizes para o processo ensino-aprendizagem centrado no seguinte paradigma: *O acolhimento – a educação na diversidade e os direitos humanos*.

E, neste momento, percebo e quero compartilhar com todos esta nova abordagem, pautada na promoção de uma educação que privilegia o convívio harmônico entre todos os sujeitos, numa educação que propicia a aprendizagem nas relações entre o diverso que nos constitui. Afinal, somos o *povo brasileiro* conhecido no mundo todo pela alegria, pela luta e pela capacidade de se recriar sempre frente às imposições de uma economia de dominação externa, excludente e perversa. Agora, chegamos à maturidade de um tema que pouco foi explorado no currículo escolar; felizmente, estamos nos conscientizando da sociedade multicultural e pluriétnica onde

vivemos. A luta das comunidades afro-brasileiras cresce em visibilidade e, cada vez mais, agrega adeptos. Na história da educação, temos este novo paradigma, o qual é recente para aqueles formados pela cultura dominante e excludente. E é neste contexto onde refuto a expressão *constatação da constatação* à qual já fui questionado! Creio que todos estão aqui neste mundo, em suas realidades, para aprender e, desta forma, não me deixarão perder a esperança, a alegria e o entusiasmo para prosseguir nesta ação infinita que se constitui na relação entre professor-aluno, no aprender e ensinar, ensinar e aprender (Paulo Freire).

A nós todos, professores e professoras, cabe a mediação de um papel social-político-filosófico-espiritual muito complexo, mas possível, ou seja, a transformação de nossas práticas: construindo um currículo que dê visibilidade e valorize as diversas culturas que nos constituem como povo brasileiro; desconstruindo saberes e valores arcaicos que privilegiam e fomentam a dominação de alguns sobre outros; dando um basta às formas de exclusão e de representações equivocadas que geram muito sofrimento e constrangimentos, nas *normatizações* atrofiadas e de camuflagem da realidade social sobre certo/errado, culto/ inculto, negro/ branco, homossexual/ heterossexual, etc. Podemos, portanto, assumir que somos preconceituosos e racistas, para, assim, questionarmos e transformarmos nossos hábitos e atitudes positivamente. A informação e o conhecimento são essenciais para vermos outras formas de nos relacionarmos com o diverso, apreendendo outras formas de ver e ser no mundo.

A diversidade nas diferenças físicas e culturais propicia inúmeras aprendizagens e nos coloca no mundo com outras possibilidades de *vir a ser* através do convívio harmônico, sendo esta outra percepção fundamental para termos uma educação plena, com sujeitos mais felizes e aptos a realizarem seus sonhos e utopias.

Finalmente, sugiro ainda a busca de informações e a construção de outros saberes. Um dos saberes valiosos está nos princípios e *Valores Civilizatórios* (texto de Azoilde L. da Trindade) compartilhados aos brasileiros através da cultura afro-brasileira. Ao apreendermos valores pautados na energia vital constante em tudo o que nos cerca (Axé); na tradição da oralidade e na circularidade (devemos voltar ao hábito de conversarmos mais nos olhando nos olhos), onde tudo se transforma,

tudo está em movimento e se renovando; no cuidado e na atenção ao corpo, no todo, à cada célula que nos forma; no retorno da vivência da musicalidade nos ambientes por onde circulamos, contrapondo-se, talvez, ao vulgar naturalizado pelo processo de massificação cultural atual; ao lúdico, que nós é característico enquanto sujeitos que se relacionam e aprendem uns com os outros; na cooperatividade, que se opõe ao egoísmo e coloca-nos no coletivo e responsabiliza-nos por tudo o que existe, estamos promovendo saberes, entre outros tantos saberes vitais e que dariam um sangue novo ao nosso dia a dia!

Acredito ainda que todos seriam mais felizes, mais completos e mais solidários ao fazermos frente à crescente e terrível irresponsabilidade social diante da vida, incentivada pelos programas televisivos massificantes e emburrecedores, descontruindo, quem sabe, a zombaria, o deboche e o enriquecimento a qualquer preço, por atitudes mais solidárias e de valorização de si e do outro no fortalecimento das relações fraternas e cooperativas. Este é o desafio que compartilho com vocês, meus colegas queridos; temos muito a fazer, muito a aprender e ensinar, mas nunca estaremos sozinhos nesta luta, pois haverá sempre uma corrente de pessoas engajadas a nos auxiliar e prontas para colocarem sua energia em prol de não deixarmos as grandes ações político-sociais esmorecerem. Obrigado àqueles e àquelas que possibilitaram estas grandes aprendizagens no decorrer do curso.

Um abraço cordial, muito axé!

Prof. Clairton Elsenbach<sup>80</sup>

---

<sup>80</sup> Professor da Rede Municipal de Porto Alegre.

Alvorada, 29 de novembro de 2010

À Aline Andreatta de Souza,

Endereço esta carta educativa para minha colega Aline, aqui da SMED, por dois motivos: primeiro, somos colegas do setor administrativo desta secretaria; segundo, entramos na mesma data no curso, que já estava em andamento, no final do módulo dois. Desta maneira, com a excelente ajuda de nosso tutor local, Prof. Bruno Zarzana Lopes, que nos deu quase várias aulas particulares e mais nossa integração como cursista, conseguimos nos inserir perfeitamente no contexto do curso.

Sou pedagoga, com formação em anos iniciais. Mesmo não estando no momento em sala de aula, o curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* representou uma oportunidade única de formação para mim dentro da temática, já que, como sabemos, a Lei 10.639/03 existe há um bom tempo, porém a sua aplicação ainda não atingiu a maioria dos gestores e professores, em nossa rede municipal de ensino, mesmo tendo nossa secretaria um setor específico para tratar a temática, que é o Espaço da Diversidade, que tem à frente a Prof.<sup>a</sup> Maria de Lourdes Santos da Silva, juntamente com sua equipe, que desde 2005, quando da instituição do setor nesta secretaria, vem implementando a temática em nossas escolas municipais paulatinamente.

Desde quando iniciei o curso, já estava com meu pensamento posicionado para a construção de uma política de contribuir para o desenvolvimento de ações afirmativas, enquanto educadora e dentro do meu setor aqui na secretaria, que contemplasse a temática em nosso dia a dia. Encaminhando-me para o final do curso, além de ter aumentado os meus conhecimentos, ampliando-se minha visão de mundo, consigo agora *olhar* para o mundo e perceber em nossa sociedade todos os avanços e o que temos que avançar, por exemplo, em temas como saúde, regulamentação de terras remanescentes de

quilombos e condições de acesso aos bens econômicos e sociais por parte de todos, sem exclusão.

Hoje, consigo sem um olhar raivoso, mas crítico, perceber melhor, em uma grande mídia, o papel secundário a que, por exemplo, os negros ainda estão submetidos, ou em que aparecem, ainda muitas vezes.

Visualizamos no módulo cinco: ao olhar da fotografia e dos viajantes, ainda vemos imagens secundárias ou depreciativas na sociedade.

Percebo, em uma construção que tive ao longo do curso, que a Lei 10.639/03 nada mais é que uma reparação histórica e justa para aqueles que também construíram a História deste país, que devem sem dúvida ser protagonistas da mesma, com todo o valor que lhes é devido.

Vejo com certeza que a UFRGS/DEDS teve uma iniciativa até então única e pioneira em relação à temática, que lhe rendeu também maior notoriedade no Estado no desenvolvimento das questões étnico-raciais, pois só em Alvorada contemplamos mais de 50 professores cursistas, que certamente estão sendo multiplicadores da temática em seus espaços.

Justifico isto, na medida em que percebo, em nosso município, uma grande valorização em ser negro, ou como seguidor de religião de matriz africana, já que a SMED/Espaço da Diversidade, **desenvolveu uma série de ações públicas** na rede, que deram destaque e deixaram como marca a questão de pertencimento, que até então, nos meus mais de 20 anos de atuação na rede, não se percebia.

Por tudo isto, o curso só veio a acrescentar, dizendo que, graças ao mesmo, nunca tantos negros e pardos tiveram oportunidades de serem vistos. É o início de uma caminhada em que, no futuro, muitos frutos ainda vamos colher, já que podemos dizer, com certeza, que Alvorada é referência quando se fala na temática.

Daisy Luísa Pagani<sup>81</sup>

---

<sup>81</sup> Funcionária Administrativa da Secretaria Municipal de Educação de Alvorada.

Alvorada, 30 de novembro de 2010

Prezada Solange,

É com satisfação que lhe escrevo para dizer que consegui aprender sobre os temas diversidade cultural, multiculturalismo, pluralidade cultural, discriminação e preconceito racial, sendo que estes temas são importantes para toda a formação humana.

Durante os momentos de discussões, percebi que aprendemos através da interação com as pessoas que fazem parte de um grupo. Isso enriquece nossos conhecimentos, pois há cooperação, no sentido de nos motivar para continuar nossos estudos.

Solange, você sabe que o nosso trabalho na Secretaria nos exige tempo, dedicação e empenho, pois atendemos uma rede de 27 escolas municipais. Entretanto, buscamos participar efetivamente do curso, pois foi através dele que conseguimos reconstruir a proposta pedagógica que trata da Diversidade Cultural no Projeto Político-Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação. Além disso, as aprendizagens que adquiri durante a formação no curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* contribuíram para que eu pudesse auxiliar as escolas na reconstrução de seus Projetos Pedagógicos e Planos de Trabalho.

Solange, aproveito este momento para elogiar o nosso tutor Bruno pela sua dedicação. Ele foi incansável em todos os momentos em que precisei das suas orientações. Confesso-lhe que, se não fosse o seu empenho, talvez não pudesse concluir o curso.

Foi a primeira vez que fiz um curso a distância e no início achei muito difícil lidar com as ferramentas tecnológicas, porém com o passar do tempo aprendi a fazer meus trabalhos e encaminhá-los (postar) para a plataforma do curso.

Quanto a minha participação no curso, posso lhe falar que consegui entender o significado de diversidade, pluralidade, discriminação e preconceito racial. Foram estas aprendizagens que me possibilitaram crescer pessoal e profissionalmente.

Quando faço referência sobre o crescimento pessoal e profissional, quero dizer, Solange, que nós enquanto educadoras temos que aproveitar os momentos de estudos, oficinas, palestras, entre outros importantes, para compreender e conviver com o diferente, respeitá-lo como pessoa, pois este já tem seus direitos garantidos por lei.

Finalizando esta carta, Solange, quero dizer-lhe que gostei de estudar junto com você, pois foram momentos valiosos e prazerosos de leituras, discussões, produção textual, entre outras atividades que foram propostas pelo curso. Agradeço a você e aos tutores da plataforma (curso) e, em especial ao Bruno, pois foi através dele que consegui concluir mais uma etapa da minha formação e qualificação profissional.

Um abraço da sua colega de profissão,

Denise Pinto de Oliveira Almeida<sup>82</sup>

---

<sup>82</sup> Diretora Geral do Setor Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Alvorada.

Alvorada, 30 de novembro de 2010

Aos meus colegas Cursistas

Me chamo Denise L. Martins, sou professora de Arte-Educação formada pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e Pós-Graduada em Educação, mas na verdade isso é só uma forma de apresentação e não é nem em sombra o que eu sou. E foi baseada nisso (por reconhecer que precisava conhecer mais), que recebi com alegria a oportunidade de fazer o curso sobre procedimentos didáticos em história e cultura afro-brasileira, oferecido pela UFRGS. Minhas expectativas eram muito altas: por compartilhar ideias com um universo acadêmico, mestre, doutores e colegas professores, esperava encontrar a pesquisa, a investigação, discussões, questionamentos, etc., mas, com o decorrer das aulas, descobri que aprendizagem nunca tem um patamar final, ela se dá enquanto se vive; descobri que investigação, pesquisa, discussão deve estar sempre sendo fomentada dentro do professor e no ambiente escolar, considerando o fato de o professor ser um pensador interessado em criar, não em copiar. O que adquiri nesses meses foi um olhar mais apurado em relação à temática e mais subsídio para melhor pensar o dia a dia na sala de aula e em toda a escola. Hoje, ao ver um texto ou uma imagem posso ter uma visão mais crítica e mais argumentativa.

O curso apresentou materiais de fácil leitura, porém profundos em conteúdos, ricos em conceitos, mas não taxativos. Particularmente gostei muito dos módulos que falaram sobre arte africana: sons, imagens falam muito e são transmissores de ideologias; foi material precioso para minhas aulas.

Não estou completa, estou em processo.

Denise Lopes Martins<sup>83</sup>

---

<sup>83</sup> Professora de Rede Municipal de Alvorada.

Porto Alegre, 24 de novembro de 2010

Nádia,

Este curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* tem sido muito gratificante para mim, no aspecto profissional, pois através dele me aproprio de subsídios referentes à temática e, se essa busca fosse de maneira autônoma, não teria tido acesso a tanto material, neste curto espaço de tempo. Também no aspecto pessoal é muito significativo, porque me fez refletir mais ordenadamente sobre meu trabalho com relação às etnias africana e indígena. Tu sabes que já há muito tempo em meu trabalho profissional tenho inserido a temática indígena, já que na escola temos colegas realizando projetos com a temática afro-brasileira. Analisando à luz dos conhecimentos adquiridos neste curso, percebo que tenho condições e é necessário sistematizar mais adequadamente meus procedimentos – contemplando de forma mais específica e organizada o desenvolvimento de projetos – frente às orientações que obtivemos neste ano.

Quando nos inscrevemos no curso, minha decisão foi porque a temática era de meu interesse e, certamente, me traria algum material para subsidiar meu trabalho pedagógico. Minhas expectativas foram superadas de forma extremamente gratificante, pois tive acesso a palestras, visitas, leituras e orientações de professores que me deixam muito satisfeita. Todo o material a que tive acesso é uma oportunidade de conhecimento e aprendizado, tanto para mim como para outras pessoas de nossa comunidade escolar. Já enviei materiais para colegas de História, Geografia, Biblioteca, SOE, SOP e mães representantes de seu segmento no Conselho Escolar, com as quais conversei posteriormente sobre o material.

Através deste curso também realizei uma análise mais organizada da documentação oficial, tanto das Leis 10.639/03 e 11.645/08 como das DCNs que, obviamente, já eram de meu conhecimento, mas sobre as quais não havia me debruçado com tanto empenho.

Já estamos no fim desta jornada de estudos e meu desejo é de querer continuá-la. Em certos momentos foi difícil conciliar trabalho e estudo. Não consegui participar de todas as aulas presenciais, pois algumas, como lembrás, coincidiam com nossos sábados letivos. Mas a maneira como nos organizamos, uma de nós ficando na escola num dos turnos e a outra estando presente à aula, nos ajudou porque fizemos trocas de informações sobre o que assistimos. Deixei de assistir em 28/agosto, à tarde, em Alvorada, porque tínhamos o encerramento da gincana ambiental na escola, mas o que assisti pela manhã, relatos de bolsistas da UFRGS, sobre as características do ensino em Angola e Cabo Verde, foram muito interessantes. Em outro sábado, na universidade, só compareci à tarde, pelo mesmo motivo. Soube, por ti, que a palestra da manhã foi ótima, mas à tarde lembrás que o palestrante apresentou, entre outros assuntos, os fitoterápicos e a culinária afro-brasileira que eram resultados de pesquisa etnográfica que havia feito com alunos de curso da UFRGS junto a quilombos do RGS, entre eles em Mostardas, sobre o qual tivemos matéria na imprensa ainda neste mês de novembro. O assunto apresentado nessa palestra era tão rico em informações e conhecimentos que daria motivo para outro curso. Não apenas essa, mas todas as palestras assistidas somaram ao todo do curso.

Outro aspecto a considerar é o acesso à bibliografia e indicações realizadas durante todo o período e que, na elaboração de nosso projeto, nos permitiu sugerir para aquisição ao acervo da escola, bem como para aquisição ao acervo pessoal.

Enquanto estávamos no curso, não tivemos turma na escola para usar os conhecimentos adquiridos, mas foi importante porque na função de gestor nos possibilitou interagir com os setores que trabalham diretamente com os alunos e professores como SOE, SOP e Biblioteca, canalizando informações para estes e, através de diálogo, sugerindo intervenções pedagógicas. Quando retornarmos à sala de aula, em 2011, já teremos um outro olhar em nosso cotidiano pedagógico quanto à relação com alunos, destes entre si e a todo o processo educativo, no que se refere a preconceitos, discriminações, formas de racismo e como trabalhar essas questões no sentido de valorizar mais enfaticamente as diversidades étnico-culturais com que convivemos.

Minha expectativa é que ao terminar o curso consiga me engajar a um grupo para dar continuidade a esse processo que também é pessoal, de trabalhar para a desconstrução de preconceitos e valorização da diversidade étnica e de gênero e isto sempre paralelo a meu trabalho com a questão ambiental.

Na escola, como já conversamos e contatamos com alguns colegas, minha perspectiva é de que formemos um grupo de trabalho com aqueles professores que se predisponham a tal, para desenvolvermos um projeto de escola que contemple cultura e história africana, afro-brasileira e indígena. Te digo isto porque não adianta forçar as pessoas a aderirem a uma proposta de trabalho sem estarem convencidas de seu valor, pois não irão somar. É preferível que se convençam de sua validade ao constatarem o trabalho e o envolvimento de alunos e comunidade escolar.

Quero estar sempre informada sobre novas oportunidades oferecidas pela universidade, como também palestras e seminários que ocorram em nossa cidade e que nos possibilitem estar enriquecendo nosso trabalho e oportunizando novas reflexões, o que permitirá sempre uma análise de meu trabalho e a reformulação nos procedimentos didático-pedagógicos quando necessário. Saio deste curso muito motivada para um trabalho mais consciente e com critérios mais definidos para a resolução de situações do processo educativo.

Com esses estudos do módulo 6 – Avaliação – também pude fazer uma revisão em meus procedimentos no que se refere à avaliação dos alunos em minha disciplina – Ciências – o que me permite ser mais objetiva, definindo de maneira mais explícita o como avaliar, isto é, definindo melhor meus critérios de avaliação, procurando sempre me tornar mais justa e menos subjetiva nesse processo. Esse material de final de curso é fundamental para mim, não só dentro da temática étnico-racial, como em todo o meu trabalho. E, como é sugerido em alguns tópicos, é adequado que disponibilizemos essas informações para estudo e reflexão do grupo de professores de nossa escola.

Sabes que sou uma pessoa que acredita e tem esperanças na educação. Temos que ter presente que as transformações não são imediatas e, na maioria das vezes, não observadas por nós, mas ao longo da vida de cada aluno. E que satisfação quando encontramos um

ex-aluno já adulto que nos relata sobre sua família e vida profissional e a alegria que manifesta ao relatar sobre seu crescimento como pessoa. Considero que, como profissionais, sempre poderemos crescer, e nosso fazer pedagógico se tornar mais adequado ao momento em que vivemos, contemplando as reais necessidades dos alunos com os quais trabalhamos, para que no processo educativo se tenha como resultado um indivíduo com conhecimentos, competências e habilidades que lhe permitam tomar decisões que ajudem a promover uma sociedade mais igualitária, com direitos respeitados a todos os cidadãos e deveres que sejam cumpridos por todos, independentemente de sua condição econômica e *status* social.

Avaliando minha decisão de participar do curso, considero que foi inequivocadamente correta, pois contribuiu para meu retorno à sala de aula com mais condições de realizar meu trabalho com justiça, competência e não tendo receio de enxergar e enfrentar situações discriminatórias e trabalhá-las dentro do grupo para desconstruí-las. Mesmo concluindo o curso, estou motivada a continuar na busca de conhecimentos tanto de história e cultura africana, afro-brasileira como indígena. Foi participando desse curso que percebi o quanto desconheço e o quanto preciso estudar nessa área.

Ao concluir essa longa retrospectiva, constato que raramente, ao final de um curso, parei para uma análise e avaliação do processo desenvolvido. Essa tarefa foi oportuna também porque me permitiu, de forma organizada – e tive que parar para pensá-la – verificar o que estudei, como o fiz e como pretendo utilizar esse conhecimento a que tive acesso.

Nádia, tenho esperanças que faremos uma bela e atuante parceria junto a outros colegas, em nossa escola, no próximo ano.

Até lá,

Eneida Lombardi Porto<sup>84</sup>

---

<sup>84</sup> Professora da Rede Municipal de Porto Alegre.

Sapucaia do Sul, 30 de novembro de 2010

Colega Gabriel,

Inicialmente me questionava por que fazer este curso, afinal sou professor de Matemática e esta temática nada tem a ver com o que ensino.

Posso afirmar que estava errado. As escolas têm que trabalhar a História e a Cultura Afro-Brasileira não de uma forma superficial como é visto em muitas escolas, mas, sim, tornando este conteúdo uma parte significativa e transformadora no currículo.

Uma mudança no currículo se faz necessária, pois mesmo sendo o Brasil dito um país de *todas as raças* a discriminação e o preconceito ainda fazem parte do nosso dia a dia. Basta fazer algumas indagações que reforçamos esta hipótese: *qual o percentual de afrodescendentes matriculados em escola particular?, em uma multinacional quantos afrodescendentes ocupam cargos de chefia?*

Não tenho uma *fórmula mágica* (cita matemático) para lecionar este assunto nas escolas, mas sei que não é correto ensinar da maneira que aprendi e devemos questionar está prática docente eurocêntrica. Também destaco a importância de todos os professores trabalharem juntos. O ensino interdisciplinar culminando com a apresentação de projetos e debates vai certamente gerar uma aprendizagem significativa.

Sei que tenho um árduo trabalho pela frente. Mas estou determinado e motivado a fazer o meu melhor.

Ae, cara, está disposto a me ajudar??????

Jáder Tadeu Vargas da Silva<sup>85</sup>

---

<sup>85</sup> Professor da Rede Municipal de Sapucaia do Sul.

Sapucaia do Sul, 30 de novembro de 2010

Prezados colegas de curso da Escola Otaviano Silveira,

Agora que o curso está se encerrando, revivemos momentos nostálgicos de muita leitura, muita informação compartilhada, muito trabalho e também muita alegria, pois foram momentos em que pudemos debater um assunto comum e aprimorar os conhecimentos que obtínhamos no decorrer do curso.

Sei que ainda temos muito a fazer para pôr em prática todas as informações que assimilamos, mas permaneceremos juntos para fazermos a diferença pela busca do reconhecimento de um direito de um povo que foi muito sacrificado.

Juntos, compartilhamos de expectativas, de sonhos de mudanças por uma escola e sociedade melhores. Hoje sei que todo o nosso trabalho nas curtas horas de almoço e nas noites pelo MSN valeram a pena. Fomos felizes na nossa empreitada.

Juntamente com vocês, fiz parte de uma formação gratificante, não há dúvidas.

Espero que tenhamos a oportunidade de continuar na busca de conhecimentos sobre a temática e que nossos professores da UFRGS não nos esqueçam.

Obrigado pela força que recebi de todos e até a próxima.

José Glademir Moares<sup>86</sup>

---

<sup>86</sup> Professor da Rede Municipal de Sapucaia do Sul.

Sapucaia do Sul, 29 de novembro de 2010

Prezado José Glaudemir,

É com alegria que escrevo esta carta, pois sei que, como eu, você compartilha das mesmas ideias e dos mesmos anseios que me afligem nesta curta existência. Sei que, como eu, busca fazer a diferença nesta nossa missão de professor.

Quando comecei o nosso curso tinha como objetivo buscar conhecimento para que meu trabalho tivesse uma melhor qualidade, pois acredito que estamos sempre em transformação e aprendizado.

Este aprendizado se dá durante a vivência, e é um processo de entendimento e de troca constante de conhecimento entre pessoas.

Sempre entendi que algumas coisas não são justas e que não deve haver conformismo, pois durante o decorrer histórico do homem muitas pessoas tiveram coragem de lutar por um mundo melhor e é nestas pessoas que podemos nos inspirar.

Durante a minha formação como pessoa, em um sentido mais amplo, convivi com várias ideias construídas por pessoas que somente tinham um objetivo: o de explorar e maltratar os outros.

Cresci num momento histórico em que pouco se falava de racismo e de preconceito. Não que não houvesse, tudo era muito silenciado, tinha colegas negros na escola que, hoje lembrando da época, eram tratados de forma diferente pelos professores e por alguns colegas. Hoje me dou conta de que certos conceitos que tenho, em relação ao tema, foram fortemente construídos no ambiente escolar e que, por mais imparcial que eu possa ser, carrego ainda estes conceitos gerados na escola, lugar onde faço o meu trabalho e onde tento modificar conceitos impregnados na sociedade e em mim.

Mesmo sempre tentando não ser preconceituosa e tratar as pessoas com justiça, tenho muito ainda a fazer.

Gostei muito do curso, pois aprendi coisas que não sabia, nem tinha a menor ideia de como certas situações se davam. Como você

sabe, tenho formação histórica acadêmica, e até há bem pouco tempo a História era dos supostos vencedores. Gostei da desconstrução histórica e das abordagens do uso das imagens e da música que o curso nos trouxe.

Sabe, José, durante a faculdade fiz amizade com muita gente e tinha uma colega que depois se tornou minha amiga e que me relatou as dificuldades que ela passou para estudar por ser negra e isso me deixou muito triste, porque não é fácil entender o que os outros passam. Somente quando nos colocamos no seu lugar podemos ter uma ideia do que a pessoa sente.

Desejo que possamos aproveitar este conhecimento adquirido de forma justa e consciente, e que apareçam ainda mais oportunidades como esta, pois há inúmeros benefícios para todos.

Despeço-me com uma frase de Platão: *Tente mover o mundo – o primeiro passo será mover a si mesmo.*

Lenise Vetori de Souza <sup>87</sup>

---

<sup>87</sup> Professora da Rede Municipal de Sapucaia do Sul.

São Leopoldo, 30 de novembro de 2010

Querida Líria!

Neste final de curso não poderia deixar de te escrever e compartilhar contigo, que foste a fiel e sempre disposta debatedora e ouvinte desta incerta que me torno cada vez mais na busca por conhecimentos novos e mais completos! Incerta, pois não consigo chegar a certezas diante de tantas possibilidades que se abrem todos os dias quando me ponho a refletir sobre nossos valores enquanto seres humanos e sociais.

É inegável, preciso admitir que, ao iniciar o curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, não tinha a dimensão de quão complexa seria esta jornada.

Minha impressão inicial seria de que debateríamos História da África, a história do negro enquanto escravo e as imagens de uma África pobre, marcada pela fome e pela guerra.

Entretanto, a cada dia, nova tarefa e novo módulo, as impressões iniciais foram sendo destruídas e substituídas por novas ideias, novas imagens, novos saberes e concepções.

Como uma graduada em História, confesso que a imagem que nutria sobre a África era apenas de um continente fornecedor de escravos. Sim, infelizmente é verdade e tu sabes disso. Até mesmo na universidade, as aulas ligadas à África sempre remetiam à escravidão, à pobreza, às guerras tribais, à colonização involuntária.

É então, com uma grata surpresa, que o curso me apresenta uma nova visão sobre a África: uma África marcada pela diversidade étnica, cultural e religiosa. Uma África marcada pela variedade, mas uma variedade que marca uma unidade: berço da humanidade. Não a Grécia, berço da civilização, mas berço dos seres humanos. Como um amigo me disse, se formos fazer nossa árvore genealógica, todos caímos na África...

Uma África, não raras vezes, confundida com um país, como fala Chimamanda Adichie em seu discurso, quando, indignada viu no

aeroporto um cartaz que pedia ajuda para países pobres, como a Índia e a África! Envergonho-me de dizer que, a princípio, minha visão também era esta, a África enquanto país e não continente, como se houvesse uma unidade cultural, étnica, social, religiosa e linguística. Eis que me surpreendo com a quantidade de dialetos, religiões e etnias que possui, quando analisei alguns mapas disponibilizados nos módulos do curso.

Envergonhei-me muito, mas me aliviei um pouco quando assisti ao discurso da escritora nigeriana Chimamanda Adichie: simplesmente ótimo! Foi o que mais me marcou no curso.

Sua inteligência e perspicácia ao tratar da questão do preconceito: não condenando e atirando pedras em todos, mas assumindo que sua postura também era de preconceito ao encarar a realidade dos mexicanos na fronteira com os Estados Unidos, ela assume que sua ideia era unívoca, a que a mídia passava, e quando conheceu a realidade deu-se conta dos estigmas que marcavam sua percepção.

Suas ideias entraram em choque com uma palestra a que assisti e sobre a qual preciso confessar que não concordei: na Semana da Consciência, Reflexão e Ação, que ocorreu na Escola Superior de Teologia aqui em São Leopoldo no dia 9 de novembro.

A palestrante era a professora mestre Adevanir Aparecida Pinheiro, coordenadora geral da Ação Social na Área do Pluralismo Cultural e das Relações Étnico-Raciais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Na verdade, fiquei chocada com a postura da palestrante. Falo chocada porque não posso maquiá-lo que senti naquele momento...

Minha postura, dentro de minha atuação como professora e, antes disso, como cidadã, era que, antes de sermos brancos ou negros, homens ou mulheres, pertencemos a uma mesma categoria, a de **seres humanos**.

Eu não sou Lidiane, branca. Tu não és Líria, negra. Antes disso, somos mulheres e antes, ainda, somos seres humanos, iguais em dignidade, direitos e deveres.

Expondo a forma como trabalhei e, por vezes, escrevi nos trabalhos solicitados pelo curso, acredito que ao trabalhar com meus alunos histórias nas quais a personagem seja negra, o importante não é ela *ser negra*, mas sim que ela é a personagem. É o caso do livro *Menina*

*bonita do laço de fita*: bem, ela é uma menina e bonita, com laço de fita... Não ressalto e não acho necessário ressaltar que ela seja uma menina negra, bonita e com laço de fita. Isso, a meu ver, em primeiro lugar, quebra com a necessidade urgente de desconstruir a ideia de que os personagens de livros são sempre loiros de olhos azuis e meninas com rabo de cavalo. Talvez, a visão que a própria Chimamanda admitia ter: que os livros só podiam trazer personagens brancos. Não existiam livros com personagens negras e de cabelos crespos...

Pois bem: a professora Adevanir me corrigiu, dizendo que eu não devia trabalhar assim, porque a menina, antes de ser menina era negra e sua negritude tinha que ser trabalhada... Ora, mas se queremos quebrar com a ideia de que as personagens de livros precisam ser sempre brancas e de olhos azuis, ressaltar a presença de uma personagem negra e tratá-la como negra, a meu ver, é apresentar esta personagem como algo atípico, não natural: *olhem, vejam, esta personagem é negra!*

Não é justamente isso que devemos combater? Não devemos trabalhar com naturalidade a presença de uma personagem negra como um personagem de qualquer outra etnia? Por que a etnia deveria mudar os rumos da História?

Confesso que me desagradou em muito a palestra da professora Adevanir e lamento por suas ideias. Trabalhar a identidade, sim, mas não ressaltar a presença de uma personagem negra como se sua presença fosse tão exótica, de modo que sua cor é mais importante do que suas ações no enredo.

Isso me fez lembrar a história de Chimamanda que, ao mostrar o seu texto ao professor de literatura, ele diz que seu texto não é bom porque não tem uma identidade africana... Chimamanda se dá conta de que ela mesma não tem essa identidade!

Trabalhar a imagem do afro-brasileiro, sim, mas com normalidade e não como um acontecimento raro e digno de ser deslocado de seu contexto!

Bem, esta questão que tanto me desagradou, como tu sabes, não foi capaz de tirar meu encantamento pelo assunto. Mais do que o material disponibilizado pelo curso, os materiais que acabei encontrando foram ótimos. Num dos trabalhos que realizei com os alunos, utilizei o livro de Raul Lody *Seis pequenos contos africanos sobre a*

*criação do mundo*. Dizia que no começo tudo era escuro e Olodumare criou o mundo, as plantas, os animais, a luz, tudo. Oxalá vivia em cima da cabaça da vida e Odudua embaixo. Um dia Odudua quis ficar em cima, Oxalá não deixou e os dois brigaram, quebrando a cabaça ao meio. Olodumare resolveu criar um homem e pediu a Nanã lama, que Oxalá modelou e ele soprou ar em seu nariz. Pois bem: esta história é praticamente a mesma da criação do mundo segundo os gregos – no começo tudo era o caos, dele surgiu Gaia (a terra) e Urano (o céu) que ficava sempre deitado sobre a Gaia, até que seu filho Cronos castrou-lhe e nisso separou-o de Gaia. Ambas as histórias marcam o começo como o início, Oxalá e Odudua, assim como Gaia e Urano, céu e terra e a sua separação! Maravilhoso poder comparar histórias que tentam explicar a origem do mundo em diferentes culturas. Os alunos gostaram muito e desenharam as histórias.

Outras histórias lindas, sobre a criação das estrelas, furos que africanas de uma tribo fizeram enquanto socavam seus pilões que, de tão alto, fizeram buracos no céu. Mas os deuses gostaram, porque através deles podiam olhar aqui para baixo. Era a explicação para as estrelas... Muito bonito!

*Bruna e a Galinha d'Angola* foi uma outra história encantadora. As crianças adoraram Bruna e sua Conquém. Modelaram suas galinhas com argila e pintaram de preto com pintinhas brancas.



Entretanto, a estranheza de uma personagem negra prevaleceu e muitos não pintaram a personagem como uma afro, deixando-a branca ou *cor de pele*.



A questão é, minha amiga, que não pensei que o curso seria tão produtivo e avassalador de meus (pré) conceitos como foi. Admito que algumas coisas me desgostaram, mas valia supera qualquer desgosto!

O que me entristece é o pouco caso que nossas escolas e professores dão ao assunto. Enquanto isso, se perpetua a imagem do negro, pobre, marginal. Ninguém é racista, não existe racismo... Mas se não há racismo, porque existem racistas?

Não temos uma KluKluxKlan no Brasil, mas que os negros não usufruem de seus direitos enquanto cidadãos isso é uma verdade. Penso que nosso grande problema é dizer que no Brasil, enquanto um país marcado pela miscigenação, não pode haver racismo ou pior, que aqui não existe racismo.

Ora, podemos não ter homens encapuzados ou cruzeiros em chamadas, mas temos uma grande parcela de afrodescendentes que não têm acesso à escolarização e ao mercado de trabalho. Existe racismo, sim, quando abrimos o jornal e percebemos quantos afrodescendentes têm sua foto na página policial.

Há racismo quando a atriz Taís Araújo, enquanto a protagonista Helena da novela das 8, não é considerada uma *boa Helena* porque não representa a etnia, ou seja, não pode haver uma negra na novela que é rica, bonita e bem-sucedida? Os negros só podem aparecer nas novelas como empregados domésticos, assim como no inocente Sítio do Picapau Amarelo, no qual Tio Barnabé e Tia Nastácia são serviçais dos brancos? É apenas esta a imagem que podemos ter do negro na mídia: serviçal, bandido, favelado!?

Infelizmente, parece que sim. E acredito que o racismo não se manifesta apenas quando se escolhe um branco em detrimento do

negro para um trabalho apenas por sua cor. A partir do momento em que a sociedade critica uma atriz e o autor da novela pelo fato da personagem não representar a etnia, aqui trata-se, sim, de racismo. Ou seja: a imagem do negro não se desvincula da imagem da pobreza e da marginalidade.

Um dos acontecimentos dos últimos dias que me deixou muito chateada foi o crime ocorrido em Sapucaia do Sul entre um grupo de evangélicos e outro de um centro de matriz afro (não me atrevo a dizer umbandista, pois há várias vertentes da matriz africana, como batuque, Tambor de Mina, Xangô, Quimbanda...). Devido à intolerância religiosa, o encontro acabou em confronto, com um evangélico morto e outro ferido. A mídia noticiou o caso, denegrindo a imagem dos cultos afro que já gozam de enorme desprestígio (religião de macumbeiros, que só fazem o mal e matam bichos).

Infelizmente, essa imagem foi reforçada. A mídia não tentou explorar realmente o que houve. Mais uma vez, a identidade afro foi denegrada... E dizem que no Brasil não há racismo!!!

Aliás, em abril assisti a uma palestra maravilhosa promovida pela Secretaria de Educação do município de São Leopoldo em parceria com o Museu do Imigrante. Era um ciclo de estudos sobre ensino religioso e a professora Mirian, professora da própria rede, palestrou sobre os cultos de matriz afro. Ela estuda as manifestações de saúde na terreira, pois, segundo ela, o que seria do SUS sem as terreiras?

A palestra foi muito boa, elucidativa, e trazia como referência a saúde mental e emocional ligada à participação nas terreiras. Segundo ela, o pai/mãe de santo, por vezes, dá aquela palavra de incentivo, de conforto que a pessoa necessita para superar os problemas que enfrenta naquele momento. Assim, sua tese de doutorado trata da produção de saúde nas terreiras. Excelente!

Mas foi muito importante perceber o preconceito de alguns participantes, que, em tom de crítica destrutiva, questionavam a *honestidade* dos pais/mães de santo.

Logo, é inquestionável o quanto o curso contribuiu não apenas para repensar minha prática educativa, mas, principalmente, sua contribuição para minha formação enquanto pessoa, sujeito e cidadã.

Assim, Líria, despeço-me nesta carta, feliz por tamanho

conhecimento que encontrei onde não esperava e ansiosa pelas novas oportunidades que este assunto trará para meu trabalho e minha construção enquanto ser humano, antes de tudo, humana.

Abraço,

Lidiane Fraga da Silva<sup>88</sup>

---

<sup>88</sup> Professora da Rede Municipal de São Leopoldo.

Gravataí, 30 de novembro de 2010

Cara colega cursista Claudia Adriana Centeno,

Ao iniciar este curso no ano de 2010, pensei ter mais uma oportunidade de ampliar meus conhecimentos em História e Cultura Afro-Brasileira, bem como ampliar minhas horas de curso nesta área. No início, me assustei um pouco com a quantidade de textos para leituras, associando-os ao tempo que teria para realizar esta tarefa. Foi bem difícil, pois além de não ter tempo para ler como deveria, também não tinha como sair em determinados horários para tirar dúvidas com a tutora local. Então, conversando com outras colegas que também faziam o curso em minha escola, percebi que tinham a mesma dificuldade e por isso não deveria me preocupar tanto, pois isto era natural para um curso nesta modalidade. O que fiz então? Criei estratégias para leitura no meu tempo livre, além de trocar ideias com as colegas sempre que foi possível.

Depois dos primeiros módulos, vi que minha avaliação havia sido satisfatória, então entendi que estava no caminho certo.

Muitas das coisas que foram apresentadas eu já havia tido contato em outros cursos que já fiz, mas poder organizar as formas de aplicação com base em teorias facilitou muito.

Para mim o curso foi muito bom, pois foi possível vivenciar práticas além de teorias e isto é muito importante. As aulas presenciais a que pude assistir foram de muito boa qualidade e a equipe que elaborou o curso demonstrou muita dedicação e conhecimento, dando um bom suporte aos cursistas. Os fóruns foram muito importantes para se conhecer a opinião de outros colegas, ver até que ponto as pessoas estão atualizadas ou mesmo o que mais é necessário para que a Lei 10.639 se torne aplicável ao cotidiano escolar sem restrições ao que ou como transformá-la em aula para nossos alunos.

Este tipo de discussão esclarece muitas dúvidas de pessoas desconhecedoras do tema e fortalece o trabalho de quem já tem uma caminhada no assunto, como é o meu caso.

O meu conhecimento na área de história é muito básico, mas a minha prática nesta área é bastante esclarecedora, partindo do princípio que vivencio cada elemento importante que dá base a esta cultura tão bonita e pouco conhecida. Na verdade devo dizer que tenho a prática e a vivência dos valores civilizatórios que norteiam a cultura afro-brasileira.

Ao concluir este curso, devo dizer que aprendi muito com o que me foi apresentado, com as vivências que me foram oportunizadas e a possibilidade de ter contato com ideias e opiniões diferentes. Gostei muito de fazer este curso e espero também ter atendido às expectativas dos professores que o elaboraram.

Foi uma pena termos nos encontrado tão pouco durante o curso, mas foi muito bom, pois foi um momento de compartilharmos informações e crescermos juntas.

Um grande abraço e um ótimo final de ano.

Luciana Santos<sup>89</sup>

---

<sup>89</sup> Professora da Rede Municipal de Gravataí.

São Leopoldo, 29 de novembro de 2010

Gisele Carolina Flores,

O curso para mim foi ótimo em todos os aspectos, tanto para minha vida profissional como pessoal, pois aprendi a encontrar o valor que existe dentro de mim mesma e que quem determina tal valor sou eu! No geral o curso foi muito bom, não tenho nenhuma reclamação a fazer, muito pelo contrário, quero parabenizar a competência dos profissionais que desempenharam muito bem este curso, mostrando muito mais do que eu esperava. Agradeço a preocupação e a dedicação de todos, peço desculpas por qualquer transtorno.

Admito que imaginava que este curso seria *apenas mais um*, mas se tornou muito mais que apenas um curso. Pude aprender e analisar criticamente a relação do negro não só no Brasil, mas como em todos os cantos do mundo.

Os tutores se mostraram sempre interessados e preocupados com os alunos, tornando prazeroso e gratificante fazer as tarefas.

Os encontros presenciais foram de extrema importância, fazendo com que o discutido nos fóruns fosse mais intenso.

Luciane Silva <sup>90</sup>

---

<sup>90</sup> Auxiliar de Serviços Gerais de São Leopoldo.

Novo Hamburgo, 25 de novembro de 2010.

Querida amiga Amparo!

Tenho tantas novidades para lhe contar, você nem imagina! Sabe aquela dúvida que eu tinha, sobre a questão do preto e do branco? Por que as cores preta e branca estão associadas às coisas boas e ruins? Foi quando surgiu a oportunidade de fazer o curso de extensão na UFRGS sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

Amiga, no primeiro dia de aula, adorei os assuntos que veríamos durante o curso e com certeza iriam esclarecer todas as minhas dúvidas sobre as questões raciais. E sem dúvida foi o que aconteceu; a cada módulo que estudávamos eu percebia o quanto ainda era ingênua nos assuntos étnicos. A ideia que eu tinha quando se falava em pessoas negras era de que a primeira coisa que se pensa é sobre a situação delas como escravos (que baita bobagem). Toda cultura que herdamos desse povo e que em nossa fala cotidiana as palavras de origem africana nos rodeiam, vários objetos que fazem parte do nosso dia a dia estão presentes.

Você sabia que ao se fazer um balanço do multilateralismo, na área dos direitos humanos, pode-se chegar à conclusão de que o principal evento foi a Conferência de Revisão de Durban contra o racismo: países que não veem limites para preservarem seus interesses, sequestrando, prendendo, bombardeando indiscriminadamente; governos criando leis, distribuindo privilégios e impunidades, para alguns, tornando legal o que é imoral, afrontando a moralidade pública. Quando se privilegia alguns estamos discriminando os demais e propiciando motivos para discórdias e conflitos. Com educação de qualidade, condições mínimas para uma vida digna para todos, sem discriminações, avançaremos para uma humanidade mais justa.

Querida amiga, espero encontrá-la logo para contar com mais detalhes sobre esse curso tão legal que acrescentou muitas coisas

a minha vida. Hoje meus pensamentos são mais consistentes e amadurecidos.

Saudades, beijos com carinho e escreva contando o que você anda fazendo.

Luciane Teixeira Lopes<sup>91</sup>

---

<sup>91</sup> Professora da Rede Municipal de Novo Hamburgo.

Novo Hamburgo, 30 de novembro de 2010

Luciane Lopes,

Olá, Luciane, aqui quem está te mandando esta carta educativa é uma pessoa que acredita e tem convicção de que todos têm direitos iguais, e não depende de raça, cor ou outra nomenclatura para sermos respeitados como cidadão.

Este curso mostrou o quanto é importante o conhecimento, os valores, características e informações de uma cultura. O preconceito foi bastante debatido neste curso, desde o seu início até o final, onde obtivemos o conhecimento da cultura afro-brasileira, sua lei, disponibilizando para uma contribuição e melhoria da aprendizagem.

O curso nos mostrou a importância de obtermos uma avaliação crítica sobre nosso fazer pedagógico.

Gostei muito e pretendo pôr em prática o que aprendi, tornando possível levar para dentro da escola.

Maria Amparo Breidenbach Staudt<sup>92</sup>

---

<sup>92</sup> Professora da Rede Municipal de Novo Hamburgo.

Alvorada, 24 de novembro de 2010

Otília Beatriz Gomes Freires,

Através do curso de capacitação oferecido para nós, profissionais da rede municipal de ensino de Alvorada – *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* – nos foi possibilitada uma oportunidade única para a melhoria qualitativa do processo de ensino-aprendizagem, para que nós, educadores, tivéssemos subsídios adequados para que no cotidiano escolar desenvolvêssemos a temática Afro-Brasileira, a Lei 10.639/03.

Sou graduanda em Pedagogia, séries iniciais; no município atuo no momento na SMED, responsável pela parte administrativa da Educação Infantil do Recrear. Na escola, atuo nas séries iniciais do Currículo por Atividades. Foi muito importante minha participação no curso, pois penso que a temática é muito adequada para se trabalhar no cotidiano escolar, com as crianças dos anos iniciais, pois, a partir do trabalho que iniciamos com os mesmos, teremos com certeza mais chance de formar cidadãos menos preconceituosos e mais críticos em relação à importância da História e da Cultura Afro-Brasileira para nossa sociedade.

Posso com certeza afirmar que a partir da minha experiência no curso, eu, como educadora e negra, estou cada vez mais ciente da minha responsabilidade frente ao processo educacional de mudar valores e concepções de meus alunos, para que eles se tornem menos racistas e preconceituosos e fazendo do meu cotidiano em escola, e também enquanto gestora, que negros e não negros se aceitem e se respeitem, convivendo com as diferenças e fazendo trocas, para que principalmente os alunos negros se enxerguem e se aceitem mais no espaço escolar, melhorando assim sua autoestima.

Em relação à estrutura do curso, achei o mesmo bastante inovador e atraente, já que a modalidade de EAD, por si mesma, é bastante desafiadora e nos possibilita uma interação com um grande número de

pessoas de várias redes, proporcionando uma troca de ideias e desafios para os cursistas. Achei muito positiva a interatividade que pôde ser feita com os tutores, tanto o a distância quanto o local, e também a coordenação local. Avalio de forma positiva o desempenho do tutor local, Prof. Bruno Zarzana Lopes, que se mostrou incansável com os cursistas o tempo todo do curso, sempre tirando nossas dúvidas, falando dos prazos e sobre as postagens que deveriam ser realizadas, além da própria importância do curso para nossa secretaria, enquanto gestor e multiplicador para os profissionais da rede, sobretudo com grande paciência.

No início do curso, fiquei um pouco confusa, já que como a maioria dos meus colegas aqui da secretaria não tinha experiência na modalidade de EAD, e não conhecia a chamada plataforma Moodle. Foi mais ou menos no final do módulo 2 e início do módulo 3, após muita ajuda de meu tutor local, Prof. Bruno, que adquiri desenvoltura no uso de tal ferramenta. A própria coordenação pedagógica do curso se mostrou também incansável para o nosso bom desempenho durante o mesmo, sempre dando orientações e estimulando os cursistas para permanecerem e desenvolverem a temática em nossa rede.

Outro ponto que acho interessante de destacar: foi através do curso que muitas ações relacionadas com a temática, que já eram desenvolvidas pela equipe do Espaço da Diversidade da SMED, puderam cada vez mais tomar rumo, pois, na medida em que o curso andava, mais interesse os gestores de algumas escolas da rede tiveram em desenvolver ações no cotidiano escolar sobre a temática.

No meu ponto de vista enquanto gestora da SMED, o que ao longo do curso salientamos foi que se desenvolveu uma parceria institucional entre a rede de Alvorada e a de Cachoeirinha, através do trabalho dos tutores locais dos dois municípios, Professores Simone Custódio e Bruno Zarzana Lopes, através do I e II Encontro Intermunicipal e pelo convite de abertura da 4ª Semana Afro Cultural de Gramado, além também de ter observado que, neste ano, o número de trabalhos na nossa mostra de trabalhos da diversidade, desenvolvidos pela escolas, dobraram em quantidade e qualidade.

Noto que, no geral, o interesse que a temática despertou, graças ao andamento do curso e ao trabalho sistemático do Espaço da Diversidade, deu uma visibilidade grande a nossa secretaria, à

cidade e ao próprio DEDS/UFRGS, notando-se que ações, como o chamado AfricaNação, desenvolvido no mês da Consciência Negra, só valorizaram e deram orgulho aos afrodescendentes, mostrando e valorizando a resistência cultural afro-brasileira.

Por tudo isto que brevemente relatei, evidencio e comprovo que o curso foi um sucesso, aumentando a autoestima do povo negro desta cidade que agora consegue e tem orgulho de se enxergar.

Maria Jaqueline Rodrigues Felix<sup>93</sup>

---

<sup>93</sup> Professora da Rede Municipal de Alvorada.

Alvorada, 26 de novembro de 2010

Prezados colegas,

Meu nome é Mariorlene Oliveira, escrevo esta carta para contar minha experiência neste curso, que tive satisfação em participar. Gostei de conhecer a história sobre a temática afro-brasileira, no contexto histórico, situando no tempo e no espaço, conscientizando os cidadãos da necessidade destas intervenções na formação do povo brasileiro, reafirmando a implementação da Lei 10.639/03, sendo obrigatória no currículo escolar.

Acredito que faltam ainda nas escolas maiores esclarecimentos quanto à forma correta de trabalhar e desenvolver a temática em sala de aula, bem como durante o ano letivo; ao mesmo tempo ficou claro como trabalhar com a temática de modo interdisciplinar, unindo as áreas do conhecimento em um mesmo trabalho.

Acredito que o curso nos trouxe conhecimento e suporte para que trabalhos bem engajados na temática sejam produzidos nas escolas, socializando as pessoas para refletirem a respeito da discriminação racial, hoje ainda presente e muito forte em nossa sociedade.

Enfim, o curso forneceu material rico, disposto na plataforma com acesso aos cursistas, inclusive bibliografias para pesquisas futuras com objetivo de ampliar nossos conhecimentos e buscar matérias alternativas com filmes, apresentações em PowerPoint, vídeos diversos e outros.

Hoje aprendi mais um pouco sobre esta temática tão importante em nosso cotidiano, mas que com certeza não irá parar por aqui, pois espero que cada vez mais os educadores estejam dispostos a se aprofundar e a refletir nesses temas que estão presentes em nossas escolas.

A todos que participaram do curso, espero que continuem preocupados com nosso papel de educador e cada vez mais se dediquem a ele.

Abraços

Mariorlene Silva Oliveira<sup>94</sup>

---

<sup>94</sup> Professora da Rede Municipal de Alvorada.

Alvorada, 30 de novembro de 2010.

Rejane T. P. Cavalheiro,

Meu nome é Marisa de Fatima Brasil de Araujo, sou professora há 20 anos, formada em Pedagogia, em Educação Especial – Deficiência Mental, atuando em Escola Municipal e Estadual. Estou escrevendo esta carta para minha amiga e colega Rejane Cavalheiro. Cara colega: às vezes penso que toda esta discussão a respeito da Lei 10.639/03 poderia ser evitada, se o Brasil fosse um país realmente democrático e que preservasse os caminhos de sua história, não havendo a necessidade de implementação de lei, no cotidiano escolar, para falar de uma cultura, a afro-brasileira, que se confunde com a própria história de nosso país, e que os negros, conforme dados do último censo, são mais que a metade do contingente populacional do Brasil.

Mas como a situação da memória histórica que se coloca é, sim, desconectada, transita por outros caminhos, principalmente por causa de muitos anos de descaso das autoridades em se criar política pública adequada, acho que o empenho deve, sim, ser considerado e quem sabe pensar a partir dessa problematização, que realmente, Rejane, o Brasil tem muito em avançar em nível de promoção de políticas públicas, bem como desenvolver ações afirmativas, em especial para os afrodescendentes.

Penso, Rejane, que no Brasil estamos vivendo um momento especial, principalmente se pararmos para refletir sobre a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial, em vigor há um mês. A lei que, para termos ideia, tramitou por mais de dez anos no Congresso, prevê uma série de ações do governo para promover políticas públicas de igualdade e oportunidades. É uma lei que iguala o Brasil. Porém, ressalto que é ainda necessário avançar em temas como saúde, regulamentação de terras de quilombos, etc.

Quanto à saúde, colega Rejane, salientamos que, por meio de estratégias de gestão solidária no que toca à população afrodescendente,

é necessário se intensificar na produção de informações epidemiológicas para a definição de prioridades e tomada de decisões, além da ampliação e do fortalecimento do controle social, prevenção do racismo institucional no ambiente de trabalho, em processos de formação e educação, para que possamos enxergar mais profissionais negros em vários setores, além de alcançar a equidade em saúde e prevenção de doenças, para que assim evitemos a precocidade de óbitos, maior prevenção de doenças crônicas e infecciosas, que incidem sobre a população negra.

Por tudo isto afirmo, Rejane, que todas estas ações que são necessárias funcionam como um reconhecimento mais que justo para estas populações que são fruto de injustos processos sociais, culturais e econômicos presentes na história do País.

Através dos fatos que coloquei, Rejane, penso que o curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* foi um momento ímpar de formação para nossos educadores. Uma oportunidade para que nossos educadores sejam multiplicadores conscientes, em seus espaços escolares, da temática, dando a ideia de uma rede de resistência cultural afro-brasileira, onde cada aluno, professor, gestor e comunidade escolar sintam-se inserido e compartilhe no seu cotidiano da História da África e do Brasil, como algo natural, para que possamos fazer um país plural, realmente multicultural e diverso em raça, gênero, etc...

Nos aspectos operacionais do curso, Rejane, como tu bem sabes, de início foi bastante difícil, pois ainda não conhecia a modalidade de EAD, nunca tinha acessado a plataforma Moodle. Se não fosse o desempenho de meu tutor local, Bruno Zarzana Lopes, que sempre incentivou a nós, cursistas, a permanecer, nos orientando nas postagens, tarefas, etc... sem dúvida teria desistido.

Porém, como parto do princípio de que tudo na vida deve ser conquistado, mesmo que com dificuldade, graças ao auxílio de meus colegas, continuei cursista, resolvendo as tarefas e antes de tudo sendo uma multiplicadora de ideias. Considero-me uma educadora não acomodada, sempre gostei de criar e inovar nas escolas por onde passei, tanto como professora ou enquanto gestora. Na realidade, estas caminhadas que hoje relacionamos com a diversidade sempre realizamos, porém com outro nome e de outras maneiras.

Considero que todos os referenciais teóricos que o curso me deu são instrumentos, ferramentas indispensáveis para que hoje possa desenvolver um trabalho com maior propriedade no cotidiano escolar. Noto também que a partir do curso, juntamente com as ações que o Espaço da Diversidade/SMED desenvolve, na pessoa da Prof.<sup>a</sup> Maria de Lourdes Santos da Silva e sua equipe, temos hoje uma Alvorada que é referência dentro da temática em todo o Estado em conjunto com os outros municípios parceiros do curso, através do DEDS/UFRGS. Vejo que não existe mais vergonha de se assumir a negritude ou de pertencer a uma religião de matriz africana.

A experiência desenvolvida no curso foi rica, e ainda vai gerar ótimos frutos.

Marisa de Fatima Brasil de Araujo<sup>95</sup>

---

<sup>95</sup> Professora da Rede Municipal de Alvorada.

Porto Alegre, 28 de novembro de 2010

Às colegas da Emef Mario Quintana que realizaram o curso

Fiz a inscrição neste curso sem ter certeza se conseguiria ou não fazê-lo. Ando com muitas atividades e nem sempre consigo me dedicar às demandas da escola como gostaria. Mas além de fazer parte dessa escola, que tem como um de seus eixos de formação a educação antidiscriminatória, também participo da tribo Mojuodara que vem há alguns semestres tentando trazer para a comunidade escolar a discussão das africanidades. Enfim, precisava de formação na temática.

O curso começa e eu levo um susto com a quantidade de leituras, tarefas, produções... Imaginei que eu não precisaria tanto envolvimento. Mas ao mesmo tempo em que o curso me envolvia com suas atividades, demandas nos diferentes meios em que atuo foram aparecendo e me senti um pouco mais preparada para as discussões. Enfim, os estudos e discussões do curso foram se articulando ao meu cotidiano profissional. Penso que isso ocorreu porque as discussões sobre a temática estão sendo introduzidas em vários espaços de formação, em diferentes níveis.

Não consegui manter em termos de quantidade e qualidade as interações na plataforma. Em alguns módulos estive mais presente, em outros, corria atrás. Mas penso que terminei esse percurso de outra forma. Pude aprender muitas coisas, outras senti muita vontade de compreender, mas tive dificuldade, algumas estive bem interessada, outras achei mais chatas, algumas me submeti à proposta, outras criei alternativas. Enfim, vivi esse tempo tentando aproveitar o que foi planejado para a nossa formação da melhor forma. Mas confesso que tinha uma expectativa de maior interação, lá na escola, com as pessoas que realizaram o curso. Sei que a nossa rotina nos engole, que cada uma tem suas muitas coisas para dar conta, mas tenho a impressão de que, se tivéssemos nos organizado melhor como grupo, teríamos contribuído mais com a escola.

Mesmo assim, penso que ainda é possível continuar buscando formas de trabalho juntas. E é essa a expectativa que tenho daqui para frente. O curso me mostrou que tenho muito que aprender, mas que já tenho com o que contribuir. As discussões sobre a temática já fazem parte da minha vida profissional, nos diferentes espaços em que atuo, e tenho tentado levar alguns textos e vídeos utilizados no curso para outros lugares. Assim, vamos ampliando a rede. Sinto que entrei em um barco sem volta. Daqui em diante preciso continuar estudando.

Um abraço a todas

Marta Quintanilha Gomes<sup>96</sup>

---

<sup>96</sup> Professora da Rede Municipal de Porto Alegre.

Sapucaia do Sul, 30 de Novembro de 2010

Cara colega Cristina de Souza Capela!

É com muita satisfação que escrevo esta carta, pois tive o privilégio de ter também como colega de curso, além de colega de trabalho e amiga, uma pessoa tão especial, que compartilha da mesma vontade de educar, independentemente das adversidades.

Entramos neste curso com a finalidade de buscar novos horizontes para nossa prática, de encontrar subsídios e a verdade sobre um assunto que tanto nos foi negado, omitido em nossa vida escolar. Participamos deste curso porque não queremos que nossos alunos continuem aprendendo a versão dos fatos contada pelos vencedores, pelos opressores, e não a verdade dos oprimidos, dos subjugados por tantos séculos.

Saio desta formação com a certeza de que agreguei muitos conhecimentos, de que cresci como ser humano, de que passei a enxergar o mundo com outros olhos. Aprendi que aprender e ensinar são processos mútuos e que são dependentes um do outro, e que não há como ensinar, como interagir, sem levar algo daqueles com quem interagimos.

E acredito que só consegui ter perseverança para prosseguir com esta formação e com os últimos semestres da graduação, porque tive seu apoio e incentivo para continuar nesta caminhada tão bonita...

Muito obrigada!

Melina de Oliveira Soares<sup>97</sup>

---

<sup>97</sup> Professora da Rede Municipal de Sapucaia do Sul.

Sapucaia do Sul, 11 de novembro de 2010

Às minhas colegas do curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* na Escola Aurialícia: Valéria, Caroline, Raquel e Juliana

É um prazer poder pensar que estamos chegando ao fim de mais um ano, não é mesmo? Ainda mais quando podemos pensar que este ano teve, sim, os seus dissabores, mas foi um ano de muitas realizações, de muitas batalhas e aprendizagens. E ao chegarmos ao fim desta etapa, quando encerramos também este curso organizado pela UFRGS, não posso deixar de pensar e mencionar como foi importante a nossa parceria, como foi bom termos passado alguns momentos juntas, em nome do crescimento de todas.

Ao longo de todas as etapas de estudo que vivenciamos neste ano, começamos a pensar sobre o povo e a cultura africana sob um outro ponto de vista, sob um olhar diferente de todas as distorções que nos foram apresentadas desde muito antes de sermos também professoras, quando éramos ainda apenas alunas. E comecei por enfrentar os desafios e a disciplina que exige a utilização da Internet, já no primeiro módulo, com os primeiros contatos com a plataforma Moodle. Romper essa barreira tornou possível que se apresentasse para mim uma nova maneira de pensar sobre a tecnologia: ser mais curiosa, estar mais atenta e, porque não dizer, ser responsável e comprometida, ainda que sem a presença física de um professor.

Essa autonomia continuou a ser alicerçada pensando sobre a importância da Educação na Diversidade e os Direitos Humanos, ao fazer uma primeira reflexão sobre muitos termos que podem influenciar na maneira como pensamos e ensinamos nossos alunos a pensar sobre as diferenças entre as pessoas, que não são ruins, são apenas desafiadoras. Também pensamos, nesse nível de estudo, sobre alguns aspectos referentes aos países que compartilham de nosso mesmo continente e que enfrentam dificuldades tão grandes quanto o

nosso Brasil para que exista uma certa medida de equilíbrio e igualdade social. Apesar da distância, todos travamos praticamente as mesmas batalhas: poder assumir nossa identidade e desfrutar de uma condição de vida digna.

Ao ingressarmos em uma nova etapa de estudo, recebemos excelente material de aporte para as mudanças que precisam ocorrer em nossas escolas pensando sobre legislação, tornando a Lei 10.639/03 aplicável e real em nosso cotidiano. O que ficou muito marcado para mim, nessa fase de nosso curso, foi o vídeo mostrando o discurso da jovem nigeriana Chimamanda, que foi um excelente esclarecimento diante da visão que eu tinha até então do povo africano: a imensidão do continente africano e sua riqueza de povos, culturas e personalidades, como a desta menina que está fazendo seu papel em mostrar ao mundo uma outra face de seu país e de seu continente.

Continuando nossa empreitada de estudos, chegamos à etapa em que nos foi apresentado o vídeo *A escola gerando traumas*, protagonizado pelo jovem Bill. Minha imediata reação à realidade mostrada com esse vídeo foi um grande sentimento de revolta, porque não concordo e jamais concordarei com iniciativas que tentem culpar unicamente o professor por todos os problemas que a instituição escola tem sofrido e causado aos alunos. No entanto, ao refletir melhor sobre as observações deste jovem e pensando em realidades bem diferentes daquela que tenho o privilégio de vivenciar em meu ambiente de trabalho, a começar pelas expressões de desânimo e desinteresse por parte de muitos professores, chego a pensar que talvez grande parte da culpa seja mesmo nossa, quando permitimos que os problemas do cotidiano nos afastem dos ideais que nos motivaram a escolher nossa profissão e passamos a enxergar nossos alunos como seres sem individualidade e senso crítico.

Penso que o elemento que não irá permitir que fiquemos indiferentes às dores e necessidades de nossos alunos é o amor pelo que fazemos: amor sem idealizações nem hipocrisias, aquele amor que nos motiva a querer sermos melhores a cada ano, enxergando as falhas existentes em nossa profissão, mas sempre lutando para tornar especiais os momentos em que nossos alunos estejam sob nosso olhar. Como queremos que o nosso aluno enxergue a escola? É preciso que procuremos tornar a escola um local de prazer, não um espaço de

disseminação de preconceitos de qualquer sorte. Para que se cumpra esse objetivo, as alterações nos documentos oficiais escolares, como o PPP, por exemplo, tornam-se essenciais, por isso foram apropriadas também as considerações sobre esse aspecto.

E, na etapa recém-concluída nesse ritmo de estudos, destacamos os aspectos práticos das aprendizagens anteriores por buscar em nossa comunidade espaços para pesquisa e iniciar a aplicação dos conhecimentos obtidos em nosso ambiente de trabalho, sistematizando ideias e projetos que farão a diferença em nossa prática atual e futura. Com certeza esses conhecimentos não estão prontos e acabados, mas posso dizer por experiência que me farão pensar em mais alguns aspectos nos momentos de preparação para as atividades docentes. Será impossível daqui para frente não pensar em como contemplar os aspectos referentes à cultura afro-brasileira no currículo idealizado para os meus alunos, pois não fazer isso seria ignorar o conhecimento obtido e negar a eles a oportunidade de ampliar suas perspectivas e estar cientes de seu papel na sociedade.

Apenas quero destacar que muitos aspectos abrangidos durante esse período de estudos não foram mencionados, mas é preciso ressaltar a parceria que nós, professoras da Escola Auralícia, em Sapucaia do Sul, mantivemos no decorrer dessas e de outras atividades desenvolvidas. Como poucas vezes em minha trajetória escolar, como aluna ou professora, posso dizer nesse momento que pude contar com um grupo de trabalho participativo e comprometido. Quero agradecer nesse momento a todas vocês por todo o apoio: Val, Carol, Ju e Raquel!!!

Espero que possamos continuar contando umas com as outras para a continuidade deste projeto e para a realização de outros projetos!!!

Com muito carinho

Michelle Policena<sup>98</sup>

---

<sup>98</sup> Professora da Rede Municipal de Sapucaia do Sul.

Porto Alegre, 24 de novembro de 2010

Eneida,

Resolvi te endereçar esta carta, pois foste minha parceira nesta jornada. Juntas estudamos, partilhamos questionamentos, entusiasmos, ideias. Juntas construímos novos conhecimentos e sonhamos mudanças para a nossa escola. Algumas, até, já colocamos em prática...

Também, em parceria, nestes últimos anos, à frente da Equipe Diretiva da escola, plantamos as sementes para que os conhecimentos construídos ao longo deste curso frutifiquem na escola, na comunidade, na sociedade e que possamos, em breve, ver o Ana Íris constituído como um espaço educativo plural, onde todos sejam, igualmente, valorizados e respeitados, sem distinção de raça, credo, cor, gênero.

Lembras quando decidimos nos inscrever no curso? Tínhamos um interesse comum pelas temáticas a serem trabalhadas, pois estas lutas se identificam com o nosso modo de estar no mundo. É bem verdade que titubeamos por temermos não conseguir conciliar as funções inerentes à direção, às exigências do curso. Afinal, somos *levemente* perfeccionistas...

Além de ler e ter frequentado alguns cursos sobre as questões das relações étnicas na escola, nos entusiasmos com as oficinas desenvolvidas pela colega Marilene, onde a cultura africana, afro-brasileira e indígena é trabalhada de modo comprometido e apaixonante. Mas queríamos e queremos mais...

Então iniciamos o curso. No início, me assustei com a plataforma, mas logo percebi que não haveria maiores dificuldades. Queria aprender quais assuntos poderia trabalhar e como abordá-los. Queria ter mais conhecimento sobre a história da África para poder trabalhar em sala de aula, com meus alunos da EJA e das séries iniciais. Já tinha, penso eu, um olhar crítico para a realidade que está posta e uma necessidade intrínseca de operar a mudança. Me faltava era conteúdo para tal.

Hoje avalio que precisava aprender muito mais, para realmente me autorizar a desenvolver este trabalho. A estrutura do curso, que a princípio até me pareceu equivocada, foi muito bem planejada, trazendo questões sociais, históricas, conceituais e pedagógicas, todas entrelaçadas, como na realidade o são.

As temáticas e reflexões propostas ao longo dos módulos foram construindo uma base sólida, reforçando minhas convicções e enriquecendo meus conhecimentos.

Muitas vezes os prazos foram curtos, mas consegui dar conta, pois o envolvimento com as tarefas também foi crescente. A assessoria sempre solícita da nossa tutora Susana também foi muito importante.

Depois de todas as novas aprendizagens, constato o quanto ralos eram os meus conhecimentos, frente às novas perspectivas que se descortinam diante de mim. Sequer sabia da existência dos DCN das relações étnicas, não imaginava a riqueza da história e da cultura africana. Não considerava possível que, ao natural, todas as áreas e mais toda a escola pudessem tranquilamente abordar aspectos diversos desta história pela sua amplitude de possibilidades. Sem falar dos valores civilizatórios, das parcerias, das reestruturações possíveis e necessárias no que alude a currículo, tempos, espaços, avaliação, práticas e ao nosso recém-concluído PPP. Agora posso fazer muito mais, pois sei por onde posso ir...

Outro ponto a ser destacado tange a abordagem política aliada à pedagógica, sempre presente nas temáticas propostas, pois este é um dos cerne do nosso trabalho como educadores. Sempre acreditei e trabalhei na perspectiva de que a educação não é neutra, contudo, atualmente, estou mais *apetrechada*, mais crítica, mais engajada e comprometida com a construção de uma escola e de uma sociedade mais justa para todos, de uma democracia real.

É isso, Eneida, agora *te arremanga e vem*, vamos continuar colocando em prática nossos novos projetos e revendo alguns já nem tão novos assim... Vamos arregimentar mais colegas, formar grupos, fomentar as discussões, pressionar as mudanças que viabilizarão a concretização das propostas elaboradas durante o curso e tantas outras que pensamos implantar.

Sei que somos apaixonadas, persistentes ... quase obstinadas. Sei que vamos, paulatinamente, fazer da Emef Prof<sup>a</sup> Ana Íris do Amaral um espaço educativo comprometido com a temática e com a mudança

Para finalizar, proponho a continuidade do curso, pois temos um longo caminho a percorrer e muito mais a aprender ou, pelo menos, a formação de grupos de estudos que mantenham vivas e atualizadas as discussões nele surgidas. Os encontros presenciais deixaram um gostinho de *quero mais...* não achas???

Por enquanto é isso...

Beijo,

Nádia Menegassi <sup>99</sup>

---

<sup>99</sup> Professora da Rede Municipal de Porto Alegre.

Alvorada, 30 de novembro de 2010

Bruno Zarzana,

Sou professora da rede municipal de Alvorada, trabalho com jovens e crianças e também cursista do curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*.

O curso para mim, colega, acrescentou muito como educadora e como cidadã. Muitas vezes por falta de conhecimento e subsídios negligenciamos fatos importantes.

Durante nossos encontros presenciais, postagens e e-mails, senti segurança em poder trabalhar com meus alunos sobre discriminação e preconceito racial, respeitando suas experiências e saberes.

Na escola em que trabalho, a discussão é constante e faz parte do PPP (Projeto Político-Pedagógico).

Bruno, espero que para você o curso também tenha lhe aberto visões, muitas vezes esquecidas no nosso cotidiano.

Para finalizar, coloco o quão importante é conhecermos nossos alunos, para que possamos conhecer os muitos saberes de cada um. Quero lhe dizer que foi muito bom compartilhar com você a experiência deste curso, com os tutores da plataforma, fazendo uma parceria com o Espaço da Diversidade da SMED de Alvorada e também deixar registrado meu agradecimento pelo apoio e incentivo no curso, com que você, Bruno, me agradeceu.

Patrícia Cerva Câmara<sup>100</sup>

---

<sup>100</sup> Professora da Rede Municipal de Alvorada.

Novo Hamburgo, 30 de novembro de 2010

Colegas da escola Cel. Guilherme Gaelzer Neto

Gostaria de compartilhar com vocês a experiência que vivenciei neste ano de 2010, participando de um curso a distância sobre *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*. Em 2006, participei do Projeto A Cor da Cultura e o tema me interessou de tal maneira que fiquei muito incentivada em dar continuidade aos estudos. Fiz a inscrição com certa resistência por se tratar de EAD, pois nunca havia feito nenhum curso nesta modalidade. Comecei o curso, juntamente com a nossa coordenadora, e isso facilitou as nossas discussões e estudos; foi muito bom trabalhar em parceria, uma vez que éramos duas representantes da nossa escola, o que torna o trabalho mais produtivo e acessível para ser colocado em prática.

Durante o curso, fizemos várias leituras significativas, assistimos a vídeos e tivemos uma vasta sugestão bibliográfica, que certamente contribuirá para a nossa formação continuada nos próximos anos. Além disso, a escola adquiriu vários exemplares de livros infanto-juvenis e de sugestões de atividades pedagógicas para que possamos complementar nosso trabalho em sala de aula.

Colegas, confesso que deveria ter realizado mais leituras durante o curso, mas acredito que já sei o caminho. Agora é uma questão de tempo para reler os textos, pensar em ações e promover, junto com vocês, o início de uma caminhada de ação-reflexão que aborde o tema com mais maturidade e conhecimento.

Para terminar, estou feliz em ter encerrado mais uma etapa de estudos que muito contribuiu ao longo deste ano na minha atividade, e que contribuirá na medida em que colocarmos em prática as propostas que farão parte do nosso Projeto Político-Pedagógico.

Com carinho

Patrícia Silvestre de Vargas<sup>101</sup>

---

<sup>101</sup> Professora da Rede Municipal de Novo Hamburgo.

São Leopoldo, 30 de novembro de 2010

Prezado Felipe Diego,

Venho através desta contar que tive a oportunidade de participar de um curso de Ensino a Distância ministrado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi um curso sobre *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* e iniciou em abril e está terminando em dezembro de 2010. Foi muito gratificante e representou muito para mim de modo positivo, pois tive um grande aprendizado sobre a cultura negra. É um tema que não tem muita bibliografia e o que recebi foi muito significativo para mim.

Felipe, comecei o curso bem depois devido a vários problemas, mas tinha uma grande expectativa sobre como seria o conteúdo, as atividades, enfim estava ansiosa como seriam os procedimentos pedagógicos.

Agora que o curso está finalizando sinto-me comprometida ainda mais sobre este tema. Na minha vida profissional e pessoal já estou tendo um outro olhar com estas questões, pois tenho maior embasamento no assunto.

Foi um curso muito bom apesar do pouco tempo para realizar as atividades. Creio que consegui realizar grande parte das tarefas com muita garra e dedicação. Os temas foram ótimos e relevantes e os autores dos textos também foram excelentes.

Felipe, o curso foi dividido em seis módulos: apresentação do curso; educação na diversidade e direitos humanos; atos legais e normativos; a temática na estrutura e no funcionamento da escola; a temática na sala de aula e nos demais espaços e tempos escolares e avaliação da temática.

As referências dos textos são riquíssimas. Dos muitos livros sugeridos, alguns eu não tinha conhecimento. E até já comprei alguns para um melhor aperfeiçoamento.

Com certeza irei continuar trabalhando, estudando este tema que mudou meu modo de olhar e entender a história do povo africano, a riqueza do seu legado e a beleza de sua etnia.

Pedronilda Santos Natel<sup>102</sup>

---

<sup>102</sup> Professora da Rede Municipal de Sapucaia do Sul.

Sapucaia do Sul, 29 de novembro de 2010

A Juliana, Valeria, Michelle e Caroline, da Escola Aurialícia Chaxim Bes

Chegou fim de ano! Ufa, que correria! Mas este ano valeu muito a pena, pois com o incentivo das minhas colegas da escola Aurialícia Chaxim Bes me inscrevi no curso de Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira. Tudo corria tranquilamente bem até que perdi o acesso à internet, mas isso não impediu que eu desistisse do curso uma vez que minhas colegas me propuseram ajuda. Foi graças à Juliana, à Valéria, à Michelle e à Caroline que tive o prazer de concluir este curso com um tema muito importante e envolvente.

Quando fui convidada a participar do curso pensei: O que vamos estudar sobre essa cultura além daquilo que já sabemos? Pensamento errado. Não sabemos nada a respeito deste povo, a não ser o sofrimento e as injustiças que ele sofreu. Sabemos que muitas pessoas sofrem humilhações, são discriminadas e consideradas seres inferiores. Puro preconceito. No que diz respeito à cultura afro-brasileira, percebemos através dos vídeos o quanto este povo tem para agregar e contribuir com a sua cultura, o quanto eles querem ser reconhecidos como cidadãos e terem os mesmos direitos que qualquer outro indivíduo. Precisamos inculcar em nossos alunos a ideia de que todos somos iguais e que todos somos pessoas com os mesmos direitos e deveres. Ainda nos dias de hoje o preconceito é forte, temos que mudar o nosso jeito de pensar e agir; cabe a nós, professores, iniciarmos este processo dentro da nossa escola, educando os nossos alunos para valorizar a cultura do povo africano o tanto quanto são valorizadas as demais culturas.

Agora que terminamos o curso iniciaremos outra etapa de nossas vidas. Fomos escolhidos para mudar o rumo da história. Devemos acrescentar de forma positiva a vida e a cultura do povo afro-brasileiro,

mostrando o quanto é rica e importante a sua cultura. Espero que no nosso futuro, um futuro próximo, os nossos descendentes aprendam que ser negro não é ser diferente, ser de menor valor, e sim ser uma pequena parte de um todo da qual somos todos partícipes, e que todos juntos fazemos o mundo.

Raquel Egres Belardo<sup>103</sup>

---

<sup>103</sup> Professora da Rede Municipal de Sapucaia do Sul.

Novo Hamburgo, 12 de novembro de 2010

Aos colegas da Escola José Bonifácio  
Queridos colegas,

Minha história na educação sempre aconteceu com muitas alegrias e realizações. Desde os primeiros anos como estudante de magistério já planejava minhas práticas de sala de aula tendo como diretriz a justiça e o desejo de que todos aprendessem e se sentissem incluídos em minhas aulas.

Por estes dias venho lembrando desta etapa e de outras que marcam o fim de processo educativo como o curso nomeado *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, ministrado pela UFRGS, na modalidade a distância, e que tive a oportunidade de participar durante este ano.

Conto isso a vocês porque sempre tive a oportunidade de refletir sobre a prática pedagógica de nossa escola durante o curso e, claro, sempre no desejo e na tentativa de compartilhar minhas novas aprendizagens com vocês.

Dentre as muitas aprendizagens, tive a oportunidade de, além de saber sobre a história da África, conhecer a história da nossa comunidade, a história de um povo negro, que ajudou a construir nossa cidade e continua formando as pessoas com quem vivemos diariamente.

Nunca imaginei que este curso iria me levar a ter tanta satisfação em realizar pesquisa, planejar ações e ver um sonho de ver a comunidade sendo valorizada em nossa escola. O desfile afro foi o máximo, não foi? Ver nossos alunos negros sentindo prazer diante da sua cor foi algo emocionante...

Bom, mas feito este curso percebo que muito preciso e precisamos estudar para pensar e fazer uma educação inclusiva em nossa escola. Vamos continuar olhando e escutando nossa comunidade para planejarmos nossas atividades.

Quero convidá-los para participarmos juntos de próximos cursos que como este nos possibilitam crescimento pessoal e profissional, nos ajudam pensar a educação com sentimento de valorização das diferenças.

Espero que tenham se animado para um estudo em equipe, beijos...

Renata Crislaine Schu de Souza<sup>104</sup>

---

<sup>104</sup> Professora da Rede Municipal de Novo Hamburgo.

Sapucaia do Sul, 21 de dezembro de 2010

À colega de escola e de curso Milene Machado

Olá, Mi!

Gostaria que soubesse um pouco como foi a minha trajetória no curso Procedimentos Didáticos Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro da UFRGS.

Iniciei sem muitas expectativas, pois nunca tinha feito um curso a distância e estava com dificuldades de acesso à plataforma. Depois de solucionados os problemas técnicos, comecei a ler os textos e as primeiras tarefas propostas, porém mais uma vez pensei em desistir, pois fiquei incomodada ao perceber que eu, muitas vezes, fora preconceituosa. Comecei a tecer conversas com colegas cursistas e a desistência foi ficando mais longe.

Ao iniciar a parte prática, em que analisamos a documentação das escolas, as tarefas começaram a ficar mais desafiadoras e as leituras mais extensas, porém o bom senso da coordenação quanto aos prazos auxiliou no processo. A cada nova tarefa, novos conhecimentos, questionamentos e descobertas de preconceitos velados nas pessoas de minha convivência. A cada encontro com colegas, novas ideias e debates, novos projetos, novos trabalhos em sala.

Hoje posso dizer que sou uma professora melhor, mais consciente de meus deveres como cidadã, mais crítica e observadora e mais humana. O curso fez com que eu conhecesse melhor a questão afro e a partir dela conseguisse iniciar as ações de melhoria da questão do preconceito, do racismo em sala de aula.

A partir do término do curso fica o desafio da busca, de continuar trabalhando as questões e ideias sugeridas com as leituras e experiências. Partir para a ação, instigar as direções, lutar para se fazer cumprir a lei e auxiliar tantos que ainda sofrem

calados e outros que não tiveram a oportunidade de repensar seus trabalhos e seus conceitos. Sei que posso contar com você nessa caminhada.

Renata Savaris<sup>105</sup>

---

<sup>105</sup> Professora da Rede Municipal de Sapucaia do Sul.

Alvorada, 29 de novembro de 2010

Otília Beatriz Gomes Freires,

O curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* oferecido para profissionais da rede municipal de ensino de Alvorada, através da parceria UFRGS/DEDS e SMED/Espaço da Diversidade, deu-me importantes ferramentas para enfrentar os desafios propostos no processo educativo, bem como estratégias para que nós, educadores, desenvolvêssemos em nossa rede de forma adequada os meios que contribuiriam para a melhoria qualitativa e quantitativa do processo ensino-aprendizagem.

Tenho formações como Pedagoga Séries Iniciais, Ensino Fundamental e EJA, Pós-Graduada em gestão Educacional e Supervisão Escolar, há 32 anos na rede municipal, sendo que 25 foram em sala de aula, atuando diretamente com aluno. Atualmente sou Diretora Geral de Programas e Projetos SMED/Alvorada e, enquanto gestora desta secretaria, percebo a importância do curso para nos dar subsídios e elaborar projetos educacionais que contemplem a temática afro-brasileira no cotidiano escolar.

Temos, por exemplo, o Projeto da Robótica/Lego, implementado nos anos iniciais de nossas escolas. Com a temática do curso, foi possível desenvolver atividades relacionadas à questão afro-brasileira e à Lei 10.639/03.

Em relação a minha participação no curso, no início tive uma grande dificuldade, já que até então não tinha tido contato com a modalidade de EAD, plataforma Moodle, mas graças ao auxílio do meu tutor local, Bruno Zarzana Lopes, e também ao da minha colega Otília, à qual eu dedico esta carta, cursista e coordenadora do setor de projetos, fui bem-sucedida. Foram incansáveis, sempre que necessitei, dando-me importantes subsídios para o meu desenvolvimento no curso.

Percebo também de forma clara o importante apoio que a equipe de coordenação do DEDES teve com todos os cursistas, sempre que necessário, nos incentivando para permanecer no curso.

Noto que, através do curso, foi dado um impulso muito grande em relação à temática em nosso município, já que contemplou perfeitamente a caminhada que vem sendo feita desde 2005, ano da implementação do Espaço da Diversidade, na SMED, com a Direção da Prof.<sup>a</sup> Maria de Lourdes Santos da Silva, pois todas as ações que foram desenvolvidas, contemplando a Lei 10.639/03, foram um sucesso, podendo com certeza dizer que nossa cidade tem orgulho hoje de ser negra em sua maioria, bem como de algumas pessoas serem de religião de Matriz Africana.

Comparando a temática dentro da própria SMED, percebo que também houve uma evolução, já que como estou fazendo parte enquanto gestora desde 2005 nesta administração, vejo o quanto a implementação da Lei 10.639/03 faz-se sentir de uma forma ou de outra no cotidiano das escolas. No próprio espaço da SMED, as pessoas já se acostumaram e não se sentem mais constrangidas ou intimidadas de apreciar, aqui mesmo no saguão, apresentações culturais. Saliento também, por exemplo, ações recentemente desenvolvidas, como o Africa-Nação ocorrido no mês da Consciência Negra, que só valorizaram e deram orgulho aos afrodescendentes, mostrando e valorizando a resistência cultural afro-brasileira, além do Seminário Alvorada em Africanidades, que aconteceu durante a 11ª edição da Feira do Livro, e que teve, por exemplo, um aumento significativo de trabalhos inscritos, o que demonstra o envolvimento da rede nestas questões temáticas.

Por tudo isto, que brevemente relatei, evidencia-se e comprova-se que o curso foi um sucesso, aumentando a autoestima do povo negro desta cidade que agora consegue e tem orgulho de se enxergar.

Solange Pereira dos Santos<sup>106</sup>

---

<sup>106</sup> Diretora Geral de Programas e Projetos da SMED de Alvorada.

Novo Hamburgo, 26 de novembro de 2010

Aos colegas da Emef Cel. Guilherme Gaelzer Neto

Olá, colegas!

Venho através desta contar-lhes um pouco sobre o curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, que realizei durante o ano de 2010.

Primeiramente, gostaria de destacar que foi de grande importância para mim participar deste curso, principalmente porque estou na função de coordenadora pedagógica da escola e, como tal, acredito que tais formações são fundamentais para o trabalho pedagógico dentro das instituições de ensino.

Também considero relevante compartilhar com o grupo que minhas expectativas, ao começar o curso, eram bastante grandes, visto que não possuía nenhuma formação mais consistente na área.

Hoje, ao concluir o curso, posso afirmar que adquiri novos conhecimentos na área e que, a partir de agora, consigo contribuir um pouco mais com meu grupo de trabalho a respeito deste tema.

Para finalizar, considero que o curso abordou uma diversidade de conceitos relativos às questões afro, como também apresentou boas sugestões de leitura referentes ao tema. Além disso, a possibilidade de realizar os trabalhos em grupo permitiu, além de boas reflexões, momentos de discussão dentro da escola.

Com isto, finalizo esta carta educativa, salientando a importância da formação pedagógica e continuada para o bom desenvolvimento do trabalho docente.

Um abraço a todos...

Vanessa Silva de Campos<sup>107</sup>

---

<sup>107</sup> Professora da Rede Municipal de Novo Hamburgo.



## 2.6 AOS ALUNOS

Cachoeirinha, 30 de novembro de 2010

Aos alunos,

Durante anos vivemos o racismo. Mesmo que distorcido, permanece à superfície do comportamento social excluindo e humilhando pessoas. A prática pedagógica dos educadores, a partir da Lei Federal nº 10.639 de 09/01/2003, institui o estudo e a pesquisa sobre *História da África e Cultura Afro-Brasileira* nos currículos escolares, devendo assim acontecer uma maior igualdade de oportunidades a todos.

Com certeza precisamos transformar e só conseguiremos isso através do diálogo, do convívio humano, com a prática da tolerância e da solidariedade nas relações interpessoais futuras.

Neste ano, professores de vários municípios se reuniram para estudar, refletir e discutir sobre este tema tão importante que invade nossas vidas – Cultura Afro-Brasileira. Esta formação aconteceu na UFRGS e contribuiu para um aperfeiçoamento dos professores através de sugestões de trabalhos e de textos: material riquíssimo para um trabalho de qualidade com vocês.

Considero, portanto, que um longo caminho ainda precisa ser percorrido para que a escola seja, de fato, um instrumento de afirmação de uma identidade pluricultural, pois saber quem somos, de onde viemos e para onde vamos são perguntas que devemos fazer para nos conhecer e reconhecer os outros. Este trabalho não pode ser só da escola, e sim de todos nós.

Deixo esta frase para reflexão e que 2011 seja um marco para a educação de Cachoeirinha, no que diz a respeito à diversidade.

*Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da sua pele,  
por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas  
precisam aprender, e, se podem aprender a odiar, podem ser  
ensinadas a amar (Mandela).*

Ângela Severo Varela<sup>108</sup>

---

<sup>108</sup> Professora da Rede Municipal de Cachoeirinha.

Esteio, 02 de dezembro de 2010

Aos alunos das séries finais da CMEF Érico Veríssimo/Esteio.

Caros alunos do CMEF Érico Veríssimo/Esteio. Já nos nossos primeiros dias de aula, iniciamos a nossa conversa sobre o que estudaríamos no ano de 2010. Apesar da agitação em relação ao ano letivo que se iniciava, percebi que estava na hora de lhes falar sobre alguns assuntos que fariam parte das nossas discussões diariamente e que não estavam (como deveriam estar) devidamente abordados em nossos livros didáticos e tampouco sendo trabalhados de forma pedagógica na escola.

Lembro que lhes informei que falaríamos muito sobre História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, que iríamos viajar sobre um continente visto, muitas vezes, de forma equivocada e tendenciosa e nos surpreenderíamos com as novidades e maravilhas que iríamos estudar.

É verdade que nem bem sabia como iria sensibilizá-los, uma vez que recebemos, desde crianças, uma bagagem muitas vezes bastante negativa em relação à história africana e afro-brasileira.

Também não sabia como vocês iriam reagir em relação a algumas revelações e circunstâncias, uma vez que os assuntos seriam polêmicos e reveladores. Mas isso não me fez recuar, ao contrário. A cada aula percebia que a curiosidade e o interesse de vocês sobre a temática aumentavam e isso me dava forças para continuar pesquisando e planejando as nossas aulas, às vezes bem pouco convencionais, não é?

A intenção de trabalhar de forma concreta e não apenas alusiva sobre a participação do povo negro na formação do nosso país, valorizando-a, como a importância dos reinos que existiam na África antes da sua colonização, por exemplo, foi aos poucos dando vazão a uma vontade maior: a de construir um grande *mosaico* de referências sobre a História e a Cultura Africana e Afro-Brasileira

e, dessa forma, fomos estabelecendo costuras com o cotidiano de cada um de vocês.

Cabe aqui citar, caros alunos, que a construção deste nosso *mosaico* só foi possível através da curiosidade e do desejo de vocês em estudar a cada dia mais a temática, mas também quero fazer as devidas referências aos conhecimentos adquiridos ao longo do ano no curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, que realizei junto ao DEDS/ UFRGS, onde pude, enquanto educadora, refletir e aprimorar minha prática diária em sala de aula; curso esse que, por muitas vezes, mencionei a vocês em sala de aula, lembram? Sempre lembrando que professores são eternos aprendizes. E que estudar e conhecer novas formas de ver o mundo, os povos e a nossa própria história nos tornam pessoas mais bem preparadas para a vida e para o futuro.

Confesso que, ao dar início ao curso, me perguntei como um curso a distância poderia me auxiliar na minha prática pedagógica. Mas logo nos primeiros meses, ao fazer as leituras sobre as relações étnico-raciais no espaço escolar, percebi que este seria uma ferramenta incrível de aprendizagem e que minha caminhada contaria agora com um grande apoiador, que eu teria um fio condutor para me guiar e que vocês seriam os grandes beneficiados, o que me deixou mais tranquila e muito feliz!

Nesse momento percebi, queridos alunos, que eu estava em uma situação privilegiada em relação aos meus demais colegas educadores. E que essa oportunidade de realização de um curso, que me capacitaria para ensinar-lhes melhor, seria uma grande chance de iniciar um trabalho que poderia em médio prazo sair do espaço sala de aula e percorrer outros espaços escolares, como também agrupar parcerias dentro e fora da escola em um projeto maior que englobaria a todos, enquanto comunidade escolar.

A nossa trajetória escolar nesse ano de 2010 não será esquecida por nenhum de vocês, tenho certeza! Digo isso, com a convicção de que alcançamos os nossos objetivos. Fomos valentes em falar sobre assuntos polêmicos. Como naquela aula que tratamos da revolta dos *Jagas*, lembram? Ou quando debatemos a questão da representação dos orixás, das oferendas feitas nas ruas das cidades. Lembro que vocês custaram a entender; afinal, as resistências sobre

as religiões de matriz africana são muitas. Mas depois de algum tempo conseguimos alcançar um grau de reflexão sobre o tema e vocês felizmente acabaram fazendo as relações necessárias. Ou ainda dos vários debates sobre a presença negra na mídia, no esporte, nas universidades, etc.

Bom, como eu disse, foi um ano de muito trabalho, meus caros, mas muito gratificante. Um ano ímpar, confesso! Um ano onde a força de vontade em ensinar de forma consciente se uniu ao aprimoramento e à reflexão proporcionada pela riqueza do material, dos fóruns e atividades desenvolvidas no curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, ao qual tenho muito que agradecer. Foi momento importante na vida de um educador que por vezes busca uma direção e um porto seguro na sua caminhada.

Sabemos que nenhum avanço se dá sem trabalho árduo, sem estudo e sem disciplina. Mas sei que dentro de cada um de vocês foram plantadas sementes, que, se forem regadas da forma correta, crescerão e darão muitos frutos. Frutos esses que vamos colher na busca de uma sociedade mais justa e igualitária, que dê oportunidade para todos e que reconheça e valorize a importância da formação multiétnica do nosso país.

O Brasil é um país miscigenado, vocês sabem bem disso! Mas ainda não temos uma sociedade que respeite essa questão. Vocês que estão aqui, cursando as séries finais do Ensino Fundamental, serão os adultos dessa *nova sociedade* que está se formando e, sendo assim, a responsabilidade de vocês para com essas questões é muito grande. Pensem nisso!

Ao saber se relacionar com as diferenças étnicas dentro da escola, reconhecer as culturas e identificar as suas representações na música, na dança, na culinária, etc., ao respeitar as diferenças religiosas e não desdenhar dos seus cultos e costumes, ou, ainda, ao conhecer a História dos africanos e dos afro-brasileiros, vista por um ângulo que não o dos europeus, vocês estão dando sequência a uma luta. É uma luta de ideias e ideais e que (segundo um grande professor), *apesar de ser uma árdua e desigual*, é a luta mais nobre que um ser humano pode travar.

Por isso, meus caros, não permitam serem mantidos imobilizados diante dos erros históricos desta sociedade exclusiva e discriminatória.

Sejam agentes ativos na formação de um novo país mais justo e igualitário, do qual tenhamos cada vez mais orgulho. Orgulho das nossas origens, das nossas cores e valores.

Carine Tassinari Graciano<sup>109</sup>

---

<sup>109</sup> Professora da Rede Municipal de Esteio.

Porto Alegre, 27 de novembro de 2010

Meus queridos alunos

Enquanto trabalho com vocês, penso a melhor forma de garantir que tenham um futuro melhor, uma vida mais digna, uma identidade construída sobre valores universais.

A cada dia, vejo na televisão novas manifestações de preconceito, racismo, intolerância e fico na esperança de que vocês jamais participem dessas cenas deploráveis.

Por causa disto, sigo estudando, sigo dialogando.

A busca por conhecimento sobre a identidade negra, da qual tantos de nós compartilhamos, me fez procurar um curso que trouxesse o valor e a verdade sobre os negros que fizeram e fazem a história do nosso país.

Isso é grande, vai além de nossas fronteiras, mas temos que partir delas para poder entender e reconstruir a História que nos contaram.

Nesse curso que fiz, acho que o mais importante foi (re)aprender que o que nos torna humanos é a capacidade de poder enxergar o outro como semelhante, de respeitar o outro da forma que ele é, de aceitar que podemos ser diferentes em nossas crenças, nossas convicções, e que isso enriquece nossa vida, abrindo horizontes, mostrando como o ser humano, embora semelhante, pode viver na diversidade.

Ninguém é o mesmo, um dia após o outro. Tudo o que aprendemos nos torna diferentes daquilo que fomos. Crescer faz parte da condição humana. Não só no tamanho, mas nas ideias, nos ideais. E foi isso que esse curso me proporcionou. Aprendi mais. Descobri que ainda tenho muito a realizar na escola, para que se consiga garantir direitos iguais a todo cidadão brasileiro. Descobri que ser negro nesse país tem uma conotação diferente. As pessoas são julgadas pela cor de sua pele, e não pela sua história, seu passado, seus valores.

O que mais desejo é que vocês tenham a chance de ser importantes para cada pessoa que conviver com vocês e de se tornarem importantes

para vocês mesmos, que se importem com as pessoas, que respeitem os outros, principalmente os mais velhos, cuja sabedoria devemos valorizar e aprender.

Nossa sociedade muda muito rápido, e nem sempre para melhor. Precisamos saber que somos responsáveis por lutar e garantir que nossos direitos sejam respeitados, que tenhamos uma vida digna, que possamos trabalhar e sermos valorizados pelo que somos, pela nossa capacidade, pelos nossos saberes.

Estudem, estudem muito. Firmem pé nos seus desejos, discutam e defendam suas ideias, vivam a vida com intensidade e criem um final feliz para a história de vocês.

De minha parte, acreditem, amo vocês pelo que cada um é, com seus sorrisos abertos para o mundo, em sua inocência infantil.

Admiro cada um por encontrar beleza e felicidade na vida dura que levam, muitas vezes excluídos de seus direitos mais básicos.

Tenham a certeza que nossas histórias se cruzaram e que cada um de nós ficará registrado na história do outro, pois não há páginas vazias no livro da vida.

Com todo o meu carinho e admiração,

Prof<sup>a</sup> Regina Helena de Andrade Pranke da Silva<sup>110</sup>

---

<sup>110</sup> Professora da Rede Municipal de Porto Alegre.

Alvorada, 16 de dezembro de 2010

Ao meu aluno negro  
À minha aluna negra

Tenho que te dizer alguma coisa que há muito tempo sufocava minhas expressões. Sei que em alguns momentos precisava ter dito algo, ter me posicionado. Todas as minhas convicções e vivências como professor afrodescendente chegaram na tua frente envolvidas por muitas confusões. Toda a minha vida, praticamente, ficava do lado de fora da sala de aula. Toda minha ancestralidade dividida entre o orgulho de minha formação intelectual e a vergonha de não saber definir muito bem os motivos que faziam com que eu e você aluno(a) negro(a) não tínhamos voz e vez dentro das histórias *verdadeiras* que fazem parte do que é o povo e as riquezas de nosso país.

Sei que essas poucas palavras escritas dessa maneira afoita e angustiada não farão com que se apaguem as mágoas de tantas injustiças e discriminações sentidas, desde a pele até os mais profundos sentimentos de tristeza que a ausência de história e de professores que possam garantir espaços de expressão para ti, criança linda e desapegada dos valores que hoje sei existir sobre os povos que deram origem ao que sou.

O que pretendo com a carta que estou enviando é tentar gerar em tua pessoa, que ainda está em plena formação de valores morais e intelectuais, um sentimento de coragem para resistir aos dissabores de ser um cidadão(ã) estudante que terá que ter muito mais atitude do que os outros para fazer valer a sua existência e a história de seu povo dentro do ambiente da escola. Quero te dizer que agora me sinto muito preparado para te ajudar a fazer essa educação que nem tu nem eu sabemos, de verdade, se existe. Quero te contar muitas histórias sobre como a nossa raça é vista e como ela vem resistindo através do tempo para manter vivos valores positivos de artes, religiosidades, comportamentos, hábitos, jeitos, maneiras, modos de vida que já temos e somos em nosso dia a dia. Além disso, quero te dizer que a gente não está sozinho.

Esse ano eu posso te dizer que vejo se revelar em meu conhecimento uma tempestade de pessoas, estudiosos, livros, peças em audiovisual, experiências de vida e de aulas, equipamentos e até leis que ajudam a gente a afirmar o que somos. Muitos valores que vivenciei em um curso que fiz pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para onde tu, meu jovem, podes tranquilamente pensar em ir se formar e construir tuas teses, tuas visões sobre conhecimentos que ainda não tínhamos revelado claramente nas escolas onde a gente se encontra para dar e ter aula.

No curso que fiz, e que penso que muitos professores têm que fazer, aprendi uma coisa muito importante: sabe essa coragem com que estou te falando que tu terás que ter? Eu, com a ajuda desse curso, que tinha um nome muito grande (*Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*), sei que posso te ajudar a ter. Sim!!

Sei que tu deves estar pensando: esse professor é muito maluco mesmo. Acha que a gente, que nós somos crianças de periferia e ainda por cima negros, com uns pais que nem vir à escola vêm, nós vamos ter a coragem que ele tem. Que é uma pessoa que estudou e até carro tem...

Consigo ver no teu pensamento e no teu olhar essas perguntinhas. Mas quando a gente sentar em círculo, no pátio da escola, ou na sala de aula, eu vou te contar como a gente pode se sentir forte dentro de uma rede de amigos, uma rede de pessoas que sabem os valores de ser brasileiro e descendente ou ter em nosso povo uma cultura tão rica como a de origem africana. Então tu vais perceber do que eu estou falando. Quando eu te falar do Rivair, que conheci falando sobre as várias maneiras e jeitos das expressões artísticas do povo africano, e tu vires nos vídeos as figuras interessantíssimas, que existem até de antes de Jesus ter vindo aqui na Terra, então tu vais perceber do que estou falando.

Quando a gente começar a olhar bem para o mapa da África e pensar que todos nós viemos daquelas terras e começar a praticar um valor à Terra-Mãe, então tu vais perceber porque tenho orgulho de ser negro ou de estar entre pessoas que formaram a base do curso que falei, lembra? Tu, meu aluno, vais começar a te sentir parte dessa espécie de elite pensante que conta e faz histórias que vão direto para livros, vídeos, televisão, comunidades... A gente vai se fortificar juntos...

Tenho certeza que quando tu chegares mais feliz em casa e

contares tudo o que esse professor e outros professores, principalmente de nossa cidade de Alvorada, andam contando por aí e mostrando materiais e documentos que provam que existia uma história que estava apagada e que apagava pessoas, certamente teus pais serão *outras pessoas*, a partir dos conhecimentos que tu levarás até eles.

Sei que o tal curso que eu fiz junto com outros professores na UFRGS, com aquele nome grande, lembra, vai se consolidar como a ponte que faltava entre os momentos de silêncio, de fascinação e vislumbre de agora e os momentos em que nos fizemos silenciar. Comunicações necessárias que teremos que recuperar. Que vão atualizar o que sempre fomos de valores humanos positivos e o que sempre sofremos dos valores desumanos que nos oprimiram através do tempo. Não quero mais que fiquemos em silêncio, por isso estou te enviando essa Carta Educativa nesse momento. Sei que não temos mais o direito de ficarmos calados e tenho certeza que nossa parceria entre professores, estudiosos, alunos, estudiosos, amigos, estudiosos, comunidades e estudiosos pode ser uma solução para que a gente possa superar com muito maior garra e alegria os momentos de opressão que ainda existem, na busca de vivermos na sociedade multirracial e pluriétnica com muito maior igualdade e respeito as nossas diferenças, diariamente.

Te peço desculpas se ainda não tinha te dito isso. Espero que compreendas que tive (e nós temos) que procurar e estudar muito para fazer esse desabafo. Que tu possas contar comigo, assim como sempre quero contar com a tua participação. Ser professor é apenas uma extensão da continuidade do nosso aprender de ser humano. Continuar aprendendo, cada vez mais, é sempre poder ter a minha volta os alunos e os valores que vocês trazem de suas formações culturais. Esse foi o legado maior que fortifiquei nas visões do curso de Procedimentos Didático-Pedagógicos que fiz na UFRGS, lembra?

Abraço.  
Axé  
Umbutu

Vanderlei de Paula Gomes<sup>111</sup>

---

<sup>111</sup> Professor da Rede Municipal de Alvorada e de São Leopoldo.



## 2.7 AOS AMIGOS

Porto Alegre, 29 de novembro de 2010

Kelly,

Espero que esteja tudo bem contigo quando leres esta carta. Escrevo pra ti, pois gostaria de compartilhar algumas coisas, já que és a nova diretora da escola. Mas, em primeiro lugar, quero dar os parabéns pela merecida vitória. Podes contar com o meu apoio.

O que eu quero dividir contigo são algumas preocupações referentes às questões étnicas na escola. Embora já venha sendo realizado um trabalho, e bom, nesse sentido, creio que ainda podemos melhorá-lo bastante. Estou terminando um curso, *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, promovido pela UFRGS e com apoio da SMED.

Quando iniciei este curso, tinha uma grande expectativa em aprimorar meu olhar sobre como lidar com a diversidade étnica em sala de aula. Ler coisas novas sobre um assunto importantíssimo e que provoca muitas discussões no interior da escola. Também em conhecer novas metodologias de ensino, mais adequadas para lidar com alunos tão jovens como são os meus.

Praticamente terminado o curso, minhas expectativas foram mais que superadas, pois a qualidade dele foi digna de nota. Desde a estruturação das temáticas, indo do teórico ao prático em sala de aula, passando pela seleção de textos e professores e também pelas sugestões de materiais que poderei usar nas minhas aulas, o curso foi excelente.

Espero que daqui em diante consiga ser um melhor professor e que, sobretudo no que se refere às questões dos afro-brasileiros, tenha um postura que os valorize mais. Que no planejamento das minhas aulas, assim como nas atividades de avaliação, prepondere

não o acúmulo de informações, mas o processo de construção do conhecimento e de atitudes mais solidárias e com uma visão de mundo mais plural.

Antes de iniciar o curso, já vinha planejando uma pesquisa para ingressar no doutorado. Tal projeto aborda o ensino de História e Cultura da África e dos Afro-Brasileiros. As leituras realizadas durante o curso ajudaram em muito a aprimorar meu projeto, inclusive alguns textos irão para a bibliografia do mesmo. Havia certas lacunas no meu pensamento que foram elucidadas com o que foi apresentado durante o curso. Tenho muito mais confiança agora sobre o meu sucesso no doutorado do que antes.

Temos muito o que conversar a partir de agora. Planejar mil coisas. E construir uma escola melhor.

Isso é o que eu quero. Sei que tu queres também.

Abração!

Artur Duarte Peixoto<sup>112</sup>

---

<sup>112</sup> Professor da Rede Municipal de Porto Alegre.

Novo Hamburgo, 30 de novembro de 2010

Prezado David,

No final de 2009, foi-me oferecida a oportunidade de fazer duas formações: uma em Gestão Pública e outra em Procedimentos Didático-Pedagógico Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira. O segundo me instigou e verdadeiramente me envolveu de tal forma que realizei minha inscrição. Já havia participado de uma formação, a Cor da Cultura, a qual fui impossibilitada de realizar, pois como professora da Educação Infantil e, naquele momento, Coordenadora de três EMEIs da rede municipal de NH, não era possível porque o mesmo era destinado as Emefes. Fui então me apropriar desta formação que realizava a exposição do assunto em quatro módulos, explanando no seu contexto a legislação, a africanidade, os movimentos negros, enfim, a própria história, ressaltando que a presença de Michael Jackson no Brasil teve ênfase e sustentabilidade, pois o mesmo desejou realizar o clip *They don't care about us*, com a participação do Olodum, no Rio de Janeiro. Devido a essas circunstâncias anteriores que me inquietaram muito, decidi por realizar o curso de extensão da UFRGS já mencionado anteriormente, embasado nas Leis 10.639/03 e 11.645/08, que tem por objetivo maior inserir a implantação da história e da cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar.

Na aula inaugural, que configura a primeira participação desse curso, não fui liberada do meu trabalho, mesmo tendo direito. Nem por isso deixei de me apropriar da magnífica explanação da professora e estudiosa Rosa Margarida de Carvalho Rocha, que compartilhou conosco suas vivências e aprendizagens.

Iniciou-se então a apresentação do primeiro módulo, expondo a plataforma do curso e por muito pouco não desisti, pois por ainda não dispor deste equipamento eletrônico, como já falei em minhas anteriores avaliações, representou, sem dúvida, mais um desafio de

ordem prática, bem como pessoal. Ressalto, no entanto, que a tutora local, Leira Salete, entusiasmou-me e, por me conhecer, reafirmou que eu deveria continuar e que conquistaria esse desafio, já que a temática em si me envolvia profundamente.

No módulo 2, que se seguiu, já foi possível visualizar o assunto e sua extensa profundidade pelos vídeos assistidos, formas de linguagem, diversidade e pluralidade da cultura, enfim, o multiculturalismo, bem como o reivindicar dos direitos de igualdade, ressaltando a diferença que neles se apresenta. As leituras disponibilizadas reforçaram minha sede em um aprendizado, que outrora parecia tão distante e hoje percebo que sou parte deste povo que tem sua identidade africanizada.

No terceiro módulo, já me senti completamente envolvida e cada vez mais desafiada, no entanto, sentindo a necessidade de conhecer e perceber que os atos legais e normativos são essenciais e vigentes para prosseguirmos na intervenção direta e indireta, neste movimento tão singular e complexo da constituição de cidadania e identidade que galga seus direitos na história da humanidade.

Na sequência, aparece o módulo 4, que permitiu a abertura de um caminho, digo, direito de estudar os documentos normativos e através da observação dos mesmos, traçar uma análise dos PPPs das instituições e/ou escolas, verificando, assim, se o mesmo estava implementado, se contemplava a lei e se de fato e de direito essa inclusão acontecia com o devido reconhecimento, valorização e respeito às histórias e culturas afro-brasileiras e africanas, que direta ou indiretamente compõem o sangue, *pulsando no viver diário*.

Com esta percepção e inclusive *estranhamento* de inúmeras questões que perpassam os olhares dos alunos, professores e comunidade escolar, além de constituir planejamento que contemple o estudo de singular e estonteante assunto, *caímos* de paraquedas no módulo 5. Nesse módulo, se configurou o grande desafio, bem como a oportunidade que posso afirmar única e de suma importância: a criação de um projeto que fizesse frente às dificuldades existentes. Sentiu-se necessidade de construir e reconstruir as diferentes abordagens vistas, estudadas e até vivenciadas, com a devida pesquisa etnográfica realizada na entidade Escola de Samba Unidos da São Jorge que nos encantou com sua trajetória histórica na cidade de Novo Hamburgo. Nasce então o megaprojeto *Brincando e Aprendendo*

*com as Origens da História da Africanidade*, registrado e autenticado em cartório, que não só fosse vivenciado, mas que contemplasse as diferentes instâncias do saber nos diferentes espaços com aqueles que ali estão inseridos. Sem dúvida foram horas, dias de constante estudo, pesquisa e aprofundamento nos atos normativos e legais, respeitando a comunidade escolar e/ou instituição, estando ciente de que a implantação do mesmo só será possível se houver entusiasmo, compreensão, disposição e afinidade em compreender não só a importância dessa temática, mas a dimensão que vem tendo a mesma, na medida em que houver esclarecimento e desejo em aceitar sua identidade, bem como reconhecer-se como descendente dessa africanidade tão bela e magnificamente esplendorosa, como já afirmei em uma de minhas avaliações. Daí, de fato e de verdade *a África está em nós!* Essa rede que está tecida desde o início da humanidade até os dias de hoje, cada vez mais fortalece a identidade dessa história. Enfatizo que esse projeto apresentado só foi possível ter vigor, essência e poesia, pois profissionais de longa jornada outrora se encontraram nessa caminhada com significativos desafios e uniram-se para vigorar e reviver uma verdade que poucos conhecem e muitos falam: união faz a força. Mulheres de raça, vigorosas e resplandecentes naquilo que acreditam: Audrey, Carmen Eli e Denise, que compartilharam e revitalizaram suas ideias e ideais, projetando com entusiasmo essa energia que nos impulsiona a continuar lutando por aquilo que somos e acreditando naquilo que podemos construir e multiplicar com aqueles com os quais convivemos – nossos irmãos.

Enfim, com *pesar* foi apresentado o módulo 6 e de certa forma isso nos instigou a pensar que a cada instante nossa responsabilidade se potencializou, se de fato crermos naquilo que vimos e ouvimos, sendo responsáveis diretos no exercício de construção dessas mudanças que desestabilizam um contexto já existente para constituir outro ainda em constante construção. A partir disto, desejo lançar um desafio à equipe organizadora da UFRGS, em prosseguir e ampliar esse curso, pois o mesmo necessita ter o olhar de valorização significativa ao verdadeiro valor que o mesmo representa no âmbito político-social deste país em especial, pois afirmo que nós, professores, educadores e facilitadores, já exercitamos, diariamente, esta abordagem da existência, vivenciando a mesma, porém ainda com pouca sustentabilidade do

supremo poder. Quero acreditar que nós já iniciamos este processo de identificação, implementação e mudança, mas precisamos nos constituir, unidos, apesar das diferentes interpretações, e perpetuar da mesma linguagem sem ferir princípios e valores. Finalizo, em tese, que todos temos direitos e, para tanto, deveres, e muitas vezes somos abafados por uma máquina que está constituída por uma engrenagem típica das cavernas.

O que vai nortear o nosso envolvente trabalho é saber que não estamos sozinhos, e juntos podemos construir sendo não só coadjuvantes,mas protagonistas desse processo, na certeza de que é possível enxergar a evolução positiva dessa africanidade, alimentando-nos sempre a partir de pessoas que pensam, põem em ação e desejam fazer a diferença.

Como podes ver, este ano foi de intensas emoções, pena não estares aqui para poder compartilhar comigo. Espero ver-te em breve.

Um abraço com carinho,

Audrey Beatriz Zwetsch Bauer<sup>113</sup>

---

<sup>113</sup> Professora da Rede Municipal de Novo Hamburgo.

Novo Hamburgo, 29 de novembro de 2010

Caro amigo Gilberto Nunes.

Escrevo-lhe esta carta para que fique a par de acontecidos durante este ano de 2010 que me reservou algumas surpresas que não esperava. Entre elas, a participação em um curso de extensão da UFRGS sobre a temática Cultura Africana e Afro-Brasileira como proposta a ser incluída no currículo escolar a partir da Leis 10.639/03 e 11.645/08. Sou professora da rede municipal de NH, na qual atualmente estou como coordenadora pedagógica de um projeto social que atende alunos da rede pública entre 7 e 18 anos incompletos. Sendo assim, sempre inquietou-me o referido assunto, pois direta e indiretamente faço parte desta história. Sou negra com orgulho e no seio de minha amada família sempre foi extremamente valorizada a importância de minha africanidade. A primeira participação neste curso foi em Porto Alegre na UFRGS, na Aula Inaugural com a professora Rosa Margarida Carvalho da Rosa. Desde esta data fiquei encantada e curiosa em poder aprender mais. Porém fomos iludidos, pois à tarde não fomos convidados a participar e ficou a desejar. Logo que começamos com a parte prática de desenvolvimentos do Moodle não gostei, tive dificuldades e, por vezes, o sistema não colaborou. Aí, me frustrei e quase desisti. O apoio de amigos como você, de colegas de trabalho me impulsionaram a continuar. No andar desses meses de estudo, muita leitura, muitas tarefas e cada módulo, uma surpresa.

No *módulo 1*, somente exploração da plataforma que ao meu ver poderia ter sido explorada a temática que com certeza já deixaria mais interessante o desenvolvimento.

Já o *módulo 2* contemplou o assunto através *da diversidade cultural, vídeos, linguagem apropriada, multiculturalismo e interculturalidade, reivindicação de direitos de igualdade e diferença.*

No *módulo 3*, vislumbramos e discutimos demasiadamente sobre Atos Legais e Normativos, ficamos catequizados, mas não poderia

ser diferente para podermos intervir a favor desta etnia que vem galgando seus direitos e a constante busca da sua identidade.

Aí veio, meu amigo, *o módulo 4*, que instigou a *inclusão, em documentos normativos e de planejamento dos estabelecimentos de ensino de todos os níveis – estatutos, regimentos, planos pedagógicos, planos de ensino – de objetivos explícitos, assim como de procedimentos para sua consecução, visando ao combate do racismo, a discriminações, ao reconhecimento, valorização e respeito das histórias e culturas afro-brasileira e africana.*

Neste criei um trabalho *Ações pedagógicas para a biblioteca* em PowerPoint; adorei, sendo que tive que buscar algumas alternativas que serviriam de base para estimular alunos, professores e toda a comunidade. Senti prazer em desenvolver esta atividade porque vem ao encontro do meu trabalho diário.

Análise do plano pedagógico da escola descobriu-se que o mesmo não se refere, em nenhum momento, especificamente à temática da cultura afro-brasileira ou à africana. Porém, podemos contemplar professores, mesmo que isolados, buscando desenvolver na sua prática diária um trabalho que valorize a temática africana e afro-brasileira. Mediante este quadro, fico mais entusiasmada em continuar e descobrir o que posso fazer para que a realidade seja por todos contemplada. Os projetos extraclasse têm sido um complemento pedagógico importante e que dão um suporte a meninos e meninas de diferentes etnias para que busquem e se orgulhem de sua identidade. Timidamente, mas já é um começo. E assim recebemos a tarefa de fazer uma síntese sobre Currículo, Cultura, Identidade Nacional e Cidadania e, logo após, replanejar a seqüência pedagógica, atividade já desenvolvida no módulo 2, uma vez que obtivemos mais informações.

Com certeza foi um privilégio poder manusear materiais que fazem referência à religiosidade afro-brasileira, imagens de época, material sobre quilombos, cartografias, entre outros.

Mas, este vasto acervo contribuiu para embasar e fortalecer os laços culturais enraizados em meu ser para poder edificar e compartilhar o conhecimento adquirido até então.

Assim, por estar muito concentrada e procurando compartilhar com colegas esta gama de conhecimento, recebo da Emef Pres. Getúlio Dornelles Vargas um convite muito especial para falar

a todos os alunos e professores sobre o dia 20 de novembro e o curso que estou a realizar. Meu amigo, não preciso dizer que aceitei imediatamente e comecei a correr atrás de mais conhecimentos. Era o passo inicial para compartilhar os conhecimentos e embriagar a muitos espectadores com esta temática maravilhosa, além do orgulho pessoal de que não podia esquecer-me de estar a representar minha própria etnia.

Amigo, preciso contar-lhe sobre este fato tão marcante em minha história. Quando vi muitos rostinhos a me olhar e esperar que eu falasse a que vim, minhas pernas tremeram. Ao iniciar minha fala sobre a África e os africanos arrancados de sua pátria e de seus familiares para vir ajudar a construir esta Nação, vi que todos estavam estarelecidos. Alguns indagaram muito, outros apenas ouviram, porém o melhor foi ver os alunos afrodescendentes aumentarem sua autoestima. Já valeu muito. Em ponto sublime de minha explanação, perguntei se eles conheciam algum negro famoso que vivesse entre eles.... ah! ninguém sabia . Então iniciei a passar fotos de colegas que representaram a escola em jogos, da tia Maria Cardoso que faz lanche todos os dias, famosa por seu tempero delicioso, alunos em diferentes atividades e pessoas da comunidade. Olhos a brilhar encantados, percebi então que meu objetivo estava sendo contemplado. Ficaria por horas a contar sobre esta experiência, mas tem muito mais histórias a contar.

Enfim, falarei dos últimos módulos, porém de suma importância foi a pesquisa etnográfica realizada na Escola de Samba Império da São Jorge. Uma delícia poder ouvir as histórias de Daiane de Moraes que contou e encantou ao falar de sua vivência na entidade. Maravilhar-me com as crianças que com orgulho falaram de sua participação na escola, ver a cultura afro-brasileira embebida na fala, no físico de todos ali presentes. Poder contar um pouco e ilustrar com fotos enriqueceu o trabalho desenvolvido com as colegas Audrey e Denise. Hoje, em contrapartida, tenho duas amigas que nos reencontramos através deste curso.

A partir deste momento, iniciou-se um processo de trabalho conjunto, de seriedade, apoio entre este *trio fantasti*.

Decidimos num bate-papo que se nos uníssemos para realizar um Projeto que proporcionasse aplicabilidade em todos os níveis escolares estaríamos alcançando o objetivo que outrora havíamos traçado.

Então arregaçamos as mangas e reunimos nossos conhecimentos aliados à vivência pessoal e profissional de cada uma de nós; surgiu um belo projeto com o título: *Brincando e Aprendendo com as Origens da História da Africanidade*.

É, Giba, creio ter aprendido bastante, porém avaliar o curso, minha participação reporta-me ao início quando por pouco não abandonei tudo e estaria privando-me de hoje estar a lhe contar o que vivenciei em grande parte do ano de 2010.

Saiba pois, que pessoas como a tutora local, Leira Salete e a tutora a distância Ailim foram importantes, assessorando-me sempre que necessitei.

Hoje, apesar de prazos justos e de não ter complementado com leituras que considero de suma importância, minha vivência me auxiliou na realização das atividades solicitadas. Assim sendo, creio ter superado minhas próprias expectativas.

A pobreza de conhecimento gera pobreza de espírito que não pode imperar. Sob esta perspectiva de ação, o educador ganha destaque especial. Ele transmite, a partir de sua posição em sala de aula, conceitos que serão absorvidos pelo aluno como conhecimento científico. Juntamente com este, manter uma relação de respeito e afeto, reconhecendo o aluno como sujeito capaz, produtivo e protagonista de sua própria história, reconhecendo sua cultura e de seus descendente e propagando-a a sua comunidade.

Enfim, amigo, termino o que tinha a dizer. Espero que você perceba a importância que esta etapa tem em minha vida. Não direi adeus e, sim, até breve, pois já vislumbro você me chamar a fazer parte de sua equipe pedagógica e contribuir com meus conhecimentos. Tenha certeza que não pararei por aqui.

Um forte abraço e Boas Festas.

Com saudades,

Carmen Eli Alves<sup>114</sup>

---

<sup>114</sup> Professora da Rede Municipal de Novo Hamburgo.

Porto Alegre, 25 de novembro de 2010

Lilian,

Olá, minha amiga, gostaria de te contar algo muito interessante que me aconteceu nesse ano de 2010. Entrei num curso a distância com o tema sobre cultura afro. Minha decisão foi apenas por ter gostado do tema em uma das disciplinas da faculdade, e como é um assunto novo, aí fica interessante, sem contar que sou muito curiosa; isso tu já sabes, pois já me conheces bem.

Mas, amiga, o que era apenas um gosto ou uma curiosidade mudou a minha forma de pensar sobre a Cultura Africana em sala de aula. Bem, já não sei mais se mudou a forma de pensar ou eu mesma que fui transformada, pois ainda não pensava muito sobre isso, não discutia com ninguém, pois não sabia nada mesmo do assunto. Acredito que hoje esse tema só não é mais discutido em sala de aula porque nossos colegas não conhecem a história e a cultura afro. Vou te confessar uma coisa: achei que esse curso seria mais fácil, assim como alguns que a gente já fez, com poucos conteúdos, mas a realidade é outra, muito conteúdo, sim, um melhor que o outro, mais atrativo que outro, cada módulo um tema diferente que te leva a refletir o tempo todo sobre nosso ambiente escolar, em nossa educação, em nossa responsabilidade de formar cidadãos com liberdade de opiniões e que também saibam respeitar culturas diferentes.

Logo do início cheguei a desistir, debes lembrar do que me aconteceu, amiga, mas assim que me senti melhor voltei e hoje sei que fiz a coisa certa. Imagino que neste curso não sou das melhores, pois é meu primeiro curso a distância, mas foi muito proveitoso, muitos conteúdos deixados por meus professores foram direto para a minha sala de aula e a aula foi um sucesso, pude falar com segurança do assunto, o que fez com que meus alunos ficassem mais interessados também sobre o tema.

Todas as reflexões que pude fazer como tema do curso, levei

para a direção da escola que se comprometeu em aplicar no próximo ano. Que mais poderia dizer além de pedir que fiques atenta e se tiver um próximo que não percas; vale a pena, crescemos muito como profissionais. Vamos marcar um encontro e te conto em detalhes, te mostro alguns materiais do curso, tenho certeza que irás gostar.

Carinhosamente sua amiga,

Cecilia da Silva Camilio<sup>115</sup>

---

<sup>115</sup> Professora da Rede Municipal de Alvorada.

Novo Hamburgo, 29 de novembro de 2010

Andrea Doria,

O que posso dizer a respeito do curso? Bom, a princípio tinha uma vaga ideia a respeito de como seria o curso ou como pensava que poderia ser.

Me senti feliz por expandir meus conhecimentos sobre o tema, mas ao mesmo tempo me senti insegura, apesar de já estudar sobre o tema, pois minha formação educacional não é do mesmo nível que das minhas colegas de curso.

Talvez, por isso, minhas expectativas fossem grandes e hoje vejo que em nada me decepcionei, pois muito aprendi. Aprimorei o que já sabia, troquei ideias com pessoas interessantes e posso dizer que cresci como ser humano.

Sei que não sou mais como antes, pois o conhecimento dos fatos e a convivência com os mesmos expandiram meus horizontes na minha vida pessoal e profissional que, de alguma maneira, vou poder usar o que aprendi.

De certa forma minha mente se abriu, meus conceitos preconcebidos, de certa forma preconceituosos mudaram. Hoje posso ajudar outras pessoas a mudarem, ensinando ou simplesmente mostrando uma forma menos preconceituosa de ver a vida e os fatos históricos e mesmo fatos vividos hoje em dia.

Apesar de em alguns momentos ter dificuldade em manejar a ferramenta, o curso foi muito bom, com textos de fácil assimilação e materiais de apoio. Destaco a importância da tutora, que estava sempre disposta a nos auxiliar, dando segurança e apoio para que tivéssemos vontade de pesquisar cada vez mais.

A partir de tudo que relatei aqui, posso dizer que o curso foi excelente e que em nenhum momento me arrependi de tê-lo feito. Se tiver oportunidade de fazer outros cursos, não pensarei duas vezes para fazê-los. Portanto só tenho a agradecer a todos

que de certa forma estiveram presentes ou que facilitaram o nosso aprendizado.

Sem mais fico grata.

Celia Regina Fontes Rabello<sup>116</sup>

---

<sup>116</sup> Cozinheira, de Novo Hamburgo.

Novo Hamburgo, 29 de novembro de 2010

Querida amiga Lília!

Espero que esta te encontre com saúde e feliz junto aos teus.

Aqui está tudo bem, graças a Deus.

Lembras, quando terminei o Pós em Psicopedagogia, que disse:

*Se eu voltar a estudar me amarre e interne?* Pois é, ainda bem que não levaram a sério. Estou tendo a oportunidade de participar de um curso da UFRGS chamado *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, realizado por meio de convênio federal e alguns municípios do Rio Grande do Sul, dentre eles Novo Hamburgo. Imagine, foram 500 inscritos, só daqui foram 96 participantes. Pena que alguns desistiram porque o curso é muito bom.

A minha expectativa é muito grande com o curso em si, com o que estou aprendendo, com o que poderei passar para os meus alunos, para os professores da minha escola e até mesmo para as pessoas do meu círculo de amizades, inclusive para ti, minha amiga.

Fico imaginando que, ao concluir o curso, a imensa bagagem de conhecimentos que terei e, sabes como é, a vontade de aprender aumenta, não é mesmo?

O curso é a distância, via internet, com algumas aulas presenciais, num total de 54 horas.

Nas primeiras aulas, aprendemos a *mexer* com as *ferramentas* que iriam e foram utilizadas para podermos fazer nossas tarefas a distância que são enviadas pela Plataforma Moodle (que deixa um pouco a desejar).

No início, foi *danado*, pois não fazia parte do meu dia a dia. Confesso, Lília, *apanhei*, mas no final deu certo. Aprendi a usar as ferramentas do computador.

Vieram muitos textos para serem lidos, estudados e junto muitas tarefas. Às vezes o prazo era curto, pois, como sabes, na nossa profissão

sempre temos muito o que fazer, correção, pareceres, planejamento, reuniões, nossa vida particular, filhos, etc.

O negócio era não deixar acumular e fazer as tarefas, tão logo pudesse. Mas, está valendo a pena, está sendo ótimo.

Sabemos que nossa origem, a do ser humano, foi no Continente Africano. Mas que éramos todos negros e que nossa pele foi clareando à medida que não precisava mais de tanta proteção, pela melanina, devido ao calor intenso da África, conforme a migração dos povos para lugares menos quentes ? Incrível, não? Mas é comprovado cientificamente.

A partir daí, quanta coisa deverá ser revista no mundo. Não achas?

Tivemos aula presencial em Porto Alegre, Alvorada, Novo Hamburgo, Cachoeirinha (foi avisado em cima do laço, não pude ir, pois já tinha compromisso na escola, na verdade não tinha quem ficasse com as minhas turmas). Foi uma pena, mas acontece.

Preconceito existe, até mesmo por parte dos próprios negros; ensinar a valorizar a sua cor, e aumentar a autoestima é nossa função.

Fiquei pasma quando notei que alguns participantes do curso levaram ao ponto do fanatismo a afrodescendência, menosprezando os brancos. Acredito até que estas pessoas não estão, psicologicamente, preparadas para transmitirem os conhecimentos adquiridos no curso.

Tirando isto, o curso está muito bom. Estamos quase no final.

Espero que tenhas oportunidade de realizá-lo também.

Se eu souber de algo a respeito te comunico, tá?

Abraços, da sempre amiga

Denize Arlete Dettenborn<sup>117</sup>

---

<sup>117</sup> Professora da Rede Municipal de Novo Hamburgo.

Gramado, 1º de dezembro de 2010

Querida amiga Margarete,

Estou escrevendo para lhe contar que no mês de março ingressei no curso de *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, na Universidade do Rio Grande do Sul – UFRGS. Como sei que você gosta da temática ligada às questões afro culturais vou te contar tudo.

Fiquei sabendo do curso através da tutora Denise Foss, num baile de carnaval, lugar bem apropriado, não é?

Ao iniciar o ano letivo, em fevereiro, fui formalmente convidada pela diretora da Escola Isaura Benetti e novamente pela tutora local Denise Foss.

A aula inaugural foi no auditório da UFRGS, com a presença de algumas autoridades e do reitor da universidade que estava bem satisfeito com a implementação do curso e o fato do mesmo atingir alunos de outras regiões, como as da Serra, com a presença de alunos de Canela e Gramado, na modalidade EAD.

Nesse dia conheci meus colegas, meu tutor a distância Paulo Leandro e demais professores que elaboraram e planejaram o curso com a finalidade de divulgar, informar, tornar conhecida e aplicável a Lei 10.639/03 sobre o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira em todos os estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio do País, proporcionando assim ampliar o conhecimento sobre a presença do negro no Brasil e tentar superar preconceitos, promovendo assim a cidadania.

Ao longo do curso, fui percebendo que essa temática não está presente no cotidiano escolar como deveria. Por exemplo, na minha escola, a questão da cultura afro e indígena é trabalhada dentro dos conteúdos programados e não há um cronograma de atividades que enfoque essa questão de forma mais significativa.

Penso que é preciso ultrapassar visões simplistas e equivocadas para que a aplicação da lei no cotidiano escolar não seja somente lembrar datas, criar projetos, lembrar do período de escravidão, mas que seja repensar, ressignificar conteúdos, divulgar a cultura afro, derrubando as barreiras do preconceito, da injustiça e das desigualdades impostas pela sociedade que ainda usa a cor para distinguir seus habitantes.

O que mais gostei durante o curso foram as aulas presenciais, pois através delas conheci outros lugares, outras pessoas que possuem mais experiências e que estão mais envolvidas com essa temática e que fazem a divulgação de seus trabalhos e de seus projetos, mostrando que a lei está sendo cumprida em suas escolas e cidades.

Como diz Paulo Freire, *Os sujeitos humanos são desafiados pela própria vida. São convocados a pensar, a agir e a assumir posturas e escolhas.*

Por isso, penso que a escola é um espaço de encontro de muitos mundos humanos, encontro dos diferentes, onde comungamos nossas diferenças aprendendo o porquê de se respeitar o outro independente de sua cor, do seu credo, do seu poder aquisitivo, da sua opção sexual, do seu modo de ser, pensar e agir.

Encerro por aqui minha carta e espero sua resposta.

Haidê Pereira Borges<sup>118</sup>

---

<sup>118</sup> Professora da Rede Municipal de Gramado.

Gramado, 14 de dezembro de 2010

A minha Gisela e dona da escolinha Flor de Mel,

É que venho falar sobre ter a oportunidade de participar deste curso. Para mim foi de grande importância, não só pelas práticas pedagógicas, mas como nas experiências trocadas com outros colegas que têm determinada visão e têm como objetivo principal colocar em prática uma nova visão de identidade cultural nas escolas.

O curso superou todas as expectativas, por se tratar de um assunto muito delicado na minha região de colonização alemã e italiana; tive suporte de material para suprir todas minhas dúvidas.

Apesar da influência marcante da cultura de matriz europeia por força da colonização ibérica em nosso país, a cultura tida como dominante não conseguiu, de todo, apagar as culturas indígenas e africanas; muito pelo contrário, o colonizador europeu deixou-se influenciar pela riqueza da pluralidade cultural de índios e negros. No entanto, o modelo de organização implantado pelos portugueses também se fez presente no campo da educação e da cultura.

Apesar desse fato incontestável de que somos, em virtude de nossa formação histórico-social, uma nação multirracial e pluriétnica, de notável diversidade cultural, a escola brasileira ainda não aprendeu a conviver com essa realidade e, por conseguinte, não sabe trabalhar com as crianças e os jovens dos estratos sociais mais pobres, constituídos, na sua grande maioria, de negros e mestiços, por isso a importância deste curso para todos os professores que chegaram até o seu final.

Izaque Melo dos Santos<sup>119</sup>

---

<sup>119</sup> Professor da Rede Municipal de Gramado.

Alvorada, 29 de novembro de 2010

Cara Denise

Trabalhar na Rede Municipal de Ensino Fundamental tem sido uma atividade que me proporciona grande prazer e, ao mesmo tempo, um grande desafio. O contato permanente com as crianças me instiga a buscar novas ferramentas de organização e planejamento, me inspira a conhecer novas temáticas que tenham a ver com o universo da criança na escola e, principalmente, me incentiva a re-conhecer quem são essas crianças: suas origens, os diferentes contextos, seus sonhos e possibilidades.

Participar do curso, promovido pela UFRGS, me proporcionou poder ver de forma mais ampla alguns conhecidos aspectos e pontos de vista da história dos povos oriundos do continente africano e que construíram a história da Região Sul. Percebo hoje, mais do que nunca, a importância de se ouvir os afro-brasileiros com suas perguntas e contribuições para a área da educação. Uma das frases que me marcou muito foi o provérbio iorubano: **Enquanto os leões não tiverem os seus próprios historiadores, as histórias da caça continuarão a glorificar o caçador.**

Minhas expectativas em relação ao curso eram de que poderia conhecer diferentes estudos e perspectivas acerca das questões de etnia e de que forma poderia implantar a lei no meu cotidiano escolar. A diversidade da África se expressa em sua cultura diferenciada, a partir da história e da construção das diferentes etnias que ali viveram e vivem até hoje, contribuindo com a humanidade através de seu sistema diferenciado de organização (ordem genealógica – clã e linhagens, processos iniciatórios – classes de idade, chefias – unidades políticas sobre várias formas), de sua estética no trabalho artesanal (escultura e metalurgia), nas formas de produção, entre outras. Essa diversidade colore um grande leque de possibilidades de estudos e atividades a serem incluídas no planejamento.

Saio do curso com a convicção da importância de nos debruçarmos mais profundamente nos planejamentos trimestrais, a fim de que a história dos países da África e a história dos afro-brasileiros sejam trabalhadas sequencialmente no decorrer do ano letivo e não somente nas datas comemorativas.

O curso foi bastante dinâmico e diversificado nas apresentações dos artigos e palestras para discussão. Penso que poderia haver mais alguns encontros presenciais para que se pudesse analisar e debater as próprias dificuldades, experiências e conhecimentos de outras realidades que não as do RS.

O começo está dado. Muitos mitos foram desconstruídos. Muitas verdades, dadas como *leis* foram desconstruídas. Agora se faz necessário seguir adiante, empenhando-se na busca por uma educação mais cidadã, onde o aluno possa perceber-se como Sujeito. A educação só atinge a vida cotidiana das pessoas quando é relacionada com transformações concretas e possíveis dos comportamentos sociais em que elas se encontram. O ser humano é um ser de relações sociais concretas e não um sujeito receptivo para mensagens que pouco têm a ver com eles.

Fraternalmente,

Marilúcia Fernandes Lima<sup>120</sup>

---

<sup>120</sup> Professora da Rede Municipal de Alvorada.

São Leopoldo, 24 de novembro de 2010

Olá, Rita!

Estou te escrevendo para contar-te sobre o Curso de *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* promovido pela UFRGS que estou finalizando neste ano de 2010 e sugerindo para que o realizes, caso ocorra nova edição.

Aguardei com muita expectativa a realização deste curso desde o dia em que foi divulgado para nós, professores de Novo Hamburgo, já no ano de 2009. A temática, envolvendo a Lei 10.639 /2003, sempre foi muito significativa para meu trabalho em sala de aula. Trabalhar a diversidade em todos os sentidos e, principalmente, resgatar a história da formação do povo brasileiro inspira curiosidade.

Durante o curso tive algumas dificuldades pela falta de tempo que acaba sendo o *mal do século* (principalmente porque, às vezes, acho que o dia poderia ter 48 horas e não 24). Mesmo assim, os textos e principalmente os vídeos postados na plataforma Moodle despertavam cada vez mais meu interesse em aprender mais sobre essa cultura tão rica, que é a africana.

A cada módulo que passava eu via que sabia ainda menos sobre a África e tinha muito que aprender. Como já me conheces, sabes de minha paixão pelo tema no que diz respeito à literatura infantil e também aos escritores africanos. Durante o curso, este sentimento só aumentou, e agora, pelo menos na escola em que trabalho, as colegas vem pedir com mais frequência sugestões sobre o tema.

Esperava que o curso tivesse mais aulas presenciais. O contato pessoal me fez falta, mas os poucos encontros fizeram suprir um pouquinho isso. Democratizar o que aprendia na escola também me auxiliou bastante.

O curso foi maravilhoso. Consegui me envolver bastante e também aqueles que me cercam. Pretendo te passar os textos trabalhados, se tiveres interesse, para que possas analisar melhor e pensar em realizá-lo.

Na escola em que trabalho na Biblioteca, desenvolvi diversas atividades a partir das leituras que fazia e dos vídeos que assistia.

Vou colocar algumas fotos do trabalho que desenvolvi esse ano na escola para que tu avalies e me dê sugestões. Tu também podes conferir o Blog da escola: <http://escolajib.blogspot.com/> onde posto tudo que está sendo desenvolvido na escola.

Um grande abraço,



Milene Machado<sup>121</sup>

<sup>121</sup> Professora da Rede Municipal de Novo Hamburgo.

Gramado, 28 de novembro de 2010

Querida Andrea,

Você sabe como sou, adoro realizar cursos que agreguem mais conhecimentos na área da educação e que me façam crescer como pessoa, por isso faço todos os cursos que minha jornada de trabalho permite.

No início do ano, fui convidada a participar de um Curso de Extensão promovido pela UFRGS, a distância. Mesmo sabendo que em nossa realidade escolar este trabalho de conscientização já era muito ativo, resolvi fazer em virtude de adquirir mais informações sobre a lei e ter mais bagagem de atividades para trabalhar com a diversidade cultural.

Antes de iniciar o curso, minhas expectativas eram grandes, pois havia muitas cidades participando e muitos cursistas com múltiplas propostas de trabalho.

Durante o desenvolvimento do curso, percebi que não poderia participar de todas as atividades presenciais, pois não havia professores na escola para substituição, mas, mesmo assim, participei de todas as atividades propostas pelo fórum e troquei ideias com os cursistas que participaram.

Nas últimas semanas do curso, comecei a perceber que muitas atividades já são desenvolvidas em nossas escolas, antes mesmo de ser uma obrigação legal, pois nunca presenciei, nos meus muitos anos de Magistério, nenhum ato discriminatório nas escolas.

O curso foi muito interessante e bem-estruturado, nos aspectos legais e práticos, superando minhas expectativas quanto à aprendizagem adquirida.

Se precisar de algum material do curso para trabalhar com seus alunos, me escreva, tenho muitos textos à disposição.

Beijos e até mais.

Rosmarie Benetti<sup>122</sup>

---

<sup>122</sup> Professora da Rede Municipal de Gramado.

Querida amiga Leiri

Esta carta na verdade é endereçada a você, pois acredito que, na minha caminhada enquanto pesquisadora, você foi uma incentivadora. Abriu as portas da Sociedade Floresta Aurora pra mim, me emprestou livros, projetos, me passou contatos e sempre me apoiou. Vai ver foi com a minha cara. Leiri, meu objetivo aqui, além de contar um pouco deste curso que realizei ao longo do ano letivo, é me colocar a tua disposição para qualquer futuro projeto. Pois mesmo eu tendo feito um pós em História e Cultura Afro, muitas leituras que fiz através deste curso eu não tive a oportunidade de ter contato na faculdade. Todo o material que eu pude fiz cópias, arqueei para que outras colegas possam usar, achei muito bom o material indicado pelos professores como referências.

Por estar há muito tempo envolvida com essas questões, acho que alguns professores poderiam ser substituídos por outros. Nesse caso prefiro não citar nomes. Claro que tive gratas surpresas como o encontro com o professor Wist, e também acho que alguns tutores a distância poderiam ser professores, devido ao seu acúmulo de conhecimento e militância, neste caso específico falo do colega Arilson.

Passei por um grande desafio ao realizar um curso a distância, e senti que mais do que todo apoio de professores, colaboradores, tutores locais e a distância, uma ferramenta foi fundamental: a minha vontade própria e dedicação. Não tenho queixas acerca da plataforma e dos tutores, todos foram atenciosos e muito didáticos, o que, às vezes, parece impossível num curso EAD.

Penso que este curso deveria ter uma segunda etapa para os que concluírem e que ele seja oferecido de novo para quem não pôde acompanhar, até mesmo que fossem abertas vagas para membros de instituições ligadas ao tema.

Fez parte das atividades deste curso a realização de um projeto, que eu adoraria colocar em prática juntamente com minhas colegas idealizadoras, e fica ainda a vontade de arrebanhar outras para sua

implementação, já que o resultado da nossa mostra foi muito boa, eu diria ótima, não fosse a falta de sensibilidade de alguns. E é justamente isso que mais me magoa, magoa por eu ser educadora, por ser negra e não moreninha, e por querer colocar em prática as lições que aprendi.

Preciso aprender ainda mais com as *Artes Africanas* para que ajude a sensibilizar outras pessoas, professores, alunos, pais, etc. Este curso me despertou a vontade de estudar mais, tentar um mestrado, talvez. É muito bom ver que toda essa maravilha, que é a cultura africana, pode ser pesquisada e que toda essa preciosidade, que é a História Negra, pode ser reescrita por todo nós que respeitamos a diversidade de nossa ancestralidade.

Espero que tenha entendido minha intenção e que logo possamos no ver e trocar ideias.

Axé

Shirlei<sup>123</sup>

*OBS: Leiriane Terezinha Barbosa era Diretora Cultural da Sociedade Floresta Aurora em 2006 quando fiz meu primeiro projeto de pesquisa em História. Ela é minha amiga até hoje!*

---

<sup>123</sup> Professora da Rede Municipal de Cachoeirinha.

Alvorada, 30 de novembro de 2010

Prezada Stella Maris Rosado

Como vai? Escolhi você para enviar esta carta, pois esteve comigo durante todo o curso: incentivando-me, corrigindo-me, lembrando-me das tarefas e participando ativamente da construção do meu aprendizado.

Quando me inscrevi para o curso, não tinha ideia que o mesmo seria tão difícil e ao mesmo tempo instigante. Na verdade cheguei mesmo a desistir, porém com a insistência de uma colega chamada Bernardete, que também faria o curso, levei adiante a inscrição. Pensava que os temas seriam abordados de uma forma simples de fácil entendimento. Qual foi minha surpresa quando percebi que estava muito enganada. Os temas eram complexos e profundos e as atividades solicitadas exigiam empenho mental, muita leitura e estudo.

Nos primeiros módulos, fazia as atividades com o auxílio da minha amiga, citada anteriormente, que também os enviava. Confesso que ela me explicava tudo, conversando comigo quase diariamente. Com a ausência dela, que por motivos de perda familiar precisou licenciar-se, fiquei sozinha. Bom, mãos à obra! Comprei um computador, gravei os textos e comecei a ler, a ler muito. Quando dei por mim estava pesquisando os assuntos pela internet. Procurava os textos e autores das referências bibliográficas do final de cada módulo. Perdia boas horas do dia e da noite fazendo isso. E, saiba, Maris, eu comecei a gostar muito desses assuntos: direitos humanos, diversidade cultural, a luta dos movimentos sociais, enfim a verdadeira história do Brasil. Recuperei também, através desse curso, o hábito de escrever.

Sou de descendência polonesa e tenho quatro filhos afrodescendentes. O pai deles, quando ainda vivo, foi líder estudantil, um dos fundadores de um partido político em Alvorada e lutava pelos direitos humanos. Essa herança familiar está repercutindo com

mais força agora, depois que passei a compreender a importância da cultura africana e afro-brasileira em nosso país. Agora, refletindo em tudo isso, vou pesquisar e me aprofundar mais daqui pra frente, nos estudos culturais, e o meu trabalho de conclusão da faculdade de Artes Visuais será sobre isso. Convidarei você, que foi tão importante para mim, nessa descoberta.

Silvia Pinto Noviski<sup>124</sup>

---

<sup>124</sup> Professora de Alvorada.

Novo Hamburgo, 30 de novembro de 2010

Queridos amigos!

Este ano participei de uma formação que acrescentou muito à minha prática pedagógica. Esta formação foi um curso a distância, realizado pela UFRGS, que tratou sobre questões da história, da cultura africana e afro-brasileira e importância das Leis 10.639/03 e 11.645/08.

O curso denominado *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, com total de duzentas horas, teve duração de seis módulos, onde, em cada um, foi-nos proporcionada a leitura de textos interessantíssimos, assim como oportunizado que assistíssemos a alguns vídeos que nos levaram a conhecer questões da historicidade africana, de práticas ou de relatos de negros que nos fizeram analisar e refletir sobre muitas questões.

A partir deste rico material a que tive acesso, pude realizar algumas mudanças em minha prática pedagógica e na elaboração de atividades da escola, ajudando a pensar e organizar atividades que realmente valorizassem o negro e sua cultura, e propusessem o conhecimento deste tema tão importante para a formação integral dos alunos como cidadãos que respeitam as diferenças.

Na realização das atividades do curso houve alguns fatos bem marcantes, como o conhecimento que me proporcionou sobre a história do bairro e a formação da tradicional escola de samba Cruzeiro do Sul e a alegria e satisfação dos alunos e da comunidade em participar do desfile afro que, além de mostrar a beleza negra, também mostrou aos alunos o talento de uma artista plástica negra que confecciona roupas típicas africanas, além de criar padronagens ou pinturas nos tecidos.

Com certeza, o curso foi de grande valia para a minha formação pessoal e profissional, e creio que seja muito importante que ocorra mais vezes, para que mais pessoas possam participar.

Até mais,

Tânia Simara Donaduzzi<sup>125</sup>

---

<sup>125</sup> Professora da Rede Municipal de Novo Hamburgo.

Sapucaia do Sul, 16 de novembro de 2010

Olá, Patrícia.

Estou te escrevendo para contar sobre um curso muito interessante que faço juntamente com as colegas da escola Aurialícia. O curso é sobre a História e a Cultura Afro-Brasileira, é a distância e está vinculado à UFRGS. Veja bem, eu participando de um curso pela internet e adorando. É meu primeiro curso EAD e já estou motivada a iniciar outro.

A experiência de estudar junto com as minhas colegas de escola foi muito boa, nós fazíamos as leituras, as discussões e as tarefas em conjunto. O curso nos aproximou muito, a Carol, a Michelle, a Juliana e a Raquel foram grandes parceiras e eu aprendi muito com elas, nos unimos através das tarefas e planejamos alternativas para a implantação da Lei 10.639/03 em nosso cotidiano escolar.

Acreditamos que as propostas construídas serão colocadas em prática no início do próximo ano letivo e esperamos que elas tragam mudanças para nossa escola e comunidade, com a construção de paradigmas de inclusão e repúdio a quaisquer formas de preconceito que possam estar arraigadas no interior da nossa escola.

Tu não vais acreditar, mas eu até visitei um Quilombo; era o Quilombo Manoel Barbosa, localizado no Barro Vermelho, em Gravataí. Lá chegando, entrevistamos Dona Maria da Silva, com 104 anos, filha de escravos que, com sua experiência de vida, trouxe uma riqueza de informações e acrescentou muito às leituras realizadas e aos vídeos assistidos. Falando em vídeo, tenho de te contar do Bill, vou inclusive te encaminhar para que possas assistir: traz o relato de um jovem sobre as marcas que a escola deixou através de práticas arcaicas, preconceituosas e discriminatórias às quais foi submetido.

Tenho de te dizer que iniciei o curso sem saber muito bem o que esperar, as colegas se inscreveram e eu também, mas ao longo dos meses fui descobrindo uma nova história. Compreendi que

na maioria das vezes a imagem do continente africano chega à sala de aula estereotipada, abordando de forma maciça a escravidão, desconsiderando as raízes africanas e ignorando a diversidade étnica e cultural dos escravos que aqui chegaram.

Através do curso pude refletir sobre o papel da escola frente a atitudes que estigmatizam a história e a memória de um povo e percebi a nossa importância como professores na construção de um novo cenário de inclusão. Acredito que, como educadores e atores desse cenário, devemos articular estratégias para o enfrentamento das iniciativas racistas e discriminatórias que são reflexo de uma sociedade opressiva e excludente. E essas concepções estarão, com certeza, norteando minha prática pedagógica daqui para frente.

Espero te encontrar em breve para matar a saudade. Sei que posso contar com teu apoio nesta luta pela incorporação de práticas de ensino alicerçadas numa perspectiva emancipatória, com base nos princípios da diversidade e da pluralidade.

Com muito carinho.

Valéria Gomes<sup>126</sup>

---

<sup>126</sup> Professora da Rede Municipal de Sapucaia do Sul.

Porto Alegre, 28 de novembro de 2010

Querida amiga Laura

É com grande satisfação que te envio essa carta, pois tenho muitas novidades para te contar: lembrás que no final do ano passado te comuniquei que iria fazer um curso de extensão sobre as etnias? Pois fiz a inscrição, participei das atividades e agora estou na fase de conclusão.

É claro que posso te afirmar que não foi nada fácil. No início havia muita ansiedade, pois não sabíamos como as tarefas seriam propostas para nós. Mas o mais interessante foi a grande disponibilidade dos tutores e dos professores em tentar nos ajudar, compreendendo que muitos de nós não tínhamos experiência em lidar com a internet no sentido de enviar textos e documentos para a plataforma Moodle, que foi o sistema utilizado para o desenvolvimento do curso. No início, te afirmo que *assustou*, deu aquela vontade de desistir. Mas os tutores e os professores enviavam mensagem de estímulo, que era natural sentir esses receios, mas que deveríamos ir em frente. E foi o que aconteceu..

Ah, ia esquecendo, houve um encontro presencial, o primeiro depois que o curso já estava em andamento, e que na minha opinião foi decisivo para não desistir do curso. O local foi oferecido pela SMED e ali passamos a conhecer os colegas cursistas. A palestra que foi dada naquele encontro, com muitos esclarecimentos a respeito de como o curso iria se desenvolver, de que era importante escrevermos as nossas dúvidas e também oferecermos sugestões ajudou a compreender que era o primeiro curso em parceria com as redes municipais (secretarias) e que sofreria os devidos ajustes à medida que houvesse a nossa efetiva participação e contribuição.

Mas deixa eu te falar das atividades: foram muito textos informativos a respeito da história da África, também havia vídeos muito sugestivos que possibilitam a que se faça adaptações para

apresentá-los tanto a alunos pequenos (Educação Infantil) como a alunos em fase final do Ensino Fundamental. Imagina que aprendi até a fazer trabalhos em PowerPoint para serem apresentados em aula. E tu bem sabes que essa experiência em trabalhos digitalizados para mim era muito complicada. Mas o curso ofereceu essa possibilidade e eu não deixei passar em branco. Outra coisa interessante foi o fato de sairmos em campo para conhecer o entorno onde a escola se localiza e fazermos o reconhecimento das comunidades de afrodescendentes que ali moram. Isso foi muito significativo. A partir daí resolvi criar na Escola o primeiro concurso *Garota Consciência Negra*. Tive a participação dos serviços (SOE-SSE) e de alguns colegas professores. Elaborei um aviso à comunidade e pedi a participação de todos. Uma Mãe que confeccionava faixas para o colégio militar se prontificou em fazer as faixas a serem entregues às vencedoras do concurso. Realizamos no sábado do dia 20/11/2010. Penso que uma das ações afirmativas que envolvem a autoestima da criança e do jovem negro, contempladas na Lei 10.639/2003, pude aos poucos começar a contribuir. Mas reconheço que há muito a fazer.

Desculpa-me se me alonguei muito contando sobre o curso, mas queria te falar que foi tão gratificante o que aprendi e os planos que já tenho para o próximo ano, que te sugiro que faça também esse curso, pois ouvi falar que vai ter novamente em 2011, com mais novidades ainda.

Um abraço,

Zenira Silveira Severo<sup>127</sup>

---

<sup>127</sup> Professora da Rede Municipal de Porto Alegre.

## 2.8 CARTAS ABERTAS

Alvorada, 26 de novembro de 2010

Gostaria de manifestar a satisfação que tive ao participar do Curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*. Foram duas novidades em minha vida profissional: o curso em EAD e o tema do curso, que todos falam, mas poucos conhecem ou querem conhecer. Esse curso fez com que eu percebesse que a nossa história é (ou era) cheia de lacunas, pois até então só conhecíamos a história contada por quem dominou, por quem se intitulou dono do lugar que já tinha dono.

Além disso, o curso fez com que eu refletisse sobre a minha prática docente, sobre o que eu deixei de realizar e transmitir para meu aluno por não dar importância às contribuições deixadas por um povo que é, na concepção de muitos, o principal formador de nossa nação. Foi necessária uma lei para que a escola brasileira valorizasse o estudo da cultura africana e afro-brasileira.

Para a realização desse curso, contei com a colaboração de colegas de trabalho, sobretudo da colega Cleusa Resende, que insistiu para que eu fizesse o curso.

Constatarei que o Brasil tem vergonha de ser negro, mas não tem vergonha de usufruir de tudo o que foi criado pelo negro. Tive essa constatação por meio da realização do curso e resolvi não mais contribuir com o mito da democracia racial, segundo o qual, mesmo no século XXI, somos um país de igualdade racial, social e cultural. Tenho observado coisas que antes me passavam despercebidas como, por exemplo, nos cem anos da imigração japonesa, muitas escolas passaram todo o ano letivo falando sobre os japoneses. Era criança pintada de japonês, eram roupa e comida japonesa por todos os lados... e ninguém ousou criticar estes procedimentos, todos achavam lindos.

Era televisão, rádio e tudo bem. Nada contra a cultura japonesa ou qualquer outra cultura, mas nenhuma é superior à outra; são apenas diferentes. No entanto, todas as outras culturas são importantes, sobretudo a negra, porque o Brasil é muito mais negro do que japonês, italiano, alemão. A grande diferença é que a cultura negra não é valorizada.

Aline Andreatta<sup>128</sup>

---

<sup>128</sup> Professora da Rede Municipal de Alvorada.

Cachoeirinha, 28 de novembro de 2010

Escrever uma carta é um ato de extrema confiança. Escrevo então com confiança a primeira e a última carta para o curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* e para todos aqueles que formaram a equipe deste maravilhoso curso.

A carta será breve, mas recheada de carinho como quem manda uma carta ao seu primeiro amor.

Saio deste curso não como aluna exemplar, mas como alguém que inicia sua busca de sempre novos conhecimentos para aplicá-los com suas crianças.

Saio com novas perspectivas e com uma vontade imensa de que tenham outros cursos como esse e que eu possa, quem sabe, participar com maior afinco, pois reconheço que às vezes não estamos acostumados com novas tecnologias e somos muito dependentes de tudo.

Também quero dizer da importância do apoio da tutoria no caminhar desse curso, pois sem esta seria impossível termos acesso a tantos conhecimentos.

Para terminar, fico grata a tudo o que foi proporcionado por esse curso.

Abraços a todos!!!

Candida Helena Ávila Leão<sup>129</sup>

---

<sup>129</sup> Professora da Rede Municipal de Cachoeirinha.

Novo Hamburgo, 28 de dezembro de 2010

Ao povo brasileiro

Sou professora, daquelas que acreditam em mudanças... Mudanças que podem nos fazer mais felizes, mais humanos e que nos conduzam a vidas mais solidárias. Os saberes que produzimos no decorrer de nossas vidas devem nos conduzir a perceber o mundo e as relações que nele se dão de forma a problematizá-las, buscando respostas e explicações para a forma como a nossa sociedade está organizada atualmente: Que formas de vida, relacionamentos e beleza valorizamos? Que saberes são considerados importantes na escola? Quais as condições históricas que possibilitaram que o racismo se enraizasse na nossa sociedade, medisse e valorizasse diferenciadamente as pessoas a partir da cor da sua pele? Por que os sujeitos são valorizados de forma diversa a partir de características físicas, classe social, sexo, sexualidade, religião, entre outros? Penso que estas questões, entre outras, devem estar permeando os conteúdos e saberes da escola, pois elas fazem parte das nossas vidas, do nosso cotidiano. São elas que dividem a sociedade e valorizam os sujeitos de forma diferenciada, promovendo ou dificultando o seu acesso aos bens sociais.

A escola é um espaço de troca de experiências, de construção de relacionamentos e de conhecimentos. Na escola, as diferenças, os valores, as discriminações e sofrimentos também são construídos e precisam ser problematizados através do estudo, da pesquisa, da reflexão e do debate. É necessário que os professores tenham acesso a leituras, cursos, reuniões e seminários sobre a diversidade ética, entre outras.

Todos os profissionais da educação necessitam ter acesso a uma formação de qualidade para desenvolverem o tema na escola e tratem o mesmo de forma a levar os alunos a valorizarem as diferenças étnicas como medida de igual valor. A escola deve dispor dos recursos necessários – livros, ambiente de pesquisa, filmes,

documentários, entre outros – para possibilitar o acesso à história e à cultura afro-brasileira. Nosso povo necessita orgulhar-se da mistura étnica que nos compõe. Essa hibridização é que nos faz um povo capaz, inteligente, de luta, alegre, capaz de sobreviver e reinventar a vida frente a tantas adversidades. As nossas raízes africanas devem fazer parte do currículo formal e prático da sala de aula, e não mais constar nos *cochichos dos corredores* ou nas piadas e deboches que só diminuem e fazem sofrer.

Nossa afrodescendência deve ter a conotação do orgulho e estar ao lado das outras etnias que nos compõem, ressaltando as suas conquistas e aqueles que as encabeçaram no decorrer da história até os dias atuais. O estudo da África e da cultura afro-brasileira não está restrito à disciplina de História, mas, sim, a todos os espaços e tempos da escola. Ele deve permear todas as relações de *ensinagem* e aprendizagem da escola que está comprometida com a construção de uma sociedade mais solidária. Quando falo em solidariedade, não estou querendo dizer que devemos ser *legais* e *aceitarmos* as diferenças que nos compõem porque somos *bonzinhos*; mas, sim, que não precisamos pedir licença para sermos como somos e que não precisamos de caridade, mas de respeito e reconhecimento para desenvolvermos as nossas habilidades, crescermos e vivermos de forma mais fraterna.

O curso me acrescentou muito através dos estudos, leituras, aulas presenciais, troca de experiências com os colegas. Enfim, não posso quantificar o quanto foi importante participar. Percebo de forma mais nítida a beleza de sermos diferentes e termos os mesmos direitos e acessos. É muito difícil explicar esta paixão que nos move em busca das mudanças... mudanças de ver, sentir, olhar e perceber a realidade que nos cerca, indo em busca de ações, atitudes que possam contribuir para a sua modificação. Penso que foi isso que o curso me ensinou de mais importante: estar em movimento, buscar o movimento... movimento de ideias, de pensamentos, de estudos que revertam em mais movimento e que resultem em ações positivas dentro e fora da escola. O curso me levou ao movimento, às problematizações... E agora eu estou levando outras pessoas a se movimentarem ...

Carla Andréa Algayer Soares<sup>130</sup>

---

<sup>130</sup> Professora da Rede Municipal de Novo Hamburgo.

Alvorada, 28 de novembro de 2010

A escrita não é tarefa fácil, mas temos que nos condicionar a mantê-la como referência nos processos de ensino e aprendizagem.

Uma das grandes contribuições do curso neste sentido foi podermos exercer a escrita de maneira continuada através dos fóruns e das postagens.

Sou professora de Geografia e faço pós-graduação na UFRGS. Já tinha alguma experiência em EAD, mas, nesta temática da Cultura Afro-Brasileira, foi minha primeira experiência.

Me sinto gratificada, embora como estudante foi difícil acompanhar as atividades do curso, pois neste ano trabalhei 60 horas semanais.

Pretendo, com os materiais disponibilizados na plataforma, continuar a estudar com mais afinco e persistência.

Agradeço a oportunidade!  
Abraços

Denise de Almeida<sup>131</sup>

---

<sup>131</sup> Professora da Rede Municipal de Alvorada.

Cachoeirinha, 29 de novembro de 2010

O curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* proporcionou embasamento tanto teórico como prático sobre o tema proposto. Tivemos enriquecimento com as trocas através dos fóruns, pois aprendemos também com as vivências dos colegas. As leituras e os vídeos indicados foram variados e bastante esclarecedores, sempre apresentando novos temas a serem analisados e desafios para nós, que estávamos iniciando esta caminhada.

No início do curso, eu não tinha a percepção de sua complexidade, que só no decorrer fui percebendo. Imaginava que haveria mais atividades didáticas, mas o curso tomou um rumo mais completo e por vezes até com mais exigências do que eu esperava, necessitando muita dedicação às leituras e reflexões, em que diversos aspectos do mesmo tema eram apresentados para serem estudados e debatidos. Este foi o primeiro curso à distância que realizei e achei a plataforma muito fácil e acessível.

Ao final do curso, percebo que o conhecimento adquirido é rico, completo e principalmente útil. Os conteúdos desenvolvidos podem ser aproveitados em qualquer faixa etária e público. Tivemos acesso à História e à Cultura Africana e Afro-Brasileira por vários ângulos e prismas.

Na minha escola, estamos fazendo a construção do Projeto Político-Pedagógico (PPP) e o módulo do curso que teve esta ênfase me forneceu muitos subsídios para enriquecer o nosso documento. Os estudos e discussões realizados com as colegas estão sendo de grande valia neste processo.

Neste último módulo, em uma das leituras solicitadas, achei interessante uma parte que cita que a avaliação precisa ser abrangente e devem tomar o indivíduo como um todo, que seus critérios devem contemplar não só a habilidade de ter conhecimento, mas de construí-lo, processá-lo e utilizá-lo em situações reais da vida.

A Lei nº 10.639 é o resultado de uma luta histórica. O movimento negro e todas as entidades que combatem o racismo e a discriminação racial, de qualquer natureza, reconhecem que essas práticas discriminatórias são frutos do desconhecimento. O povo negro sofre preconceito há séculos e somente o conhecimento da História e de uma compreensão de sua cultura irá encaminhar a nossa sociedade para o rompimento com práticas preconceituosas e discriminatórias. Essa Lei, quando criada, abriu um espaço para debates, pesquisas e publicações sobre a África, considerando os mais diversos aspectos. Entretanto, esse espaço ainda é pequeno diante da importância do tema para todos nós. Os caminhos que buscam a investigação direcionam para um olhar próprio sobre a África ainda pouco trabalhado, mas com várias possibilidades a serem desenvolvidas através da ótica dos professores que se propõem a um projeto de ensino sobre este tema.

Li este parágrafo em um livro e o achei muito verdadeiro, porque acredito realmente nesta sintonia cultural entre o Brasil e a África.

O Brasil é um país extraordinariamente africanizado. E só a quem não conhece a África pode escapar o quanto há de africano nos gestos, nas maneiras de ser e viver e no sentimento estético do brasileiro. Por sua vez, em toda a outra costa atlântica se podem facilmente reconhecer os brasileirismos. Há comidas brasileiras na África, como há comidas africanas no Brasil. Danças, tradições, técnicas de trabalho, instrumentos de música, palavras e comportamentos sociais brasileiros insinuaram-se no dia-a-dia africano. (...) O escravo ficou dentro de todos nós, qualquer que seja a nossa origem. (Costa e Silva, 2003)

Democracia, justiça, solidariedade, generosidade, dignidade, cidadania, igualdade de oportunidades, respeito às diferenças são alguns dos valores almejados por todos nós e que devem ser o alvo

das nossas ações e de todos os membros da comunidade escolar em busca de sua construção e disseminação. Compreender e discutir formas de implementá-los nas escolas tornou-se compromisso e um desafio para o todos nós.

Dirliane Leite Lopes<sup>132</sup>

---

<sup>132</sup> Professora da Rede Municipal de Cachoeirinha.

Cachoeirinha, 1 de dezembro de 2010

*Toda pessoa sempre é a marca das lições  
diárias de outras tantas pessoas.*

*É tão bonito quando a gente sente que não  
está sozinho por mais que pensa estar.”*

(Gonzaguinha).

Queria começar esta carta com essa letra de Gonzaguinha que sintetiza, maravilhosamente, o processo de aprendizagem e os valores civilizatórios da **coletividade** e da **solidariedade**.

O curso possibilitou crescimento em várias instâncias. Primeiro, proporcionou-me uma reflexão sobre minha própria identidade e o que significa ser negro nesse processo histórico de diáspora. Considero, também, que o conhecimento que temos sobre a história da África é ínfimo. Nesse sentido, as sugestões bibliográficas foram valiosas.

Aprendi que não basta apenas ser um bom professor em sala de aula. É preciso participar ativamente nos processos de construção das políticas educacionais (PPP, Regimento Escolar, Estatuto, Princípios de Convivência, Planos de Estudos, etc.). São nesses espaços que alicerçamos a escola e o país que sonhamos, com menos preconceitos, menos desigualdades e mais solidariedade.

Chegar até o final do curso exigiu muita persistência, sacrifícios no convívio familiar, solidariedade das colegas, mas também permitiu fortalecer laços de companheirismo e engajamento ideológico.

O fato de ser *a distância* revelou-se como uma possibilidade de aperfeiçoamento para quem não tem tempo de se deslocar ou de assistir a um curso durante a semana e que, mesmo assim, está comprometido com sua formação.

Oxalá esta Universidade ofereça cada vez mais cursos que visem ao aperfeiçoamento docente em diferentes áreas do conhecimento e promova ações que combatam qualquer forma de discriminação. Sabemos que esse caminho é longo e trabalhoso. Sou formada em

História por esta Universidade (década de 90) e posso testemunhar que, apesar da qualidade dos professores, muito pouco se abordava, naquela época, sobre história da África. Confesso que me deixou orgulhosa encontrar nas referências bibliográficas nomes de ex-colegas de curso.

A qualidade do material foi excelente, fez jus à excelência da UFRGS. Vídeos, artigos, palestrantes, referências bibliográficas, organizadores do curso, depoimentos dos colegas nos fóruns e nos encontros – tudo foi maravilhoso.

Encerro essas reflexões parabenizando a todos que participaram dessa formação. Alegro-me em testemunhar que, ao completar uma década de docência em escolas públicas em meu país, estamos contribuindo, ainda que lentamente, para a construção de uma sociedade que respeita as diversidades.

Doralina da Silva<sup>133</sup>

---

<sup>133</sup> Professora da Rede Municipal de Cachoeirinha.

Gramado, 17 de dezembro de 2010

Ao saber do curso, fiquei muito interessada em fazê-lo por trabalhar na disciplina de História, pelo fato de não ter tido essa disciplina na faculdade e também pela falta de informação e material sobre o tema. Ao participar do curso, pude perceber o quanto a questão étnico-racial é omitida no meio escolar e também na sociedade, sendo que somos a diversidade, vivemos essa diversidade. O curso veio para suprir essa carência de informações que eu tinha a respeito do assunto e para abrir minha mente, para ser uma mentora, no meu ambiente de trabalho e na sociedade em que vivo, no combate ao racismo.

O curso significou muito para mim. Hoje tenho *armas, ferramentas* para lutar contra o atraso mental das pessoas que ainda vivem no passado em relação aos valores civilizatórios afro-brasileiros. Somos todos agentes de transformação e sei que, depois de ter o prazer e a honra de participar do curso, sinto-me capaz de concretizar ações e ser uma multiplicadora da temática.

Glorene Raquel F. dos Santos<sup>134</sup>

---

<sup>134</sup> Professora da Rede Municipal de Gramado.

Alvorada, 30 de novembro de 2010

Antes de fazer o curso eu já fazia outras tarefas vinculadas à temática afro: eu já dançava dança afro no *Grupo de Cultura e Dança Afro-Axé Delé* na cidade de Alvorada. Eu já tentava fazer com que a escola em que eu estudo tivesse novos caminhos com a Lei 10.639, pois muitos não conheciam a lei. E estudava a religião de matriz africana. Não sou uma professora: sou uma líder da juventude na escola. Sou responsável pelo departamento de cultura afro no grêmio estudantil e tenho apenas 17 anos de idade.

Ao fazer o curso, li textos maravilhosos e interessantes; conheci pessoas que tentam mudar o ensino como eu. Tive aulas presenciais construtivas que, sem dúvida, foram muito bem aproveitadas.

Penso que o curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* abriu meus caminhos e dos outros cursistas também, principalmente dos que são professores, pra que possamos saber como lidar com a temática afro dentro das salas de aula. Muitos tínhamos medo de tocar no assunto, porque não sabíamos por onde começar; hoje temos a base.

Esperamos que cursos como este continuem não só dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mas em outras universidades, construindo novos rumos.

Jéssica Lein<sup>135</sup>

---

<sup>135</sup> Estudante.

Gramado, 20 de dezembro de 2010

Eu penso que, para as coisas mudarem e ficarem melhores, deveríamos começar do zero, pois a maioria das leis sobre educação existem só no papel. A mentalidade do brasileiro, em relação à educação, deveria mudar, pois as famílias consideram a escola um depósito onde guardar os filhos enquanto trabalham. A maioria dos pais julga os professores seus inimigos, que vão prejudicar seu filho.

Também deve mudar a educação no ponto de vista de algumas pessoas que, se não conseguem emprego, vão ser professores até acharem algo melhor ou até pagarem a faculdade, mas não gostam do que fazem e nem dos alunos.

Toda a instituição está errada, pois os governantes querem manter o povo ignorante e sem cultura para que seus objetivos sejam alcançados: impedir que o povo seja capaz de discernir os melhores e os mais preparados candidatos a cargos políticos, pagar um salário baixo aos trabalhadores, resultando em uma vida de pobreza de dinheiro e cultura, sendo assim mais fácil manipular as mentes.

Quando começo a pensar em tudo isso, fico com uma sensação de impotência e revolta, mas nossa educação deu um pulinho muito tímido, que já sacudiu e acordou algumas pessoas.

Gostaria que os professores fossem mais honestos e ensinassem com carinho seus alunos, sem vergonha de seu salário, e sim com orgulho do que fazem. Mas, infelizmente, encontramos muitos professores que não vestem a camiseta da educação. E realmente vejo nossos professores desmotivados em ensinar, dando uma péssima aula, gritando com as crianças e fazendo com que elas tenham medo. Enquanto não mudar o pensamento dos políticos e dos professores, a educação está sempre perdendo.

Jussara Regina Bonalume Thomazi<sup>136</sup>

---

<sup>136</sup> Professora da Rede Estadual de Gramado.

Porto Alegre, 30 de novembro de 2010

## A Corrida dos Sapinhos

*Era uma vez uma corrida de sapinhos.  
Eles tinham que subir uma grande torre e,  
atrás, havia uma multidão, muita gente que vibrava com eles.  
Começou a competição.  
A multidão dizia:  
“Não vão conseguir, não vão conseguir!”  
Os sapinhos iam desistindo um a um, menos um deles, que continuava subindo.  
E a multidão continuava a aclamar:  
“Vocês não vão conseguir, vocês não vão conseguir.”  
E os sapinhos iam desistindo, menos um, que subia tranquilo, sem esforços.  
Ao final da competição, todos os sapinhos desistiram, menos aquele.  
Todos queriam saber o que aconteceu e, quando foram perguntar ao  
sapinho como ele conseguiu chegar até o fim, descobriram que ele era SURDO.  
Quando a gente quer fazer alguma coisa que precise de coragem, não deve  
escutar as pessoas que falam que você não vai conseguir.  
Seja surdo aos apelos negativos.  
(Autor desconhecido)*

Estar no Curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* foi uma bela experiência. Primeiro, nunca havia feito um curso de extensão a distância. Achei bastante exigente, bem mais inclusive que o meu curso de especialização, concomitante ao de extensão, mas presencial. Segundo, o curso acrescentou-me reflexões sobre cultura afro-brasileira que nem imaginava, conhecimentos que não foram trabalhados na escola. Esta experiência fará com que nós (eu e você) continuemos, mesmo após termos adquiridos nosso certificado de 200 horas, a pensar criticamente sobre a cultura afro no âmbito das nossas preocupações

como multiplicadores das leis e diretrizes que estabelecem o currículo das relações étnico-raciais.

O curso esteve além das minhas expectativas. Esperava muitos textos descabidos. Mas, pelo contrário, em sua maioria, foram oportunos. Estavam relacionados com a nossa realidade. Podemos aproveitar e colocá-los em prática.

Adorei ir ao *Satélite Prontidão* entrevistar o Sr. Nilo Feijó. Valeu a pena! Amei, amei, amei. Apesar de ser apenas uma ouvinte, pois naquela semana estava afônica e retornando à plataforma.

Penso que merecem atenção, na formação de professores, desarticulações em diferentes níveis: a desarticulação entre teoria e prática, entre o discurso e a ação, que se configuram de grande gravidade no tocante às questões raciais no Brasil. A lei está posta e são poucos aqueles que se sentem comprometidos com ela, pois a mesma sugere uma mudança de postura, além de necessitar conhecimento e formação quanto à inclusão da história e da cultura afro-brasileira. Exige formação inicial e continuada. Mas, pergunto a você: quem são os colegas que querem de fato, que almejam e querem legitimar a lei na prática? São poucos, né?

Veja bem, educar está em tudo o que fazemos enquanto vivos, mas a função profissional fica para alguns que são titulados para tal. E a vivência na diversidade deveria ser um padrão obrigatório para quem quer ser professor com *bagagem* suficiente para passar conhecimentos aos alunos sem seus preconceitos, estereótipos, ou simplesmente falta de sensibilidade.

Falar do outro, principalmente quando se julga alguém como sendo o *outro*, é um ato que tem que ser cuidadoso, para não tornarmos os discursos raciais mais eternos do que eles já são, e para que seja valorizada a contribuição de cada uma das raças (ou etnias) na construção da história do povo brasileiro.

Pelas reflexões e trajetórias durante o nosso curso, penso que devemos continuar acreditando neste exercício de troca e de diálogo para evitar que os nossos colegas professores (pessimistas, descrentes e desacreditados) continuem propagando os mesmos padrões que não conseguimos tirar há mais de séculos. É por isso que iniciei com a metáfora da Corrida dos Sapinhos. Parece sem sentido, mas eu acho que tem muito a ver com o que os colegas nos dizem na escola: *Essa*

*lei não vai dar certo.; Deve ser coisa de partido de esquerda.; Os negros são os piores racistas.; Cotas? Que história é essa de cotas para negros no município?...*

Às vezes tenho a impressão de ouvir a voz da *multidão* gritando, e eu ali, tentando *escalar a montanha, ou melhor, subir uma grande torre*, fazer com que as leis de fato aconteçam nas escolas onde trabalho. Você não teve essa mesma impressão?

Só que no fundo estamos aí, na luta pelas nossas conquistas de fazer com que tudo dê certo no final. Na minha sala de aula, já vejo mudanças. Que bom, né? E você o que tem feito?

Por mais que se evite uma despedida, é sempre triste. Mas, que possamos nos ver em outras formações.

Um grande abraço,

Luciane Santiago<sup>137</sup>

---

<sup>137</sup> Professora da Rede Municipal de Porto Alegre.

Canela, 30 de novembro de 2010

Quando me inscrevi para fazer o curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, juntamente com meus colegas da escola, pensamos que era um curso de formação de 40 horas sobre a temática da cultura afro. Eu, em particular, sempre me interessei por esta temática, pois é muito significativa na minha vida.

Sou negra, filha de chefe de terreiro de Umbanda, conhecido na nossa região por ser o precursor desta religião nessa localidade e, por isso, sofri muito preconceito na minha infância. Também na minha vida profissional, precisei trabalhar a cultura afro com meus alunos, pois percebi o preconceito declarado a uma aluna negra. Por todos estes motivos, sempre procurei novas formas de trabalhar a discriminação e o preconceito raciais.

Após a aula inaugural, aumentaram muito as minhas expectativas e, juntamente com meus colegas, levamos as informações para a diretora da nossa escola, a qual nos apoiou durante todo o Curso. Apresentamos os nossos projetos e os vídeos do curso aos colegas nas reuniões pedagógicas e estou com muitas expectativas de trabalho para o próximo ano.

Através do curso, tive a oportunidade de trabalhar como pedagoga responsável por uma escola infantil da rede particular de ensino, que oferece aulas de capoeira aos alunos, implantando um projeto de cultura africana para os pequenos. O trabalho foi muito enriquecedor, pois recebemos o retorno imediato da sua aprovação.

Para a minha vida profissional e pessoal, foi muito valioso, pois me sinto motivada para falar com meus colegas sobre a importância de trabalharmos a diversidade na escola, apresentando argumentos adquiridos no decorrer das leituras proporcionadas por este curso.

Percebo a minha facilidade em discorrer sobre esta temática a partir dos embasamentos estudados neste curso, os quais foram extremamente importantes para a realização das minhas atividades

profissionais. Sempre percebia na minha escola a carência de pessoas capacitadas que pudessem incentivar trabalhar o tema em todas as disciplinas, possibilitando aos alunos participar ativamente do processo de respeito à diversidade e às diferenças, exercitando a pedagogia do respeito, da autonomia, da inclusão e da emancipação, voltada para a formação do cidadão e direcionada ao combate de todas as formas de discriminação. A partir disto, colocamos em prática a possibilidade da presença dos valores afros com positividade, riqueza e respeito no cotidiano da Educação Infantil brasileira, e de todos os educandos, abordando a dimensão da expansão da presença dos valores civilizatórios afro-brasileiros com equidade.

Desta forma, pude, de forma prática, exercitar a pedagogia do respeito, da autonomia, da inclusão e da emancipação, voltada para a formação global do aluno, combatendo todas as formas de discriminação.

Foi importante para mim, como professora, ter realizado com meus alunos um trabalho de reflexão sobre a África, um continente marcado por uma espetacular diversidade étnica e cultural e, diante disto, eleger alguns valores que são fundamentais para a nossa afro-brasilidade.

Por isso, é importante saber como devemos falar sobre a temática afro, partindo para a ação, através de uma construção de práticas cotidianas que realmente possam contribuir para a superação da desigualdade racial e do racismo na nossa sociedade.

E estas práticas cotidianas somente foram possíveis através de todo material fornecido por este curso.

Nilva Rosa dos Santos<sup>138</sup>

---

<sup>138</sup> Professora da Rede Estadual de Canela.

Gramado, 9 de dezembro de 2010

Tive a oportunidade de participar do curso. No começo, estava com receio de não gostar. Mas, com o passar dos dias, a visão que eu tinha sobre o curso foi se modificando.

As leis 10.639/03 e 11.645/08 são simbolicamente uma correção do estado brasileiro pelo débito histórico em políticas públicas, em especial, para a população negra e indígena. Notei que, a partir daí, tem-se uma alternativa eficaz para o ensino-aprendizagem nas escolas públicas e particulares sobre o ensino das relações étnicas e raciais.

Precisamos mudar os conceitos da comunidade escolar e trabalhar com professores e alunos para a efetivação das leis supracitadas. Com o término do curso, continuaremos lutando e colocando em prática o que aprendemos, tentando conscientizar e formar futuros cidadãos que saibam respeitar as diferentes culturas existentes em nosso país.

Patricia Gonçalves Budke <sup>139</sup>

---

<sup>139</sup> Professora da Rede Municipal de Gramado.

Alvorada, 29 de novembro de 2010

Meu nome é Rosemeri da Graça Fagundes de Freitas. Tenho 43 anos de idade e 22 anos de magistério, todos em sala de aula. Sou negra, sou casada com negro e tenho três filhas.

Quando minha amiga e colega, Maria de Lourdes, me avisou que, no ano de 2010, teríamos um curso em EAD, numa parceria com a UFRGS, voltado para a Cultura Afro-Brasileira, e disse que gostaria muito que eu o fizesse, fiquei bastante interessada, mas mais no sentido de formação.

Achei, no início, que seria um curso que traria informações e me daria a oportunidade de trocar experiências com outras educadoras de diferentes municípios. Mas este curso superou todas e quaisquer expectativas que eu havia tido.

Ele me ofereceu não só o que eu esperava, mas foi muito além. Tive acesso a materiais diversos, a textos com diferentes, ricos e diversos pontos de vista. Através das referências teóricas, conheci autores que eu não conhecia. Tive a oportunidade de participar de palestras e mesas com palestrantes maravilhosos.

E, aos meus 43 anos, pude aprender muito mais do que poderia imaginar sobre a minha própria cultura. Aprendi a ler nas entrelinhas, a selecionar com mais cuidado ainda o material que chega aos meus alunos. Fui e estou sendo diariamente desafiada a ir além, a mostrar para o meu aluno negro a riqueza e amplitude da cultura da raça da qual ele descende e, ao meu aluno branco, que esta cultura, hoje em dia, faz parte do dia a dia dele e tem um valor inestimável.

No decorrer do curso, já coloquei em prática várias atividades e sugestões recebidas no curso, assim como na troca com outras colegas, mudando assim muito a minha prática, enriquecendo-a muito.

Tenho a certeza de que todas as expectativas minhas e dos outros colegas foram incontestavelmente superadas. O curso foi rico em informações (como já coloquei anteriormente), muito bem organizado, que nos trouxe principalmente como desenvolver e

aplicar no cotidiano de nossas escolas a implementação da Educação das Relações Étnico-Raciais e do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em todos ambientes de aprendizagem das nossas escolas, como repassar as informações, os conteúdos de maneira correta para os educandos se apropriarem do conhecimento da cultura africana e afro-brasileira com formas diferentes de ensinar a temática e instrumentos variados.

Ao final deste curso, escrevo esta carta a todo educador que ainda quer ir além dos seus limites de conhecimento e que, como eu estava antes de iniciar o curso, talvez esteja acomodado, só querendo, mas sem coragem de correr atrás. Busque, dentro de si, aquela vontade de mudar o mundo, aquela que tínhamos quando optamos pelo magistério. Sempre é tempo de acreditar, de mudar, de crescer, de acrescentar, de transformar.

Rosemeri da Graça Fagundes de Freitas<sup>140</sup>

---

<sup>140</sup> Professora da Rede Municipal de Alvorada.

Alvorada, 7 de dezembro de 2010

O curso me proporcionou conhecimentos teóricos e metodológicos sendo que pude relacionar as especificidades teóricas com a práxis do dia a dia, em especial, as próprias da produção cultural. Entre os objetivos que quero acrescentar está a formação profissional competente para a pesquisa, o planejamento, a execução de atividades e de programas de avaliação, com o fim de gerenciar e facilitar o processo da aprendizagem, estabelecendo a compreensão mútua e promovendo a integração entre o aprendido e a reflexão de sua prática.

E, no entanto, essa modalidade, em EAD, em que os alunos e professores estão parcialmente separados, pelo menos por boa parte do tempo, o modo que se precisa da comunicação das duas partes e, logo, da tecnologia existente, exigiu de nós mais disciplina e vontade de se aperfeiçoar. Desse modo, se faz necessário uma parte integrante de nossas vidas profissionais em que possamos nos aperfeiçoar em uma perspectiva interdisciplinar entre o ensino e a modalidade de ensino.

Um abraço a todos os colegas e tutores que fizeram parte dessa caminhada.

Sem mais,

Rosimeri Vieira Bujes<sup>141</sup>

---

<sup>141</sup> Professora da Rede Municipal de Alvorada.



Parte 3

## CARTAS DE TUTORES



Porto Alegre, fevereiro de 2011

Ao Professor Paulo e à Professora Véra Neusa

Este mês completou um ano de uma manhã que jamais se apagará de minha memória. Ao entrar no site da UFRGS, encontrei um anúncio de um edital sobre a seleção de tutores para um curso de extensão. Ao verificar sobre o que se tratava, li a proposta do curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-brasileira*, pensei no que minha trajetória acadêmica teria a ver com esta proposta, não muito, mas o assunto era para mim muito instigante de maneira profissional e pessoal.

Para fazer a inscrição, em uma das questões deveria constar uma explicação do porquê eu deveria ser tutora deste curso. De maneira sincera, respondi que achava a temática muito importante para a escola e uma de minhas melhores amigas era negra e que eu havia aprendido muitas lições de vida com ela.

Assim sendo, resolvi me inscrever e verifiquei que havia mais de trezentas pessoas que tomaram a mesma decisão que a que eu havia feito. Fui chamada para uma reunião de seleção na UFRGS e lá fui eu pegar alguns ônibus de minha cidade, Ivoti, rumo a Porto Alegre. Depois de alguns congestionamentos corriqueiros na BR 116, cheguei atrasada e pensei: perdi a vez, mas alguém pediu que eu esperasse para fazer parte de outro grupo de entrevistas.

Observando o ambiente daquela sala de aula da Universidade, pensei: sou a única pessoa branca aqui e, na hora de relatar as experiências com a temática Afro, eu não sabia o que falar além de exaltar meu interesse pessoal sobre o tema. Lembro-me de algumas pessoas presentes naquela ocasião como a Tutora Cátia, a Professora Véra, o Professor Paulo e a Patrícia. Depois de responder a um questionário breve, o Professor Paulo me perguntou sobre a distância que era viajar até o município de Ivoti e enquanto professora como eu me envolvia com a temática na escola na qual leciono. Minhas

palavras foram breves, lembro-me das mais diversas experiências com a cultura afro sendo relatadas por colegas em especializações, dissertações e projetos sociais.

Sai deste local frustrada, pensando ser óbvio que eu jamais seria selecionada para tal função na Universidade. Decorrido um dia, no final da tarde, por curiosidade, resolvi acessar o site e verificar quem foram os selecionados e encontrei o meu nome, o primeiro... sim, estava por ordem alfabética, estava lá e eu tive que ler diversas vezes as mesmas palavras junto ao meu marido para poder acreditar ser verdade mesmo.

Em nossa primeira reunião, cheguei um pouco cedo demais, sentei ao lado de uma pessoa que fiquei sabendo ser tutora também, a Professora Úrsula, a afinidade foi imediata e nossa reunião logo começou. A partir deste momento, sempre me senti muito bem aceita no grupo e recordo-me das palavras da Professora Véra Neusa que desejou as boas-vindas aos não negros ao curso, fazendo com que todos rissem da situação.

Foi um desafio aprender a trabalhar e navegar na plataforma Moodle, mas esta apresenta fácil navegabilidade ao usuário e em alguns dias estávamos aptos ao seu uso e logo passamos a atender os nossos cursistas, agendando inclusive *chats* para que fosse possível tirar dúvidas sobre o manuseio desta ferramenta.

Eu iria trabalhar com aproximadamente 35 professores do município de Novo Hamburgo, muitos com uma vasta experiência na temática e trabalhando há anos o assunto com seus alunos. Sempre pensei na responsabilidade que eu estava abraçando ao ser tutora de uma Universidade Federal e junto a isto em trabalhar uma temática tão importante com professores.

Muitas leituras foram necessárias, ganhamos livros eu dei início a um processo de refletir sobre o meu fazer pedagógico também. Percebi, com os encontros sobre cada módulo que fazíamos com o grupo de Professores da UFRGS e com os tutores, que os meus procedimentos didático-pedagógicos apresentavam muitas lacunas dentro da formação escolar de meus alunos. Havia muito que fazer em Ivoti.

Aproveitei muitos materiais do curso para discutir e refletir a temática afro em minha escola. Creio que uma das experiências

mais significativas veio a partir da observação dos vídeos: *O perigo de uma única história* e *A escola gerando traumas*, além de textos da Revista do Professor e mesmo de artigos científicos. Ousei convidar os professores e a coordenação do DEDS da UFRGS para irem até a escola onde leciono e aprofundarmos mais nossos diálogos, apesar de saber que seria difícil com tantos compromissos do grupo. Para minha surpresa esta visita aconteceu em uma manhã, com quase todas as turmas do ensino médio e curso normal no auditório da escola. Os professores abordaram uma série de aspectos referentes à Lei 10.639/03, ressaltando a sua importância de implementação no cotidiano escolar.

No momento em que os alunos trouxeram suas dúvidas, apareceu de forma sincera o desabafo de um aluno que passou boa parte de sua infância sendo alertado pelos avós para ter o cuidado de não sentar e tocar em objetos que poderiam ter sido tocados anteriormente por pessoas negras, todo cuidado era pouco... é claro que ficamos chocados em ouvir isto, e a pergunta que se faz é até quando ouviremos estas histórias serem contadas de geração em geração?

Sim, cabe a nós, professores, agirmos em ações positivas e que façam provir diálogos na escola e com a comunidade escolar onde ainda se conta somente a história eurocêntrica de colonização em nosso estado ou mesmo ignora-se o berço da humanidade oriunda do continente africano.

As ações acima descritas foram publicadas na mídia local e uma entrevista minha foi disponibilizada *online* sobre nossas ações pedagógicas relativas ao tema. Penso que a mídia é um dos melhores lugares para divulgarmos nossas ações educativas e aproximar a comunidade para abordar o racismo e o preconceito ainda tão presentes em nossa sociedade.

Construir e compartilhar saberes da história afro-brasileira com os cursistas foi muito significativo para que este curso fosse efetivado em nossas instituições escolares. A Educação a Distância é, sim, capaz de formar vínculos afetivos com pessoas sem o contato presencial. Fomos todos protagonistas de uma história de sucesso ao observar que a maioria de nossos colegas professores foi capaz de conciliar suas atividades profissionais e pessoais, aprendendo a organizar leituras e trabalhos solicitados para esta formação.

Nosso grupo de tutores foi outro fator que nos estimulou para que fôssemos unidos e prestativos uns com os outros. Agradeceria de forma especial ao grupo de tutores de Novo Hamburgo, Cátia e Wagner, a presença deles em aulas presenciais; discussões por e-mail foram imprescindíveis para que não nos sentíssemos sós, mas, sim, uma equipe buscando um ideal em comum, lutando pela mesma causa e defendendo os mesmos ideais.

A África está em nós. É assim que uma pessoa de origem alemã inicia suas palestras em Campo Bom, Ivoti, Lindolfo Collor e Novo Hamburgo. Fui convidada a realizar atividades de sensibilização sobre a Lei 10.639/03 em diversas escolas, a maioria da rede estadual. Hoje tenho duas bandeiras de defesa: as causas ambientais, pois sou bióloga de formação, e o combate ao racismo no cotidiano escolar. Outros convites já foram feitos para dar continuidade ao trabalho de planejamentos escolares de 2011.

O que posso lhes dizer, Professores Paulo e Véra, é obrigada por terem acreditado em mim e que eu ajudarei sempre a romper as barreiras do preconceito racial para juntos contarmos outra história de nosso povo, com orgulho e respeito a todos aqueles que formaram um país chamado Brasil.

Ailim Schwambach<sup>142</sup>

---

<sup>142</sup> Tutora a distância de Novo Hamburgo.

Porto Alegre, fevereiro de 2011.

À Rita Camisolão do DEDES/Prorext/UFRGS

No final de 2006, prestes a me formar, descobri você, enquanto pessoa maravilhosa, amiga e parceira, e o DEDES, enquanto departamento da instituição que me daria possibilidade de grande crescimento pessoal e profissional. Vi um cartaz que convidava alunos de graduação a participarem de uma Convivência Quilombola – Verão 2007, no litoral norte do RS. Minha primeira reação foi de estranheza, *como assim quilombo, aqui no RS?* Então, anotei o site e me inscrevi, um pouco por curiosidade, outro, para ver se neste lugar eu encontraria pessoas e lugares que remontariam ao passado africano tal qual eu havia ouvido falar. Havia algum tempo percebido, através das falas de amigos africanos, que não conhecia o continente Africano, a África que eles me mostravam era outra, bastante diferente da África que conheci na escola.

Foi uma alegria para mim ser selecionada para participar do Programa, e logo tivemos uma formação muito interessante, mas, é claro, incapaz de esclarecer todas as minhas dúvidas, e, então, durante uma semana pude conviver com duas famílias no Quilombo de Limoeiro/Bacupari, na cidade Palmares do Sul/RS.

Nos três primeiros dias fiquei na casa da Bebeti, moça de trinta e poucos anos, casada com João Carlos – que trabalhava a semana toda na fazenda e só vinha pra casa aos finais de semana – e mãe da Gaby. Quem diria que uma ida ao mercado poderia reservar surpresas que mudariam a minha vida. Por amor à cultura africana e por querer aprender mais sobre as comunidades quilombolas gaúchas, conheci Celso, neto de tia Merência, a moradora mais antiga da cidade, meu futuro marido.

Entre histórias de amor e amizades verdadeiras, descobri que algumas coisas não significam o que pensamos, por exemplo o vocábulo *logo* que pra mim significava *em seguida*, ou *rapidamente*, tinha

outros sentidos naquela comunidade. Após esperar o dia inteiro por uma ambrosia, que *logo* ficaria pronta, perguntei à Bebeti por que ela não me disse que o doce demoraria a ficar pronto, ela me respondeu: *eu te disse sim, que logo ficaria pronto*. Então repliquei que se era logo, não poderia demorar, daí ela me explicou que lá, logo significava bem depois, geralmente à noite. Nós rimos muito disso.

Mas, a cena mais extraordinária que vivi nesta casa que me recebeu com tanta hospitalidade ocorreu quando eu comentava sobre meus amigos africanos, as músicas, a cultura, a literatura africana que tanto me encanta. Qual foi minha surpresa quando, de repente, ouvi a pergunta da boca da Gaby: *Quem são os africanos que tu tanto fala?* Fiquei perplexa e lhe disse que eles eram os tataravós dela.

No dia seguinte me mudei para a casa da Tia Leir, senhora de sessenta e poucos anos que ali morava com seu filho Bráulio, mas que naquele momento recebia, além da minha visita, a da irmã Rosa, da sobrinha Liziane, da nora Geci, esposa de Bráulio, que morava em Porto Alegre com as cunhadas, e das filhas Véra, Lúcia, Solange e Eliane, acompanhada de seu marido Rodrigo. A casa estava cheia por que haveria uma grande festa na cidade, uma quermesse e um baile com o grupo *Tché Barbaridade*. Fiquei novamente chocada, o quilombo era gaudério! Lá tomei meu primeiro chimarrão, andei a cavalo e fui no tal baile fandanguero!

Outras coisas me deixaram desconsolada, ninguém lá se dizia negro, eram todos morenos, católicos ou evangélicos, não havia espaço para religiosidade de matriz africana.

Voltei de lá feliz pela nova família, mas meio confusa. Eu não tinha achado a essência africana tal qual eu procurava, era um quilombo muito gaúcho e pouco africano pro meu gosto.

Tive oportunidade de refletir sobre essa passagem no 8º Salão de Extensão da UFRGS, onde apresentei o trabalho *Conviver, Conhecer, Aprender... Uma Experiência de Convivência na Comunidade Quilombola de Limoeiro*. – 2007, no qual prestei uma homenagem à Tia Leir, minha mãe quilombola, que infelizmente falecera em maio de 2007. O casamento já acabou, mas meus vínculos com minha família quilombola continuam firmes e fortes até hoje!

Só agora percebo que outra coisa importante aconteceu naquele ano, foi a partir dali que ganhei um grande parceiro em meu

amor pela cultura de raiz africana: o Departamento de Educação e Desenvolvimento Social da UFRGS, DEDS.

Eu acabava de me formar na graduação em letras e entrei na permanência, então resolvi aproveitar meu tempo pra fazer todos os cursos que o núcleo de Educação Anti-Racista no Cotidiano Escolar e Acadêmico do DEDS promoveu de lá para cá. Ainda em 2007, fiz o Curso de Extensão *Desvendando a História da África*, no qual pude começar a entender que o que havia de africano naquele quilombo era a essência, os valores civilizatórios, como o comunitarismo, entre outros. A partir deste curso, também tive conhecimento da Pós-Graduação (Especialização) na temática afro que havia na Fapa, pós-graduação da qual virei aluna/bolsista no ano seguinte. Lá, pude aprender e apreender muito mais sobre as Áfricas existentes e desmistificar minhas visões anteriores.

Meu Currículo Lattes pode comprovar que realmente fiz todos os cursos da temática afro que pude e participei de quase todos os eventos promovidos pelo DEDS e por outras entidades sobre a temática. Foi esta a forma que eu encontrei de tentar reparar o que para minha mãe seria um grave defeito meu (dizia ela *Por que tu só gostas de coisa de negão?*), mas que tenho a honra de partilhar com o escritor moçambicano Mia Couto que melhor definiu nossa situação. Ele diz de si e eu afirmo sobre mim: *Nasci com pouco tom na pele e muita cor na Alma*. Depois deste breve relato de como eu me apaixonei pela temática, vou tentar responder às questões propostas para esta carta educativa.

Foi com grande expectativa que me inscrevi para ser tutora do curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, pois, depois de ter feito tantos cursos e de estar em sala de aula enfrentado as diferenças e desigualdades étnico-raciais, pensei que seria bom pensar coletivamente e discutir sobre os possíveis procedimentos didático-pedagógicos voltados para as relações étnico-raciais. Passei um sábado inteiro lá na Colônia de Férias da UFRGS, em Tramandaí, atualizando meu Lattes e finalmente fiz minha inscrição para seleção para tutoria, muito mais interessada na experiência que no salário de tutor em EAD. Decidi que, se não fosse tutora, me inscreveria para ser cursista para poder participar deste curso, que eu já previa que seria uma grande oportunidade

de crescimento pessoal, profissional e coletivo. Fui pré-selecionada para a fase de entrevistas. Durante estas, pensei que eu tinha poucas chances, pois meus concorrentes eram bem mais qualificados que eu, a maioria mestres ou doutores, e eu era apenas uma especialista ainda em andamento. Saiu o resultado, fiquei de 1.<sup>a</sup> suplente, no segundo dia do treinamento obrigatório recebi a boa notícia de que alguém faltou, sendo eliminado e que eu deveria substituí-lo imediatamente. Foi o que fiz. E, desde então, tentei fazer por merecer esta oportunidade que Deus me deu.

O curso começou e eu não fazia ideia da dimensão que iria tomar ao longo dos meses. A cada reunião para a apresentação dos módulos, grandes surpresas. O previsto era sempre superado em qualidade; as discussões e sugestões sempre tinham apoio; fui me sentindo importante em fazer parte do grupo. O espírito da coletividade, que é um dos valores africanos, foi exercido em seu grau máximo. Foi um processo inacreditavelmente bem-sucedido. Além do acolhimento da Coordenação do curso e da parceria dos colegas tutores, o contato com os cursistas foi mágico. Explico em termos da educação, segundo Paulo Freire, alguns cursistas tiveram uma postura que apontava para uma educação bancária, ou seja, na qual o educador detém todo o saber e o deposita nos alunos que seriam tábulas rasas. Mas, tentei utilizar os princípios da Educação Libertadora, em que há a construção coletiva do conhecimento, então cada um a seu modo me fez sentir mais educadora a cada dia. Com alguns cursistas eu pude manter contato pessoal, tanto nas aulas presenciais quanto fora delas, e algumas amizades permanecem, mesmo após o término do curso.

A cada módulo que iniciava, tínhamos um turbilhão de informações: textos, vídeos, fóruns para debate, etc.; era uma correria dos cursistas para cumprir as tarefas nos prazos estipulados e de nós, tutores, para orientá-los e para *corrigir* as tais tarefas solicitadas. Entre abril e dezembro de 2010, foram abordados diferentes temas relacionados aos *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, iniciando pela discussão sobre *Educação na Diversidade e Direitos Humanos*, passando pelos *Atos Legais e Normativos*, analisamos *A Temática na Estrutura e no Funcionamento da Escola*, vimos como deveria funcionar *A Temática na Sala de Aula e nos Demais Espaços Escolares* e, por fim, como fazer *A Avaliação na Temática*. Creio que

todos nós, cursistas, tutores e coordenação, ganhamos muito com a construção coletiva do curso: aprendemos juntos; dividimos angústias e alívios; dúvidas e sucessos; trabalho e esperança. Enfim, ensinamos, aprendemos, convivemos, compartilhamos, conectamos saberes populares e acadêmicos, consolidamos os conhecimentos aprendidos, construímos e fortalecemos uma rede social que luta e lutará em prol da mesma causa: *o respeito à diversidade e o melhoramento das relações étnico-raciais*.

O curso termina, mas a vida continua, e espero, sinceramente, que cada um dos envolvidos neste processo lembre-se das sábias palavras de Chico Xavier: *Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim*. E faça a sua parte, promovendo a diversidade étnico-racial na sua comunidade familiar e escolar, enfim, no seu cotidiano em geral. Que repensem suas práticas, refletindo sobre a realidade que presenciam para poder modificá-la, que façamos um novo final para a questão racial no Brasil. Tenho a certeza de que cada pessoa que viveu esta experiência magnífica sairá do curso, mas que o curso não sairá dela tão facilmente, pois é impossível viver algo tão intensamente e não ficar com profundas marcas positivas, pois, segundo Albert Einstein: *A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original*.

Particularmente para mim, foi uma oportunidade singular, enriquecedora e muito gratificante, que me proporcionará mais confiança e concretude para trabalhar, do melhor modo, as relações étnico-raciais na escola e na vida. Creio que o conhecimento aqui compartilhado poderá, sim, servir para mudar o mundo, pelo menos o nosso particular e, se cada um fizer sua parte, o mundo todo ficará mudado para melhor. Antes do curso, eu, assim como muitas outras pessoas, tínhamos apenas uma vontade, um desejo de mudar, mas, agora, após todo aparato que recebemos, estamos *armados* para esta dura e prolongada luta, pois, segundo Nelson Mandela, *A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo*. Então, assim como fica subentendido na fala de Bill (personagem do vídeo *A escola gerando traumas*), armemo-nos e vamos à luta!

Aline de Abreu Andreoli<sup>143</sup>

---

<sup>143</sup> Tutora a distância de Gramado.

Alvorada, 21 de novembro de 2010

Otília Beatriz Gomes Freires

Através do curso de capacitação para profissionais da rede municipal de ensino de Alvorada, *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, nos foram possibilitadas ferramentas para enfrentar os desafios propostos no processo educativo, bem como estratégias para que os educadores desenvolvessem em nossa rede, de forma adequada, ações que contribuíssem para a melhoria qualitativa do processo ensino-aprendizagem na escola, para o professor, os alunos e as famílias, considerando a importância da inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica e do Ensino Fundamental, trazendo para o município a construção dia a dia das grandes realizações e mudanças de atitudes na área educacional, prevalecendo o diálogo e o respeito às diferenças.

Em relação a minha participação como tutor local do curso no município, no início foi uma tarefa bastante difícil, pois nunca tinha tido experiência como educador na modalidade de EAD. Inicialmente, a grande dificuldade foi de inserir os cursistas dentro do espírito do curso, pois uma grande maioria inscreveu-se no final do ano letivo de 2009, através do Espaço da Diversidade, e quando o mesmo iniciou em 2010, com a aula inaugural, não se lembravam mais do curso, seus objetivos, encaminhamentos, ou até mesmo de seu endereço de e-mail, que eles mesmos tinham deixado.

O primeiro módulo do curso, que era destinado a como utilizar a ferramenta da plataforma Moodle, tornou-se para os cursistas e para o tutor local um grande laboratório de experiências, pois era uma demanda quase que diária de pedidos de orientação e ajuda para acesso das mais variadas formas possíveis. Isto era feito por e-mail, telefonemas e contatos diretos no dia de funcionamento do polo, que se deu nas sextas-feiras, das 18 horas até as 21 horas.

Este processo de acomodação no curso se deu, para grande maioria, até o final do módulo dois, quando, após um exaustivo trabalho de sensibilização por parte da tutoria local, mesmo após termos perdido alguns cursistas, as coisas começaram a se acomodar.

Foi sem dúvida no final do módulo dois e início do módulo três, que eu, Bruno Zarzana Lopes, tutor local, consegui parar um pouco e visualizar, enquanto também educador formado em História, o conteúdo, as demandas, os objetivos do curso, para aplicar no meu cotidiano e obter as fundamentações necessárias para que, enquanto também representante da SMED como diretor do Espaço da Diversidade, multiplicar a temática nas nossas 27 escolas municipais, já que as questões logísticas e a inserção de cursistas no uso da ferramenta já tinham sido acomodadas na grande maioria.

Um fato significativo que acho pertinente colocar nesta carta é que desde o início as minhas expectativas, em relação à temática Afro, Lei 10.639/03 e sua aplicabilidade no cotidiano escolar, foram contempladas, pois pelo fato de estar Diretor, dentro do Espaço da Diversidade, já sabia das necessidades de nossas escolas, que realmente contemplam a temática; assim, as estratégias e ferramentas proporcionadas pelo curso só vieram a constituir-se em meios para que enquanto gestor fossem supridas estas defasagens.

Outro ponto que deve ser relatado foi que, no âmbito de nossos cursistas, mais ou menos 52 no geral, os que estão dentro da SMED, por incrível que pareça, foram os que apresentaram maiores dificuldades no uso da plataforma do curso, bem como na realização da rotina de tarefas estabelecidas. Os educadores que estão em sala de aula no momento tiveram no geral poucas dificuldades, coisas mais corriqueiras, após terem se acostumado com o uso da sistemática de um curso em EAD. Já o pessoal da SMED, sempre, até o final do curso, teve de ser constantemente solicitado no fazer pedagógico, postagens, prazos, etc. As alegações foram que as demandas internas da rotina da SMED impediam a realização das tarefas, fato até justificável, mas não aceitável, já que em diversas vezes coloquei em reuniões específicas como ficaria, então, o professor cursista, que está em sala de aula, com 60 Horas? No momento das inscrições, na aula inaugural e em outros momentos, os coordenadores do curso, através do DEDS, sempre falaram das exigências e responsabilidades de um curso em EAD.

Passando estes problemas de percurso, que até certo ponto encaro como naturais, avalio de modo geral o curso como sendo positivo para os cursistas e para SMED de Alvorada, já que, graças ao andamento do curso e o que ele proporcionou, percebemos um crescimento, em nossa rede municipal, de atitudes e atividades positivas nas escolas em relação à temática.

É interessante relatar, a fim de exemplificação, a realização do 2º Seminário Alvorada em Africanidades, que aconteceu durante dois dias na 11ª edição da Feira do Livro Municipal, onde tivemos mais de 20 trabalhos inscritos no seminário, que relataram temáticas direcionadas às Leis 10.639/03 e 11.645/08, desenvolvidos com os educadores no cotidiano escolar de suas comunidades. Se compararmos com o número de inscritos no 1º Seminário, ocorrido em 2009, notamos que houve um substancial crescimento, em razão direta ao efeito que o curso Procedimentos Didáticos evidenciou na rotina da rede, pois funcionou como um multiplicador de ideias para a temática.

Como um segundo exemplo que evidencia atividades desenvolvidas na rede, e que o curso só veio incentivá-las mais ainda, foi o projeto desenvolvido na Emef. Nova Petrópolis, *A Cor na Passarela*. Novos Rumos, novos caminhos. Este teve origem em uma Escola Estadual de POA, foi trazido para nossa escola municipal, pelas professoras que o desenvolveram, na forma de oficinas para multiplicar com outros educadores de nossa rede, e assim melhorar a autoestima das crianças negras.

Como um terceiro exemplo, citamos a participação que o grupo de cultura e dança Afro *Afro Axé Delé*, coordenado pela Prof.ª Sandra Chagas, que recebe convites para participar na abertura de eventos em escolas e entidades de nosso município, graças à visibilidade que o mesmo adquiriu, através da parceria com o Espaço da Diversidade da SMED/Alvorada. Após este ano de caminhada do curso com a temática afro, os gestores de algumas escolas, principalmente aquelas que possuem cursistas, usaram o grupo como referencial, para que através da dança fosse desenvolvida a temática cada vez mais no cotidiano escolar.

Falando na temática que o Espaço da Diversidade da SMED/Alvorada sempre desenvolveu desde o ano de 2005, quando foi criado, a implementação do curso para nossa rede só deu mais visibilidade

para o Espaço e a construção da temática nos cotidianos escolares, servindo como elemento impulsionador para, com certeza, fazer de Alvorada referência dentro do RS, quando se fala no assunto.

Também é conveniente salientar que o curso também provocou um grande divisor de águas, antes e após ele, bem como modificou, com certeza, as relações interpessoais estabelecidas entre os colegas de rede e também cursistas. Isto se deu na medida em que os cursistas necessitavam trocar experiências entre si, fosse através de fóruns, postagens de atividades ou de *chats*.

O trabalho na modalidade de EAD justamente dá possibilidade desta constante interatividade, certamente aproximando aqueles que até então estavam separados. Outra exemplificação disto ocorreu a partir da parceria institucional entre os municípios de Alvorada e Cachoeirinha, pois foram desenvolvidos os chamados I e II Encontro Intermunicipal, com o objetivo de troca de experiências, desenvolvendo-se parcerias para incentivar a temática na modalidade de EAD.

Com isso, foi possibilitado aos dois municípios que apresentassem trabalhos na categoria pôster, relacionados na modalidade de EAD, na Faccat e na UFPEL. O trabalho intitulado *Caminhos da Tutoria Presencial* levou, entre outras coisas, a visibilidade para os municípios em questão; promoveu mais a temática, em especial dentro da modalidade de EAD, já que, pelo visto, éramos os únicos dentro desta categoria com trabalho direcionado, o que chamou bastante a atenção. Deu também mais visibilidade para UFRGS/DEDS, para o curso; proporcionou ainda suporte teórico e embasamento para os apresentadores do trabalho, tutores locais de Alvorada e Cachoeirinha com a temática, qualificando-os mais profissionalmente.

Também graças ao curso, o nosso município ampliou sua rede de relações, estando agora também parceiro de Gramado, no qual foi convidado para abrir as atividades do Mês da Consciência Negra. Desenvolvemos no mês da Consciência um grande número de atividades para a rede, que, enquanto gestor da SMED, percebeu claramente que houve crescimento nos trabalhos apresentados e na sua qualidade. Desenvolvemos atividades também para a comunidade da cidade, como, por exemplo, a *África Nação*, que concentrou na praça central uma gama de atividades voltadas à temática, o que só

foi possível graças a nossa inserção no curso. Aliás, a parceria neste evento, trouxe, por exemplo, *Afro Reggae* do RJ, tocando junto com a *Nação Periférica* de Alvorada, Bairro Tijuca.

Outro fato relacionado diretamente com o sucesso do curso foi que a nossa cidade, Alvorada, está mais engajada, ciente e consciente de suas raízes afro-brasileiras, os alunos, educadores, secretarias não têm mais receio de assumir publicamente isto. Sentimos que existe no ar um orgulho de ser negro e protagonista da história, já que, segundo o censo, 50% da cidade são de origem afro.

Notamos que no aspecto religioso, que não foi desenvolvido dentro do curso Procedimentos, houve melhorias significativas, parece que agora estão mais visíveis na cidade, não estão *escondidos*, e inclusive a organização melhorou bastante nas casas de religião, formando federações mais atuantes na cidade. Isto, também faz parte das contribuições indiretas do curso, pois, ao entrarmos nas escolas, percebemos que o aluno de religião de matriz africana já é visível dentro do espaço escolar, não precisando mais esconder-se, dizendo ser de outra religião.

Enfim, para concluir, só temos que agradecer a existência do curso, durante este ano de 2010. Apesar de algumas falhas que existiram, e que são naturais a qualquer processo, ele só veio a acrescentar valores positivos.

Falo profissionalmente no meu caso que fui tutor local desta cidade, pois hoje, além do conhecimento e da experiência adquiridos, tenho mais segurança e subsídios para argumentar publicamente em qualquer discussão. As relações interpessoais de que falei anteriormente foram muito satisfatórias e positivas para meu crescimento profissional. Antes, a minha tendência era resolver tudo sozinho, ou isolar-me. Hoje, sei o valor e a importância do pensar e projetar ações para um coletivo, a curto e a longo prazo.

O meu olhar de cidadão também ampliou o foco, pois hoje, mesmo não sendo um ativista de alguma ONG ou de movimentos negros organizados, consigo perceber valor e dar importância para a construção de políticas públicas voltadas a ações afirmativas. Graças ao curso e à caminhada que ele proporcionou, percebo com outros olhos a questão cotista na Universidade, e entendo e enxergo o que eu não via ou não queria ver no *Xadrez das Cores*.

Creio que as bases de nossa cidade de Alvorada estão bastante sólidas agora, no que diz respeito à temática. Não podemos mais sensibilizar, mas, sim, provocar ações, para não haver mais retrocesso, formando uma consciência coletiva onde todos, negros e não negros, possam se enxergar! Isto é que eu classifico como a mensagem, quase que subliminar, que estive por trás destes seis módulos da plataforma.

Para a pessoa que diretamente enderecei esta carta, não existem palavras para eu lhe agradecer, pois, graças ao curso, nasceu esta parceria, que para mim vai ser eternizada. Mas, também, não acho justo e até imperdoável de minha parte, se pelo menos eu não dedicar os meus agradecimentos, pela força e parceria, para duas pessoas que, quando lerem esta carta, certamente irão entender: *Simone Majerkovski Custodio* e *Maria de Lourdes Santos da Silva*. Obrigado por terem passado neste ano no meu caminho.

Bruno Zarzana Lopes<sup>144</sup>

---

<sup>144</sup> Tutor local de Alvorada.

São Leopoldo, fevereiro de 2011

Queridas e queridos cursistas,

Como estão? Espero que esteja tudo bem... Comigo está tudo muito tranquilo... principalmente por estarmos nos despedindo de um período de férias extremamente merecido. Todos nós, agora, temos uma experiência em comum: o fato de termos participado, como tutora ou como cursistas do Curso organizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e denominado *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*. Há um ano nem nos conhecíamos. Hoje, temos um vínculo que foi construído ao longo de oito meses de curso. Este envolvimento teve uma particularidade: ele foi construído de forma virtual. O curso foi realizado na modalidade de Educação a Distância e acredito que dê para contar nos dedos de uma mão as vezes que nos encontramos pessoalmente. Para mim, foi muito estranho, pois na plataforma Moodle eu me sentia íntima de alguns de vocês: a troca de mensagens era uma constante. Mas, quando nos encontrávamos pessoalmente a situação já começava desconfortável, pois vocês vinham me cumprimentar e eu nunca os reconhecia. Na plataforma, todas e todos tinham um perfil e junto a ele cada um anexou uma foto e hoje percebo que o meu *relacionamento* acontecia com aquela foto, pois quando eu me encontrava pessoalmente com vocês a situação se tornava *estranha* e ficava mais complexa por eu tentar não demonstrar este constrangimento por mim sentido.

Lembro, com clareza, do dia em que fiquei sabendo da seleção para tutores e tutoras a distância para o Curso. Era fim de janeiro, estava em Capão da Canoa e tinha entrado no site da UFRGS para ver possibilidades de cursos de especialização para uma grande amiga. Quando vi esta oportunidade e que eu tinha todos os pré-requisitos necessários para me candidatar não titubeei nenhum momento. Baixei a ficha de inscrição e esperei retornar a São Leopoldo para preenchê-la com calma, tendo em mãos todas as informações necessárias.

O processo de seleção foi angustiante, pois muitas pessoas se candidataram e, após a primeira fase, que se constituía pela análise da ficha de inscrição, fomos para a segunda fase, que consistia em uma entrevista coletiva: nunca tinha passado por isso antes. Chegando lá, a comissão seletora era constituída por pessoas que eu admirava pela sua séria e fundamentada militância pela inclusão das temáticas nos currículos escolares: Prof<sup>a</sup> Véra Neusa, Prof. Iosvaldyr e Prof. Paulo. Além disso, tínhamos que nos apresentar e os meus *concorrentes* relataram parte das suas experiências com as temáticas... Toda esta situação me deixou insegura: será que seria selecionada? Fui selecionada e procurei aproveitar esta oportunidade única de estar vinculada a uma grande universidade como tutora de um curso de extensão, de aprender mais sobre temas que me fascinam e de experimentar um viés da educação extremamente novo para mim: a formação continuada.

Como tutora, sempre procurei me colocar no lugar de vocês... Terminei a graduação em Pedagogia em 2004 e sei que ao longo da formação inicial não temos a oportunidade de aprender sobre História e Cultura Africana e Afro-Brasileira e Educação para as Relações Étnico-Raciais. O que aprendi foi, primeiramente, de forma autodidata: virava a biblioteca da Unisinos *de ponta cabeça*. E, posteriormente, através da Especialização que fiz na Universidade La Salle em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros e que foi concluída em 2006. Então, eu me colocava no lugar de vocês e pensava que todo conteúdo era uma grande novidade, então, eu tinha que realizar tentativas para que tudo se tornasse mais palatável... Semanalmente, escrevia longas mensagens onde procurava explicar quais eram as leituras daquele período, quem eram os autores e autoras daqueles textos (formação, área de atuação, militância,...), que atividades deveriam ser realizadas, que objetivo deveria ser alcançado, quais eram as minhas impressões como tutora (ou seja, alguém com mais experiência na área) e como colega professora e sempre terminava com palavras de incentivo e admiração, pois fazer o curso foi *uma opção* de cada um/a de vocês. Penso que este jeito de agir contribuiu para que diminuísse parte das suas dores de cabeça, pois muitas das dúvidas que poderiam surgir já estavam respondidas nesta mensagem inicial. No final do curso, o fôlego para a escrita destas mensagens já não era

o mesmo, pois o ano de 2010, para mim, foi cheio de experiências profissionais e acadêmicas. No último semestre do ano passado eu estava atuando como professora alfabetizadora, coordenadora do Programa Mais Educação, tutora do curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-brasileira*, Supervisora dos bolsistas vinculados ao Programa de Iniciação à Docência (Pibid) que acontece em parceria entre a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e estava escrevendo a monografia da Especialização em Gestão na Escola... ufa!!!! Mas, sobrevivi, inclusive para contar!!!!

Anteriormente falei da admiração que tenho por vocês e penso que é necessário contextualizar o porquê disto. Eu nasci em São Leopoldo, cidade considerada berço da imigração alemã no Rio Grande do Sul e fui educada formalmente nas escolas desta cidade que tem por lema: fé, cultura e trabalho. Cidade que se orgulha de ter recebido os primeiros imigrantes alemães, a quem é creditada parcela do progresso do nosso Estado, considerado como um dos que possui a melhor qualidade de vida do País e, sempre me foi ensinado que devemos isso à colonização europeia. Quando estava cursando a Licenciatura em Pedagogia, um formando de História apresentou a pesquisa desenvolvida no seu Trabalho de Conclusão de Curso que relatava serem gaúchos todos aqueles e aquelas que nasciam da miscigenação entre os indígenas e os espanhóis e sul-riograndenses, os imigrantes que chegaram ao Estado após 1815, ou seja, alemães, italianos, poloneses, açorianos, japoneses,... E os afrodescendentes não foram citados em nenhuma das categorias, pois, evidentemente, não são gaúchos e para este autor não seriam sul-riograndenses, pois haviam chegado antes de 1815 (sic). Neste momento, me senti extremamente excluída... Eu, na época com 23 anos, tive a mesma sensação que tinha quando estava na terceira série e estudava a história do Município de São Leopoldo, ou estava na quarta série e estudava a história do Estado do Rio Grande do Sul: me senti um nada, um ninguém e entendi porque não gostava de ser negra... Espero que agora vocês consigam entender como nasce a discriminação que alguns afro-brasileiros têm em relação à sua própria etnia e que foi tão discutida ao longo do nosso curso. Quando estava no Ensino Fundamental aprendi que a história de São Leopoldo se

iniciou com a chegada dos alemães em vinte e cinco de julho de 1824 e ponto final. Ao ler e ouvir isto sentia a minha cultura e etnia sendo negadas e assim foi-se criando a minha invisibilidade e autonegação, pois eu nunca via algo de afirmativo em relação aos afro-brasileiros... Bem pelo contrário, o que via era minha etnia relacionada, sempre, à escravidão, submissão, humilhação. Fora as piadinhas, os apelidos dados a mim pelos colegas. Bom, se ser negra era isso, então eu não queria ser negra!!! Estamos no fim da década de 80, início da década de 90: encontra alguma semelhança com o teu dia a dia?

Quando eu tinha vinte anos, simplesmente não suportei mais: olhei-me no espelho e vi que podia me achar linda, admirando a minha cor, o meu nariz achatado, os meus lábios carnudos, o meu quadril largo, o meu cabelo supercrespo e armado... Este último item foi o mais difícil de ser superado, afinal, passamos a vida inteira escutando que o nosso cabelo é ruim, ou seja, que o nosso corpo produz algo ruim... Não foi de forma imediata que apaguei esta informação da minha mente, mas a fala da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Célia da Silva, na cidade de Florianópolis, em 2003, em um evento organizado pelo NEN (Núcleo de Estudos Negros) foi elucidativa ao comentar que nosso *cabelo é ruim de pentear* e que com o tempo as pessoas simplesmente deixaram de falar a parte final da expressão e ficou para a posteridade a ideia de que o nosso *cabelo é ruim*. Dizem que o parto é algo extremamente doloroso para o bebê e eu digo que este foi um segundo parto para mim: descobrir-me negra, admitir a minha negritude em uma sociedade como a brasileira é algo que dói, mas criar esta consciência é, ao mesmo tempo, engrandecedor. Concomitante a este momento da minha vida, ingressei no curso de Pedagogia e na minha primeira aula tive contato com um texto escrito por Eliane Marta Teixeira Lopes, na obra *Perspectivas Históricas da Educação*, que continha a seguinte frase: *O desafio que proponho é o de duvidarmos de que o que está contado seja tudo e tão-só o que aconteceu*. Então, ao ler esta frase, eu consegui entender que existia algo além daquilo que estava escrito nos livros, daquilo que professoras e professores falavam, daquilo que aparecia na mídia e que Lopes chamava de *história inscrita*, ou seja, tudo aquilo que se encontra escondido nas entrelinhas, que está subentendido e que, às vezes, podemos resgatar o registro. Foi então que resolvi me embrenhar na biblioteca da Universidade e ler e escrever a minha versão da história

do meu povo, ser a *dona da história*. Pesquisando sobre a história de São Leopoldo, fiquei sabendo que em 1675 funcionava, onde hoje é a cidade, a Feitoria do Linho Cânhamo que movimentava a agricultura local. A casa em que esta funcionava hoje é considerada o símbolo da chegada dos alemães, pois foram lá que ficaram abrigados os primeiros imigrantes. Quando isto aconteceu, a construção tinha características portuguesas e ganhou o estilo enxaimel (alemão) apenas em 1941 quando foi reformada. A Feitoria era uma empresa administrada pela Coroa Portuguesa e que se utilizava de mão de obra escrava. Segundo o Prof. Dr. Ricardo Brasil Charão, em 1821 havia 321 negros escravizados trabalhando na Feitoria, um número surpreendente quando comparado à quantidade de pessoas que trabalhavam nas charquedas: em torno de 150, 170 negros. Encontramos estes dados no artigo de Simone Schmidt *Historiadores destacam influência negra no Vale*, publicado no Jornal ABC Domingo, de 21 de julho de 2002. Conforme Ricardo Rieth, os imigrantes alemães que aportaram em São Leopoldo após 1824 estavam proibidos de ter escravos, porém, estudos revelam que muitos tinham negros e negras que trabalhavam para eles em suas terras. Isto, inclusive, está registrado por meio de fotos. Esta informação foi encontrada no Jornal Vale dos Sinos, em 25 de julho de 2002, no artigo *A outra história da imigração alemã*. No entanto, nunca me contaram esta parte da história na escola. Foi preciso entrar na Universidade, ser apresentada ao texto de Lopes para então pesquisar e descobrir (no verdadeiro sentido da palavra, ou seja, destapar) que minha etnia sempre fez parte da história da cidade. E aí, meus queridos e queridas cursistas, vocês acham que isto pode ser caracterizado como exclusão?

Vivemos em uma sociedade racista e, portanto, preconceituosa e discriminadora. É necessário que se tenha cuidado para que não se reproduzam visões particulares em sala de aula, contando meias verdades, abordando só um lado da história, só o lado que interessa ao professor e à professora ou a um grupo que vem historicamente se beneficiando pelo jeito que a história vem sendo contada. Ao ignorar as várias versões de uma mesma história, o profissional da educação está auxiliando para que ocorra a exclusão étnica. Ao problematizar esta questão em sala de aula, ao afirmar a cultura dos afro-brasileiros, dos indígenas, dos asiáticos e dos europeus, a professora ou o

professor está auxiliando na busca por mudanças. Busquei a mudança através da autoafirmação, da participação no Movimento Negro, da participação em cursos, das leituras... E admiro vocês, cursistas, por terem optado pela participação no curso e, apesar das adversidades pessoais, terem permanecido até o final, pois isto significa que vocês não estão ignorando a existência de um problema. Se assim o fizessem estariam auxiliando na construção da exclusão étnica. Não... Este não é o posicionamento de vocês. Ao longo de oito meses do ano de 2010 tive o prazer de me relacionar com professoras e professores que estão comprometidos com a mudança e que estavam buscando ferramentas no curso para que nos seus espaços de trabalho pudessem promover a inclusão de seus alunos negros, ajudando-os a ter autoestima, a ser protagonistas. Parabéns a todos e todas e espero encontrá-los novamente...

Cátia Silene Morera<sup>145</sup>

---

<sup>145</sup> Tutora a distância de Novo Hamburgo.

Gramado, 7 de dezembro de 2010

Querido Paulo Leandro

Escrevo esta carta para, em primeiro lugar, lhe dizer do prazer que tive em poder trabalhar com você. Depois para dizer o quanto o curso foi e está sendo importante para nosso município.

Deste que comecei a trabalhar com a temática, busquei parcerias em Gramado e a dificuldade foi muito grande. Com o início do curso enxerguei uma luz e, mais do que isso, uma possibilidade da temática ser realmente aplicada nas escolas.

Iniciamos o curso com 51 inscritos, um representante de cada escola. Infelizmente com o passar do tempo alguns cursistas desistiram e, conseqüentemente, algumas escolas acabaram ficando sem um referencial.

Enquanto coordenadora e tutora local, estive, por inúmeras vezes, participando de reuniões de diretores e de coordenadores para incentivar e *cobrar* a participação de todos os cursistas e, por outro lado, me colocando à disposição para auxiliar no planejamento do PPP.

Realizamos no mês de novembro diversas atividades relacionadas com a implementação da lei e muitos trabalhos e projetos desenvolvidos nas escolas foram apresentados, o que de fato vem reforçar a seriedade do curso.

O curso, com exceção do módulo 1, foi maravilhoso, de uma qualidade surpreendente. A cada início de novo módulo, nascia a curiosidade e um mundo de informações que, sem dúvida nenhuma, marcou a história dos cursistas.

No decorrer deste ano, formou-se um vínculo de trabalho maravilhoso entre as secretarias de educação dos municípios envolvidos, e isso também foi um fator muito importante, tendo em vista a troca de experiências. A equipe do DEDS, sempre muito comprometida, foi fundamental para o sucesso deste curso.

Paulo, minha preocupação hoje é que o curso está finalizando e não podemos parar por aqui. Precisamos buscar mecanismos para que os projetos e atividades pensados em 2010 sejam postos em prática em 2011. Conversei com o atual secretário de educação de Gramado, João Carlos Adam, e mais uma vez solicitei a parceria para busca de novos cursos para discutirmos a temática e espero poder contar com você.

Um grande e fraterno abraço

Denise Foss<sup>146</sup>

---

<sup>146</sup> Tutora local e Coordenadora local de Gramado.

Porto Alegre, fevereiro de 2011

Às educadoras e aos educadores brasileiros

Este escrito é direcionado às educadoras e aos educadores brasileiros, sujeitos estes que fazem muitas transformações acontecerem com pequenas e grandes realizações no cotidiano do território da educação, trazendo, em seu trabalho, sempre problematizações e discussões sobre os temas que envolvem o ser humano e sua vida neste planeta.

Pretendo lhes falar sobre o processo de uma caminhada entre o ensino na modalidade à distância e a prática do trabalho de um educador-tutor no curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, pois este estudo possibilitou ampliarmos os nossos conhecimentos teóricos e práticos sobre História da África e Cultura Afro-Brasileira, tendo como prioridade pensar a teoria como uma caixa de ferramentas para a prática do educador no espaço escolar, sendo valorizada a escuta e os múltiplos conhecimentos na busca de uma educação plural, que respeite a diversidade e as diferenças, olhando para os educandos e suas múltiplas realidades.

Para falar sobre esta caminhada é importante citar que, durante este período de formação, foram muitos os atores envolvidos neste projeto e que cada contribuição foi o que possibilitou que a aprendizagem fosse possível. Portanto, é importante ressaltar que este foi um curso de construção coletiva, com vários olhares de diferentes lugares, pois a equipe de trabalho era constituída por profissionais de diversas formações e o grupo dos cursistas também era composto de pessoas de várias áreas do campo da educação. Sendo assim, diferentes histórias de vida e de conhecimentos teóricos, além das mais variadas expectativas referentes ao tema abordado na formação, possibilitaram encontros na busca de uma educação integral, plural e singular.

Neste sentido, posso dizer que participar de um curso à distância, com a participação de educadores e educadoras de oito municípios

do estado do Rio Grande do Sul e com um grupo de professores e tutores com um grande nível de conhecimento e uma disponibilidade para socializar conhecimentos, foi uma experiência para a vida toda, para além das questões relacionadas à educação formal. Existem as relações humanas, as aprendizagens para a vida, posso dizer, uma educação integral.

Portanto, falar para vocês sobre estes acontecimentos me faz refletir a todo o momento sobre as nossas práticas no espaço escolar sobre as questões que envolvem as diversidades culturais; pensar uma escola real, que trabalhe na prática respeitando a singularidade de cada sujeito, sendo uma escola plural, com educadores envolvidos nas questões de ensino-aprendizagem de forma integral, olhando para o educando como um todo.

Por isso, acredito que todas as educadoras e educadores brasileiros devem ter contato com esta oportunidade que vivenciamos neste curso de extensão, pois foram muitas as experiências e transformações vivenciadas durante o processo de realização do curso. Começo falando sobre os espaços de discussão e problematização existentes na plataforma Moodle, lugar virtual em que o curso aconteceu. Foram os mais variados tipos de recursos utilizados, *chats*, fóruns, mensagens, *portfólios*, postagem de textos e tarefas, entre outros. Além disso, tivemos alguns encontros presenciais em grande grupo, com todos os participantes do curso e convidados, ou em grupos menores, nas cidades-polos.

As conversas que foram se construindo durante a caminhada dentro do espaço virtual foram abordando a temática em seus referenciais teóricos e a prática no cotidiano da escola. Com isso, surgiram muitos exemplos de atividades que já acontecem nas escolas e também nos lugares em que ainda há resistência em abordar as questões relacionadas à História Africana e à Cultura Afro-Brasileira. Surgiram muitas falas referentes aos processos de transformação pelos quais muitos cursistas foram passando durante os seus estudos e as experiências que foram protagonizando em seus espaços de intervenção educacional.

A partir destes breves levantamentos sobre o curso, quero salientar a importância e o grande valor para a educação brasileira de intervenções que instrumentalizem as educadoras e os educadores

para trabalharem com mais segurança a temática proposta pela Lei 10.639/03, que preconiza o estudo da História e da Cultura Afro-Brasileira.

Os módulos de conteúdos que foram disponibilizados no ambiente virtual possibilitaram a construção de um material de suporte de conteúdos teóricos e atividades práticas para fazermos uma educação no cotidiano escolar voltada para todos os educandos, em uma perspectiva de sujeito integral. Podemos dizer que a nossa caminhada na educação brasileira está em grande aproximação de transformar em realidade os nossos desejos de fazer uma educação na diversidade.

Sendo assim, chegamos ao final deste curso com uma sensação de muitos avanços e aprendizados, mas também com uma grande vontade de continuar a trilhar os caminhos de uma educação antirracista, acreditando em uma escola que valorize as diversas realidades e formas de conhecimentos, uma escola que olhe para o todo, que busque conhecer o contexto do seu educando. Queremos sair da fala para a prática, dos escritos para o fazer e, depois, retornarmos para nossos escritos e nossas falas para contar sobre uma realidade diferente da que conhecíamos.

Acreditamos que cada vez mais escolas irão romper seus muros de concreto, que serão verdadeiras comunidades escolares, que aprendem com a história e a trajetória das pessoas que construíram a comunidade. Que tenhamos muito mais educadoras e educadores que olhem, respeitem e trabalhem a partir das múltiplas culturas que constituem os atores envolvidos no espaço escolar.

Márcio de Almeida Malavolta<sup>147</sup>

---

<sup>147</sup> Tutor a distância de Cachoeirinha.

Ao colega  
Tutor Wagner Santos Chagas

Findando o curso sobre africanidades promovido pela UFRGS no ano de 2010, eu e tu tivemos o privilégio de vermos o resgate da história dos negros que foram retirados da África e espalhados pelo mundo.

Na África eterna, destinada aos que já se foram, deve estar havendo uma grande festa e batucadas de júbilo ao verem gente envolvida em perpetuar seu passado real às gerações presentes e futuras.

Nós sabemos o quanto é difícil, mas não impossível, implementar a Lei 10.639/03 no cotidiano escolar. Por que há tanta resistência em implementá-la?

Realizando uma breve análise das leis referentes aos negros escravos nas Américas, veremos que as formas de administrá-los, vigiá-los e controlá-los nos permite entender as raízes do autoritarismo, da repressão e da violência que marcam o período escravista.

Poderíamos começar pelo *Código Negro*, criado por Colbert, ministro das finanças da França nos tempos de Luís XIV, que morreu antes da publicação dos seus 60 artigos.

O Código Negro deu as bases jurídicas à vida colonial, já que legislava e legitimava a inferioridade do negro em relação ao branco.

O Código Negro retira a humanidade da população negra escravizada no momento em que assume que o escravo é um *bem móvel*.

Art. 46- Os escravos eram propriedade da comunidade e não podem ser hipotecados, e devem ser divididos igualmente entre herdeiros do mestre.

Garantia-se a partir daí a afirmação da autoridade e da justiça reais e sua manutenção nas colônias Francesas das Antilhas.

Colega Wagner, o caráter terrível da tortura também estava pressuposto no Código Negro:

Art.38- Ao escravo fugido por mais de um mês, na primeira fuga, perde uma orelha e é marcado com uma flor de lis no ombro;  
Na segunda fuga por mais de um mês, perde a orelha e na terceira vez é morto.

Somente em 1848, com a abolição da escravidão pela França nas colônias francesas, é que o escravo deixa de ser um *bem móvel* e vem a ser cidadão, passando a ter direitos de voto. Do dia para a noite, em torno de 12 mil escravos tornam-se *novos cidadãos*, mas a Proclamação do Comissário Geral da República Francesa adverte aos recém-libertos(...) *Não cedam a primeira tentação. Pensem e provem a eles, a vocês e aos seus irmãos da Europa, que vocês saberão respeitar a nobre divisa da França: a Liberdade, a Igualdade, a Fraternidade, em um trabalho frutuoso e honrado, na paz pública, nos laços da família, na obediência as leis da religião e da pátria.*

Também, Wagner, no caso espanhol, houve a existência de um código negro que regia a vida dos negros africanos escravizados e libertos e seus descendentes nas colônias espanholas da América. Em outros locais existia, não propriamente constituído juridicamente, um código, mas as leis eram exercidas. Pretendia-se controlar os escravos, subjugar-los a ter obediência aos brancos e apagar suas memórias culturais, evitando a resistência ao cativo.

A educação, naquele momento, através do projeto de modernização nacional baseada na mestiçagem, foi veículo eficaz na transmissão e aprendizagem destes valores. A educação propunha um projeto homogeneizador, onde as diferenças étnico-raciais e suas características individuais não eram levadas em conta, isto em praticamente toda a América.

Podemos também incluir a questão no ponto de vista norte-americano, através do Black Codes e as Jim Crow.

Nos EUA, uma agência federal foi criada para ajudar a proteger os negros libertos do sul após a Guerra Civil (Secessão ), no ato de

3/3/1865, que em verdade passou a estabelecer nos Estados Sulistas a discriminação legal entre brancos e negros. Vejamos o exemplo do Texas:

1 - Os negros não podiam votar ou ocupar cargos, não podiam servir como testemunhas, depor somente em casos envolvendo outros negros, não podiam se casar com brancos, o Estado solicitava que as empresas de ferrovias fornecessem acomodações para negros separados dos brancos (segregação em locais públicos), bem como proibição de terras públicas para negros.

Já a Jim Crow (1876-1964) estabelecia nos EUA a segregação racial em todas as instalações públicas (educação, transporte, áreas públicas, etc.), e desvantagens econômicas aos negros, que foram consideradas inconstitucionais pelo Supremo Tribunal dos EUA, em 1954, anuladas totalmente em 1964 pela lei dos Direitos Civis.

Mas no caso português, colega Wagner, especificamente referente ao Brasil, não houve um código elaborado que pautava as relações escravistas. Isto se justifica não sendo a escravidão oficializada. Esparsamente nas ordenações de Portugal, As Manuelinas (1521) e As Filipinas (1603), encontramos algumas referências. Em 1855, Portugal, ao redigir o projeto do código civil do Império, não inclui a escravidão como instituição, afirmando que isso deveria ser tratado separadamente, pois considerava-se a escravidão uma instituição transitória. Veja, colega, o que diz em 1857 a publicação oficial da consolidação das leis civis:

– Cumpre advertir que não há um só lugar no texto onde trata-se de escravos. Temos, é verdade, a escravidão entre nós, mas esse mal é uma exceção que lamentamos, e que já está condenada a extinguir-se em uma época

mais ou menos remota(...). faremos um dispositivo à parte para não macular nossas leis civis. As leis concernentes à escravidão (que não são muitas), serão classificadas à parte e formarão nosso Código Negro.

Para pesquisa, têm-se registros (eclesiásticos, jurídicos, policiais, etc.) que eram escritos relacionados aos cativos, bem como ensaios jurídicos, textos econômicos sobre o comércio de escravos, projetos de Câmara de Deputados, Códigos de Posturas da Câmara Municipal, etc. Havia leis (alvarás, posturas, etc.), mas não centralizadas nas formas de um código negro, como havia um caso da França, por exemplo, pensava-se em formas de administrar e agir em relação aos escravos.

De uma forma ou outra, procurou-se, seja através de códigos negros juridicamente estabelecidos ou não, firmar-se o poder dos proprietários sobre seus escravos e garantir a perpetuação da escravidão.

Nesta breve carta, meu colega e parceiro de luta, teríamos que incluir o caso do Brasil. O espaço é exíguo, mas poderemos citar que muitas leis foram feitas envolvendo os escravos e os negros libertos, que só mantiveram a subserviência do negro, numa análise mais profunda. Apenas para citar algumas: 1830-Código Criminal; 1850-Lei Eusébio de Queiroz ; 1850-Lei de Terras; 1871- Lei do Ventre Livre; 1855- Lei do Sexagenário; 1888-Lei Áurea.

Mas fica a discussão para um outro momento.

Concluindo, meu colega, vemos que as possibilidades para a implementação da Lei 10.639/03 eram urgentes, ainda mais analisando, como citei anteriormente, a legislação discriminatória que foi produzida por séculos, contrária aos negros escravos e libertos pelas colônias europeias nas Américas.

### **Partida**

Como grãos de areia foram

Separados.

Irmãos ficaram

Juntaram-se outros.

Saudade dos seios da mãe  
Filho só,  
Sente  
Não irá regressar  
Sonha,  
Sonhando acordado  
Diz...

Mãe abandona filho?  
África não!  
Espera o retorno  
Dos que foram,  
Levados pelas águas  
Lágrimas do oceano.

Filho sem mãe?  
Não!  
Sangue da África.  
Muitas Áfricas correm  
Nas veias do mundo.

Paulo Leandro Menezes de Souza<sup>148</sup>

P.S. Para todos os que estiveram envolvidos neste grande projeto.

---

<sup>148</sup> Tutor a distância de Gramado.

São Leopoldo, 30 de novembro de 2010

Prezados colegas professores da rede municipal de São Leopoldo

Neste ano, tive a felicidade de realizar o curso *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, cujo objetivo foi o de aprender a trabalhar com as questões referentes à diversidade cultural, em especial a temática africana e afro-brasileira. Para aumentar minha alegria com o referido curso, ainda fui indicado para ser o tutor local do mesmo aqui na cidade de São Leopoldo. Dessa forma, além de participar do curso, tive a oportunidade de interagir com outros alunos e trocar experiências e angústias.

No início do curso, as expectativas recaíam, quase que por completo, sobre a questão didática, ou seja, sobre os procedimentos para abordar a temática afro-brasileira dentro de uma sala de aula. Todavia, essa expectativa logo foi superada, pois, no módulo 2, foram tratados aspectos referentes à questão dos direitos humanos e, no módulo 3, o assunto foi a legislação envolvendo a diversidade cultural. Além do mais, o módulo 6, dedicado à avaliação, proporcionou a leitura de um rico material, dando subsídios para que este delicado tema pudesse ser melhor compreendido, visto que é um dos pontos mais delicados quando o assunto é educação. Este material destacou a importância do olhar diferenciado e individualizado para cada aluno.

Dessa forma, o curso proporcionou uma formação numa área que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) destaca como tema transversal, a diversidade cultural, tema que é obrigatório nos currículos pelas Leis 10.639/03 e 11.645/08. Cabe ressaltar que, conforme exposto anteriormente, a expectativa inicial do curso foi amplamente superada, uma vez que o curso ofereceu muito além da formação na parte didática, incluindo aspectos da legislação vigente e outros, inclusive relacionados à gestão escolar.

Sem mais para o momento, desejo um ótimo final de ano e um 2011, em que todas as suas expectativas e planos possam ser cumpridos.

Rodrigo Blasckesi Fernandes<sup>149</sup>

---

<sup>149</sup> Tutor local de São Leopoldo.

Porto Alegre, fevereiro de 2011

Caro Paulo Sérgio da Silva,

Vou procurar expressar para ti, com toda a sinceridade, nessas linhas, o que certa *Aventura Pedagógica* produziu em mim. Ao finalizar o curso de extensão *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*, através da Plataforma Moodle/UFRGS, ficamos todos com aquela sensação de que poderia continuar, não é mesmo? Acredito que seja difícil, para qualquer um dos envolvidos, expressar em palavras o significado dessa experiência na sua vida profissional e pessoal, mas vou tentar...

Quando me disponibilizei para assumir como tutora do curso, te confesso, estava bastante insegura quanto a minha capacidade de contribuir para o trabalho com a temática afro-brasileira. Não havia tido até então nenhuma experiência neste sentido, o mesmo acontecia com relação ao Ensino a Distância (EAD). No entanto, quanto ao EAD, estava tranquila, pois apostava que poderia me apropriar rapidamente das ferramentas do Moodle. Isto não se deu tão rápido como o esperado, mas ao longo do curso a familiaridade com esse ambiente virtual foi se dando, calmamente, a cada acesso.

Com relação à temática, minhas experiências sempre foram vinculadas mais à militância em prol dos direitos humanos, tais como participação de oficinas no Fórum Social Mundial, voluntariado no curso pré-vestibular para afrodescendentes (coordenado pelo IBÁ), movimentos sociais e outros. De fato, a minha formação acadêmica e a minha experiência profissional, ao longo dos últimos anos, têm sido direcionadas à temática socioambiental, mais especificamente à Educação Ambiental (EA).

Mais uma confissão: imaginava que o fato de eu não ser negra me colocava ainda mais na posição de *desconhecimento de causa*, o que aumentava minha insegurança. No entanto, logo senti que era bobagem minha e a insegurança foi se dissipando... Posso afirmar, Paulo, que

a forma como fui acolhida pelo grupo coordenador me deixou totalmente à vontade para procurar contribuir, com tranquilidade, com o que fosse possível nessa empreitada de realização do curso, iniciada por esse grupo corajoso e posteriormente assumida por todos nós.

Vocês da coordenação do curso foram capazes de agregar a todos, respeitando e aceitando solidariamente as distintas opiniões e acolhendo humildemente contribuições e críticas. Autorizo-me a afirmar, sem medo de exagero, que, se os gestores conduzissem suas instituições da forma como vocês o fizeram, estaríamos vivenciando certamente uma *outra educação* em nosso país. O comprometimento solidário e o clima de alegria estabelecido nas formações dos tutores permaneceram permeando as relações na equipe. Está certo! Vocês são pessoas simpáticas e muito queridas. É verdade! Talvez um pouco convencidas também...(risos). Mas agora sem brincadeira, Paulo, sinceramente, o compromisso, a ética, o profissionalismo e a solidariedade com que assumiram essa ousada tarefa foram chaves para levarmos adiante a luta em prol de uma educação antirracista de qualidade.

Conforme já disse, a minha praia é a Educação Ambiental (EA)! Embora, na minha concepção, não seja possível separar a EA da educação anti-discriminatória; nas instituições, de uma maneira geral, estes enfoques ocupam lugares diferenciados nas formações pedagógicas. Nesses locais, a EA acaba priorizando a sensibilização e o (re)conhecimento dos impactos ambientais decorrentes do modo hegemônico de viver. Do meu ponto de vista, esses enfoques devem ser trabalhados em conjunto, sem fragmentações, de maneira sinérgica. E isso, Paulo, foi possível perceber ao longo do curso. Essa dimensão e outras tantas apareciam tão tecidas que era impossível distingui-las.

O que quero dizer é que mesmo tendo o compromisso específico com a temática afro-brasileira, o curso expôs e propôs várias possibilidades de trabalho não somente para as diferentes disciplinas, mas também na articulação entre as temáticas ditas transversais. Afinal, para mim essas temáticas apontam numa mesma direção, qual seja, um novo paradigma em educação, direcionado à construção de uma sociedade justa, solidária e sustentável.

O curso me fez debruçar sobre a temática, me fez conhecê-la melhor, vivenciar valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros

e perceber ainda mais o quanto esses dialogam profundamente com o pensamento ecologista que tenho perseguido. O teu texto disponibilizado na plataforma, ao final do Módulo 5, sobre as comunidades quilombolas, aponta bem esse diálogo. Ao focar a forma de relação dos quilombolas com a terra, não enquanto mercadoria, traz a necessidade de agregar saberes e fazeres tradicionais as nossas práticas pedagógicas escolares, demonstrando a importância de valorizar modos distintos de ser e estar nesse mundo. Esse tem sido atualmente um dos principais enfoques das ações em EA com que tenho me envolvido atualmente – a etnossustentabilidade.

Pensei ser importante te escrever os momentos do curso que avalei como os mais significativos de aprendizagens individuais e coletivas, mas a lista ficou tão extensa que tornaria essa carta um tratado. Posso te dizer, sem sombra de dúvida, que o diálogo estabelecido com as educadoras cursistas de Alvorada, cidade com um percentual bastante significativo de afro-brasileiros, potencializou muito meus aprendizados. Os momentos presenciais, nos quais nos (re)conhecemos, fizeram com que nossas mensagens, embora a distância no ambiente virtual, fossem se tornando mais e mais próximas a cada diálogo, a cada troca. Algumas mais, outras menos, mas com certeza, Paulo, cada uma das colegas educadoras cursistas deixou em mim sua marca, seja pelo seu modo de ser, por uma escrita, por um gesto ou um pensamento. Aprendi muito com as educadoras cursistas, e também com o Tutor Local, o Bruno, que coordena o Espaço da Diversidade. As colocações nos fóruns, as mensagens e os textos encaminhados contendo detalhes práticos, demonstravam os esforços já construídos para a inserção da temática no cotidiano das escolas dessa cidade.

Agora a última confidência... Sei que poderia ter contribuído mais, mas sei também que fui até onde *minhas pernas puderam aguentar*, para não deixar o samba morrer, parafraseando a música cantada pela gloriosa Alcione. Peço a ti, por extensão a toda equipe, minhas sinceras desculpas caso tenha, em alguns momentos, perdido o compasso nessa melodiosa aventura.

Paulo, sei que deu muito trabalho, mas, podes saber, já está rendendo frutos nas instituições escolares participantes que estão implementando ações pedagógicas, que irão reverberar na vida de

muitas crianças e jovens e se espraiar pelas cidades gaúchas envolvidas. Esse trabalho assumiu uma dimensão e tanto!

Agradeço de coração a oportunidade de participar desta bonita aventura, que me trouxe crescimento, tanto profissional como pessoal, sendo vivida com imensa alegria. Como nos diz Paulo Freire: *a alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.* Desejo que sigamos em diálogo nesse processo de busca.

Finalizo essa carta, parafraseando novamente nosso educador-mor, afirmando: *Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além.* Hoje, após a experiência, me sinto ainda mais comprometida com a causa, mais segura e pronta para assumir novos desafios, portanto podés contar comigo nas novas empreitadas!

Um abraço fraterno,

Rosa Maris Rosado<sup>150</sup>

---

<sup>150</sup> Tutora a distância de Alvorada.

Gravataí, 20 de fevereiro de 2011

Olá, Zinha, tudo bem?

Passados alguns meses de trabalho, escrevo pra te contar sobre a gratificante experiência de ter sido tutora de EAD, num curso de extensão, promovido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Desde a seleção, e mesmo antes de ser aberto aos alunos, fomos envolvidos no processo de construção do curso e cada um, dentro das suas possibilidades e experiências, trouxe contribuições para a efetivação desse trabalho. Isso nos tornou co-responsáveis, num primeiro momento, pelos resultados que até então não podíamos medir.

Mais do que tutorar os cursistas, como eram chamados os colegas-professores matriculados, nosso envolvimento foi de também estudar e tomar para nós todo aquele conhecimento que estava sendo disponibilizado ao grande grupo. Participamos das discussões em fóruns e *chats*, nos integrando e refletindo tanto na temática central quanto estreitando os laços com os participantes.

E o tema não poderia ser mais relevante e importante, pois se tratava justamente daquilo que mais nos falta que é pensar e refletir sobre as teorias disponibilizadas em recursos vários, utilizando ferramentas para abordar e inserir com criatividade, em todos os espaços da escola, a discussão sobre a História que nos situa enquanto descendentes e revela o processo de construção desse continente, ou seja, da África e, conseqüentemente, dos Afro-Brasileiros.

Bem, para você ter uma ideia, o curso se intitulava *Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira* e logo no início apontou para a necessidade de ressignificarmos vários conceitos como diversidade, cultura, etnia, raça e, mais ainda, nos apropriarmos de uma história que nos foi contada, sem muitos detalhes, sobre nossa efetiva participação para além da força braçal.

O curso nos oportunizou refletir, sob um novo olhar, questões como direitos humanos, sobre as leis e diretrizes envolvendo a temática e o impacto dentro da estrutura e do funcionamento da escola, considerando seus espaços e tempos, e também a questão da avaliação.

Sabes, amiga, essa experiência me fez reviver aquele momento crítico da graduação, lembra, quando decidi concorrer à vaga de pesquisadora no projeto do quilombo urbano do Laredo, em que uma das professoras selecionadoras, após ler minha carta de intenção, ouvir a justificativa de meu interesse e olhar minhas notas, me questionou porque eu não falava nem me colocava enquanto mulher negra.

Uma pergunta que num momento me tirou do ar, mas que sem ter noção eu soube responder e hoje, depois de ler tantos depoimentos e ouvir histórias iguais a essa, reconheço na minha trajetória de vida como sempre foi necessário enfrentar uma batalha para superar o que representava um entrave a nossa cor: um impedimento de sermos reconhecidos culturalmente, esteticamente, que dirá, intelectualmente, ou seja, nosso não pertencimento nas entranhas dessa História.

Quando respondi a ela que eu me reconhecia para além da minha cor e que esta jamais me impediria de ir adiante na minha formação, lutando pelo que acreditava ou, então, que enxergava pelo caminho da espiritualidade, do ser humano como ser eterno, sem esboço prévio ou modelo padrão no catálogo, acho que conquistei a chance e o desafio de participar do projeto, sem saber que esta vivência me colocaria de frente para um desafio ainda maior que foi esse curso.

Pensar que uma lei para tocar nesse assunto está posta me revolta, pois ela causa constrangimento, mas me dar conta de que esse sentimento diz respeito ao fato de que ainda se acredita no nosso não pertencimento nessa história me faz querer dignificar a ancestralidade que sustentou e sustenta toda a construção da referência do que seja ser Brasileiro, sem pureza de raças, etnias e feito de diversidade em todas as suas instâncias.

Como podes perceber, esse curso mudou minha trajetória me fazendo percorrer novos caminhos dentro da educação, tanto pela continuidade de atuação na EAD como modalidade de ensino quanto

pelas novas temáticas que serão inseridas nesse caminho. Me resta torcer para que aconteçam novas edições desse curso e que eu possa fazer parte desse percurso de mudança dentro da educação.

Forte abraço,

Susana Monni<sup>151</sup>

---

<sup>151</sup> Tutora a distância de Porto Alegre.

Parte 4

CARTA AOS CURSISTAS



Porto Alegre, 10 de dezembro de 2010

Queridos(as) cursistas!

O ideal seria que pudéssemos nos dirigir a cada um de vocês em particular, mas o tempo urge e as tarefas de encerramento do curso estão aí para serem realizadas dentro dos prazos previamente acertados. Por isso, nos dirigimos a todos, mas pensando em cada um particularmente, o quanto cada um foi fundamental para o êxito deste evento. Poder partilhar, durante oito meses, de modo contínuo, o compromisso de fazer acontecer um curso de educação, tratando de aspectos didático-pedagógicos voltados para a temática afro, a partir do Departamento de Educação e Desenvolvimento Social – DEDS/UFRGS –, significou colocar em prática aquilo de que vem se falando muito e vivenciado pouco: os valores civilizatórios afro-brasileiros. Durante este tempo, construímos uma grande roda de conhecimento, onde foi possível aprender a ouvir e a falar, a respeitar o modo de ser e o pensamento dos colegas ainda que dissonantes dos nossos; exercitamos nossa capacidade lúdica; descobrimos como o Brasil é belo, exatamente porque a beleza negra está entre nós; descobrimos como podemos ser solidários, no dia a dia. Exercitamos, ao longo do curso, por diversas vezes, a circularidade, a oralidade, a musicalidade, a ludicidade, o cooperativismo/ comunitarismo, a memória, a ancestralidade.

Lendo as cartas que vocês enviaram a diferentes pessoas de diferentes lugares e tempos, nos damos conta de que o curso foi muito além dos nossos sonhos, de nossas expectativas, do que nos propusemos a realizar. Tínhamos a certeza (e é preciso ter cuidado com as nossas certezas) de que, disponibilizando ferramentas sobre as quais os professores poderiam refletir criticamente e decidir seu uso com base em sua percepção de educação, todos seriam capazes de promover, no seu entorno, uma mudança no campo curricular. Causou-nos profunda impressão descobrir que o curso foi além: tocou

a emoção, o sentimento de cada um de vocês, provocou mudanças no modo de ser e estar no mundo. A partir de agora nenhum de nós será mais o mesmo. E como dizem Daniel Chabot e Michel Chabot, em *Pedagogia Emocional*, é preciso incorporar a inteligência emocional nas estratégias de ensino. Especialmente se pensamos em educação das relações étnico-raciais, essa incorporação é da maior relevância.

Muitos de nós, com surpresa e aflição, nos descobrimos, no mínimo, preconceituosos. O importante é tomarmos conhecimento desses ranços que carregamos conosco e que impedem que sejamos melhores, verdadeiros cidadãos, que não apenas pregam a cidadania, mas que procuram vivê-la de modo pleno.

Buscando deslocar a ótica que valoriza em educação os autores que priorizam a cultura eurocêntrica, o curso permitiu-nos conhecer estudiosos e pesquisadores negros que, com muita propriedade e saber, tratam da questão afro-brasileira no contexto da educação brasileira. Mas o curso mostrou-nos também que não cabe desbancar uma cultura para colocar outra em seu lugar, continuaríamos praticando o etnocentrismo. Temos agora ferramentas para abrir espaço na base do currículo brasileiro e aí colocar em igualdade de condições outras culturas, como a africana, tão importantes para a consolidação da sociedade brasileira.

Na vida, e educação é vida, é absolutamente necessário que falemos e atuemos, a partir de um lugar que não seja o lugar vazio. O curso significou, para nós que o realizamos, este lugar construído com nossas experiências de vida e busca de novos saberes, do qual falamos para os demais sobre a realidade brasileira, onde o racismo institucional, quase sempre mais perverso que o racismo das pessoas tomadas individualmente, representa um atraso na conquista e na consolidação da cidadania. Quando ele existe, a chefia não diz não, mas também não move uma palha para que decisões sejam postas em execução. São admitidas situações paliativas, do faz de conta, em que na aparência tudo está bem, mas na prática nada acontece. O curso deu-nos ferramentas para fazer frente a essas situações. Usem-nas com sabedoria. Vocês agora não são só responsáveis pelo seu local específico de trabalho, mas, também, pelo ambiente escolar como um todo e pelo entorno da escola.

Cada um de nós (cursistas, tutores, professores, assessores,

colaboradores, coordenadores) carregará a marca do curso. Ganhamos uma identidade que vai fazer com que sejamos reconhecidos, em outros espaços e tempos, pela nossa fala, pelo modo de ser, pelo enfrentamento a desafios, pela garra em buscar alternativas de solução; pela nossa capacidade em pensar, propor e construir soluções para problemas em nossa vida pessoal e profissional, pelo nosso comprometimento com a temática afro-brasileira.

O curso permitiu que avivássemos nossa memória e voltássemos a um passado do qual não participamos diretamente, mas do qual somos o fruto, como bem expressaram algumas cursistas em suas cartas, lembrando-se de ancestrais que viveram em épocas de total desvalia e de não reconhecimento do valor do negro na sociedade brasileira. Buscar nossas origens nos permite acordar para o fato de que a sociedade se encarrega de fazer-nos esquecer delas, tornando-nos desenraizados. Os territórios negros estão aí a nossa volta, é descobri-los e incluí-los em nosso fazer pedagógico.

Resultado de um trabalho coletivo, que começou a ser pensado em 2008, foi construído em 2009, e se concretizou neste ano de 2010, o curso começa a frutificar com a decisão e a disposição de todos vocês de fazerem a diferença. Somos, aqui no curso (negros e não negros), um pouco quilombolas. Nosso espaço é de uso comum, nele plantamos esperanças, construímos conhecimentos, procuramos desconstruir preconceitos, vivemos a diversidade. A colheita com certeza será farta, abastecerá muitos outros lugares, com os quais procuraremos repartir o que colhemos.

Se prestarmos atenção em todas as tarefas que foram propostas e realizadas, é possível verificar que o curso se constituiu numa imensa proposta de procedimentos didático-pedagógicos. Não apresentamos receituário, como alguns cursistas esperavam e, por isso, ficaram desapontados: colocamos em prática procedimentos que qualquer educador, independentemente do nível ou modalidade de ensino ou da área de conhecimento com que trabalha, poderá realizar. Vejamos alguns exemplos: usar textos de diferentes complexidades apresentados em diferentes suportes; realizar observação do cotidiano e realizar registros; entrevistar pessoas significativas da comunidade; registrar o cotidiano através da imagem; produzir textos utilizando diferentes suportes; adotar a autoavaliação e a avaliação de contexto

como práticas avaliativas necessárias para a melhoria da qualidade do ensino; dar voz ao aluno (no caso o cursista) para opinar; expor seu pensamento, argumentar e contra-argumentar; viver situação que permitisse assumir o protagonismo, colocá-lo no grupo como aquele que sabe e pode contribuir para o crescimento de seus pares.

Vimos, através desse curso, buscar suprir uma carência que se refletia na fala dos cursistas: primeiramente, a colocação da ausência de materiais relativos à temática, depois, como lidar com aspectos pedagógico-metodológicos da temática afro. Refletindo sobre essa lacuna, construímos uma composição que teve inspiração em vocês. A cada atividade, tarefa ou convite de participação nos colocávamos em seus lugares. Procurávamos imaginar suas dificuldades, lutas diárias e, muitas vezes, seu estado de solidão. A angústia de muitos passou a ser a nossa também, combustível para a busca permanente do bom termo. E, assim, cumprimos nossa missão: disponibilizamos os materiais necessários e contribuímos trabalhando na construção de procedimentos didático-pedagógicos voltados à questão da história e da cultura afro-brasileira.

Mais do que apresentarmos sugestões metodológicas, oportunizamos condições de instrumentalização, para que cada um de vocês produzisse e continue a produzir suas próprias estratégias de trabalho na temática. Essa é a satisfação que compartilhamos aqui, não tenham dúvida, sim – cada um de vocês pode fazer mais e melhor. Cada um de vocês é um agente de transformação, um multiplicador da temática. Não precisamos continuar esperando por iniciativas do governo ou de quem quer que seja: a mudança cabe a nós e ela já começou. Vocês, aqui, descobriram que não estão sós, que suas reivindicações têm valor, e que todos são autônomos para equalizar a verdadeira nação-cidadã.

Para finalizar, desejamos que o ano de 2010 passe a ser uma referência na vida de todos; que tenha sido o ano da aquisição de conhecimentos, de revisão de conceitos, ruptura de paradigmas e formulação de novas posturas, de valorização e reconhecimento do outro, de tomada de consciência, de motivação e superação de obstáculos (muitas vezes impostos por nós mesmos), de envolvimento com os que nos cercam. Tudo foi muito gratificante no sentido pessoal, mas lembremos que – como educadores – tanto estudo e esforço

têm um fim muito mais nobre: nossos estudantes. Tudo isso é para eles. Que possamos transformar o ambiente escolar, que o coletivo se sobreponha ao individual e que no cotidiano escolar transpareçam os reais benefícios dessa longa jornada. É na escola que concretizaremos nossas ações gestadas no ambiente virtual.

Com esta perspectiva, encerramos essa carta com um poema de **Paulo Freire**, que nos remete a esse lugar – escola – como espaço de concretude da alteridade e do diálogo de culturas diversas, de afirmação de identidades multirraciais e plurais, de combate ao racismo, de exercício pleno da cidadania e da autonomia.

## A ESCOLA

Escola é  
o lugar onde se faz amigos,  
não se trata só de prédios, salas, quadros,  
programas, horários, conceitos...  
Escola é, sobretudo, gente,  
gente que trabalha, que estuda,  
que se alegra, se conhece, se estima.  
O diretor é gente,  
o coordenador é gente, o professor é gente,  
o aluno é gente,  
cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor  
na medida em que cada um  
se comporte como colega, amigo, irmão.

Nada de *ilha cercada de gente por todos os lados*.  
Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir  
que não tem amizade a ninguém,  
nada de ser como o tijolo que forma a parede,  
indiferente, frio, só.  
Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,  
é também criar laços de amizade,

é criar ambiente de camaradagem,  
é conviver, é se *amarrar nela!*  
Ora, é lógico...  
numa escola assim, vai ser fácil  
estudar, trabalhar, crescer,  
fazer amigos, educar-se,  
ser feliz.

Professores Paulo Sérgio, Véra Neusa e Viviane<sup>152</sup>

---

<sup>152</sup> Integrantes da Coordenação Pedagógica do *Curso Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira*.

## AUTORES

Adriana Brum Bitencourt  
Adriana dos Santos Pereira  
Ailim Schwambach  
Alda Cristina Franke Gondim  
Alessandra Mianes  
Aline Andreatta  
Aline de Abreu Andreoli  
Ana Beatriz Corrêa Bezerra Parker  
Ana Paula Andrioli Taday  
Anelise Scherer de Souza Nunes  
Angel Enrique Massironi Sanchez  
Ângela Severo Varela  
Artur Duarte Peixoto  
Audrei Lehdermann Silveira  
Audrey Beatriz Zwetsch Bauer  
Bibiana Hermann  
Bruno Zarzana Lopes  
Candida Helena Ávila Leão  
Carine Tassinari Graciano  
Carla Andréa Algayer Soares  
Carla Rosana Araújo Cavalheiro  
Carla Rosane C. Bezerra  
Carlos Batista Bach  
Carmen Eli Alves  
Carmen Lucia Bezerra Machado  
Caroline Thiesen da Rosa  
Cátia Silene Morera  
Catiane Sierote do Amaral  
Cecilia da Silva Camilio  
Célia Regina Fontes Rabello  
Christine Pacheco  
Cláirton Elsenbach  
Cleusa Machado Resende Balbueno  
Cristina de Souza Cápela  
Daiana Spessatto Bourscheid  
Daiane Breitenbach  
Daisy Luísa Pagani  
Damaris Canineo  
Daniela Defferrari  
Deisi Maria Moraes Ferreira  
Denise Arlete Dettenborn  
Denise de Almeida  
Denise Foss  
Denise Lopes Martins  
Denise Pinto de Oliveira Almeida  
Dirce Verônica Bergamo e Silva  
Dirliane Leite Lopes  
Doralina da Silva  
Edianie Bardoni  
Eduardo de Melo Renero  
Elani da Silva Dias  
Eleandra de Aguiar  
Eliane López Fonte Pais  
Eliete da Silva Barbosa  
Eloiza Viccari  
Eneida Lombardi Porto  
Fabiana Terezinha Winck da Silva  
Fernando de Lima Nunes  
Gisele Carolina Flores  
Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher  
Gláucia Siqueira  
Glorene Raquel F. dos Santos  
Guadalupe da Silva Vieira  
Guilherme de Oliveira Pokorski  
Haidê Pereira Borges  
Ilza Tavares  
Inês Maira Vicentini  
Isabel Cristina dos Santos Passos  
Ivanilda Simiano da Rosa  
Izaque Melo dos Santos  
Jacqueline de Oliveira Mative  
Jáder Tadeu Vargas da Silva  
Janaina Varela Sgarbi  
Jéssica Lein  
José Glademir Moraes  
Joyce Elise Silva e Silva

Jussara Regina Bonalume Thomazi  
Lara Maria Lohmann  
Lena Oliveira  
Lenise Vetori de Souza  
Lidiane Fraga da Silva  
Liria Maria Fuhr Pasini  
Luciana Santos  
Luciane Santiago  
Luciane Silva  
Luciane Teixeira Lopes  
Madebe Schmidt  
Márcio de Almeida Malavolta  
Margarida Marília da Silva  
Maria Amparo Breidenbach Staudt  
Maria Celói P. de Moura  
Mari Cleia dos Santos Klipel  
Maria Cristina Espindola de Souza e  
Silva  
Maria Helena Saraiva Cunha  
Maria Jacqueline Rodrigues Felix  
Marilúcia Fernandes Lima  
Mariorlene Silva Oliveira  
Marisa de Fatima Brasil de Araujo  
Maritane Blodorn Moura  
Marta Quintanilha Gomes  
Melina de Oliveira Soares  
Michelle Policena  
Milene Machado  
Nádia Menegassi  
Nara Santos Bueno  
Neusa Bersagui Abruzzi  
Nilva Rosa dos Santos  
Otilia Beatriz Gomes Freires  
Patrícia Cerva Câmara  
Patrícia Gonçalves Budke  
Patrícia Guterer  
Patrícia Silveira de Vargas  
Paula Débora Bica  
Paulo César Estait Garcia  
Paulo Leandro Menezes de Souza  
Paulo Roberto Pimentel  
Paulo Sérgio da Silva

Pedronilda Santos Natel  
Priscila Spindler Correa  
Raquel Egres Belardo  
Raquel Moreira dos Santos  
Regina Helena de Andrade Pranke da  
Silva  
Rejane Teresinha Cavalheiro  
Renata Crislaine Schu de Souza  
Renata Savaris  
Ricardo Alves Rolim  
Rita de Cássia Camisolão  
Rita Woida  
Rodrigo Blasckesi Fernandes  
Rosa Maria de Carvalho Menin  
Rosa Maris Rosado  
Rosangela Ester da Silva  
Rosemeri da Graça Fagundes de  
Freitas  
Rosimeri Vieira Bujes  
Rosmarie Benetti  
Samira B. Gil  
Sandra Conceição Negrelli  
Sandra de Deus  
Sandra Rita Pereira  
Shirlei de Mattos Sena  
Silvia Pinto Noviscki  
Simone Nascimento dos Santos  
Solange Pereira dos Santos  
Susana Monni  
Suzane Lehdermann Silveira  
Tânia Simara Donaduzzi  
Tatiane da Silva  
Telma Almeida da Silva  
Valéria Gil  
Valéria Gomes  
Vanderlei de Paula Gomes  
Vanessa Silva de Campos  
Véra Neusa Lopes  
Viviane Adriana Saballa  
Zenira Silveira Severo

## **Série “Diversidades”**

A série apresenta estudos e experiências no campo da educação na diversidade sociocultural que articulam a extensão universitária ao ensino e à pesquisa, fortalecendo o compromisso institucional com as políticas de promoção social e possibilitando o acesso a obras relevantes para os diferentes segmentos sociais.

## **“Etnicidade, Identidade e Territorialidade”**

A Linha Editorial constitui-se num espaço para a edição, publicação e divulgação da produção de estudos e pesquisas com os temas etnicidade, identidade e territorialidade, consolidando resultados de ações que articulam a extensão ao ensino e à pesquisa, fortalecendo o compromisso interinstitucional e com as políticas de promoção social, possibilitando o acesso de obras relevantes para os diferentes segmentos da sociedade. Ao propor e organizar esta Linha Editorial, a Pró-Reitora de Extensão da UFRGS, através do seu Departamento de Educação e Desenvolvimento Social, consolida suas parcerias com a Editora da UFRGS, com o poder público e com a sociedade civil organizada.

## **Comissão Editorial**

Sandra de Deus (Pró-Reitora de Extensão – Prorext/UFRGS), Jussara Smidt Porto (Vice-Pró-Reitora de Extensão – Prorext/UFRGS), Rita de Cássia dos Santos Camisolão (Diretora do Deds/Prorext/UFRGS)

## **Titulos Publicados**

### **Tramando falas e olhares, compartilhando saberes: contribuições para uma educação antirracista no cotidiano escolar**

*José Antônio dos Santos, Véra Neusa Lopes, Rita de Cássia dos Santos Camisolão (Org.)*

### **Desvendando a história da África**

*José Rivair Macedo (Org.)*

### **Por uma política de ações afirmativas: problematizações do programa conexões de saberes – UFRGS**

*Ana Lúcia Liberato Tettamanzy, Maria Aparecida Bergamaschi, Nair Silveira, Rafael Arenhaldt, Susana Cardoso (Org.)*

### **Procedimentos Didático-Pedagógicos Aplicáveis em História e Cultura Afro-Brasileira**

*Iosvaldyr Carvalho Bittencourt Junior e Viviane Adriana Saballa (Org.)*

### **Cartas: Bordados e Tramas de Ideias - Memórias e Projetos sobre a Temática Afro-Brasileira**

*Patrícia Fernandes Lazzaron, Rita de Cássia Camisolão e Véra Neusa Lopes (Org.)*

Tipologia utilizada no texto: Garamond, 11,5/13,8  
Papel: Off Set 75g  
Impresso na Gráfica e Editora Evangraf

---

Editora da UFRGS • Ramiro Barcelos, 2500 – Porto Alegre, RS – 90035-003 – Fone/  
fax (51) 3308-5645 – editora@ufrgs.br – www.editora.ufrgs.br • Direção: Sara Viola  
Rodrigues • Editoração: Luciane Delani (Coordenadora), Alice Hetzel, Carla M.  
Luzzatto, Cristiano Tarouco, Fernanda Kautzmann e Rosangela de Mello; suporte  
editorial: Alexandre Giaparelli Colombo, Jaqueline Moura e Jeferson Mello Rocha  
(bolsistas) • Administração: Najára Machado (coordenadora), Aline Vasconcelos  
da Silveira, Getúlio Ferreira de Almeida, Janer Bittencourt, Jaqueline Trombin,  
Laerte Balbinot Dias, Maria da Glória Almeida dos Santos e Valéria da Silva Gomes.

Adriana Bitencourt | Adriana Pereira | Ailim Schwambach | Alda Gondim | Alessandra Mianes | Aline Andreatta | Aline Andreoli | Ana Parker | Ana Taday | Anelise Nunes | Angel Sanchez | Ângela Varela | Artur Peixoto | Audrei Silveira | Audrey Bauer | Bibiana Hermann | Bruno Lopes | Candida Leão | Carine Graciano | Carla Bezerra | Carla Cavalheiro | Carla Soares | Carlos Bach | Carmen Alves | Carmen Machado | Caroline da Rosa | Cátia Morera | Catiane do Amaral | Cecilia Camillo | Célia Rabello | Christine Pacheco | Clairton Elsenbach | Cleusa Balbueno | Cristina Cápela | Daiana Bourscheid | Daiane Breitenbach | Daisy Pagani | Damaris Canineo | Daniela Defferrari | Deisi Ferreira | Denise Almeida | Denise de Almeida | Denise Dettenborn | Denise Foss | Denise Martins | Dirce Bergamo e Silva | Dirliane Lopes | Doralina da Silva | Edianie Bardoni | Eduardo Renero | Elani Dias | Eleandra de Aguiar | Eliane Pais | Eliete Barbosa | Eloiza Viccari | Eneida Porto | Fabiana da Silva | Fernando Nunes | Gisele Flores | Gládis Kaercher | Gláucia Siqueira | Glorene dos Santos | Guadalupe Vieira | Guilherme Pokorski | Haidê Borges | Ilza Tavares | Inês Vicentini | Isabel Passos | Ivanilda da Rosa | Izaque dos Santos | Jacqueline Mative | Jáder da Silva | Janaina Sgarbi | Jéssica Lein | José Moraes | Joyce Silva e Silva | Jussara Thomazi | Lara Lohmann | Lena Oliveira | Lenise de Souza | Lidiane da Silva | Liria Pasini | Luciana Santos | Luciane Lopes | Luciane Santiago | Luciane Silva | Madebe Schmidt | Márcio Malavolta | Margarida da Silva | Mari Klipel | Maria Cunha | Maria de Moura | Maria de Souza e Silva | Maria Felix | Maria Staudt | Marilúcia Lima | Mariorlene Oliveira | Marisa de Araujo | Maritane Moura | Marta Gomes | Melina Soares | Michelle Policena | Milene Machado | Nádia Menegassi | Nara Bueno | Neusa Abruzzi | Nilva dos Santos | Otilia Freires | Patricia Budke | Patricia Câmara | Patrícia de Vargas | Patrícia Guterer | Paula Bica | Paulo da Silva | Paulo de Souza | Paulo Garcia | Paulo Pimentel | Pedronilda Natel | Priscila Correa | Raquel Belardo | Raquel dos Santos | Regina da Silva | Rejane Cavalheiro | Renata de Souza | Renata Savaris | Ricardo Rolim | Rita Camisolão (org.) | Rita Woida | Rodrigo Fernandes | Rosa Menin | Rosa Rosado | Rosangela da Silva | Rosemeri de Freitas | Rosimeri Bujes | Rosmarie Benetti | Samira Gil | Sandra de Deus | Sandra Negrelli | Sandra Pereira | Shirlei Sena | Silvia Noviski | Simone dos Santos | Solange dos Santos | Susana Monni | Suzane Silveira | Tânia Donaduzzi | Tatiane da Silva | Telma da Silva | Valéria Gil | Valéria Gomes | Vanderlei Gomes | Vanessa de Campos | Véra Lopes (org.) | Viviane Saballa | Zenira Severo.

**MEC  
SECAD**

  
**UFRGS**  
EDITORA